

A *Revista Portuguesa de Psicanálise* (RPP) é a publicação científica oficial da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e sua propriedade jurídica e intelectual. A RPP publica artigos originais de natureza teórica e epistemológica, clínica, conceptual, empírica,

qualitativa e quantitativa na área da psicanálise e de outras disciplinas científicas das ciências sociais, das ciências naturais e das ciências humanas, nomeadamente literatura, arte e filosofia, com as quais o campo psicanalítico estabelece diálogo científico consistente.

41

# REVISTA PORTUGUESA DE PSICANÁLISE

ÓRGÃO OFICIAL DA  
SOCIEDADE PORTUGUESA  
DE PSICANÁLISE



À conversa com **Giuseppe Civitarese**  
**I think psychoanalysis  
should be the art of  
hospitality of the Other**

CONCEIÇÃO MELO ALMEIDA, BRUNO FERREIRA

Diálogo com **Donald Meltzer**  
**The urge to assimilate  
new ideas is equivalent  
to falling in love**

JOÃO SOUSA MONTEIRO

**Introdução e comentário**

MARIA DO CARMO SOUSA LIMA

**The Infantile in the  
Psychoanalyst at work**

FLORENCE GUIGNARD

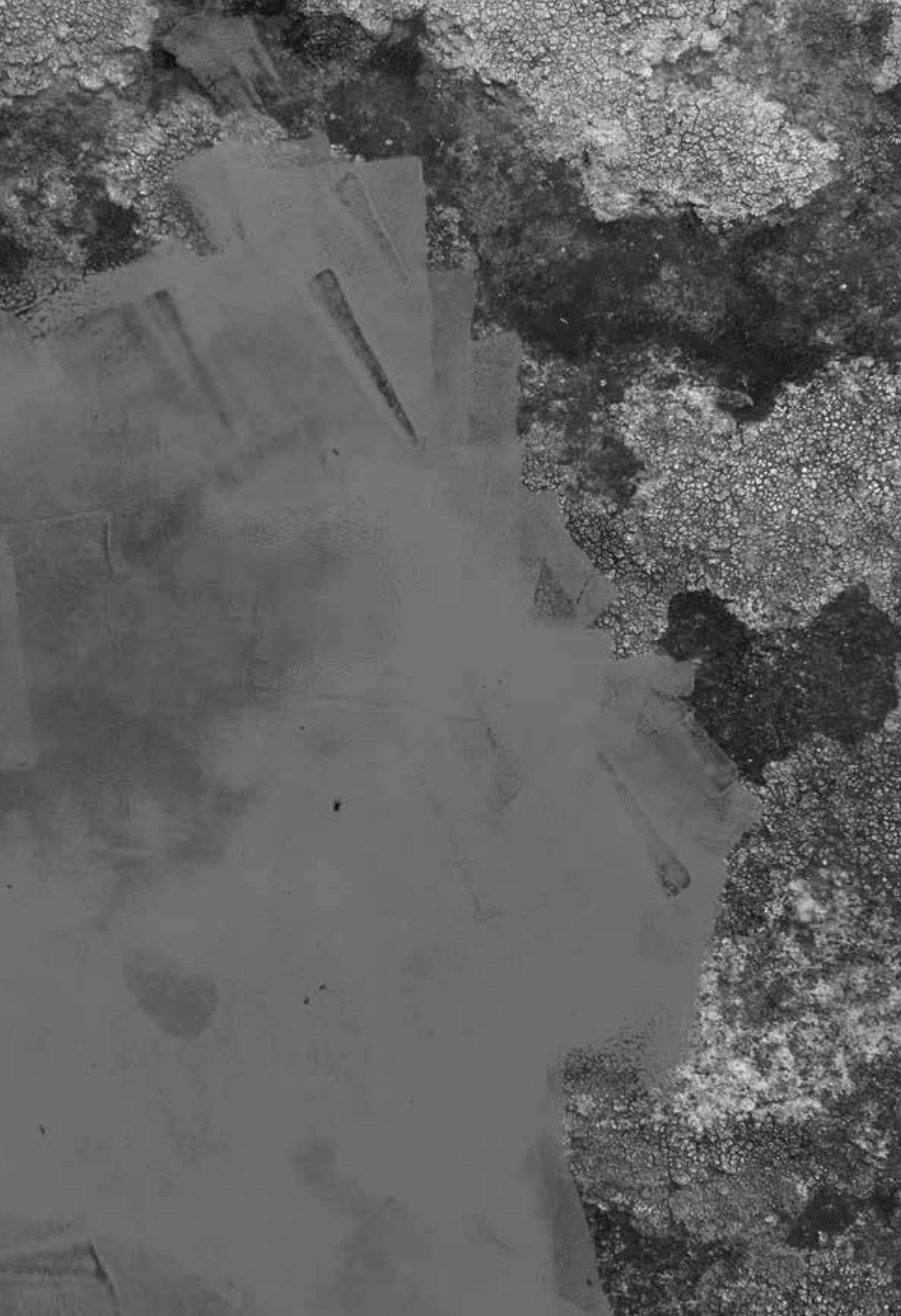
**Comentário ao artigo  
de Florence Guignard**

MARIA FERNANDA ALEXANDRE



PREÇO  
**10 euros**  
ASSINATURA ANUAL  
**19 euros + portes**  
PERIODICIDADE  
**Bianual**

2021 41 [2]



# Editorial

Carlos Farate

## A dessacralização da psicanálise além da clínica e aquém da cultura: solos virtuosos, dissonâncias teóricas, explorações terapêuticas e improvisos meta-artísticos

O número 41(2) da *Revista Portuguesa de Psicanálise* pode ser lido, escutado, sentido olfativamente, tasteado e saboreado como obra literária, objeto artístico finamente colorido e elegantemente esculpido e peça musical de sonoridades complexas, entre o exótico, o *impromptu*, o harmonioso, o dissonante e o virtuoso. Mas sempre com rigor científico e riqueza teórica, seja nos diálogos e nas controvérsias multilinguísticas que aprofundam o pensamento crítico e alentam o conhecimento que funda a práxis, seja nas explorações clínicas multifocais e nas experimentações terapêuticas inovadoras, seja, ainda, e finalmente, na expansão dos limites da narrativa psicanalítica aplicada às artes visuais e à literatura.

À guisa de Abertura, a excelente e melodiosa entrevista que Bruno Ferreira e Conceição Melo Almeida entreteceram a (com) Giuseppe Civitaresse, destacado pensador da práxis psicanalítica de *inscriptio* cultural italiano e mundividência filosófica abrangente, numa *lineage* pós-bioniana distinta e além da influência do conterrâneo Antonino Ferro e da coconstrução narrativa, a meio caminho da genial versão da teoria física do campo (explorada por Kurt Lewin e pela psicologia da Gestalt) que o casal franco-argentino Baranger legou à psicanálise e da *rêverie* em *dreamwork alfa* reinventada por Wilfred Bion. Em andamento *allegro* majestoso, e com momentos de virtuosos aliantes, Civitaresse brinda-nos com uma *masterclass* acerca de conceitos, tais como a intersubjetividade, o «enactment» e a *rêverie*. A ler!

Logo de seguida, um dueto encantador de duas mentes brilhantes, João Sousa Monteiro, o discreto psicanalista português que conhecíamos (pouco) das entrevistas em que nos ofereceu falas sublimes de João dos Santos e de Carlos Amaral Dias, entre a escrita e a radiocomunicação, e o enorme psicanalista anglo-americano Donald Meltzer. Um diálogo especulativo inspirado, através do qual a atual RPP, pela mão inspiradora e cúmplice da destacada psicanalista Maria do Carmo Sousa Lima, faz descobrir aos seus leitores um João Sousa Monteiro discípulo esclarecido, profundo e inovador do mestre Donald Meltzer. O diálogo brilhante, cúmplice e comovente, como bem refere Carmo Sousa Lima na Introdução, recordando-nos que a entrevista decorre no dealbar da elaboração da teoria do conflito estético por Meltzer, tem momentos de recitativo genial, de leitura encantatória e esclarecida, de que realço o *finale* em que Meltzer critica a divisão espúria entre arte e ciência, postulando que a arte-ciência é a verdadeira atividade criativa. Em «fuso» epistemológico distinto, mas em veia crítica analógica, J-M. Lacan também postulou que é na linguagem-ciência que reside a verdade psíquica criativa.

E, para *clôture* com «chave de ouro» a esta Abertura auspiciosa, o artigo original da grande psicanalista suíça-francesa Florence Guignard, que, a instâncias do convite formulado pela nossa assistente editorial Liliana Castro, nos oferece um texto sintético, despojado, mas iluminado, em que introduz o conceito do Infantil que foi desenvolvendo ao longo do tempo na psicanálise infantojuvenil e do adulto, a fim de alargar o inconsciente dinâmico aos «laços-entre-os-laços» que expandem a comunicação espaciotemporal no âmago da relação analítica. Num comentário preciso, rigoroso e esclarecido, a destacada colega Maria Fernanda Alexandre, pioneira da psicanálise da infância e adolescência na SPP, apresenta-nos a amiga Florence Guignard e realça os méritos do Infantil para a teoria da técnica psicanalítica, destacando a inovação morfológica que liberta o infantil da adjetivação freudiana, transformando-o em substantivação pós-kleiniana.

Passo aos contributos que intitulei improvisos meta-artísticos, pelo comentário editorial ao afresco narrativo impresso nas páginas da revista em modo tríptico, por Ana Belchior Melícias, Ana Luísa Ferreira e Rita Marta, que revisita a obra-vida, e a vida-obra, da pintora luso-inglesa de origem portuguesa Paula Rego, cujo talento esfuziante e o estilo naturalista de uma sensorialidade mística oculta ao revelar, e revela ao ocultar, o seu mundo interno. Como se assistíssemos a um *rêve éveillé* de uma *dreamlife* entre aventura artística e desventura psíquica no feminino, a que a análise do conteúdo psicanalítico da arte pictórica e miniatural desvela, para as coautoras, as «histórias e segredos». Num bem articulado terceto, a espaços de cambiante barroca e de imagética profusamente ornamentada, entre a casa-ateliê e o ateliê-mundo interno povoado de objetos rituais, figuras icônicas entre o ambíguo, no sentido de José Bleger, e o primitivo, e que só parcialmente é externalizado em realizações picturais entre a fantasmagoria pré-genital e a fantasia edipiana «clivada» de representação homossexual no feminino, uma das autoras hipotetiza que, em resposta (possível) a uma bissexualidade psíquica insuficientemente elaborada, entre o primitivo, o fragmentado, o pré-genital e o edipiano, Paula Rego «escolhe» a pintura como tentativa de integração do feminino e do masculino, isto é, de integração de uma bissexualidade psíquica «clivada».

Já a surpreendente recensão da obra de um escritor psicanalista no lugar de encontro, também «encruzilhada tebaica», como escreve o ensaísta, do psicanalista escritor — que assina pelo nome fictício do alter ego literário Tobias G. Alte — com que Vasco Santos, ele mesmo editor psicanalista na «encruzilhada tebaica» do psicanalista editor, nos presenteia é um ensaio de verve irresistível, no qual, a partir da interrogação barthiana «Porque se escreve?», desenvolve um excursão literariamente rico e psicanaliticamente brilhante acerca do que intitula «A vida policial das palavras».

### 3 Editorial

*A dessacralização da psicanálise além da clínica e aquém da cultura: solos virtuosos, dissonâncias teóricas, explorações terapêuticas e improvisos meta-artísticos*  
Carlos Farate

### Entrevista

9 *A Conversation with Giuseppe Civitaresse*  
Conceição Melo Almeida  
Bruno Ferreira

### Teoria e Epistemologia – Artigo Convidado

25 *The Infantile in the Psychoanalyst at Work*  
Florence Guignard

30 Comentário ao artigo de Florence Guignard  
Maria Fernanda Alexandre

### Teoria e Epistemologia – Diálogo especulativo

33 Entrevista a/Interview with Donald Meltzer  
*The urge to assimilate new ideas are experiences equivalent to falling in love*  
João Sousa Monteiro

42 Comentário Introdutório  
Maria do Carmo Sousa Lima

### Artes, Literatura e Humanidades

45 *O Feminino nas «Histórias e Segredos» de Paula Rego*  
Ana Belchior Melícias  
Ana Luísa Ferreira  
Rita Marta

### Estudos Experimentais e Empíricos

63 *Les adolescents vulnérables et les soins avec médiation thérapeutique : Le Photolangage*  
Didier Drieu, Martine Chaumet, Isabel Duarte, Teresa Rebelo

### Psicanálise Comunitária e das Organizações

74 *Rosa de Jericó e o Envelope Institucional*  
Filipe Cardoso da Silva  
Ana Belchior Melícias

### Ética e Educação Psicanalítica

86 *“Lo que no queremos escuchar” : Ambivalencias y malentendidos en el psicoanálisis con niños*  
Hugo Goldiuk

### Tema em Debate

95 *O movimento psicanalítico em Portugal: história e atualidade*  
João Seabra Diniz  
Discutidores  
Maria Fernanda Alexandre  
Maria José Gonçalves  
Vasco Santos

### Recensão

100 *Os Bastidores da Verdade*, de Tobias G. Alte, Gato Bravo, 2021  
Vasco Santos

Particularmente interessantes são tanto a glosa da tragédia de Édipo Rei (que inspirou Sigmund Freud na interpretação cultural da sexualidade biológica que revolucionou a compreensão do psíquico no humano, e vice-versa) como primeiro «thriller» policial romanceado da história, como a inspirada citação do poeta brasileiro Mário Quintana, segundo a qual «A verdade é uma mentira que ainda não aconteceu», *en clôture* a um texto soberbo.

As explorações terapêuticas inauguram duas novas secções da revista: «Estudos experimentais e empíricos» e «Psicanálise comunitária e das organizações».

Na primeira das secções, o artigo de Didier Drieu, Martine Chaumet, Isabel Duarte e Teresa Rebelo dá conta de um trabalho teórico-experimental de grande riqueza e oportunidade psicoterapêutica, que explora o efeito terapêutico da mediação pela linguagem fotográfica subjetiva, a Photolanguage©, na psicoterapia de grupo, psicodinâmica dirigida, no caso deste artigo, a adolescentes institucionalizado(a)s em retração/abandono escolar e em rotura de investimento objetal, com o objetivo de libertar, parcialmente que seja, a fala de um dizer (ainda) inviável em relação a cenas de um arquivo mnésico, cuja violência disruptiva, primitiva ou «arcaica» obvia à possibilidade de representação, encerrando-as num «sarcófago» psíquico em que a omissão mnésica deriva em agir não mentalizado. As referências teóricas a autores, sobretudo da riquíssima escola psicanalítica francesa (Kaes, Cahn, Janin, Houzel, Jeammet, de entre outros), e a expressiva ilustração clínica recomendam a leitura deste interessante trabalho clínico-empírico.

Quanto à segunda secção, é de destacar a riqueza e a coragem ética e psíquica do trabalho psicoterapêutico que, em ambiente institucional e em estratégia multifocal, o primeiro autor, Filipe Silva, conduz com uma menina, que, de modo elegante, ele e a coautora do artigo, Ana Belchior Melícias, nomeiam Rosa, inspirados na flor selvagem — a Rosa de Jericó — que cresce e sobrevive em sólidos áridos e em ambiente agreste, como esta menina rejeitada, negligenciada, depois adotada precariamente, e de novo rejeitada-negligenciada, num ciclo interminável nascimento-morte-renascimento. Aqui, também os desenhos, de forte matiz expressiva, a lembrarem alguns aspetos do «umbigo do sonho-pesadelo» das pinturas de Paula Rego, irão dar conta da evolução corajosa de uma menina dotada, tal como o seu terapeuta, de uma capacidade de revivescência psíquica incomparável (psicoterapia a fazer lembrar o trabalho psicanalítico com um menino do espectro autístico, superiormente descrito por Lawrence Brown no número anterior da RPP).

Pelo seu lado, o psicanalista argentino Hugo Goldiuk escreve um artigo que trata de modo freudiano, com projeções kleinianas discretas, de um tema crítico no trabalho psicanalítico com crianças, adolescentes e adultos, mais precisamente, «O que não queremos escutar» no infantil que a criança traz à sessão com o(a) psicanalista adulto(a). A análise das contradições da transferência-contratransferência e dos movimentos identificatórios aos pais internos e ao *self* infantil da criança (já consideradas no «Tema em Debate» do número 41(1) da RPP) dispõe de um carácter didático interessante. Destaco, ainda, a dissonância teórica entre Goldiuk, que valoriza o papel das Sociedades Psicanalíticas IPA na formação de psicanalistas de crianças e adolescentes, e Donald Meltzer, que critica de modo contundente, na entrevista-diálogo com João Sousa Monteiro, as mesmas Sociedades, pela insistência numa política de formação centrada na psicanálise do adulto (posição crítica sustentada por uma destacada psicanalista de crianças e adolescentes argentina, Monica Santolalla, num painel intitulado «La infancia del Psicoanálisis», que partilhou comigo, com Carlos Barredo e Jorge Bruce no último Congresso da IPA).

Já o Tema em Debate acerca do «Movimento psicanalítico em Portugal: história e atualidade» é introduzido pelo colega João Seabra Diniz, num texto intitulado «Um Longo Caminho», no qual, em andamento que soa a um largo sinfónico, realça a pujança histórica e científica da psicanálise desde os primórdios vienenses na transição do final da idade clássica para a modernidade, identificando-lhe a pulsão pelo conhecimento do humano (com referências a Rousseau e a Vergote) e ensaiando, mesmo, de modo curioso, e generoso, a continuidade crítica do saber antigo — bíblico — e do saber moderno — psicanalítico — sobre a humanidade. Já as colegas Maria José Gonçalves e Maria Fernanda Alexandre respondem em toada Andante molto e Adágio ao descreverem criticamente a trajetória do movimento psicanalítico em Portugal a partir do *inscriptio* histórico vienense. A primeira fá-lo através da descrição do percurso das primeira, segunda e terceira gerações dos psicanalistas que construíram a SPP, das vicissitudes repressivas do *ancien régime* aos desenvolvimentos mais recentes, passando pelo impulso libertador do 25 de Abril de 1974, sem deixar de referir a casa-mãe da SPP, o Instituto do Porto e a RPP. Conclui com uma nota de interrogação em relação ao futuro, preocupada, em particular, com a expansão, em seu juízo, pouco *raisonnée* e ainda irrefletida, da psicanálise à distância (além de enunciar outros desafios futuros, para que chama a atenção). Já a segunda analisa criticamente o desenvolvimento do movimento psicanalítico em Portugal a partir da influência que o contexto europeu e internacional foi tendo no desenvolvimento da SPP, em particular a progressiva integração da SPP e dos psicanalistas portugueses na FEP e na IPA, concluindo com a referência a Santo Agostinho em relação ao caminho ainda a percorrer. Vasco Santos introduz a nota dissonante e polémica de *agitateur des consciences, du côté de l'inconscient*, através de um brilhante e irreverente excursus filosófico, literário e psicanalítico. Conclui a polémica discussão enunciada no título — «Psicanálise: escândalo e crítica» — em convergência tácita com o título deste meu editorial, «A dessacralização da psicanálise além da clínica e aquém da cultura», ao afirmar, em sonância musical *precipitato*, que «A psicanálise é crítica e escândalo. Ou não será!».

Finalmente, uma palavra de apreço ao trabalho dos revisores e revisoras científico(a)s dos artigos que foram submetidos durante este ano a publicação na nossa revista. Cada vez mais, o trabalho de revisão científica é de fundamental relevância para a atualidade e para o futuro expansivo da revista A todos, o agradecimento em meu nome e em nome dos colegas-pares do atual, e do anterior, Conselho Editorial da RPP. Pela primeira vez, registamos os nomes de todos aqueles que nos ajudaram neste ano de 2021, e futuramente encontraremos os meios de os valorizar curricularmente de modo mais eficiente.

## INSTRUÇÕES AOS AUTORES

A *Revista Portuguesa de Psicanálise* (RPP) é o órgão oficial da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e sua propriedade jurídica e intelectual.

A RPP publica artigos originais de natureza teórica e epistemológica, teórico-clínica, conceptual, empírica qualitativa e quantitativa, na área da psicanálise e de outras disciplinas científicas das ciências naturais, das ciências sociais e das humanidades, nomeadamente literatura, arte e filosofia, com as quais o campo psicanalítico estabelece diálogo científico consistente. Os artigos psicanalíticos submetidos para publicação na revista devem ser inéditos e não poderão estar em processo de avaliação em outra publicação científica simultaneamente. Os artigos devem, ainda, possuir qualidades de rigor teórico-conceptual, clínico e empírico. O tema e o ângulo de abordagem temática do artigo deverão ser, simultaneamente, atuais e inovadores e a argumentação deverá ser precisa, bem articulada e adequadamente fundamentada. Serão aceites para revisão os artigos que respeitem as Normas de Publicação da RPP adiante indicadas. A arbitragem científica prévia à decisão editorial sobre a publicação é realizada pelo método de *peer reviewing*, sendo os revisores científicos atribuídos de forma anónima e aleatória (*double blind*). Se o artigo submetido for aceite para revisão, os autores poderão consultar o comentário dos revisores, independentemente do parecer favorável ou desfavorável à sua publicação.

A RPP reserva-se o direito de não publicar artigos clínicos, ou teórico-clínicos, que não respeitem as normas éticas da investigação em ciências sociais e humanas, nomeadamente em que a identidade do paciente não tenha sido preservada através do anonimato e em que a confidencialidade do material escrito e da ilustração gráfica (desenhos e figuras) das vinhetas clínicas não seja escrupulosamente respeitada. Para assegurar que esta regra é cumprida, os autores deverão preencher o formulário disponível para o efeito no *website* (Sobre a Revista > Ética e Anonimato) e enviá-lo para [rpp@rppicanalise.org](mailto:rpp@rppicanalise.org). No caso em que subsista uma dúvida razoável

## AUTHOR GUIDELINES

The Portuguese Journal of Psychoanalysis (*Revista Portuguesa de Psicanálise* – RPP) is the official journal of the Portuguese Psychoanalytic Society (SPP) and is its legal and intellectual property.

The RPP publishes original articles of a theoretical and epistemological, clinical, conceptual, empirical qualitative and empirical quantitative nature, in the field of psychoanalysis and other scientific domains of natural sciences, social sciences and humanities, namely literature, art and philosophy, with which the psychoanalytic field establishes a sustained scientific dialogue.

Psychoanalytic articles submitted for publication in the journal must not have been previously published and may not be under consideration for publishing in another scientific publication simultaneously. The articles must also have qualities of theoretical-conceptual, clinical and empirical rigor. The theme and angle of thematic approach of the article must be both current and innovative and the arguments must be precise, well-articulated and adequately grounded. It is always the author's responsibility to maintain the text in its original form or adapt it after the editorial review.

Articles that respect the Submission Rules of the RPP indicated below will be accepted for review.

Scientific arbitration prior to the editorial decision on the publication is carried out using the double-blind peer reviewing method. If the submitted article is accepted for review, the authors will be able to consult the detailed commentary of the reviewers, regardless of the favorable or unfavorable opinion to its publication.

RPP reserves the right not to publish clinical, or theoretical-clinical, articles that do not respect the ethical norms of research in the social and human sciences, namely in which the patient's identity has not been preserved through anonymity and in which the confidentiality of verbatim or graphically illustrated material (drawings and figures) of clinical vignettes is not scrupulously respected. To assure the compliance

em relação ao anonimato e confidencialidade do material clínico a publicar, o Conselho Editorial da revista reserva-se o direito de exigir a prova de consentimento informado da parte do paciente ou dos seus representantes legais (os pais, no caso de material gráfico infantil).

O corpo editorial da revista está, ainda, particularmente atento à deteção de situações de plágio, total ou parcial, no artigo submetido a publicação, e que, nessa circunstância, será rejeitado, com indicação aos autores da razão de tal decisão. Se o artigo não for aceite para publicação por outro motivo, o corpo editorial fará menção sucinta às razões da sua não aceitação.

A data de publicação do artigo será decidida pelo corpo editorial da revista, de acordo com critérios editoriais bem definidos.

Os artigos serão submetidos online no *website* da *Revista Portuguesa de Psicanálise*: <https://rppicanalise.org>

A título excecional, os artigos originais poderão ser enviados para [submissions@rppicanalise.org](mailto:submissions@rppicanalise.org) em ficheiro Word (ou compatível), sem identificação pessoal, indicando no corpo da mensagem os nomes dos autores, afiliações, e-mails e endereços.

O título do artigo deverá sempre figurar em inglês, bem como o resumo, que não deverá exceder as 200 palavras.

Devem ainda ser indicadas entre três a cinco palavras-chave (em português e em inglês) que facilitem a indexação do artigo. Se o artigo for escrito em francês ou espanhol, o título, o resumo e as palavras-chave, em português e em inglês, devem figurar no final do artigo. As notas de fim de página e o uso de termos em itálico devem ser evitados. Os quadros, tabelas e figuras deverão ter boa qualidade gráfica (300 dpi no mínimo) e estar bem enquadradas no texto (no momento da edição, devem ser enviados em documentos separados). Interessa, muito particularmente, que a sua reprodução possa ser feita em escala adequada e sem perda de nitidez, ou de facilidade na consulta da informação que fornecem ao leitor.

to these rules, authors must fill the specific form available for that purpose on the website (see About the Journal > Ethics and Anonymity) and send it to [rpp@rppicanalise.org](mailto:rpp@rppicanalise.org). In case of persistence of a reasonable doubt concerning the anonymity and confidentiality of the clinical material, the Journal's Editorial Board reserves the right to demand proof of informed consent from the patient or his/her legal representatives (parents in the case of children's graphic material).

The journal's editorial board is also particularly attentive to detecting situations of plagiarism, total or partial, in the article submitted for publication, and which, in this circumstance, will be rejected, with indication to the authors of the reason for such decision. If the article is not accepted for publication for another reason, the editorial board will briefly mention the reasons for its non-acceptance.

The publication date of the article will be decided by the editorial board of the journal, according to well-defined editorial criteria.

Articles will be submitted online to the website of *Revista Portuguesa de Psicanálise*, <https://rppicanalise.org>

Exceptionally, original articles may be sent by e-mail to: [submissions@rppicanalise.org](mailto:submissions@rppicanalise.org) in a Word file (or compatible) without personal information (instructions here) stating in the body of the message authors names, affiliations, emails and addresses. The title of the article must always appear in English, as well as the abstract, which must not exceed 200 words.

Keywords should be included (between three and five) to facilitate the indexing of the article. If the article is written in French or Spanish, the title, abstract and keywords, in Portuguese and English, should be at the end of the article. Endnotes and the use of terms in italics should be avoided.

Tables and figures must have good graphic quality (300 dpi minimum) and be well framed in the text

Os artigos não devem exceder as 8500 palavras, excluindo referências, resumo e palavras-chave, em letra Times New Roman, tamanho 12 a 1,5 espaços. A Direção da *Revista Portuguesa de Psicanálise* reserva-se o direito de decisão quanto à formatação editorial definitiva do artigo aceite para publicação. As citações no texto do artigo e as referências bibliográficas devem ser formatadas segundo as normas da 7.ª edição da APA (<https://apastyle.apa.org/>).

Podem ainda ser submetidas a publicação resenhas de livros, filmes ou peças de teatro, que devem ter até 1500 palavras, identificando o título e o autor/realizador/encenador, e, no que aos livros diz respeito, também o Editor, o ano de edição e o tradutor (se se tratar de versão portuguesa da obra original).

## Declaração de Direito Autoral

O autor outorga à RPP o direito de publicar o artigo nas versões impressa e online. Os direitos autorais (*copyright*) são retidos pelo autor do artigo, embora o direito de primeira publicação/publicação original seja da RPP. O artigo pode ser usado para fins educacionais e outros fins não comerciais, desde que não só o autor como o título e número da revista e o URL completo do artigo, ou o URL DOI, sejam citados na publicação. O autor tem o direito de guardar o artigo no repositório, ou nos arquivos de documentação científica da organização a que pertence, por exemplo, uma Universidade ou Instituto Universitário, podendo mesmo utilizar a versão do artigo em PDF publicada pelo Editor. Os leitores da versão online dos artigos da RPP terão a oportunidade de partilhar o artigo, ou o *abstract*, em redes sociais, como o Facebook ou o Twitter, salvaguardando sempre a propriedade editorial da revista em relação aos conteúdos partilhados.

(at the time of editing they must be sent in separate documents). It is particularly important that their reproduction can be done on an adequate scale without loss of resolution, conveying the information with clarity to the reader.

Articles should not exceed 8500 words, excluding references, abstract and keywords, Times New Roman, size 12 and 1.5 linespacing.

The Editorial board of RPP reserves the right to decide on the final editorial formatting of the article accepted for publication.

In-text citations and references must be formatted in APA style, 7th edition (<https://apastyle.apa.org/>).

Book reviews, films or plays can also be submitted for publication, which must be up to 1500 words, identifying the title and the author/director, and, as far as books are concerned, also the Editor, the year of edition and the translator (in the case of an English language version of the original work).

## Copyright Notice

The author grants the RPP Journal the right to publish articles in both the printed and online versions. The copyright is retained by the author so that the first/ original publication right is in the RPP Journal. The article may be freely used for educational and other non-commercial purposes, provided that the author is quoted, as well as the title and number of the journal and the full URL of the article, or the DOI URL. The author has the right to keep the article in the publication archives/repository of its own organization, e.g. a university, and use the pdf version of the publisher. Readers of the online version of RPP have the opportunity to share articles or their abstracts on social media such as Facebook or Twitter, always preserving the editorial ownership of RPP over the shared contents.

## DIRECTIVES AUX AUTEURS

La Revue Portugaise de Psychanalyse (*Revista Portuguesa de Psicanálise – RPP*) est la publication officielle de la Société Portugaise de Psychanalyse (Sociedade Portuguesa de Psicanálise – SPP) et sa propriété juridique et intellectuelle.

La RPP publie des articles de nature théorique et épistémologique, clinique, conceptuelle, empirique qualitative et empirique quantitative dans le domaine scientifique de la psychanalyse et aussi d'autres disciplines scientifiques des sciences naturelles, des sciences sociales et des humanités, à savoir la littérature, l'art et la philosophie, avec lesquelles la psychanalyse entretient un dialogue scientifique consistant.

Les articles psychanalytiques originaux soumis pour publication dans la revue doivent être inédits et ne peuvent pas être simultanément en processus d'évaluation dans une autre publication scientifique. Les articles doivent aussi avoir des qualités de rigueur théorique-conceptuelle, clinique et empirique. Le thème et l'angle d'approche thématique de l'article doivent être à la fois actuels et innovateurs et leurs arguments doivent être précis, bien articulés et correctement fondés.

Seule les articles qui respectent les normes de publication de la RPP, présentées ci-dessous, seront acceptés pour évaluation.

L'arbitrage scientifique préalable à la décision éditoriale sur la publication de l'article est effectué selon la méthode du « peer reviewing », les réviseurs scientifiques étant choisis de manière aléatoire et anonyme (« double blind »). Si l'article soumis est accepté pour évaluation, les auteurs pourront consulter le commentaire des réviseurs indépendamment de l'opinion favorable ou défavorable à sa publication dans la revue.

La RPP se réserve le droit de ne pas publier des articles cliniques, ou théorico-cliniques, qui ne respectent pas les normes éthiques de la recherche en sciences sociales et humaines, à savoir dans lesquels l'identité du patient ne soit pas préservée par l'anonymat et dans lesquels la confidentialité du matériel écrit ou de l'illustration graphique (dessins et figures) des vignettes cliniques ne soit pas

scrupuleusement respecté. Afin d'assurer le respect de ces règles les auteurs doivent remplir le formulaire disponible à cet effet dans le web site (voir À propos de cette revue > Éthique et anonymat) et l'envoyer à [rpp@rppscanalise.org](mailto:rpp@rppscanalise.org). En cas de persistance d'un doute raisonnable concernant l'anonymat et la confidentialité du matériel clinique, le Comité Éditorial de la revue se réserve le droit d'exiger la preuve du consentement informé de la part du patient ou de ses représentants légaux (parents dans le cas de matériel graphique des enfants).

Le conseil éditorial de la revue est aussi particulièrement attentif à détecter des situations de plagiat, total ou partiel, dans l'article soumis pour publication, et qui, dans ce cas, sera rejeté avec indication aux auteurs du motif de cette décision. Si l'article n'est pas accepté pour tout autre raison, le conseil éditorial ne mentionnera que brièvement les raisons de sa non-acceptation.

La date de publication de l'article sera décidée par le Conseil Éditorial de la revue, selon des critères éditoriaux bien définis.

Les articles seront soumis en ligne dans le site internet de la Revue Portugaise de Psychanalyse, <https://rppscanalise.org>.

Exceptionnellement les articles originaux peuvent être envoyés à [para\\_submissions@rppscanalise.org](mailto:para_submissions@rppscanalise.org) dans un fichier Word (ou compatible), sans identification de l'auteur, en indiquant dans le corps du message les noms des auteurs, affiliations, e-mails et adresses.

Le titre de l'article doit toujours apparaître en anglais, ainsi que le résumé, qui ne doit pas dépasser les 200 mots.

Entre trois et cinq mots-clés (en français et en anglais) doivent aussi être indiqués pour faciliter l'indexation de l'article. Si l'article est écrit en français ou espagnol, le titre, le résumé et les mots-clés, en portugais et en anglais, doivent apparaître à la fin de si l'article. Les notes de fin de page et l'utilisation de termes en italique doivent être évités.

Les tableaux et les figures doivent avoir une bonne qualité graphique (300 dpi au minimum) et être bien cadrés dans le texte (au moment de l'édition ils doivent être envoyés en documents séparés). Il est

particulièrement intéressant que leur reproduction puisse se faire à une échelle adéquate et sans perte de clarté, ni de facilité dans la consultation des informations qu'ils fournissent au lecteur.

Les articles ne doivent pas dépasser 8500 mots, hors références, résumé et mots-clés en Times New Roman 12 avec 1,5 d'espacement.

Le conseil éditorial de la RPP se réserve de décider de la mise en forme éditoriale définitive de l'article accepté pour publication.

Les citations dans le texte de l'article et les références bibliographiques doivent être formatés selon les règles de la 7ème édition de l'APA (<https://apastyle.apa.org/>).

Des critiques de livres, de films ou de pièces de théâtre peuvent également être soumis pour publication, pourvu qu'ils contiennent jusqu'à 1500 mots et qu'identifient correctement le titre et l'auteur/ réalisateur / metteur en scène, et, en ce qui concerne les livres aussi l'éditeur, l'année d'édition et le traducteur (dans le cas qu'il s'agisse de la version française de l'ouvrage original).

### Mention de droit d'auteur

L'auteur accorde à la RPP le droit de publier l'article sur papier et en ligne (« online »). Le droit d'auteur (« copyright ») est conservé par l'auteur de l'article, bien que le droit de première publication/ publication originale appartient à la RPP. L'article peut être utilisé à des fins éducatifs et à d'autres fins non-commerciales à condition que non seulement l'auteur, mais aussi le titre et le nombre de la revue et l'URL complète de l'article, ou l'URL DOI, soient cités dans la publication. L'auteur a le droit de garder l'article dans le dépôt, ou les archives de documentation scientifique, de l'organisation à laquelle il appartient, Université ou Institut Universitaire, et peut même utiliser la version PDF de l'article publiée par l'éditeur. Les lecteurs de la version en ligne (« online ») des articles de la RPP auront la possibilité de partager l'article, ou son résumé, dans des réseaux sociaux, tels que Facebook ou Twitter, en préservant toujours la propriété éditoriale de la revue par rapport aux contenus partagés.

## DIRECTRICES PARA AUTORES/AS

La Revista Portuguesa de Psicoanálisis (*Revista Portuguesa de Psicanálise – RPP*) es la publicación oficial de la Sociedad Portuguesa de Psicoanálisis (Sociedade Portuguesa de Psicanálise – SPP) y su propiedad jurídica e intelectual.

La RPP publica artículos originales de carácter teórico y epistemológico, clínico, conceptual, empírico cualitativo y empírico cuantitativo en el área del psicoanálisis y de otras disciplinas científicas de las ciencias naturales, de las ciencias sociales y de las humanidades, a saber, literatura, artes y filosofía, con las cuales el psicoanálisis establece un diálogo científico consistente.

Los artículos psicoanalíticos presentados para publicación en la revista deben ser inéditos y no pueden estar en evaluación simultánea en otra publicación científica. Los artículos también deben tener cualidades de rigor teórico-conceptual, clínico y conceptual. El tema y el ángulo del enfoque temático del artículo deben ser actuales e innovadores y los argumentos deben ser precisos, bien articulados y adecuadamente fundamentados.

Los artículos que respeten las reglas de publicación de la RPP indicadas a continuación serán aceptados para revisión en la revista.

El arbitraje científico previo a la decisión editorial sobre la publicación se lleva a cabo utilizando el método de la « peer reviewing », y los revisores científicos son asignados de forma anónima y aleatoria (« double blind »). Si el artículo es aceptado para revisión, los autores podrán consultar los comentarios de los revisores, independientemente de la opinión favorable o desfavorable sobre su publicación.

La RPP se reserva el derecho de no publicar artículos clínicos, o teórico-clínicos, que no respeten las normas éticas de la investigación en ciencias sociales y humanas, es decir, en los que no se ha preservado la identidad del paciente a través del anonimato y en los que la confidentialidad del material escrito y de la ilustración gráfica (dibujos y figuras) de las viñetas clínicas no esté escrupulosamente respetado. A fin de asegurar el cumplimiento de estas reglas, los autores deben completar el formulario disponible a tal efecto

en el website (Sobre la Revista > Ética y Anonimato), y enviarlo a [rpp@rppscanalise.org](mailto:rpp@rppscanalise.org). En caso de persistir una duda razonable sobre el anonimato y la confidentialidad del material clínico, el Comité Editorial de la revista se reserva el derecho de exigir prueba del consentimiento informado del paciente o de sus representantes legales (padres en el caso de material gráfico infantil).

El consejo editorial de la revista también está particularmente atento a detectar situaciones de plagio, total o parcial, en el artículo sometido para publicación, y que, en esta circunstancia, será rechazado, con indicación a los autores del motivo de dicha decisión. Si el artículo no es aceptado para publicación por otro motivo, el consejo editorial mencionará brevemente los motivos de su no aceptación.

La fecha de publicación del artículo será decidida por el consejo editorial de acuerdo con criterios editoriales bien definidos.

Los artículos se enviarán en línea en el sitio web de la Revista Portuguesa de Psicoanálisis, <https://rppscanalise.org>

Exceptionalmente, los artículos originales pueden enviarse a [submissions@rppscanalise.org](mailto:submissions@rppscanalise.org) en un fichero Word (o compatible), sin identificación del autor, indicando en el cuerpo del mensaje los nombres de los autores, afiliaciones, e-mails y direcciones.

El título del artículo siempre debe aparecer en inglés, así como el resumen, que no debe exceder las 200 palabras.

También se deben indicar entre tres y cinco palabras-clave, en español e inglés, a fin de facilitar la indexación del artículo. Si el artículo está escrito en español o francés, el título, el resumen y las palabras-clave, en portugués e inglés, deben aparecer al final del artículo. Se deben evitar las notas de fin de página y el uso de términos en itálico. Las tablas y figuras deben tener buena calidad gráfica (300 dpi el mínimo) y estar bien enmarcadas en el texto (al momento de la edición deben enviarse en documentos separados). Es particularmente interesante su reproducción se pueda realizar en una escala adecuada y sin pérdida

de claridad, o de facilidad de para consultar la información que proporcionan al lector.

Los artículos no deben exceder las 8500 palabras, excluyendo referencias, resumen y palabras-clave, en letra Times New Roman, tamaño 12 a 1,5 espacios. La Dirección de la RPP se reserva el derecho de decidir sobre el formato editorial final del artículo aceptado para publicación.

Las citas en el texto del artículo y las referencias bibliográficas deben formatearse de acuerdo con las reglas de la 7.ª edición de la APA (<https://apastyle.apa.org/>).

Las reseñas de libros, películas o obras de teatro también se pueden enviar para publicación, y deben tener hasta 1500 palabras, identificando el título y el autor/ realizador/ director, y, en lo que respecta a los libros, también el Editor, el año de edición y el traductor (si es una versión española de la obra original).

### Aviso de derechos de autor/a

El autor otorga a la RPP el derecho de publicar el artículo en forma impresa y en línea (« online »). El autor del artículo conserva los derechos de autor (« copyright »), aunque el derecho de primera publicación /publicación original pertenece a la RPP. El artículo se puede usar con fines educativos y otros fines no comerciales a condición de que se cite en la publicación no solo el autor, sino también el título y el número de la revista, y la URL completa del artículo, o la URL DOI. El autor tiene el derecho de guardar en el repositorio, o en los archivos de documentación científica de la organización a la cual pertenece, por ejemplo, universidad o instituto universitario, e incluso puede usar la versión PDF del artículo publicado por el editor. Los lectores de versión en línea (« online ») de los artículos de la RPP tendrán la oportunidad de compartir el artículo, o el resumen, en las redes sociales, como Facebook o Twitter, siempre salvaguardando la propiedad editorial de la revista en relación con los contenidos compartidos.

REVISTA PORTUGUESA DE PSICANÁLISE  
*Órgão oficial da Sociedade Portuguesa de Psicanálise*

DIRETOR: Carlos Farate.  
DIRETORA-ADJUNTA: Sandra Pires.

ASSISTENTES EDITORIAIS: Bruno Ferreira,  
Conceição Melo Almeida, José Abreu Afonso.

ANTERIORES DIRETORES: Francisco  
Alvim (1977–1978), João dos Santos e Carlos  
Amaral Dias (1985–1986), Carlos Amaral Dias  
e Jaime Milheiro (1987–1989), Carlos Amaral  
Dias (1990–1994), Jaime Milheiro (1996–2003),  
Rui Coelho e Manuel Matos (2004–2005), Rui  
Coelho e António Coimbra de Matos (2006–  
2008), Rui Coelho e Manuela Ferraz da Costa  
(2008–2012) Rui Aragão Oliveira (2013–2015),  
Maria Fernanda Alexandre (2016–2019).

CONSELHO CIENTÍFICO  
MEMBROS DA SOCIEDADE PORTUGUESA  
DE PSICANÁLISE:

Ana Catarina Silva, Ângela Vila-Real, Carla Cruz,  
Carlos Farate, Celeste Malpique, Conceição Melo  
Almeida, Conceição Tavares de Almeida, Cristina  
Fabião, Emílio Salgueiro, Jaime Milheiro, João França  
de Sousa, José de Abreu Afonso, Luísa Vicente,  
Maria do Carmo Sousa Lima, Manuela Fleming,  
Maria Fernanda Alexandre, Maria José Gonçalves,  
Maria Luís Borges de Castro, Orlando Fialho, Orlando  
von Doellinger, Rui Aragão Oliveira, Rui Coelho,  
Vasco Santos.

MEMBROS DE SOCIEDADES PSICANALÍTICAS  
ESTRANGEIRAS:

Alain Vanier — Espace Analytique, Université  
Paris-Diderot; Anna Potamianou — Hellenic  
Psychoanalytic Society (HPS); Anette Blaya Luz  
— Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA);  
Antonino Ferro — Società Psicoanalitica Italiana  
(SPD); Carlos Barredo — Asociación Psicoanalítica  
de Buenos Aires (APdeBA); Charles Hanly  
— Toronto Institute of Psychoanalysis (TIP);  
Cláudio Laks Eizirik — Sociedade Psicanalítica  
de Porto Alegre (SPPA); Daniel Schoffer Kraut  
— Asociación Psicoanalítica de Madrid (APM);  
Eulália Torras de Beà — Sociedad Española  
de Psicoanálisis (SEP); Florence Guignard  
— Société Psychanalytique de Paris (SPP); Gunther  
Perdigão — New Orleans Psychoanalytic Institute  
(NOPI); Howard Levine — Psychoanalytic Center  
of New England East (PINE); Jan Abram — British  
Psychoanalytic Society (BPS); Joan Coderch  
— Sociedad Española de Psicoanálisis (SEP);  
Leda Herrmann — Sociedade Brasileira de Psicanálise  
de São Paulo (SBPSP); Luis Martin Cabré  
— Asociación Psicoanalítica de Madrid (APM);  
Paul Denis — Société Psychanalytique de Paris  
(SPP); Patrick Miller — Société Psychanalytique de  
Recherche et de Formation (SPRF); Pedro Gomes  
— Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio  
de Janeiro (SBPRJ); Peter Fonagy — British  
Psychoanalytical Society (BPS) e Psychoanalysis  
Unit, University College London (UCL); Robert  
Hinshelwood — British Psychoanalytical Society  
(BPS) e University of Essex; Roosevelt Cassorla  
— Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo  
(SBPSP); Stefano Bolognini — Società Psicoanalitica  
Italiana (SPI).

MEMBROS DE OUTRAS SOCIEDADES  
CIENTÍFICAS:

Anselmo da Silva Borges — Faculdade de Letras  
Universidade de Coimbra (FLUC); António Damásio  
— University of Southern California; António  
Sampaio da Nóvoa — Instituto de Educação da  
Universidade de Lisboa; Cândido Hipólito-Reis  
— Faculdade de Medicina da Universidade do Porto  
(FMUP); Isabel Allegro de Magalhães — FCSH da  
Universidade Nova de Lisboa (UNL); Isabel Marcos  
— CICS da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
da Universidade Nova de Lisboa (CICS. NOVA  
FCSH UNL); João Gomes-Pedro — Faculdade de  
Medicina da Universidade de Lisboa; João Maria  
André — Faculdade de Letras da Universidade de  
Coimbra (FLUC); Joaquim Cerqueira Gonçalves  
— Universidade Católica Portuguesa (UCP); José  
Barata Moura — Faculdade de Letras da Universidade  
de Lisboa; Luís Sobrinho — Faculdade de Ciências  
Médicas de Lisboa (FMUL); Yale University Medical  
School; Marie-Hélène Piwnik — Universidade de  
Paris-Sorbonne – Paris IV; Rui Mota Cardoso  
— Faculdade de Medicina da Universidade do Porto  
(FMUP); Rui Paixão — Faculdade de Psicologia  
e de Ciências da Educação Universidade de  
Coimbra (FPCEUC); Vasco Pinto de Magalhães  
— Universidade Católica Portuguesa.

LISTA DE REVISORES 2021

Ana Catarina Duarte Silva, Ângela Vila-Real, António  
Mendonça, Carla Cruz, Carlos Barredo, Celeste  
Malpique, Cristina Fabião, Emílio Salgueiro, Manuela  
Fleming, Manuela Harthley, Maria do Carmo  
Sousa Lima, Maria Fernanda Alexandre, Maria José  
Gonçalves, Orlando von Doellinger, Rita Marta, Rui  
Aragão Oliveira, Vasco Santos.





---

A CONVERSATION WITH

# Giuseppe Civitarese<sup>1</sup>

**Conceição Melo Almeida<sup>2</sup>**

**Bruno Raposo Ferreira<sup>3</sup>**

---

1

Psicanalista Titular com funções didáticas na Sociedade Italiana de Psicanálise (SPI), Membro da American Psychoanalytic Association (APsAA) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

---

2

Psicóloga Clínica e Psicanalista. Membro Titular da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

---

3

Psicólogo Clínico e Psicoterapeuta. Membro Candidato da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP).

Giuseppe Civitarese, is a psychiatrist and one of the leading psychoanalysts on the Italian and international scene. His frequent and consistent contributions to the development of the theory and practice of post-Bionian analytic *Bi-personal Field Theory* (BFT) occupy an important place in contemporary psychoanalysis. He has lectured in Italy and abroad and published extensively on several topics. Giuseppe was editor-in-chief of *Rivista di Psicoanalisi*, the official journal of the Italian Psychoanalytic Society. Some Italian colleagues describe Giuseppe as an affectionate, meticulous and rigorous person, committed to the study of psychoanalysis, whose teaching he is truly passionate. We know he is also passionate by philosophy, visual arts and literature. Reading his work one gets the impression that he carries a deep appreciation for the openness and depth of the psychoanalytic encounter. In this interview Giuseppe kindly talks about different aspects of his thought. Our conversation was led by his generous and sincere way of sharing ideas.

---

**CMA:** Dr. Giuseppe Civitarese, you live and practice in Pavia, Italy. We know you were born in the beautiful Italian region of Abruzzo and that you came to Pavia to study. Can you tell us something about this journey, and how did psychoanalysis cross your path?

**GC:** Psychoanalysis crossed my path for the first time when I was 14 or 13... in Italy it is the stage before high school, between primary school and *Liceo Classico*, which is high school. So, I had this teacher of science and maths. He was very young, younger than 30 years old and he had just graduated from Bologna University. He was enthusiastic about his work and about culture in general. He was very clever and had humble origins, for him culture was the way to affirm himself. So he wanted to transmit this. He was the kind of teacher who is able to start good relationship with students and he liked to talk beyond science and biology, about all important figures in the history and culture. It could be Descartes, Marx, Pascal. It could be this weird guy that could interpret dreams, a certain Freud. And I always loved books. I was very happy when people in the family gave me books as a gift. In my family my father could only do a few years of school and my mother only a few more. So, I was somehow in the same position of this teacher. In the end I bought the *Interpretation of Dreams* and of course I immediately realized that it was too difficult. But since then I began to pay attention whenever psychoanalysis was mentioned in the newspapers, on TV, etc. Then, step by step, I discovered Freud's easier books on jokes, on the psychopathology of everyday life, etc. and read them. Over time, this grew more and more.

At the time, in Italy a famous figure was that of Franco Basaglia, the one that in Italy closed our mental hospitals, the leader of 'anti-psychiatry'. This

---

**As a psychiatrist, I worked for six months in my first job in a psychiatric hospital. It was like a lager. The only good thing we could do was to close them down. These were places where insanity was produced. There is no way to cure someone by locking them up and erasing them in a mental hospital. It is completely impossible.**

was now high-school, and there was a convergency of my political leftist ideas and my interest in psychiatry and psychoanalysis. During my last year at high-school I had also the possibility to meet with Basaglia, as he came to Chieti to give a conference. I was very impressed by his personality. So before going to the university I already had a strong interest for psychoanalysis and for psychiatry. Of course, you can imagine that if I was more interested in Freud than in Blaise Pascal, which I also read, it was because, I don't know, puberty and sex were there somewhere and I already had a certain inclination to introspection... and at that time I had some physical health problems that kept me isolated from some activities at school like sports, a beginning of articular rheumatism that, as you know, can affect the heart. That was completely overcome, but of course for a while it wasn't easy.

Then I came to Pavia because it's an old university town. It is there since the XIV century, and there are very old *collegi*, and it is still the best, or among the best faculties in Medicine. Still, my first choice had been Rome which is the town that I love above all the others, but I couldn't get in the private university that I chose in Rome, the Catholic University, because at the time in public universities there was a lot of chaos. These were difficult times with the Red Brigades, terrorism etc. And I needed to study, I wanted to study. In the end it couldn't be the Catholic University in Rome, that admitted only a very limited number of students. So I came to Pavia. Coming to Pavia it was like landing on another planet because I found people very different from people from the center or south of Italy, which are warm and very welcoming. Here people are a more reserved. Sometimes I think that it is because in winter there is a lot of fog, and there is some fog also in their mind and around them. I'm joking. Another explanation is that I had this kind of illumination one day, while I was going from Pavia to Milan by train: here everything is flat, it is the *pianura padana*, so for this very pragmatic people it is very easy to go from point A to point B, they don't have to use their imagination. On the contrary, in the center of Italy there are hills and mountains everywhere... in Abruzzo, even if my birthplace is near the sea, you need to use your imagination to go around. These are jokes, in the end it was very good to come here. In fact, I'm still here even if coming away from my region was painful at the time. It's 600 km, the train took ten hours. It never ended.

**BRF:** Are you talking about the seventies?

**GC:** Yes, I was born in 1958 and came here in 1977. It was the worst time of this crazy political-terrorist period. I'm ridiculously attached to Abruzzo, to the center of Italy, to the South, it's my neurosis, you know. I always make jokes about Abruzzi people being smarter... my compatriots are Ovid, Croce, D'Annunzio... nicer and warmer. Every time I meet someone from Abruzzo, Campania or Lazio who is not nice, it is a shock to me because my theory is not confirmed. So... in the end I adapted to Pavia, but it's still a wound, this is very psychoanalytic, I feel this strong bond. Obviously my attachment to the mother must be very strong, I would say. And that involves organizing all the time the transportation of oil, wine, pasta, tomatoes and mozzarella from the South to the North. When I came here, I didn't know what kind of people I would find in psychiatry, and even for a while in my medical studies I considered other kinds of specializations. But in the end, my old interest in psychiatry and psychoanalysis prevailed and that was very good.

At the time, the Pavia school of psychiatry was famous for its psychoanalytic orientation. My teachers were among the best psychoanalysts in Italy and so I grew up in my ideal environment, given my interests. Perhaps that's one of the reasons I'm still here, because all along the way I made strong connections with these people. Another good thing about Pavia, besides the fog, the flatness, the evil cold and the mosquitoes, is that it's close to Milan. It's thirty kilometers, it's the ideal small university, calm and quiet, like Coimbra, Oxford, Salamanca, but in thirty minutes I leave my house and I can be in Piazza Duomo, near La Scala in Milan. There you can find everything you need. Also,

my psychoanalytic training was in the Milan Psychoanalysis Center. Now we also have a small one in Pavia. But at that time, everything was in the big city.

**CMA:** In a certain way it seems the trigger was *The Interpretation of Dreams*.

**GC:** Yes. Well, of course this is one of the books that has changed humanity and human culture. We can say today that with Bion, for example, who interestingly enough joins Jung in some ways, because his conception of dreams is very similar to Jung's, we have changed the way we look at dreams. Think also of Meltzer. His *Dream Life*, it's a good book. However, *The Interpretation of Dreams* is always there. It will always remain there, because Freud is a classic, he is a genius and we will always come back to this book even though our conceptions of dreaming and dreams and our technique for many of us has changed. But this is a huge book. Sometimes people don't realize the epigraph of *The Interpretation of Dreams*, which is "Acheronta movebo". In Italy it sounds very Dantesque. Freud says 'I will be your Virgil and take you on a journey to hell'. When you cross the river Acheron you are in hell. This is a quote from Virgil. So it's really Freud saying, 'I will be your Virgil, you will be my Dante and we will engage in this adventurous journey'. This is beautiful. This is great, although I no longer see *Ucs* as hell, rather the opposite. Several others among Freud's books will remain as unforgettable classics, especially *Beyond the Pleasure Principle* and *Civilization and its Discontent*. Anyway, yes, you're right, the beginning was with dreams, and after a lifetime in psychoanalysis working with dreams I still find them amazing, amazing every day, it's amazing what a dream can accomplish, so yes, it is.

**BRF:** It seems that relationships with teachers were very important to you.

We know that you did two personal analyses, that one of your supervisors was Antonino Ferro. How have your initial relationships with colleagues, influenced the way you work today as a psychoanalyst?

**GC:** Yes, you are right. I found out very early on that you learn through relationships, not just by acquiring information, otherwise we would put a computer in there, right? In school, every time, it's all about relationships. I think throughout your schooling, from elementary school to college to grad school or whatever, if you find one and a half teachers (if you're very very lucky, maybe you find two and a half) who engage you in the way I described earlier, and those kinds of relationships will nurture you for life. I've been very lucky. I've had two and a half, maybe three. One of them was only a teacher of mine for one year in elementary school when I was eight years old. He was incredible. Then there was the science and math teacher that I've already mentioned. And then, the Greek teacher in higher education, who was also a very charismatic person. Once in college, at that time, there was not a limited number of enrollments in medical courses. In the beginning here in Pavia there were thousands of us, so you were a number. This was a shock to me, because in my small town in Abruzzo I was well known and felt recognized. I always did more than well in school, because I loved to read, I loved to study and it was all very natural for me. But here, in Pavia, I was just a number. A complete stranger for at least five years. I had friends, sure, but I was suffering a little bit. It only ended when I started my clinical experience in the psychiatric ward as a medical student. At that time, I asked a professor to guide me in my thesis in psychiatry, that was about psychiatric dialogue. And that was again the time when I was able to benefit from relationships, as you said. At that stage of my training I was in a very good climate, among good, intelligent people who were very passionate about psychiatry and psychoanalysis. Not like Basaglia, but on the same line against asylums. I know from experience what they are like. As a psychiatrist, I worked for six months in my first job in a psychiatric hospital. It was like a lager. The only good thing we could do was to close them down. These were places where insanity was produced. There is no way to cure someone by locking them up and erasing them in a mental hospital. It is completely impossible. However, along the way

these teachers turned out to be very influential and then I started publishing with them. I came pretty early on to have about sixty articles in psychiatric journals. But at the same time, I was so interested in psychoanalysis that I ended up not pursuing a college career, even though I could have easily done so after I got my Ph.D.

Ferro was gone when I was an intern in psychiatry. I met him later when I was looking for a supervisor for my second training case. Of course, I knew him by name, but I still remember talking enthusiastically with my analyst about Ferro's most important book at the time, *The Bi-Personal Field: Experiences in Child Psychoanalysis*. So, it wasn't that I met Ferro and became committed to the kind of psychoanalysis he was developing because it was simply there. No. In fact, I chose him. I was already passionate about his ideas. Then I did six years of supervision with him. After the first few years I was always surprised that I didn't understand what he was telling me, 'How come I still don't see the point?'; and also, I couldn't understand how he could love Bion so much. And now that I teach and supervise, when young colleagues after a few times tell me 'Giuseppe, it's too hard, I don't understand', I go back to my memories. It took me a very long time to get to know Bion's ideas and BFT. Then after these six years, of course, step by step, we also became friends and shared many things, and still recently we published a new book called *Playing and Vitality in Psychoanalysis*, which will be available also in English next year from Routledge.

Well, these links, not only Ferro of course, but also other friends of mine, who are psychoanalysts around here, more or less of my age, Fulvio Mazzacane, Maurizio Collovà, Elena Molinari, and many others. So, Pavia is still a great place for psychoanalysis, not so much at the University, as it used to be. But now that we have a psychoanalytic center, somehow around here there is a very good ground for psychoanalysis. The most valuable thing we have inherited from our 'maestri' in the school of psychiatry is a deep human respect for the sick person, even the most regressed. Psychiatry and psychoanalysis are meaningless, and indeed can be easily perverted, if they do not have at their core a strong ethical tension.

**BRF:** You like to situate yourself as a post-Bionian psychoanalyst within the framework of intersubjective and BFT. Since we can recognize different models of field or intersubjective theories in psychoanalysis, we would like to ask if you can distinguish what are the main aspects of your approach?

**GC:** I can share with you a couple of things that usually help me situate where I am theoretically, so to speak. In doing so, I like to point out the shifts between paradigms but also the continuities. I try to outline some continuities so that we can be able to maintain a dialogue with each other without barricading ourselves in a dogmatic theoretical position. If we look at the history of psychoanalysis, we easily find a red thread running through all the major perspectives and theoretical models. From time to time, with each new influential author, a new conceptualization of the unconscious emerges. In general, what we realize is that, gradually, *a little more of the analyst's unconscious is brought into the analytic room*. This is the red thread of psychoanalysis. Initially, Freud explains to patients what their unconscious does and does not do. Later, he realizes that this is not enough and that there is a need for experience; that the patient needs, as it were, a new experimental neurosis, which is the transference neurosis. A purely cognitive approach does not work. Then, he realizes that it is not only the transference that matters, but also the countertransference. So, the analyst gets into it a little bit more. With Klein, the projective identification takes in a little bit more of the analyst, because you are no longer just a screen, and something happens within you. Then we have the concept of enactment, in which the analyst admits that at least for a period, short or long, he does not know what he was doing, and that unconsciously he may have been trapped in a game, the meaning of which he will discover eventually, if and when he "wakes up" from it. Then,

---

**The most valuable thing we have inherited from our 'maestri' in the school of psychiatry is a deep human respect for the sick person, even the most regressed. Psychiatry and psychoanalysis are meaningless, and indeed can be easily perverted, if they do not have at their core a strong ethical tension.**

we have all the different kinds of third parties or thirdness... But these are still circumscribed in space and time. Besides, all these new theoretical devices are still used to reconstruct and understand the patient's past. When one wakes up from the enactment, it is still directed towards the past. It is like a time machine. You have unconsciously acted in a play that was written by the patient. You were just an actor in the rehearsal of an episode from someone else's past life.

Finally, we have the concept of the field. The field is a model whose basic postulate is that, at any time, when we are in proximity to another person, unconsciously there is something that is jointly created, which cannot be isolated and said 'that belongs to one or the other'. Once a field is generated, you can't split off the emergent properties that characterize it. So, this is the metaphor that we always use to look at this unconscious 'common' layer, a kind of dynamic Gestalt field. At any given time. It's not limited in space and time, like the notion of the intersubjective third, it's not limited like enactment, which happens at certain times and refers to the patient's past. No, you are always there in the field, spontaneously engaged with the patient and vice versa. So, this is a way of going beyond the you and me split, which is still relational. Let's pay some attention to that. A true 'relational' approach is one that still describes how I give you something, you give me something else, you attack or seduce and vice versa, I defend, etc. No, this is still not the field... The starting postulate of the field is that there is this layer where it is not possible to say, at this level, what is yours and what is mine. It's like in quantum physics: there is no isolated particle, only waves and vibrations in the field. So, you see, I think this is the most radical way to bring the analyst's unconscious into the "game of psychoanalysis," as Bion calls it, but it can still be seen as an end of the red line... But why do we change our concepts? We change because at some point our community or at least an important part of our community thinks that the new concepts somehow help us more and better to understand what is going on in analysis, even if we cannot give a mathematical demonstration of it. It's a matter of internal dialogue in our community. Now, if you look at psychoanalysis around the world, the relational paradigm is prevailing in all its different forms, in South and North America, in Europe... There has to be a reason for that.

You see now the direct link between what we said about my biography and the relevance of the relationship in school to what I am interested in?... I think the "big bang" was around the early 1960s when Winnicott said that "there is no such thing as a child" unless you consider it with the mother. Bion said the same thing, not 'as a pediatrician', but because of his work on groups. In a sense, for Bion the subject is a group, internally it is structured as a group. So, they both said the same thing, but coming from different places. They all quote Winnicott's phrase, or the way Bion translates it, for example, when he says that an emotion has no meaning outside of a relationship—that's why for Bion an emotion is already a kind of primordial type of a mental concept that arises from a negotiation within a field. So, you see, this is the big bang. Everyone quotes this Winnicott quote a lot, but not everyone asks, 'What is he saying and why?'. Because, if we think it's revolutionary in some way, then we have to ask why. Yet, many of our colleagues quote this Winnicott's quote but continue to work classically. So, there is a contradiction there. I think we need to be consistent. If we quote this phrase, it is because there is something new. If there is nothing new, why do we give it so much emphasis?... Approaching my own conception of BFT... I was seduced by the way the notion of field makes our work come alive again, but the problem is you can't integrate BFT with an epistemic paradigm in psychoanalysis marked by suspicion...

Now, when I go around teaching, people always ask me what the difference is between BFT and intersubjectivity. It's not that I necessarily wanted to talk about intersubjectivity. Ferro never uses that word. It's out of his lexicon. I got interested in intersubjectivity because people ask me about it. Well, of course, you also know that in the United States there are psychoanalytic models that

---

**As human beings we are living paradoxes. As subjects, we have a subjectivity and intersubjectivity dialectically linked to each other.**

---

**There is another paradox here. BFT, which is hyper-relational, can also be called anti-relational if we consider that it goes beyond the traditional I/You division. This has significant technical implications, particularly in the way of listening. I can anticipate that for me this aspect is very important, because it helps us to approach an ethical refoundation of psychoanalysis. In fact, I think we need to move beyond the suspicious attitude in the way we listen in analysis.**

call themselves ‘intersubjective’. I say intersubjective or intersubjectivism, it’s an ambiguous term. Because it suggests to you the interaction, what happens between two. But this for me is not enough, because if we take the concept of intersubjectivity that belongs to the speculative discipline, to philosophy, to Husserl or even to Hegel, even if he never uses this word, and we bring it to psychoanalysis, there must be a reason. Otherwise, why? The only reason I see is that if you take it from Hegel you have to stick consistently to his theory of the dialectic of recognition which explains how you become a subject.

If you take it from Husserl, you should understand what Husserl came to think of intersubjectivity as this common and shared transcendental layer of being, which is pre-reflective, but later also linguistic-reflective, and of the fact that only then did he come to think that he could explain why I have access to the other and vice versa. Thus, the concept of empathy, for example, is not sufficient because it already presupposes what is yet to be explained, that is, how one accesses the other. Of course, this is perhaps a philosophical question. Instead, for some authors, who do refer to it, the concept of intersubjectivity need not be consistent with Husserl’s principle of intersubjectivity, but only with a greater sensitivity to the unconscious participation of the analyst in the analytic process.

The point is that this development of Husserl’s idea can be found in his manuscripts and unpublished writings that have only become available over the years. Do we need to make a difference between simple interaction and intersubjectivity? What might be a way to better conceptualize the concept of the unconscious as a field that is created socially, politically? As human beings we are living paradoxes. As subjects, we have a subjectivity and intersubjectivity dialectically linked to each other.

So, for me what’s interesting is to develop *this* kind of intersubjectivity, not just stick to the interaction between subjects, but that kind of phenomena that is the unconscious (transcendental) common layer. It is true that we have to accept the fact we will continue to use the term intersubjective either at a descriptive level, to say interaction, or at a metapsychological or ontological level, and then we are at Husserl and Merleau-Ponty. My effort is to provide more ontological/metapsychological substance to the concept of field.

There is another paradox here. BFT, which is hyper-relational, can also be called anti-relational if we consider that it goes beyond the traditional I/You division. This has significant technical implications, particularly in the way of listening. I can anticipate that for me this aspect is very important, because it helps us to approach an ethical refoundation of psychoanalysis. In fact, I think we need to move beyond the suspicious attitude in the way we listen in analysis.

**BRF:** You seem to be pointing to something Merleau-Ponty develops when he refers to a sort of layer that sustains our way of being with the other, which is a strong reference for field theory. Can you elaborate on how this way of co-being translates into analytic listening, and the way you think about narrativity and emotional exchange between the analytic couple?

**GC:** I will try to be schematic because there is always a lot at stake. I always remember that Ludwig Binswanger, the great psychiatrist and father of existential psychotherapy, said that the Cartesian vision of the subject, the split between mind and body, and between subject and object, is the cancer of psychology. We also know that all the great philosophy of the entire last century wanted to go beyond this Cartesian vision. So, there is Husserl, of course Heidegger who was his student, although they split, and then Merleau-Ponty—I think he became Merleau-Ponty precisely because he was able to read Husserl’s unpublished manuscripts in the Leuven archive—and then Derrida, and so on. So, you see, the great tendency of philosophy in the last century was ultimately what? I think it was to theorize the field in several scientific domains. When Heidegger says that we are not just monads, but that we live in an environment, in constant exchanges with the environment, he was

trying to overcome the Cartesian division between subject and object. He was trying to cure the cancer of psychology that Binswanger talks about. That's why I love reading some of these philosophers because they help us refine our conceptions. And because they too have benefited from the contributions of psychoanalysis—think of Derrida, Ricoeur and others.

I really enjoy intertextual dialogue with other disciplines, but it has to be between equals. It must not be a dominating relationship, which is what is happening today in the relationship between psychoanalysis and neuroscience, which undermines the specific epistemic and clinical contribution of psychoanalysis.

Thus, the notion of field was introduced into psychoanalysis by the Barangers. In the Barangers' first article, in the early 1960s, they cite neither Bion nor Merleau-Ponty. In this article they quote only Kurt Lewin. But this article was republished a few years later and then if you go back to see the two versions you no longer find Kurt Levin, but you do find Merleau-Ponty, and also Bion. At this point you can say that the idea of the field was influenced not only obviously by Klein, but also by Bion and Merleau-Ponty. I think that before going to Argentina, Willy Baranger must have had a philosophical training in Paris.

Now, let's see what I mean by overcoming the suspicious attitude in psychoanalysis. You know that Ricoeur said that Freud, along with Marx and Nietzsche, belongs to the school of suspicion. And this comes largely from the positivist position in Freud's attitude, from the fact that very fundamentally Freud's conception of the unconscious is that it is the wild cauldron of dirty things, of primitive desires and immoral drives, a kind of Dantean hell. In fact, even in our current institutions, if a colleague makes a slip of the tongue, another can respond with "I caught you," "I saw," "now I know what your immoral desire is". As Kernberg says, this is a way of establishing a relationship of dominance. I am not trying to say that the positivist perspective is not legitimate. What I am trying to say is that it is very easy for this suspicious attitude in listening to the other to be infiltrated by the ideology of the listener.

On the contrary, I think psychoanalysis should be the art of giving hospitality to the Other, and not playing Sherlock Holmes by suspecting that the other is the culprit. Sometimes we say that we ally ourselves with the healthy part of the patient against the sick part. But in the end, with transference interpretation, every time we disconfirm the patient's perspective and say 'OK, I'll tell you what really happened'. I don't like this approach anymore; now we have a completely different understanding of what the unconscious is. Here we can only say it briefly with some simplification.

We no longer think of the unconscious as hell but, as Bion says, as the psychoanalytic function of the personality. A 'device' that gives us in some way the possibility to make sense of our experience, or better, sense and meaning, implicit and procedural sense and linguistic conceptual meaning. This is why, for example, Merleau-Ponty says that perception is the unconscious, because we already put everything of ourselves into the perceptual process... our hallucinatory activity, that is always there, our memories, our body, everything. With this completely different idea of the unconscious, of course the technique changes as well. To give an example, what is important for us, from a Bionian point of view, is to understand whether or not the emotional climate of the session is conducive to the development of the mind. The focus is whether and how minds come together in the here and now, because we now have a clearer understanding of how minds are born.

For example, in the relationship between mother and child, even when the child does not understand the meaning of words... *Infant* in Latin means one who does not speak. This is the main issue, how can we promote the growth of the psyche in someone who does not understand words? You see, if we ask ourselves this, we immediately cut out the more cognitive part of our theories. Still we need to be aware that when the mother interacts with an infant, *they* are already in the symbolic register, because language and symbolic meanings

---

**I think psychoanalysis should be the art of giving hospitality to the Other, and not playing Sherlock Holmes by suspecting that the other is the culprit. Sometimes we say that we ally ourselves with the healthy part of the patient against the sick part. But in the end, with transference interpretation, every time we disconfirm the patient's perspective and say "OK, I'll tell you what really happened".**

are brought into this realm by the mother, and then inevitably pervade all the field. But from this point of view, we can no longer see the mother as separate, because otherwise you can't understand anything that's going on. What does "there is no such thing as the child" mean, after all? It means that we have to see the bond and the field that mother and child form together. And it's the same if you are working with an adult. The central point is: does the affective climate foster the growth of the mind and bonds or not?

To give an example, think of a child growing up in a family where hate and anxiety almost always prevail. His development will be terribly inhibited. A session is the same thing. In every minute, the analyst should be able to sense the atmosphere: using Bion's jargon, whether there is hate (H), love (L), or knowledge (K). Since K can go toward H or L, it is ultimately a matter of H or L. It is always dialectical in the end. How can we know what the weather is there? We don't, and we can't directly. We can only listen to what we have available to us in the session, mainly the conversation, but also what accompanies it, sensations, emotions, actions, reveries.

Then, what is the postulate that guides the listening of the unconscious? Again, the postulate is that if the analytic theater is working, if the setting is safe, if there is no fire in the theater, then virtually everything that happens at the common, transcendental or unconscious levels is co-generated...

A patient says, 'Yesterday, I was so disappointed because I had planned to go to the theater in Milan, but the highway was closed'. Is the narrative in itself important, or rather the emotion it reflects? The emotion is important to us, to try to understand the link, the connection that links us in a given moment. What might the patient be expressing? So, here we have a frustration, there is the representation of an obstacle. The analyst should use his compass, which is his own concept of the unconscious. What is this patient unconsciously telling me? In the classical model, does this narrative reflect a transference? Or does it allow me to intuit the presence of some projective identification going on? Or perhaps I should pay attention to how I am feeling right now? Is there something that I don't yet understand but that indicates some possibility of enactment that may become clear in the future?

Or, if we come to BFT, it doesn't matter if *you* read the text of the session or *I* read it. The "text" might even be a reverie of mine, which most of the time I keep to myself. But if the postulate is that practically everything belongs to the field because it is co-generated at the unconscious level, that it means that frustration from this point of view is the feeling that belongs to both of us, it is *ours*, not just yours, or mine. I infer that I myself for some reason feel the patient's feeling of disappointment. Is this emotion that we share conducive or not to being in unison, to somehow arriving at an effective synchronization, which in this model is the factor that produces order and makes our minds grow? I would say no. Somehow, I have to reopen this metaphorical highway so that we can go to La Scala in Milan and enjoy the show together.

In this way, you stop studying the patient and telling him that he unconsciously is experiencing us as an obstacle because of his past; or à la Klein, that he is seeing me through the glasses of an unconscious fantasy, active at the moment, when an obstacle arises between him and satisfaction, and that it would be a breast that is not available. What is the big difference with the field? What happens in field theory? The big difference is that as analyst I take responsibility for the disappointment, for the quality of this emotion. It is not yours alone, or mine alone, but it results from our being together... if it is *ours*, therefore, I can only *trust* in our common effort and in our more or less effective ability to transform raw emotions (beta elements) into meaningful emotions (alpha elements). So it's us, who are now trapped or stuck in a place where we are breathing air intoxicated by hate, anger, envy, etc. If I listen in this way, I am already beyond the I and You split, not suspicious of the patient, and trusting his and my unconscious at work.

This reversal of perspective, as a relational experience, *is already therapeutic in itself*. The result, I think, is that we're less exposed to the risk of a kind of

---

**What happens in field theory?  
The big difference is that as analyst I take responsibility for the disappointment, for the quality of this emotion. It is not yours alone, or mine alone, but it results from our being together... if it is ours, therefore, I can only trust in our common effort and in our more or less effective ability to transform raw emotions (beta elements) into meaningful emotions (alpha elements).**



very subtle ideological infiltration, which means that often with good intentions we run the risk of judging the other, diagnosing the other, disapproving of the other, perhaps implying that if they don't change it's their business... or they have some kind of primitive destructive core, so to speak, that makes them wrong. Well, do you see how the technique changes?

So, when we talk about very speculative and abstract things like the transcendental common layer of intersubjectivity in Merleau-Ponty and Husserl, to me this is important because what interests me is what we can derive from this for clinical work, how to refine our technical tools. Some people, like Donna Orange, would ask: 'Isn't this too abstract?'. No, it isn't. Freud can be very abstract... What about his metapsychology?... never heard of *Vorstellungen repräsentant des triebes* or of primary repression?

**CMA:** You make a clear difference between BFT and psychoanalysis oriented by Freudian principles. There seems to be a line of thinking that allows you to view phenomena like masochism and envy with very different lenses than the traditional ones.

**GC:** First of all, yes, you emphasize how different this seems from classic psychoanalysis. It may seem that Bion came from another planet, but it's not the case. Why? To know why, we need to do our homework with Melanie Klein. The linking point between classic psychoanalysis and all those concepts of death drive, resistance, regression, etc., which in fact I do not use, even if they are always in the background. I love to read Freud and I published many papers where I discuss his. You don't need to draw away pieces of other models or psychoanalytic wisdom, even if when working clinically I think you need to be coherent and be capable to justify how you listen, why, what you do, what is your theory of therapeutic action... So, it's not that I could ever embrace a *naif* attitude of eclecticism... immediately I would see the contradictions. If you are suspicious, you are or you are not, and this is a big division. Anyway, if you do your homework with Melanie Klein, it's very easy to understand. If you read Klein you don't find the word 'dream', you do find it here and there, but not as a true theoretical issue, which is astonishing. In Hinshelwood *Dictionary of Kleinian Thought* you find half a page on dream. The first time I saw it, I couldn't believe my eyes. But I come to realize that it is because for Melanie Klein dreaming is play.

In child psychoanalysis the child does not tell about his past, you cannot give transference interpretations, even if for Kleinian psychoanalysts there was this use of so-called deep interpretations. Nowadays we would think that the child could only listen to their music as a vehicle of the analyst investment. In the end you have all the factors of the post-Bionian way of working, meaning that what you do is trying to increase the capacity for symbolization, and you do this through play. In BFT, as in child psychoanalysis, both actors are on stage, all that time they are 'playing', in fiction... this is the meaning of concept like transformations in dreaming or in hallucinosis. *Then, the real model of how we work in field theory is play.* In play, you are engaged, you are not there as just a blank screen. All is in the fiction. You are not *primarily* looking for contents or reconstruction. With Klein, you can understand immediately what we mean when we say that all dialogue can be seen as play and shared dream. Indeed, this isn't but a trick to remind ourselves that we should always ask ourselves, *why now, why this, what is the unconscious meaning of it?*

**CMA:** And about masochism? How do you see it?

**GC:** Some years ago I published a paper in JAPA, about masochism, called "Masochism and its rhythm". There is a way to see masochism as different from a blind repetition of death drive. This explanation does not satisfy me, precisely because I work with a different concept of unconscious. To me, masochism is like a rehearsal at theater. It is repetition but aimed at giving a better meaning to what matters to you consciously and unconsciously. So, it is a completely different way to look at masochism. But, when in a session a

---

**You don't need to draw away pieces of other models or psychoanalytic wisdom, even if when working clinically I think you need to be coherent and be capable to justify how you listen, why, what you do, what is your theory of therapeutic action... So, it's not that I could ever embrace a *naif* attitude of eclecticism... immediately I would see the contradictions.**

patient *tells* you narratives about his masochism, here of course we enter in the dream of the session. Immediately ‘masochism’ becomes a character in the field that hypothetically is expressing what is the quality of the emotional linking in the here and now.

I could give you another little example. A patient tells you that she suffered a real trauma in the past. She was abused at ten years old. You understand that, react humanly, keep in mind all theories about what trauma can do, etc. But the last lens that you should use, which is the most meaningful to me, is the *Why this, why now? Who is ‘abusing’ who here? Are we both being prevaricating on each other?*

‘Abuse mode’ in the session could be a lack of emotional availability... could be many subtle things that are narrated through recollections about traumas and so on. Is it a matter of overlooking the past or the reality of the trauma? Not at all. It depends on what your main goal is.

If it is to develop the capacity for thinking and for symbolizing, then the lens that gives me a picture of what is happening of a higher possible level of resolution is the meetings of the mind. If I use the electronic microscope, it’s not that I neglect the optical microscope. Is that in that moment I choose this tool and not another tool. I know this can be seen as too radical but is very coherent and it’s very logical. If the unconscious is always speaking, then it is speaking also when the patient is telling you about the highway that was closed or the trauma that he suffered in the past. And again, the basic postulate is that, no matter what is the narrative, we are going to look at it as a shared and as a clue about the quality of the emotional linking.

If you go back to *Beyond the pleasure principle*, you will see in that incredibly beautiful book, Freud says that *dream-work* tries to take us from *Shreck*, which can be traumatic, to *Angst*, ‘just’ anxiety or fear. I love this essay very much because Freud shows already a beautiful understanding of the transformative function of dreams which is very much in agreement with Bion’s and post-Bionian’s view. In that paper, he aligns traumatic dreams, masochism and the beautiful pages about Ernst playing with cotton reel game. *Why does Freud line them up?* Because he is telling that they have something in common. What? Precisely, this transformative quality. When Ernst draws away the toy (the object, the mother), and then he keeps it back, what is going on there? Is he masochist because he draws away the mother? No, he is transforming the absence of the concrete mother into a symbol in his mind. He’s learning to symbolize. This my take on masochism in the patient, not something destructive by nature.

**CMA:** So you view phenomena like masochism and envy through very different lenses than the traditional ones?

**GC:** Absolutely. Envy for Melanie Klein is linked to death drive. And also, up to a certain time, for Bion, and for Bion is difficult to understand. Why? Because you have to listen the four Bions: you have the Bion of groups, the Bion of the Kleinian essays, the Bion of the four big books and seminars, and you have the Bion of *A Memoir of the Future*. If you re-read “Attacks on Linking”, all the time Bion tells the patient that the patient doesn’t want to accept the good things he his giving him. This is because of envy, this is because of death drive and there is this kind of internal explosion of the invisible visual hallucinations—precisely, the attack on linking. He never considers the possibility that he might be the one who is attacking the patient with his disorganizing interpretations. So, this is very Kleinian... And nonetheless it is a brilliant essay, not only from the Kleinian perspective, but also for all the things that can be glimpsed that prepare for future developments in his thinking.

So, envy sounds completely different to me. I was discussing this yesterday with a colleague who wants to write about envy. Envy is a kind of fever; it signals that someone is missing something that is very important to them. So, it should not be seen as a sin, as the Catholic church tells us. If you see it as a sin, as if the patient is bad because of his desire for omnipotence and wants

---

**Envy is a kind of fever, it signals that someone is missing something that is very important to them. So it should not be seen as a sin, as the Catholic church tells us. If you see it as a sin, as if the patient is bad because of his desire for omnipotence and wants to take advantage of you, you are not understanding the patient. The envious patient is someone who is dying of thirst, because he is in the desert and has no water to drink. You have to give him water, not hit him by saying he is envious and bad or wrong. Like shame, envy is the thermometer of the quality of the relationship.**

to take advantage of you, you are not understanding the patient. The envious patient is someone who is dying of thirst, because he is in the desert and has no water to drink. You have to give him water, not hit him by saying he is envious and bad or wrong. Like shame, envy is the thermometer of the quality of the relationship.

**CMA:** In “Attacks on Linking” Bion described how destructive aspects of personality affect links between psychic elements. How do you think about destructive parts of the mind in your psychoanalytic work?

**GC:** We can think of destructiveness or aggression in different ways. Aggression is either primitive, animality, wild crowd, as Freud would say, needing a police force to contain it; or a result of frustration. It's a big division in psychoanalytic thought. Of course, pathological aggression is not the healthy capacity for self-assertion. Maybe I'm too optimistic, I don't know, but for me, aggression always comes from frustration. By the way, there's something wrong when Freud seems to be sort of idealizing, for example, 'animal' sexuality, where he says that somehow civilization is based on the repression of sexuality. I think he's confusing reproductive behavior in animals with human sexuality. Animals don't have sexuality. So, in the same way that we repress sexuality, we also liberate (human) sexuality. The same with violence. Our violence is not animal violence. We liberate our specific ways of exercising violence. Foucault and Girard address this same criticism to Freud. When we look at the animal as a model it is very easy to forget our specificity, which is given by language and self-consciousness. As some neuroscientists do, you cannot study animal perception, for example mirror neurons, and say that this explains human perception. No, because human perception, as Merleau-Ponty writes, is the unconscious; that is, it is also linguistic, cultural, social, political, etc. A short circuit is triggered every time we reason in this way.

**BRF:** And what about the place of sexuality inside the analytic room. How do you deal with it?

**GC:** Well, I think I have already answered that question, you see. Of course, sexuality is very important in psychoanalysis, we know the whole story. But perhaps we have to ask why sexuality is so important in people's lives. What would you say?

**BRF:** From a relational point of view, maybe it is because it has to do with pleasure in bonds and intimacy between people.

**GC:** Yes, that's right, but it still is too general. Why is it so dangerous?

**CMA:** Maybe it is because it has to do with the balance between being too much close or too much distant.

**GC:** Yes, of course, I would say that intimacy (L) never comes without the fear of betrayal and abandonment (H). The point is that every time you feel gratified because you have gained more intimacy, your fears of being betrayed and abandoned, destroyed by this relationship, also grow. That's why sexuality is important in people's lives. But from a BFT perspective, it is the 'sexuality' in the analytic room that matters, not the sexuality that you can talk about elsewhere. In the analytic session, I don't see why a certain narrative content, for example sexual, should be privileged over another. At the theater everything is theatrical, that is 'fictional'.

However, we must remember that this may be your point of view but not necessarily that of the patient. Consider that in the example of the blocked highway that event is real, but in the session, we can feel it as a dream. But this is not the patient's perspective. So, because it's always a special event, we have to consider the formal aspect of what it means to tell another person a dream or to talk about intimate things. By the way, in my perspective, the analytic dream is not the dream that the patient had at night, but the telling of the

dream in the here and now, which, again, is a shared event. The same applies to sexuality.

Another key point is that even if this is our theoretical perspective, and if these are the tools, we use to be receptive to the discourse of the unconscious, we should not pay too much attention to interpreting. The whole thing would become a kind of perverse decoding of the conversation. Absolutely not. In this way, we would not understand what Bion means when he says that we must listen without memory, desire, and understanding.

This basically means that you have to do your homework, understand the principles, the basic postulates, be able to tell someone the differences between models and concepts, explain why you choose to do this instead of that, and at the same time give yourself the space and time in the analytic situation to be surprised by the moment when this concept or perspective spontaneously comes back to you. This is the only way to allow the ‘selected fact’, in Bion’s jargon, to pop up. An event, something, a feeling, an image that gives you the idea that perhaps you are sensing something true about what is going on in the session. As Walter Benjamin says of artistic creativity, this is the art of shocking. But it is a “happy” shock. It’s a shock that is immediately contained by the fact that it gives meaning to the experience. So, for me, it’s important to immerse yourself in the dialogue for a while, one session, two or three sessions, whatever, even staying in the naively realistic way of seeing things.

The important thing is that sooner or later you wake up from this dream/illusion of reality and ask yourself, ‘Um, what did we say or do here?’.

**BRF:** I often hear in your speech a group dimension in the use of the word “we”, in the questioning of what “we are doing together”, when you refer to the analytic encounter. Perhaps what you are telling us that the concept of transference and countertransference still belongs to the division between self and other present in the relational model? If so, is your proposal that we should add another vertex of analysis regarding analytic phenomena, beyond what transference and countertransference allow us to access? Is that the case?

**GC:** This is a good question. First of all, I’d like to answer something that perhaps Bruno asked when he said that there are different ways of understanding the field. People tend to believe that the field model is the one proposed by the Barangers. Well, yes and no. Because the Barangers were saying that the ‘bastion’, the bulwark is something that is constituted by the participation of the analyst and the patient. So, it is something that would not exist if patient or analyst weren’t not both there. But to me, their approach seems very similar to the concept of enactment. *The fate of the bulwark is to be eliminated.* In this way I could say that in Barangers’ description of the concept the field is limited to the negative of the analytic field. On the contrary, what I mean is a much broader notion of the field as the metaphor that helps, despite its positive or negative valence, to attune to the unconscious life of the analytic couple. Nowadays that field theories are having much success everywhere, we have this proliferation of the concept of field. It’s like parsley, which you can put everywhere. Okay, you can do that, but field theory comes from Lewin, from quantum physics. It means precisely that there is a system whose emergent properties cannot be explained by any of the properties of the parts of the system if we look at them in isolation. So when I see people using this metaphor and then there is not this field that works like this in what they are showing, I ask, why bother with the effort and struggle to use the concept of a field? It’s just that what you’re describing is not the concept of field, despite the use of the word. In any case. Can we be eclectic? Use different models? In different patients or with the same patient at different times? I’m a little skeptical about that. Why? For example, people always ask me, Giuseppe, but how can you say that this reverie you have is not a countertransference phenomenon?

First of all, the term reverie is getting a little confusing. That’s kind of what happens to the concept of countertransference. Because it seems that people

---

**There’s something wrong when Freud seems to be sort of idealizing, for example, ‘animal’ sexuality, where he says that somehow civilization is based on the repression of sexuality. I think he’s confusing reproductive behavior in animals with human sexuality. Animals don’t have sexuality. So, in the same way that we repress sexuality, we also liberate (human) sexuality. The same with violence. Our violence is not animal violence. We liberate our specific ways of exercising violence.**

---

**Another key point is that even if this is our theoretical perspective, and if these are the tools we use to be receptive to the discourse of the unconscious, we should not pay too much attention to interpreting. The whole thing would become a kind of perverse decoding of the conversation. Absolutely not. In this way, we would not understand what Bion means when he says that we must listen without memory, desire, and understanding.**

have forgotten that countertransference is an unconscious phenomenon, but instead we see an indiscriminate use, as if everything the analyst feels is countertransference. So today it also seems that everything can be a reverie, but a reverie is like a dream while we are awake and by definition is something we experience in a state of passivity other than associative thinking. When a reverie emerges, it appears as a cut and has no clear connection to what is happening or being said. Furthermore, the capacity for reverie is more akin to Winnicott's primary maternal concern than to mere reverie. So, people ask me, how can you say that this reverie is not a countertransference phenomenon?

And then I have to say that we should start having clear notions of epistemology. If my initial postulate is different, if my initial postulate says that what happens is co-created and shared, then that is no longer the appropriate question. Because, by definition, if my hypothesis pushes me to see everything as shared, there is no logical space for a phenomenon to be conceptualized as countertransference. That conception of the same phenomenon corresponds to another postulate. But now, why do I say that we have to have a clear sense of epistemology. Because we cannot prove a postulate. Not even in mathematics or geometry. How do we know if one postulate is better than another? From what allows it us to recognize, think and do 'downstream'. Therefore, we cannot simply transfer a concept into another theoretical framework. Because even if it has the same name, a concept only exists in a network of concepts that gives it its meaning.

So, my answer is that yes, a reverie can be seen as a countertransference phenomenon, absolutely. But in another epistemic framework, where the postulates are different, by definition, it cannot, not in BFT. The issue is that you have to accept that either you see the profiles or the vase.

**CMA:** In 2014 you wrote an important article on the influences of Romantic aesthetics on Bion's work. In your latest book, *The Hour of Birth*, you have extended these ideas to explore the origin of the psyche and its ongoing development through life. Could you tell us a little bit about that?

**GC:** Ogden says that, in human history, Freud invented two new ways of relating to the other, which are the analytic session and the supervisory session. This is wonderful! The Freudian *Junktim* is wonderful. No one else can say these things using our own vertex. So, psychoanalysis is a technique of treatment, it is a theory of mind, but it is also a method of inquiry into psychic processes. It is also the foundation of critical theory and new way of doing art criticism. Psychoanalysis is a lot of things, and we should be proud of it. We know that Freud was the first to relate psychoanalysis to art, but over time classical Freudian criticism has become a bit obsolete. Putting the artwork on the couch, so to speak, doesn't work because you lose the most important part of art, which is the formal aspect. However, psychoanalysis has a lot to say about this, and vice versa. Why? Precisely because of what we said earlier. We said that the infant does not speak yet. What is the infant? The infant is, from one point of view, like an abstract painting. It is a system of sensations, affects, rhythms. A child moves from the womb to what Kristeva calls a *semiotic chora*, a dynamic space that, if "happy" enough, generates subjectivity. So, you see how important the aesthetic experience in art is to understand how we are born and continue to be born throughout our lives. Why do we seek art so much in our lives? Because we always want to continue to be born with new ideas, and especially new embodied ideas. We aim at enlarging our power to act, our freedom. And that's why I call it 'the hour of birth'.

**BRF:** I would like to ask you what are the continuities and discontinuities between your concept of the sublime and that of the aesthetic conflict of Donald Meltzer?

**GC:** In my second book that in English is titled *The Violence of the Emotions* (Civitarese, 2012) there is a long chapter on aesthetic conflict. I have always been very fond of Meltzer who is the author of this concept, even if he very

---

**What is the infant? The infant is, from one point of view, like an abstract painting. It is a system of sensations, affects, rhythms. A child moves from the womb to what Kristeva calls a semiotic chora, a dynamic space that, if “happy” enough, generates subjectivity. So you see how important the aesthetic experience in art is to understanding how we are born, and continue to be born throughout our lives. Why do we seek art so much in our lives? Because we always want to continue to be born with new ideas, and especially new embodied ideas.**

honestly admits having found it in Bion. Indeed, at the beginning of my chapter I remind the reader of this fact. I also had the good fortune to know Meltzer personally, because he used to come to Italy to supervise cases when I was a student trainee in psychiatry. He was the first to really comment on Bion’s contributions and expand on Bion’s ideas in a very original way. I think Meltzer has been somewhat sidelined lately. I don’t know why, but he is a very, very interesting thinker.

So, what is essential about the birth of the psyche, when there is only the preverbal experience of breast and non-breast, of *thing* and *no-thing* (as opposed to the *nothingness*, that means pure terror)? It is the rhythm, as in little Ernest’s fort-da game; the being and the non-being, the trace of the gratifying experience of contact with the breast, which then becomes a symbol or word that allows one to tolerate absence; but then also, of course, being able to experience gratification in presence again, because otherwise a person would fall into the abyss of non-sense.

Aesthetic conflict is the same thing. One has to tolerate the fact that we don’t know what is beyond the realm of our conscious experience. We cannot know what is in the mind of the other, or in the mind of the mother, even if she is beautiful and smiling. In our analytic work, it is always the patient’s question, ‘Do you love me because you love and accept me or because I pay you?’. But it’s reciprocal, notice, it’s a field even the analyst might ask: ‘Is the patient grateful to me, sincerely grateful because I helped him or not? So, does he love me or was it just an instrumental relationship?’.

Yesterday I had to console, calm down a young patient of mine in analysis who was abruptly abandoned by his patient. He was in a critical emotional state. So, it is always mutual, intimacy always brings the fear of betrayal and abandonment. Thus, the concept of aesthetic conflict, redefined by Meltzer, helps us as a tool to understand the various related issues of the emergence of meaning, in clinical work, theory, and art criticism. So, yes, my interest in the sublime is a way to continue my inquiry into aesthetic conflict.

**BRF:** Could you tell us something about your notion of embodied sublimation? Does it anticipate the emerging process of abstraction from concrete reality in which subjectivation consists of?

**CG:** Absolutely, and it’s always intersubjective, it’s always social. This is another very important aspect. Sometimes they ask me ‘Yes, Giuseppe, but if you say that everything is co-created and co-generated, where does the subject go?’. Actually, the subject does not go anywhere, because the subject is there, the point is that the subject, the empirical self, as an isolated entity that moves, that takes initiative, is what is visible, is the conscious subject. Psychoanalysis is about the invisible, it is about expanding the invisible fabric of our intersubjective flesh. If subjectivity and intersubjectivity are the two sides of the same coin, this means that if our intersubjectivity expands, then it is also our subjectivity that is strengthened. There is no opposition between intersubjectivity and subjectivity. Intersubjectivity, as an expansion of one’s internal sociability, is what allows for multiple points of view on a topic or subject, which is by definition being psychologically mature. Conversely, blending in with the crowd means that you have less connection to the infinity of others and language, and that you must dogmatically attach yourself to one perspective. It is in this condition, or moment, that our intersubjectivity is limited. Therefore, expanding intersubjectivity means at the same time expanding subjectivity in the subject, because they are dialectically related. This is also why it is important to develop the concept of intersubjectivity. To better understand this dialectical game and not get stuck in a naive and dichotomous view of the subject and intersubjectivity. What’s more, this is precisely a wonderful model of what happens when psychological distress arrives. It comes, as Bion and Winnicott have wonderfully shown, when the child faced with an object that is not available, must somehow develop a false self, obey a cruel superego and live in a world of tyranny, not in a democratic

world; and he must stick to a single vision that is dictated by the object. This is not the realm of freedom.

Given this, by ‘sublimation’ I do not mean the classical Freudian concept; if anything, I try to see, for example in my book *Sublime Subjects*, how it can be made to dialogue with the concepts of the sublime, which comes from the field of aesthetics, and of sublimation of the flesh, which we owe to Merleau-Ponty-Ponty. In essence, I am trying to explore the field of intercorporeality, that is, the processes of abstraction (of subtraction of the concrete) that take place on the corporeal plane and not yet *directly* on the linguistic one. For example, an affect or a habit—as we know, already a subject of study for Hegel—from a certain point of view can be considered an embodied ‘concept’.

**CMA:** The SPP will celebrate its 40th anniversary. What would you like to convey to young psychoanalysts in our Society?

**GC:** I could say, as you can clearly see that after almost half a century of being interested in psychoanalysis in one way or another, my enthusiasm has grown with time. I feel that this is an absolutely vital, beautiful discipline, and it is worth devoting my life to it, but we need a theoretical and ethical re-foundation of our theories along the lines we have been saying. Then, we need to reform our institutions. At the recent Congress of the Mexican Society, I was asked to say something about the future of psychoanalysis. I said that we only have a few centuries left, but that we need to reread the Kernberg essays, which are beautiful, about how we are so capable of destroying the creativity of candidates and we are so capable of functioning as a church, not as a scientific institution.

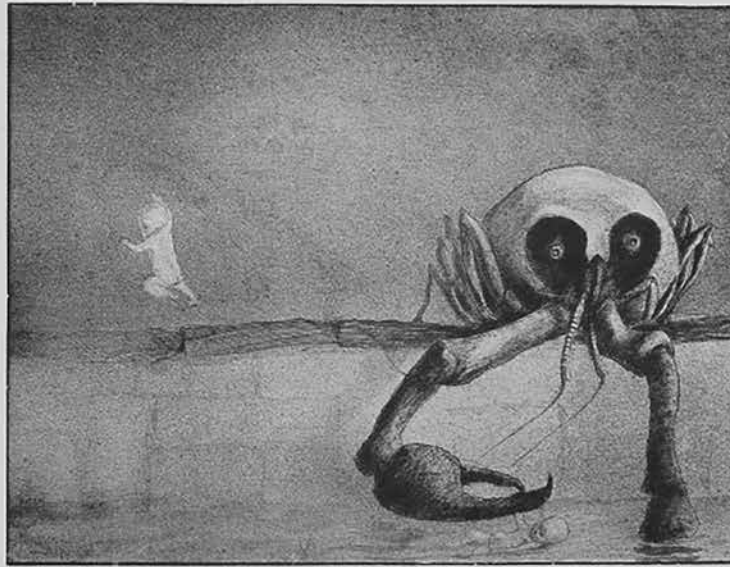
The last one is called “How to Avoid the Suicide in Psychoanalytic Institutions.” If a former president of the IPA, and a creative and intelligent theorist, says it, we must take it seriously. We need more transparency, more democracy, to accept the normal rules for the evaluation of scientific work (the *h*-index), without appealing to the defense of local traditions, which is just a way to avoid confrontation. Nowadays, if a cardiologist or a psychiatrist said, ‘This is our tradition and we do as we like’, we would laugh at them. We need to put our young colleagues in a position to develop careers and become creative in psychoanalysis, not infantilize them anymore and say that at forty-five years old they’re still kids. And we seem to have a peculiar biology. While everybody else retires at seventy from institutional work and then goes on to do other things, we sometimes *start* in our seventies—for example, to teach. I know of only one other institution where the career is tied to unquestioning loyalty to the institution and to age: the Church. Basically, I believe that if we don’t reform our institutions there will be a risk of being delegitimized by the other institutions in our society. If we blindly claim to defend what can no longer be defended, we will be simply marginalized.

So, what I’m saying is that psychoanalysis is worth devoting your life to, it’s really exciting and beautiful, but only if our institutions really show a willingness to reform themselves. That becomes very concrete for young analysts, a matter of life choices. For instance, I’m well aware that I didn’t follow an academic career that was already there, because I somehow idealized psychoanalysis, which is normal; still, at the time I started, psychoanalysis had a very different place in society. We lost many positions. We have to ask ourselves why. I don’t think this is just my sentiment.

**CMA E BR:** Thank you very much Dr. Giuseppe Civitarese, for this honest, interesting and playful conversation. It was for us an honor to interview you and get to know in detail your thoughts. We are certain that this interview will be of great relevance and arouse the interest of Portuguese psychoanalysts. 🍷

---

**We need to put our young colleagues in a position to develop careers and become creative in psychoanalysis, not infantilize them anymore and say that at forty-five years old they’re still kids. And we seem to have a peculiar biology. While everybody else retires at seventy from institutional work and then goes on to do other things, we sometimes start in our seventies—for example, to teach.**



A. KUBIN  
Die Stunde der Geburt

Alfred Kubin, Die Stunde der Geburt.



TEORIA E EPISTEMOLOGIA – ARTIGO CONVIDADO

# The Infantile in the Psychoanalyst at Work

Florence Guignard<sup>1</sup>

1

Psicanalista Titular com funções didáticas da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), tendo pertencido às Sociedades Psicanalíticas da Suíça (SSPsa) e de Paris (SPP). Membro direto da IPA com funções de formação e de supervisão em Psicanálise de Crianças e Adolescentes à escala internacional. Presidiu à COCAP, da qual é membro destacado. Fundou a SEPEA (Société Européenne pour la Psychanalyse de l'Enfant e de l'Adolescent), à qual presidiu mais de uma vez. Membro do Conselho Editorial da revista *L'Année Psychanalytique Internationale*. E-mail: florenceguignard@bluewin.ch

ABSTRACT

In order to define the Infantile and to examine its role in the analytic relationship, I considered this concept from both its developmental and structural status. I based my position on Freud's view of a double Unconscious, together container of the repressed and drive source. I also used jointly both Freudian models of the psychic apparatus, that I do not consider as exclusive from each other, but as complementary, although not always easy to put together. This led me to consider the peculiarities of the criteria for the termination of the analyst's personal analysis, and to try and describe the economic situation of repression in the psychoanalyst at work. By observing the impact of the Infantile-of-the-analysand upon the system PCS-CS of the psychoanalyst, I dealt with the odds and ends of the lack of representation and I tried to examine the situation and the future of the blind spots issued from such an impact.

KEYWORDS

**Infantile**  
**Analytic relationship**  
**Blind spots**

## INTRODUCTION

The handloom of the psychoanalyst invites her to weave the warp of her clinical activity together with the weft of her personal Metapsychology. I define it as personal because of the important unconscious part played in it of a knowledge available with all the odds and ends of its polysemy and its translations. This is so, that one day I discovered the urge to propose a new concept: “the Infantile”. Believe me, to jump from the adjective to the noun took me much time and reflexion!

Because “the Infantile” is something that takes much place and can be cumbersome. It bothers nearly everybody, except the artists, because you cannot create anything without it, but even the artists find it difficult to live with. Still, there are also other exceptions, for instance those psychoanalysts who are treating children, in addition to their adult patients. This is probably the reason why they accept their own Infantile more easily than some other people who are viewing themselves so earnestly. Those child analysts know that without their own Infantile, they would really be embarrassed to experience and analyse their countertransference when they are confronted to the Infantile of their patients, including their adult patients.

Because I never leave my scientific ideal, I had to write a definition of it. That was in 1994 — printed in 1996 — and it went so:

*“A strange historical-ahistorical conglomerate, the cradle of primal phantasies and sensory-motor experiences that are memorisable in the form of mnemic traces, the infantile is the psychic locus of the first and unrepresentable emergences of the instinctual drives. Of this initial event (“avant coup”) we only know the representable derivatives in the form of infantile sexual theories on the one hand, and of mnemic traces on the other. A basic structure on the edges of our animality, a depositary and container for our instinctual drives, both libidinal and aggressive as well as epistemophilic, the infantile is the “flexible” blend of instinctual drive activity and structure which results in our being who we are and not someone else. Irreducible, unique and therefore universal, the infantile is thus the means by which our mind comes into being, through all the developments of its psychic bisexuality organised by the oedipal configuration.*

*On the frontiers of the unconscious (Ucs.) and of the preconscious system (Pcs.), the infantile is the most acute point of our affects, the locus of hope and cruelty, of courage and insouciance. It functions throughout life, according to a double spiral, both processual and signifying, and it*

*can be found even in the most severe pathologies, provided one does not confuse these with the normal organisation of this infantile. And if, until we die, it continues to act simultaneously at the level both of the secondary oedipal processes and of primitive mechanisms, it is because this human infantile is heir to the extraordinary instinctual drive force whose fantastic deployment can be observed in the rhythm of the psychic development of the first stages of human life. And yet the instinctual drive aspect is not the only one involved in this attempt to define the infantile. The concept also covers what it carries along with it in terms of hallucinatory activity and the proto-symbolic, preforms that are emerging permanently in all our mental activities. Once the fixation points that fix our modes of being and having in sterile repetition have been unravelled thanks to analysis, these preforms will give back their vigour and underlying drive efficiency to more mature organisations, “setting the tone” of our personality as a subject in our usual adult mode of functioning.”*

Twenty-seven years later, I have neither found a more satisfactory definition, nor succeeded in take off any part of it and I keep on observing the Infantile in myself, in my patients, in my neighbourhood, in my colleagues.

Going further with my everyday weaving, I proposed a “genealogy of drives” in 1997, then a “classification of psychoanalytical concepts” according to their degree of complexity in 2001. This allows me to locate the concept of Infantile at the border between the sexual drives and the Ego drives, and in the family of the “concepts of the third type”, that try to describe “the-links-between-the-links” and are fit for the description of dynamic situations that develop in time and space. However, all this does not justify my urge to propose a new psychoanalytical concept, as we have already so many of them! In fact, I was bold enough to imagine that we could find it useful in our everyday monitoring of our counter-transferential movements.

#### **IN THE ANALYTICAL RELATIONSHIP**

We all know that the analyst’s tool is her own psychic apparatus. Because the unconscious quality of it, this tool is remaining out of her conscious mind almost in totality.

Should we propose a metaphor of the analytical encounter, we could propose that of a shifting constellation of points of impact that generate tensions between two virtual spaces: the psychic space of the analyst and that of the analysand. Each of these spaces has, of course, its own organisation, but also common points, which I will place within two categories: (a) the oedipal organisation; and (b) the group mentality inherent to every human mind. In the analytic encounter, these points of impact will become functional. Under the fine conscious film of the therapeutic alliance, an encounter between the analysand’s demand and the analyst’s

acceptance, the analysand will cathect these frontier spaces in an unconscious transferential mode belonging to the past, that is, to the transference. These spaces, which the analyst will have explored in his own personal analysis, are those of the double emergence of his countertransference and of his valency as an anaclitic object.

During the work of elaboration set in motion by the analytic treatment, the reorganisations due to the upheaval of repression and to the disappearance of certain cleavages will give way to new representations in the system PCS of one, or the other protagonists of the analytic couple. Such representations will inform them about the present state of the intrapsychic and interindividual conflicts of each of them — not only of the analysand.

Because we meet a coalescence of transferential and counter-transferential factors that have to do with the limits of the psychic competencies of both the analyst and the analysand, we shall meet much resistance in the analytic field, linked to unconscious representations. It will be the analyst’s task to observe in herself the preconscious offspring of the latter.

In the course of each analytic encounter, a proper mode and rhythm of relation will soon be established, monitored by the analyst. When minimal disturbances of this mode and rhythm occur, they might not be noticed, just as it happens with minor troubles of the respiratory or cardiac movements. But when there are more important disturbances, one can observe a *lack of representation*. Classically, such an absence is attributed to a movement of *transference*. However, such an absence of representation can be observed in the analyst, in relation to her counter-transference. To define this lack of representation, I borrowed from Freud the expression of “blind spot”, and I discovered that such a blind spot was experienced at an unconscious level as *the loss of an internal, meaningful object* — no matter if good or bad.

Normally, at the unconscious level of the mind, such a lack of representation will set in motion a process of figuration similar to that of the dream, and following the same lines of destiny: like the dream, this process of figuration will, most of the time, be instantaneously engulfed into repression; sometimes, though, it will provoke some confused images disowned of limits between the external and the internal world, between the Self and the Other, or else, between perception and hallucination. Rarely, a representation occurs in the double register of thing-representation and word-representation, for the sake of the analytic work of association and decondensation.

#### **ABOUT THE INFANTILE-IN-THE-PSYCHOANALYST**

I needed still much time and reading and writing to settle down my observations and confirm the

fact that, yes, the Infantile was indeed the psychic space in which I was experiencing this temporary blindness, experienced as a loss of object.

As a student, Freud, Claparède, Piaget, then Melanie Klein, Winnicott, René Spitz, Serge Lebovici and René Diatkine were my masters. As a beginner in psychotherapy, I was confronted to children of various ages, who were waiting from me a help that I was not always able to bring them. This situation forced me to re-discover in myself the cathexis and the quality of attention, of sensorial capacities and of reminiscences of implicit memory arising from the first times of my existence. Later on, when I have also had adult patients, I could evaluate the importance of such a kind of listening to discover the Infantile of those patients as well.

Two parameters of the Freudian metapsychology were decisive to confirm the importance of the Infantile for the analytic functioning:

- The primordial value attributed by Freud to the infantile modes of thinking and of emotional cathexis, such as expressed in the sexual infantile theories, in the oedipal configuration of the psychic functioning, and in the infantile neurosis as a model for the transference neurosis;
- The concept of “drives”, as a “border-concept”, based on the Freudian discovery of a constant push of the drives, never exhausted by their satisfaction. Many thanks to the late André Green for having reminded this to all of us in such a mighty way!

Later on, I could observe how my colleagues who asked my help in supervision were surprised by the strength of reorganisation and transformation of any interpretative intervention addressed to the Infantile of their patients of all ages.

From then onwards, I oriented more specially my attention on the effects due to the Infantile of an adult person upon another adult person — more specifically, upon the analyst at work.

I shall briefly recall some characteristics of such a situation:

To begin with, I remind you that listening to our patients Infantile is not an easy task: “His Majesty the Baby” is egocentric, hedonistic, but also pertinent and clairvoyant about what we would prefer to “hide under the carpet” about our own intrapsychic and interpersonal conflicts. However, such a listening is also invigorating, as it is directed to our own infantile elements, specially those that arise in the present of the analytic situation as being the first expression of the drive that drives relentlessly.

The natural target of the patient’s Infantile is of course its *analogon*: the analyst’s Infantile. The meeting of the two will produce an unbounded excitement, due to the strength of the drive that it expresses. Hence, the analyst’s defences are mobilised against what is usually designed as “the

child’s seduction addressed to the adult” — which is, by the way, the complementary version of what Jean Laplanche defines as “the seductive mother” of the beginning of the baby’s life.

I would like to characterise here the analyst’s defence when confronted to the meeting of his Infantile with that of his patient. According to my observation, this is a “blind spot”, whose function is to hide the transfer-counter-transfer issue at that precise moment of the treatment, because this “blind spot” is containing the internal object — mostly a part-object or a part of the Self — projected into the analyst by the patient at that very moment.

As long as the analyst is not aware that s/he is in a blind spot, s/he will behave herself — be it only in spirit — *like* this object of transference that s/he represents without being conscious of it. A classic example of it is given by the feeling of anger an analyst might — silently — experience against a person of her patient’s surroundings, going sometimes up to the impression that all her analysand’s misfortunes are caused by this person... person that the analyst is precisely representing in the transference. From then on, as we know, such a discovery of the negative transference is only the beginning of a long and painful process.

The normal destiny of the excitement caused in a person by the impact of another person’s Infantile is to diversify, to be linked by the Ego drives for a part of it, and to be repressed again for another part, so that the interpersonal relations would be protected against a too high drive excitement. The same should occur for the psychoanalyst at work... However, her situation is more complicated, as s/he has to *understand what is happening in such a blinding situation*.

Linked to her inability to have a representation about what is going on, her feeling of a libidinal loss might bring the analyst to *deny the negative*, this loss that does not say its name and that challenges her at the level of her narcissistic identity feeling. S/he will then be tempted to give the analysand a “ready-to-wear” interpretation, what I name a “stopper-interpretation”. Amongst those, let us mention:

- (1) *Recourse to the analysand’s personal history* is used *abundantly*, particularly when one or several severe traumas have occurred in the course of this history.
- (2) *Recourse to psychoanalytic theory*: Each one of us is familiar with the temptation of such recourse, which is aimed at circumventing a distressing element of the emotional field in the analytic relationship. The blind spot aroused by the impact on the analyst of the infantile-in-the-analysand sometimes acts as a strong spur for the analyst to have recourse to psychoanalytic theory as a stopper-representation.
- (3) *Recourse to making the analysand feeling guilty* should be an ultimate system of alert for analysts in search of their blind spots. Like a bad student, the analysand

refuses to listen to an interpretation that is nonetheless deemed to be clear by the analyst who, in addition, has repeated it several times without success. Sometimes it is the analysand who best expresses the situation, when he complains, at this precise moment, that he has “fallen into a void”, because he no longer feels contained or supported by the analytic situation. The analyst’s ignorance of his own blind spots does not allow the underlying drive excitation, arising from the encounter between two Infantiles, to transform and organise itself at a representable level of psychic conflictuality. The analytic material thus remains in limbo, unrepresentable, and therefore inaccessible to the secondarised defensive reorganisations in the order of repression.

This situation is not only a waste of time for the two protagonists, as well as of the analysand’s finances — which is not insignificant —, but above all we witness an increase of guilt in the analysand who, at the unconscious level of his infantile, feels guilty for the analyst’s blindness, just as, in real life, children always feel unconsciously guilty for the splits and conflicts that occur in their parents.

The repeated reference to an interpretation that has not reached the patient should induce the psychoanalyst quickly to undertake an exploration of his own infantile omnipotence, that is, to try to examine what, in his listening, resists the free functioning of his projective identification with the psychic state of the patient.

Whenever the analyst is unaware of his blind spots, the drive excitation arising from the encounter of the two Infantiles can only increase. In the treatment of children, it is motor agitation that will dominate the clinical picture; with adults we will be confronted with an erotisation of the transference which masks an unanalysed negative transference.

#### **THE STATUS OF REPRESSION IN THE PSYCHOANALYST**

In my opinion, the psychoanalyst is in a very peculiar situation concerning the criteria of termination of his own analysis and the post-analytical reorganisation of repression of her Infantile, confronted to the demands of her professional functioning.

Let us consider that the personal psychoanalysis of the analyst allows her to avoid the use of projective defences with her patient and to rid of disabling inhibition of her associative capacity to think. However, this does not explicit the situation of her Infantile in her psychic functioning during an analytic session.

I am not alluding so much to the elements of her infantile neurosis — supposedly dissolved by her personal analysis. I am mainly speaking of the perpetual emergence of her Infantile that is constituting the lifelong matrix of the passage of the drive organisation to the psychic organisation and

thus, keeps giving the density and complexity of her object-relations and identifications, as well as the originality of her mode of thinking.

Now, from the point of view of the analyst’s psychic economy, one has to understand that her analytic functioning obliges herself to fight against the normal repression that occurs in every patient at the end of her psychoanalytic treatment.

This brings us back to the question raised by Freud of terminable or interminable analysis:

“It seems that a number of analysts learn to make use of defensive mechanisms which allow them to divert the implications and demands of analysis from themselves (probably by directing them on to other people), so that they themselves remain as they are and are able to withdraw from the critical and corrective influence of analysis.” (Freud, 1993, p. 249)

And, a little further, on he adds:

“It would not be surprising if the effect of a constant preoccupation with all the repressed material which struggles for freedom in the human mind were to stir up in the analyst as well all the instinctual demands which he is otherwise able to keep under suppression.” (*ibid.*)

#### **THE TRAPS OF THE INFANTILE FOR THE PSYCHOANALYST AT WORK**

Now, as we have seen, the impact of the infantile of one subject on the *Pcs.* of another subject produces excitation that both carries and generates oedipal impulses and primal phantasies. Consequently, at least in neurotic/normal functioning, this excitation, and everything that goes with it, is usually subjected to repression, whose nature and quality will govern the forms taken by the return of the repressed, ranging from act to thought. We may thus ask ourselves how and, above all, at what price, the practising psychoanalyst manages to escape this normal functioning.

Freud noted two exceptions to this rule of “normal” psychic functioning: the state of being in love and the transference relationship. With the advent of the crucial works of Winnicott (1969) and then of Bion (1962, 1979), two others were added: the “ordinary illness of the mother” (Winnicott) and the “capacity for reverie” (Bion).

Now, owing to the work of the countertransference, analytic listening requires from the psychoanalyst to maintain artificially, outside the normal process of repression, the impact of the excitation produced on her system *Pcs.* by the infantile-in-his-analysand. The study of the Infantile thus leads us to designate the countertransference relationship as a fifth exception to normal psychic functioning.

Such a professional peculiarity about the status of our Infantile is playing a permanent role in our

capacity to listen. It also influences our activity of interpretation, because of the risk of collusion of the two Infantiles.

For instance, when we are ready to interpret the patient's projection upon us of a harsh and rigid post-oedipal parental Superego, let us not forget that, under such a manifest aspect of the transference, another psychic movement is also active: the defensive and omnipotent functioning of a weak Ego, whose infantile helplessness is projected into the analyst and is denied by means of its opposite: the infantile omnipotence.

Now, this hidden defence will create a situation of narcissistic seduction on the analyst's Infantile. Becoming conscious of such an ambiguous relationship between the two Infantiles is the only way, for the analyst, to choose her intervention, possibly her interpretation, and, maybe, to bring into the analytic field a more protective and developmental aspect of the Superego.

Unless it is detected, the exciting point giving rise to a blind spot tends to be repressed before having been analysed, and thus it might well reappear either in acting in the counter-transference, or in acting out of the analytic situation, in the personal life, or even in somatisations of the psychoanalyst.

### CONCLUSION

As being the work of "the negative" and the expression, for the analyst, of the denial of a fantasy of seduction by the infantile omnipotence of the analysand, the blind spot will, if one does not trace it, constitute a narcissistic defence that aims at break the link in the analytic pair.

At this point, the analyst's destiny — to fight constantly against her normal movements of repression — might well have some advantages: because s/he will be obliged to remember the identity poverty hidden by the omnipotence, s/he will perhaps find more easily the authentic ground on which it will be possible to re-start an analytic communication.

However, let us not forget that the Infantile is the only part of the Self that is flexible enough to undertake psychic transformations, resilient enough to learn from experience, loving enough to forgive, passionate enough to sacrifice itself, bold enough to take up impossible challenges, young enough to hope.

This is why the work of super or inter-vision, in one-to-one, or in a small group, provides many advantages from a better understanding of the destiny of our Infantile as psychoanalysts. It becomes clear, at that point, that it is a matter of a necessary disease for our analytic functioning, because a practitioner who would not fall into any blind spot would indeed stay *aside* the analytic field and the transfer-counter-transfer situation. ❧

### RESUMO

A fim de definir o Infantil e examinar o seu papel na relação analítica, considere este conceito tanto numa perspectiva de desenvolvimento como numa perspectiva estrutural. A minha posição é baseada na visão de Freud de um duplo Inconsciente, contendor simultâneo do recalçamento e das pulsões. Também utilizei conjuntamente os dois modelos freudianos do aparelho psíquico, que não considero exclusivos um do outro, mas complementares, embora nem sempre fáceis de integrar. Seguidamente, considere as peculiaridades dos critérios para o término da análise pessoal do analista e procurei descrever a situação económica do recalçamento do psicanalista no trabalho analítico. Ao observar o impacto do Infantil do analisando sobre o sistema PCS-CS do psicanalista, refleti nas dificuldades associadas à falta de representação e tentei examinar no contexto da situação analítica os pontos cegos decorrentes de tal impacto.

### PALAVRAS-CHAVE

Infantil, relação analítica, pontos cegos.

### BIBLIOGRAPHY

- Bion, W. R. (1962). A theory of Thinking. *International Journal of Psychoanalysis* 43, 4–5.
- Bion, W. R. (1979). *Aux sources de l'expérience*. P.U.F., 1979. (Trabalho original de 1962).
- Freud, S. (1964). Analysis terminable and interminable. Em *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. The Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1975). Die endliche und die unendliche Analyse, *Schriften zur Behandlungstechnik*, (pp. 388–389). S. Fischer Verlag. (Trabalho original publicado em 1937.)
- Freud, S. (1985). *Analyse avec fin, analyse sans fin, Résultats, idées, problèmes* (vol. II, pp. 231–268). P.U.F. (Trabalho original publicado em 1937.)
- Freud, S. (1993). *L'analyse avec fin et l'analyse sans fin*. Bayard. (Trabalho original publicado em 1937.)
- Laplanche, J. (1986). De la théorie de la séduction restreinte à la théorie de la séduction généralisée. *Journal de la Psychanalyse de l'Enfant* 25, 7–25.
- Winnicott, D.W. (1969). La capacité d'être seul. Em *De la pédiatrie à la psychanalyse* (pp. 205–213). Payot. (Trabalho original publicado em 1958.)

# Uma leitura sobre o artigo de Florence Guignard: «The Infantile in the Psychoanalyst at Work»

Maria Fernanda Alexandre<sup>1</sup>

1

Psicóloga Clínica e da Saúde, Psicoterapeuta e Psicanalista. Psicanalista de Crianças, Adolescentes e Adultos e Membro Titular com funções didáticas da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). *E-mail:* mfgalexandre1908@gmail.com

Este artigo, que se lê com muito gosto, permitiu-nos, numa primeira leitura, revisitar com entusiasmo os primórdios da nossa formação na área da Psicanálise da Criança e do Adolescente. Durante cerca de vinte anos, Florence Guignard deslocou-se a Portugal integrada num grupo de psicanalistas europeus que muito contribuíram para a formação teórico-clínica dos analistas da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP). Esta analista de crianças, adolescentes e adultos sempre se destacou ao longo dos anos na construção de diferentes movimentos internacionais que pretendiam integrar, na formação dos analistas, a criação da psicanálise da criança e do adolescente. Desta forma, foi cofundadora da *Société Européenne pour la Psychanalyse de l'Enfant et de l'Adolescent (SEPEA)* e, mais tarde, presidente do comité *Child and Adolescent Psychoanalytic da International Psychoanalytic Association (IPA)*, altura em que o programa de formação da psicanálise da criança e adolescente da Sociedade Portuguesa de Psicanálise foi aceite por esta associação. Para Florence Guignard, a investigação teórica-clínica sobre a criança e o infantil foi desde sempre um espaço privilegiado, de particular interesse para ela, como é patente através da sua produção científica.

A leitura deste artigo de Florence Guignard — «The Infantile in the Psychoanalyst at Work» — condensa, de algum modo, o seu pensamento teórico-clínico, que tem sido amplamente divulgado através de um trabalho científico notável, difundido nos seus livros e nas centenas de artigos publicados em revistas internacionais. Para esta autora, seguindo o pensamento de Freud (1909), a criança que surge ao longo do processo analítico é o resultado da construção dos primeiros anos de vida que a amnésia infantil, como resultado do recalçamento, encobriu ou deturpou. Assim, a amnésia infantil transforma a infância de cada um de nós numa espécie de época pré-histórica que oculta os primórdios da sua vida (Freud, 1909).


O artigo publicado neste número da *Revista Portuguesa de Psicanálise (RPP)* inscreve-se numa linha de investigação clínica que teve o seu início com a publicação do seu livro *Au vif de l'infantile* (1996). Este tema, de considerável interesse para a clínica psicanalítica, tem sido abordado e investigado pela autora, que nos tem mostrado a importância deste conceito na dinâmica e no desenvolvimento da relação analítica. A autora inspira-se, como assinala, e como repetidamente vem mostrando na sua vasta obra, no pensamento de Freud (1909), no qual uma das principais características do inconsciente era a sua relação com infantil — um infantil atemporal —, que nos aproxima de conceitos como pulsão, recalçamento e inconsciente. Segundo ele, «o inconsciente era o infantil e era aquela parte do self que ficara apartada dele na infância e que não participara dos estádios posteriores do seu desenvolvimento e que, em consequência, se tornara reprimido» (Freud, 1909, p. 181). Assim, através da sua investigação e sensibilidade clínica, a autora pretende fundamentalmente mostrar-nos a qualidade do impacto do infantil do analisando sobre o sistema pré-consciente e consciente do psicanalista. Neste artigo, destaca-se a relevância que tem para a clínica a qualidade do encontro dos dois inconscientes da dupla analítica com as suas consequências ao nível da representação mental. Sublinha-se, ainda, que desse encontro dos dois inconscientes — paciente e analista — podem surgir «pontos cegos», de difícil interpretação e que circulam no espaço analítico, criando obstáculos e impasses no desenvolvimento do processo terapêutico.

Neste trabalho, Florence Guignard propõe-nos de forma criativa analisar morfológicamente o conceito de infantil, substantificando este conceito e afastando-se, assim, da adjetivação proposta por Freud. Esta mudança de paradigma abre um espaço que permite ter uma nova perspetiva, de forma que se revise o infantil como o «locus

psíquico» das emergências irrepresentáveis das pulsões instintivas. Assim, como a experiência do processo analítico nos mostra, o infantil, que fica nas fronteiras do inconsciente e do sistema pré-consciente, entra em contacto com o infantil do analista, contruindo um campo de relação sobre o qual deverá ser feita a interpretação. Desta forma, como anteriormente sublinhámos, constroem-se, através de dois infantis, um espaço psíquico que, no nosso ponto de vista, constituirá, pela análise da transferência e da contratransferência, o alicerce da interpretação. Como alguns analistas têm assinalado, é nesse campo potencial que a dupla analítica poderá viver a dois uma diversidade de afetos que oscilam entre sonho e o pesadelo. A este propósito, é importante destacar como a própria relação analítica contribui para a construção de um espaço e de um tempo, em constante movimento, com repercussões para a dupla analítica. Portanto, é através deste espaço psíquico entre o analisando e o analista que entramos em contacto com as experiências emocionais, resultantes da qualidade dos vínculos do encontro analítico. Neste sentido, a autora mostra-nos a importância da qualidade do espaço analítico e sublinha como o próprio aparelho psíquico do analista pode ser utilizado «como ferramenta essencial» na compreensão da especificidade desse encontro. Naturalmente, como salienta Florence Guignard, esse espaço do encontro analítico tem a sua própria organização e particularidade, tornando-se assim num campo de especial importância para análise da transferência e da contratransferência. Desta forma, o trabalho de elaboração psíquica põe em evidência, na relação do par analítico, um espaço de reorganização de novas representações do pré-consciente.

Nestas circunstâncias, torna-se importante elaborar o infantil, que surge da dinâmica do espaço psíquico, a partir de dois inconscientes, mas que, em certas circunstâncias, como encontramos na clínica, poderá ser vivido por receio da perda do objeto, de forma temporariamente paralisante. Assim, o nosso infantil, em conluio com infantil do paciente, pode influenciar a capacidade de escuta, assim como a nossa capacidade de interpretação. Estes movimentos psíquicos estão sempre ativos na dinâmica da relação e manifestam-se através da transferência por um duplo movimento que oscila, como descreve a autora, entre um funcionamento onipotente de um ego frágil que se projeta no analista, mas que é negado pelo seu oposto. Assim, como constatamos no processo analítico de crianças, adolescentes, mas também de adultos, podem surgir pontos cegos que são reprimidos, mas que podem reaparecer na dinâmica da relação de diferentes formas: como uma excitação de difícil representação, que pode ser agida através da contratransferência ou da transferência num

movimento de dupla identificação projetiva, e num ataque narcísico, por insuportabilidade de aceitar a diferenciação do espaço da relação analítica.

Este artigo de Florence Guignard, que nos convida a construir internamente um espaço criativo de reflexão e de diálogo, mostra-nos de forma muito clara a qualidade do infantil quando sublinha que é a única parte do eu que é flexível, de forma que se empreendam transformações psíquicas, resiliente, de maneira que se aprenda com a experiência, suficientemente apaixonada para se sacrificar e arrojada para enfrentar desafios impossíveis. Desta forma, mostra-nos, como analistas, que os pontos cegos que nascem da dinâmica do campo analítico fazem parte do nosso trabalho de reflexão. Esta capacidade de estar disponível internamente para poder reconhecer, através da contratransferência, os pontos cegos em relação aos nossos pacientes vai facilitar a construção de um espaço psíquico que nos permite, ao longo do processo analítico, germinar um novo pensamento criativo. 

#### BIBLIOGRAFIA

- Freud, S. (1909). O Homem dos Ratos. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 10, pp. 159–250). Imago.
- Guignard, F. (1998). *Au vif de l'infantile: réflexions sur la situation analytique*. Delachaux et Niestlé.





TEORIA E EPISTEMOLOGIA – DIÁLOGO ESPECULATIVO

# THE URGE TO ASSIMILATE NEW IDEAS ARE EXPERIENCES EQUIVALENT TO FALLING IN LOVE

1

Psicanalista em prática privada. Profundo conhecedor da obra de Donald Meltzer, com quem esteve em supervisão durante treze anos em sessões privadas em Oxford, tendo publicado um livro acerca do seu pensamento teórico-clínico. É, ainda, estudioso e investigador da obra de Wilfred Bion, sobre a qual publicará em breve um livro pela Routledge. *E-mail:* gloucester11@gmail.com

2

I first met Donald Meltzer privately in London the 18<sup>th</sup> July 1985 and interviewed him at that time. This interview was tape-recorded, and later transcribed and edited. All that Donald Meltzer said in this interview remains unchanged, however, including hesitations and repetitions. Most of the three dots shown in his printed responses stand for the time, sometimes brief, sometimes long, he took to ponder over what he was saying. I, however, contracted some of my questions, reformulated others, and excised a few others. The title and the footnotes are of my sole responsibility. This interview has never been published before. In 1985 the Instituto Piaget in Lisbon held an international meeting on epistemology. Donald Meltzer was invited to present a paper. He could not attend the meeting but sent a paper to be read during the meeting. The paper he sent was chapter xvii of his *Studies in Extended Metapsychology*, 1986, a book that was by then just going to the press. The book was issued the following year. This chapter bears the title: “A Swiftean Diatribe” (pp. 191–202). However, Donald Meltzer crossed out this title on the copy he sent to the meeting in Lisbon and wrote, in his own handwriting: “Science and Social Structures”. He furthermore suppressed the last two pages of the original chapter.

3

Donald Meltzer was therefore already anticipating, at this point, one of the foundational ideas of his theory of aesthetic conflict (cf. *The Apprehension of Beauty*, Meltzer & Williams 1988).

ENTREVISTA A/INTERVIEW WITH

## Donald Meltzer

João Sousa Monteiro<sup>1</sup>18 JULHO/JULY 1985<sup>2</sup>

**JSM:** In your paper you stated that symbolic functions grow out of the emotional experience of the beauty of the world. Furthermore, addressing the key issue of the nature of mental pain, you claimed that we must shift the emphasis on the *absence* of the mother as the main source of anxiety...

**DM:** ... to the *presence* of the mother... to the presence of the mother as an unbearably aesthetic object, as an *unbearably beautiful object*.<sup>3</sup>

**JSM:** Could you please explain your idea?

**DM:** Well, it's a concept that really grows out of the philosophy of aesthetics and art history... well... the idea of Bion is that mindlessness and behaviour in groups is a defence against having to think, and that thinking is something that grows out of the pressure of thoughts generated by emotional experiences. Now, psycho-analysis really since Freud, but particularly since Melanie Klein, has tremendously emphasized the child's need for services, and his dependence on the mother for services. But it seems to me that the study of history, and particularly the study of art history and aesthetics suggest that the emotional experiences of the infant are extremely powerful, and that they are related to his perception of the mother as an object of great beauty... representing the beauty of the whole world, and that this experience, which is borne out really by... I mean... all the poets... that the ability to tolerate this experience and the pain of the impact of the beauty of the object is *the first mental pain that is defended against by alienation*. And it's my opinion, from my clinical work, that it is necessary for the analyst to *shift*, to make a very great shift... it means really paying attention to the experience of the patient in the transference as an object *in the room* that arouses in him emotions of an aesthetic sort; that he not only experiences the analyst in the transference, and the analyst's voice, and the analyst's ideas, but gradually comes to experience the analytic process and method as an aesthetic object, which he defends himself against... not only defends against the feelings of separation from it, but defends against the experiences of having it when it is there with him. This is an entirely different slant, really, on the experiences in the consulting room.

A lot of this has been mistaken for erotic transference, and, of course, there is an aspect of it that is erotic... I mean, the erotism has to be acknowledged, but what has been studied primarily of the erotic transference is really an aspect of aggressiveness that manifests itself as erotic demands, and erotic tyranny, and so on. The real erotic transference is an aesthetic response to the beauty of the object and the wish to *know it*, to *explore it*, and to *be known by it*... and this makes a very different emphasis in the consulting room.

**JSM:** How do these emotional experiences stir the child to form symbols? How is it that the aesthetic impact of the beauty of the mother compels the infant to form symbols?

**DM:** Now, that's contained in another paper in this book called "What Is an Emotional Experience?"<sup>4</sup>... this book that's just going to the publisher, to the print... this is a paper that I read in Toronto to the Self-Psychology meeting last year<sup>5</sup>... (I would really have to give you that paper but I'm afraid I don't have any extra copies of it)... it's a paper in which I do attempt to trace the nature of emotional experiences and how they demand transformation into symbols so that they can be thought about... which is Bion's formulation that if they cannot be transformed into symbols so that they can be thought about and stored as memories, and so on, then they have to be evacuated by some means, and that the means of evacuation are generally either in mindless group identification and behaviour, or psychosomatic disturbances, hallucinations, and things of that sort. That is the *core* of Bion's theory of thinking... and it's a great theory, really.

**JSM:** But what exactly, then, is a symbol, in your sense?

**DM:** Now, a symbol... now, this is another chapter in the book [laughs]. Now... it's very important to distinguish between symbols and signs, of course. Signs are simply designatory, conventions, and so on. Symbols are really essentially *rather mysterious bringing together of formal structures which are brought into a kind of creative intercourse with one another*, from which a symbolic relationship between them develops which modifies the meaning of both of them, that each part of the symbolic relationship takes on an increment, an increase in meaning, because they have been brought together into this conjunction and then brought apart again... and it's a very mysterious process, really... it may even be *essentially* mysterious... but it's the *core* of mental processes as against brain processes of computation and so on... and... there's a very splendid book... (I'll show you... [gets up to check it] it propounded really a theory of aesthetics emphasizing the relationship between emotion and form in the various arts. She [Susan Langer] and Ernst Cassirer... and... it's very much influenced... bringing together Bion's work and the work of Langer<sup>6</sup> and Cassirer<sup>7</sup>, that this theory, or this way of looking at things has been formulated.

**JSM:** It seems that a *leit motiv* of your paper was what you called our basic incapacity for thought... our deep resistance to think... Where exactly does this incapacity come from? What is its genesis... or should I call it resistance?

**DM:** Well, I think resistance is a good enough term... I mean, Bion's formulation of it is that the impact of a new idea in the mind stirs what he calls *catastrophic change*. It means that in order to accommodate a new idea every other idea that you have formulated in the course of your development has to be readjusted, and that in order to do this, a period of total disruption and chaos has to be tolerated before the new idea is assimilated, and that every developmental step is a step involving this catastrophic change to admit the new idea into one's structure of the world.

**JSM:** Is there any close connection between this basic resistance to thinking and the aesthetic experience of the beauty of the mother?

**DM:** Well... the idea is that it is *essentially* the aesthetic impact of new ideas and new objects that represent these ideas which creates this catastrophic pressure for *thinking* in order for the new idea to be assimilated.

**JSM:** But what exactly is it that stirs in us the urge to assimilate new ideas?

**DM:** Well, essentially, each of these is an experience equivalent to falling in love... and it is a *momentous* experience that generates creative thought... or if it is withdrawn from, of course, the experience is abandoned.

4

*Studies in Extended Metapsychology – Clinical Applications of Bion's Ideas*, Chap. 2, pp. 21–33.

5

The 7th Annual Self-psychology Conference held in Toronto in October 1984.

6

Both *Philosophy in a New Key: A Study in the Symbolism of Reason, Rite and Art*, and *Feeling and Form*.

7

*The Philosophy of Symbolic Form*.

**JSM:** What, then, is thinking? Why the nuance in your paper between ‘think’ and ‘thought’?

**DM:** Well, this also is following Bion who’s introduced, really, into philosophy, a reversal of traditional philosophical thought. Traditional philosophical thought has dealt with thoughts as something generated by thinking. Bion has reversed that [idea] and has suggested that thoughts come first and that thinking is the process of manipulating them, generalising them, abstracting them, raising them to levels of coordination, organization, and so on. But those thoughts are generated through symbol formation and dream, and that it is these *thoughts* that then have to be manipulated and used for thinking; and it’s that differentiation between thoughts and thinking that I follow. It’s a very fundamental step, philosophically.

**JSM:** Once Van Gogh cried out: “If only I had raised my voice from the beginning instead of being silent in every language of the world...” Don’t you think that most people have eventually learnt to be silent in every language of the world, although in the opposite sense of Van Gogh’s, that is, to be silent in the language of deep affection and of creative thought?

**DM:** Yes, well, I mean... obviously only a *very small number of people* persevere in the direction of creative thought...

**JSM:** ... Why?

**DM:** ... and in the direction of art and science that embodies creative thought. Why is it? Well, one answer is that we are only a few thousand years out of the caves... that we are a very *primitive* people from the point of view of mental and social development; that’s one type of answer to it. The other type of answer is that our way of raising children is still more tribal than familial, really, that our educational system is more training for conformity than it is encouragement of development, and so on. That’s another type of answer.

**JSM:** Is this what you had in mind when you wrote that you are sure where to begin, that we have to change our methods of rearing and...

**DM:** ... yes... and this is why I devote myself really to problems of child development and child psychiatry bearing on family life and the rearing of children... that seems to me to be *the essential* starting point. And of course, I’m not the first one, I mean, it’s been going on now for fifty years and it’s making a *tremendous difference*, really... A tremendous difference... I mean, the whole attitude towards children and family life and education is influx and developing... and it’s the hope of the world... I mean, nobody thinks that political solutions are going to accomplish anything anymore. Everybody who thinks realises that political solutions accomplish nothing, that they are just circular, and come back where they start... until *values* have changed, in a really deep way, you know, this is Nietzsche all over again, as it were... until the *values have changed* nothing permanently is altered... that there won’t be any change in the armament race until the atom bomb is *unthinkable*.

**JSM:** I would like to relate Van Gogh’s very impressive claim with the idea of a universal language of meaning, as it were, and to be able to share it...

**DM:** ... and be able to speak in every language of the world which is art.

**JSM:** You ‘burden’ the whole attitude towards children with no less than the hope of the world... On the other hand, media seems to be constantly echoing, giving many voices to unthinking parts of ourselves in ways which seem themselves to be unthought and unthinking...

**DM:** ... what Bion distinguishes between *knowing* and *knowing about*... that one knows about it *out there* and one knows it *in here*...

8

“The difficulty lies in our limited capacity for thought and its foundation in adequate emotional responsiveness. It may seem, superficially, that cataclysm stirs up deeply but careful examination suggests something quite contrary. Such spectacles, descriptions, statistics and prophecies of doom excite rather than stir. That is, they excite in us the orientation of opposition to what is already known but do not stir us to discover the unknown. In that sense, they activate perverse tendencies of mind, the negative links, -L, -H and -K.” (Donald Meltzer 1986, p. 191)

**JSM:** You opened your paper with a comment on the way we often weigh the unparalleled threats that our planet, looked at within the span of recorded times, now seems to face. But first of all, what is *fear* which seems to be such a powerful manipulative tool?<sup>8</sup>

**DM:** *Fear?*

**JSM:** Yes.

**DM:** Well, I think one has to distinguish, first of all, between anxiety, fear and cowardice. Now, anxiety is a manifestation of thinking process's influx. There is no possibility of thinking, as in catastrophic change, without anxiety. Fear is largely a matter of unwillingness to face the consequences, and it is based largely not on thinking, but on prospective phantasy, and most of Melanie Klein's work deals with fear in the form of unconscious phantasies in which prospects, outcomes and consequences and so on are envisaged. Now, there's no possibility of acting in the world without fear, just as there's no possibility of thinking without anxiety. But cowardice — which is, of course, really what people mean when they say 'I'm frightened'; they mean 'I'm coward' — cowardliness is a matter of *fantasy-ing*, it is not a matter of unconscious *phantasy-ing* in which the possibilities are explored. Cowardice is based on *fantasy-ing* all the dire consequences that you can possibly imagine, intimidating oneself by *fantasy-ing*. Now, this distinction between unconscious phantasy and *fantasy-ing*, or daydreaming, corresponds very much to the distinction in literary philosophy, say, Coleridge's distinction between *imagination* and *fancy*; and Milton made the same sort of distinction, in different words, between *imagination* and *fancy*, and so on. So I think one has to make those distinctions between anxiety, fear and cowardice... Now, anxiety is mental pain... and Melanie Klein's differentiation between persecutory and depressive mental pains is, I think, very fundamental. But those are mental pains; fear is not a mental pain... fear is a mental state.

**JSM:** In every mature and active scientific branch it often happens that scientists see themselves edging towards the frontier of research. Then, it is sometimes useful, even important to put in sequence what at that stage of research appears to be the more interesting open research problems, the so-called *frontier-problems*. When taken together, these are expected to give a fair picture of the frontier line of research in that particular area at that particular moment of the advancement of research. What are, in your view, the most interesting open research problems at the frontier of psycho-analysis today?

**DM:** Well, I think that *the* most interesting *problem* is... is this...the problem of struggling out of group identification toward individuality. That seems to me to be *the* most interesting *clinical* problem.

**JSM:** *Clinical* problem?

**DM:** Yes... and a corollary of it is the problem of thought disorder... because in order to achieve this movement from group identification to individuality, *thinking*, the capacity for creating thoughts and thinking them has to be developed; and it is very *poorly* developed in most people. So, those two seem to me the frontier of psychoanalytic research.

**JSM:** In what directions would you like to see psycho-analysis develop?

**DM:** Well... I mean, *organizationally*, I'd like to see it dismantled... organizationally; I would like to see it treated as an art form and for it to be taught in different ways, as the arts are taught... I would like to see psychoanalysts drawn from other professions than medicine, primarily, and for it to divorce itself more from psychiatry and to ally itself more to the humanities, particularly to literature, and so on... so that I would like to see psychoanalysis become, in a certain sense, more *academic*, in terms of its alliance with philosophy and the humanities; but I would like to see its *practice* developed more as an art form... and I think it will happen... I think that

the institutionalization... [I mean] the quasi-medical institutionalization of psychoanalysis is collapsing, really... And because of the poor quality of the people attracted to it. Psycho-analysis has not attracted the right people, by and large. And, of course, I would like to see it lower its economic expectations — but that is largely a matter of the quality of the people attracted to it... I mean... in allying itself to medicine, it is assumed the necessity of analysts being people of high income, and so on... and that will change, when it modifies its position in the world.

**JSM:** Are you actually working in this direction? I mean, are you actually planning to form such a group?

**DM:** Well, *I have* such a group...

**JSM:** Oh, you *already* have such a group?

**DM:** Well, an informal group in Oxford of people who've had analysis with me and whom I've taught, and so on... my wife<sup>9</sup> has analysed and taught other colleagues... and it's a little informal group that teaches one another and practices and teaches other people; very much an analytic atelier... that is a fact... that we have done... and we hope that other people will follow our example.

**JSM:** Is there any other group already following your example in this direction?

**DM:** Oh yes... that's a group in Oxford, and of course my wife and I have centred our teaching on the teaching of child psychotherapy, here and... well, mainly in France and Italy and Norway, and a bit in America, South America, and so on,<sup>10</sup> and there, too, to develop psychotherapy as a non-medical and non-institutionalized art form semi-profession, and so on. And, of course, it has made very great strides... I mean, in Italy and in France, psychoanalytic child psychotherapy has developed outside psycho-analytical societies, as child analysis has withered and died in the Societies. And that's largely because of the structure of the Societies, and their insistence that people must train to be adult analysts before they become child analysts, which is obviously exactly the wrong procedure. Well, the psychoanalytic societies that have aspired to teach child analysis have all insisted that people must train to be adult analysts first, and then go on to do child analysis. The result is that hardly anybody has done that, whereas it's young people in their twenties who need to be trained to do child psychotherapy, and then, in their forties, go on and develop to do work with adults. And this is what happens here at the Tavistock, and with the people we teach abroad, and so on. It's quite a widespread movement, but quiet and unformalized... quiet... Working; not talking. (Laughs.)

**JSM:** ... and publishing as well?

**DM:** Publishing what's *necessary*, but not publishing for status... publishing what has to be published... and what has to be published is *primarily* extraordinary clinical experiences, that really discover phenomena... because it's the phenomena of mental functioning that needs to be published. Theories one doesn't... I mean, there's only one Bion, one Melanie Klein, and so on, who need to publish theories... I mean, I have no theories; my theories are only just extensions and clinical elaborations of Melanie Klein and Bion. I have no theories of my own. Melanie Klein and Bion were people who had original ideas...

**JSM:** ... which grew out of concrete clinical experience...

**DM:** Growing out of clinical experiences, yes...

**JSM:** I once had the privileged of talking privately with Roald Hoffmann, who was awarded the 1981 Nobel Prize in Chemistry, and he was particularly emphatic on the importance of observation and thinking about *concrete* problems: everything I've published, Hoffmann said, everything I've thought,

---

9

Martha Harris.

---

10

Similar groups then developed largely along the same lines in Sweden, Finland and Germany.

was just out of the endeavour to carefully observe and solve *concrete* problems that emerge in the lab, even apparently *simple* problems which, the moment you really try to ask the right questions about them, you find out that, after all, they may surprise you being critical questions. And then, occasionally, an idea, or a hypothesis grows out of the...

**DM:** ... yes, I mean, when it comes to teaching psychoanalysis, what needs to be taught primarily is *observation* — for people’s eyes, and ears, and nose to be open to the experience with the patient... and you must observe inside and outside simultaneously. What Bion calls reversible perspective.

**JSM:** Let me turn back to the beginning of this interview and ask you about a famous, and indeed most impressive passage in *Macbeth*. Just before the soldier announced to Macbeth that the forest of Birnam was...

**DM:** ... coming to Dunsinane... yes...

**JSM:** ... yes... and we hear him murmuring: “Life is but a walking shadow, a poor player...

**DM:** ... that struts and frets his hour upon the stage...” Yes... (Laughs.)

**JSM:** I wonder if you could comment on this *extraordinary* passage, and this disconcerting figure in the light of what you said before about the emotional experience of the beauty as the mother and the incapacity for thought, as well as the distinction between anxiety and cowardice.

**DM:** Well, Macbeth is a group creature, who has been driven by ambition; ambition to rise in the hierarchy of the group. And for him, life is a walking shadow, that is, *the meaningless* of life in the group; and it is a very beautiful description of it, really. But Macbeth is a groupie, he’s not an individual, you see, and that is why he is such a tragic figure — not despicable, just tragic. Whereas his wife is a more despicable figure. But Macbeth himself is just a tragic figure... caught in the group and unable to escape from it. Lady Macbeth should be played by a beautiful woman. Because Lady Macbeth really illustrates the great aesthetic problem: is the mother as beautiful inside as she is outside? And, of course, Lady Macbeth should be played by a beautiful woman because she is obviously very evil and ugly inside. And this is... what one has to guess what sort of mother Macbeth had, whose external beauty was contrasted with internal ugliness... but *disillusioned*, deeply disillusioned... that’s why he is a tragic figure... and why they are represented as childless... their intercourse is not creative, it’s political.

**JSM:** Your group doesn’t pay much attention to the unborn child?...

**DM:** Oh, no... that is what we’re most interested in at present. Studies... one of our group is doing ultrasound studies, of foetal behaviour, and so on. Something we’re tremendously interested in is the pre-natal personality... and really to try to do away or to minimize this old concept of constitution... of constitutional differences... but to emphasize that babies at birth already have had *months* of emotional experience and personality development.

**JSM:** The way you see the unborn’s mental life must make a huge difference...

**DM:** ... quite, quite.

**JSM:** Do you think that it is possible to speak about thoughts and thinking within the womb...

**DM:** ... yes, the problem of trying to imagine what kind of symbol formation could take place... and this is why this book of Susan Langer’s is of some importance; that one can imagine primitive symbol formation in the form of... essentially of music and dance, as being the symbol formation by which the foetus experiences and represents his emotionality. Primarily, dance, in response to the music of the intra-uterine situation. She has a wonderful chapter on that.

**JSM:** Let me go back again to this puzzling question of what is a thought.

**DM:** Yes... Now, this is what three of Bion's four books are about... about thought formation and the processes of thinking: *Learning from Experience*, *The Elements of Psychoanalysis*, and *Transformations*. Those are the first three, after the group book on experiences in groups. And they are about how thoughts are formed and he has developed what he calls the "grid", to illustrate the way thoughts are made and the way in which they grow in complexity, abstraction, generalization, and so on. And this "grid" is like a kind of chemical periodic table of thoughts used for thinking. It's quite a lovely conception of it, a lovely way of representing it; the genesis of thoughts, and the different uses to which they are put, and how a thought develops in its genesis and in its uses, and so on. It's quite a poetic... It's very much like Mendeleev's periodic table. It has the same format to it. Very, very imaginative.

**JSM:** Why have you crossed out the original title of your paper 'Swifteam Diatribe' and instead written 'Science and Social Structures'? Why science?

**DM:** Well...

**JSM:** ... because there is a saying by Max Born that science is everything through which we succeed in disclosing what was veiled before; through which we finally succeed in understanding what was not understood before...

**DM:** Yes... I mean, the division between art and science is unfortunate and spurious. I mean, art has to do with all of the *representations* of our understanding of the world, and science has to do with the exploration of these representations, whether they be chemical or physiological or emotional, and so on. So that is really art-science, it's really the creative activity. I mean, every painter is a scientist of painting and is studying space, and studying representations, and studying formal structures. I mean, the whole division between art and science has been misled really by the failure to distinguish between science and technology. I mean, so much technology has gone into science in this century that has been rather confused with science. But all scientists are great artists, really. They have imagination, they have intuitive visions they dream about it... And they see the beauty of it. Mathematicians are all artists, really...

## BIOGRAPHY

## DONALD MELTZER

## Vida e Obra

Donald Meltzer nasceu em 14 de agosto de 1922 em Nova Iorque de mãe norte-americana e pai eslavo recentemente imigrado nos EUA. Morreu na noite de 13 para 14 de agosto de 2004 em Oxford. Fascinado pelos enigmas da vida mental, Meltzer decide tornar-se psicanalista. É com esse propósito que se forma em medicina, na Universidade de Yale, especializando-se em Psiquiatria e depois em Pedopsiquiatria. Trabalhou num hospital pediátrico público em St. Louis e fez a sua primeira formação como psicanalista no Instituto de Psicanálise de Chicago. Essa primeira formação foi dominada pela figura tutelar e pela obra de Freud. A Dra. Lauretta Bender (1897–1987), médica neuro-pedopsiquiatra e sua professora no Instituto, e que foi pioneira no ensaio do tratamento da esquizofrenia em crianças pela terapia eletroconvulsiva, deu-lhe a conhecer todos os trabalhos de Melanie Klein publicados até então. Esses trabalhos viriam a transformar a vida de Meltzer para sempre. É que ficou de tal modo impressionado com o que leu, que decidiu fazer uma segunda formação em Psicanálise, desta vez em Londres, e com a própria Melanie Klein. Quando deu a conhecer à direção do Instituto de Psicanálise de Chicago o seu projeto, foi informado de que não voltaria a ser admitido como membro daquele Instituto.

A Guerra da Coreia tinha, entretanto, subitamente começado, em 1951, e Meltzer é alistado na Força Aérea dos EUA como médico psiquiatra. Acabada a guerra, em Julho de 1953, Meltzer consegue, logo no ano seguinte, ser colocado em Londres. Nesse mesmo ano, começa a sua análise com Klein. Seis anos depois, em 1960, a sua análise é bruscamente interrompida pela morte inesperada da sua psicanalista. Embora estivesse já no fim dessa sua segunda análise, Meltzer considera fazer uma terceira análise, desta vez com Wilfred Bion, um projeto que acabou por abandonar.

Ainda no decurso da sua análise com Klein, e durante os 25 anos que se seguiram, Meltzer trabalha intensamente com todas as figuras centrais do grupo kleiniano: Wilfred Bion, Esther Bick, Hanna Segal, Herbert Rosenfeld, Betty Joseph e Roger Money-Kyrle. Ensina muitos anos na Tavistock Clinic de Londres, e a sua formação em observação de crianças é supervisionada por Esther Bick nessa mesma clínica.

Embora seja o membro mais novo do então grupo kleiniano, o seu talento como supervisor é rapidamente reconhecido, e é admitido como

formador e supervisor da Sociedade Britânica de Psicanálise (BPS). Ainda no início da sua análise com Klein, Meltzer começa a publicar (Meltzer, D. (1955). *Towards a Structural Concept of Anxiety. Sincerity and Other Works*. Karnac Books, 1994). Desde então, não mais deixará de publicar extensamente.

Particularmente crítico do programa de formação da BPS, começou a trabalhar numa proposta de profunda remodelação desse programa, com o conhecimento da direção da Sociedade. Durante seis anos, e em estreita colaboração com Esther Bick e Martha Harris, Meltzer elaborou uma detalhada alternativa ao programa em vigor. Durante esses seis anos, o novo programa foi sucessivamente testado e aperfeiçoado na Tavistock Clinic, e dessa experiência nasceu uma das suas obras ainda hoje mais divulgadas: *The Kleinian Development*. Essa obra desenvolve-se em três volumes: o primeiro volume é dedicado ao ensino da obra de Freud; o segundo, à obra de Klein; e o terceiro, ao ensino da obra de Bion. Porém, no dia em que a reunião com a direção da BPS estava marcada para se proceder à apresentação da sua proposta e dar início ao debate sobre a revisão desse programa de formação, Meltzer é oficiosamente informado de que a direção daquela Sociedade tinha determinado não proceder a qualquer alteração desse programa, não se dispondo, por isso, a debatê-lo. Este incidente juntou-se às duras críticas que Meltzer já vinha fazendo explicitamente à direção da BPS pela ausência de democraticidade no funcionamento institucional no que à escolha dos membros da direção dizia respeito, sempre em violação do que antes tinha sido formalmente assumido. Por outro lado, o processo de admissão dos candidatos era outro ponto de atrito com a direção da BPS. Estas foram as razões para que Meltzer tomasse a decisão de abandonar, em definitivo, a BPS.

Começa aí o período mais intensamente criativo da sua vida como psicanalista, quer do ponto de vista teórico, quer do ponto de vista da clínica e da supervisão psicanalítica. Publica, sucessivamente, *Dream Life*, 1984, *Studies in Extended Metapsychology*, 1986, *The Apprehension of Beauty*, 1988, e *The Claustrum*, 1992. Além disso, publica inúmeros artigos, textos de conferências, de seminários e de entrevistas, que constituem parte essencial do corpo teórico e clínico da sua obra psicanalítica. Durante os 30 anos seguintes, dirige grupos de estudo e orienta seminários clínicos em



Inglaterra (Oxford e Londres), Noruega, Suécia, Finlândia, Alemanha (Frankfurt e Munique), Itália (Florença, Veneza e Roma), França (Paris), Espanha (Barcelona), Argentina (Buenos Aires) e Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre). Além da direção de grupos de estudo e de supervisão, Meltzer continua a fazer conferências e a orientar seminários clínicos ocasionais em Amsterdão, Viena, Lisboa, Nova Iorque e Chicago. Recebe em supervisão analisandos e analisandas oriundos de vários países da Europa em que não existem grupos de supervisão estruturados de orientação teórica kleiniana e pós-kleiniana (Holanda, Áustria, Suíça e Portugal). É consultor da OCDE (e das Nações Unidas) sobre questões relacionadas com a situação da criança na família e na comunidade. Em resposta à solicitação da OCDE, elabora, em colaboração com Martha Harris, um relatório intitulado «A psychoanalytic model of the child-in-the-family-in-the-community». Esse relatório é imediatamente publicado em francês, italiano e castelhano, e apenas em 1994 em inglês (cf. *Sincerity and Other Works*. Karnac Books, 1994).

É no decurso da sua atividade de supervisor em Itália, juntamente com Martha Harris, que trabalha com a Professora Romana Negri, médica neuro-pedopsiquiatra e investigadora com mais de 140 artigos dedicados a problemas médicos e psíquicos relativos à neonatologia e à vida fetal, tendo mesmo iniciado trabalhos de investigação sobre alterações psicossomáticas fetais. É em colaboração com Negri que Meltzer estuda a observação da vida fetal e as conexões entre a vida fetal e a vida pós-natal. Essas investigações viriam a provar ser de uma enorme importância para a psicanálise de crianças e de adultos.

Durante 30 anos, Meltzer segue em tratamento uma média de 14 analisandos por dia e durante os 10 minutos entre cada sessão toma notas da sessão imediatamente anterior, registando, muito em particular, os sonhos que cada um dos analisandos traz à sessão. Neste período, integrou o grupo Imago, interessado pela psicanálise aplicada à cultura, do qual faziam parte Bion, Segal, Stokes, Wollheim, Money-Kyrle, Milner e Gombrich. Por esta altura, adquire a cidadania britânica.

Após Bion se ter afastado da BPS e radicado nos EUA (em Los Angeles, lugar em que viveu os últimos 10 anos da sua vida), Meltzer visita-o por duas vezes. Bion comunica-lhe a sua profunda preocupação relativamente ao futuro da psicanálise

e, muito em particular, ao funcionamento dos Institutos e Sociedades psicanalíticas. Meltzer é geralmente reconhecido como um dos mais dotados e criativos psicanalistas pós-kleinianos. Esta atribuição, porém, é apenas parcialmente sustentada pela extensíssima obra clínica e teórica que integra estudos sobre o autismo e uma inovadora teoria clínica, a teoria do *claustrum*, que revolucionou o conceito de identificação projetiva. É estritamente nessa medida que a designação de pós-kleiniano tem substância claramente demonstrável. Já a sua teoria do *conflito estético*, apesar da sua natureza essencialmente clínica, tem profundas e fecundas implicações metapsicológicas, cujo alcance está ainda muito longe de ser devidamente investigado. Trata-se, assim, de uma teoria sem clara filiação psicanalítica, em relação à qual se pode quase afirmar que não tem, na história da psicanálise, quer antecessores, quer, até agora, seguidores. Por aí, a teoria do conflito estético, apesar de ser essencialmente clínica, permanece ainda hoje basicamente ignorada no campo teórico e epistemológico da psicanálise.

Finalmente, Donald Meltzer é um dos psicanalistas mais prolixos da história da psicanálise, com mais de 90 trabalhos publicados até agora, já que os seus trabalhos permanecem inéditos. As suas obras mais conhecidas estão traduzidas em francês, italiano, alemão, castelhano, catalão, brasileiro, búlgaro e japonês. Em 2020 e 2021, Meltzer começou a ser ensinado na Rússia e na China. 📄

Lisboa, 28 de Setembro de 2021

JSM

# Comentário Introdutório — Entrevista a Meltzer, 1985

Maria do Carmo Sousa Lima<sup>1</sup>

1

Psicanalista de Crianças e Adultos. Membro Titular com funções didáticas da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP), da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e da European Psychology Federation (EPF).  
E-mail: carmosousalima@gmail.com

Esta é uma comovente entrevista histórica. Nessa data, Meltzer elaborava a sua novíssima teoria do conflito estético, antecipando *The Apprehension of Beauty*, de 1988.

João Sousa Monteiro (JSM) começa por invocar a então surpreendente afirmação de Meltzer, de que «as funções simbólicas nascem da experiência emocional da beleza do mundo».

Quanto à origem da dor mental, anuncia uma catastrófica mudança de paradigma — não decorre mais da ausência da mãe, mas, sim, da presença como um «objeto de insuportável beleza»!

A experiência emocional fundadora é a percepção da mãe como um objeto de única beleza, representando, condensando, a beleza do mundo. Sendo simultaneamente a primeira dor mental, além de instaurar o primeiro conflito (estético), coloca a posição depressiva no primeiríssimo tempo de vida (à diferença de Melanie Klein). Mas com a apreensão da beleza, vem a possibilidade da sua destruição. E Meltzer, em *The Apprehension of Beauty*, remete para Bion a ideia de que «o objeto presente é sentido como contendo a sombra do objeto ausente, presente como um perseguidor».

Esse primeiro objeto de «insuportável beleza» é sentido como enigmático. A entrevista não pode perseguir ainda as nuances do «impacto estético» tal como é desenvolvido posteriormente em *The Apprehension of Beauty*. Aí, compreendemos que o conflito é potencializado pelo enigmático interior desse objeto — que só pode ser aproximado por imaginação criativa.

Meltzer, na entrevista, faz confiança da arte e da poesia quanto à universalidade da experiência emocional primeira do impacto com a beleza, e faz uma analogia com o que se passa com a experiência da transferência no quadro analítico.

O analista em presença (com a música da voz e com o seu pensamento) também desperta emoções estéticas no paciente (e vice-versa). Mais, o próprio processo pode vir a ser sentido como um objeto estético.

Meltzer esclarece ainda o que entende por «transferência erótica real»: «uma resposta estética à beleza do objeto e o desejo de o conhecer e de ser conhecido por ele». E é a compreensão desse clima emocional «in the room» que dinamiza e proporciona uma particular riqueza criativa ao processo psicanalítico.

Mas JSM insiste: «Como é que o impacto com a beleza da mãe impele a criança à formação de símbolos? E que é um símbolo?» Parece que a natureza das experiências emocionais implica uma transformação misteriosa em símbolos, que permite que estes venham a ser pensados. O símbolo faz-se em presença, num misterioso processo de integrar o externo com o interno, o sujeito com o objeto. Os pensamentos gerados através da formação de símbolos e do sonho são usados para pensar, e Meltzer socorre-se da teoria do pensamento de Bion (inversão filosófica que coloca os pensamentos a gerar o pensar).

E mais adiante na entrevista, Meltzer refere a importância dos estudos pré-natais praticados nos seus grupos de trabalho, afirmando que o que feto representa emocionalmente do corpo da mãe está a ser transformado em música e dança, emoções precursoras de uma formação simbólica, de um proto-objeto.

A assimilação de novas ideias implica um impacto estético, equivalente à experiência da paixão («falling in love») — uma catastrófica pressão para pensar.

Mas então, porquê a nossa «básica incapacidade para pensar»? Porque é que «tão pouca gente persiste na direção do pensamento criativo»? Sim, resistimos a pensar; e Meltzer discorre que, por um lado, ainda somos muito primitivos e, por outro, a educação se faz muito no sentido tribal de adaptação e não no sentido dos valores. Não é a política, mas os valores que podem tornar a «bomba atômica impensável», e ver a arte como uma linguagem universal de sentido que condensa as representações da compreensão do nosso universo.

Dai que a psicanálise só possa ser ensinada como uma arte, fora dos sistemas de organização institucional, fora da identificação de grupo.

JSM questiona Meltzer acerca do «mais interessante problema de fronteira da psicanálise contemporânea», ao que Meltzer responde, surpreendentemente, ser a capacidade de se opor à identificação ao grupo a caminho da individualidade — e afirma ser este o mais «interessante problema clínico»! Problema clínico em função da «thought disorder», que resulta da identificação maciça ao grupo, onde o pensar como que é vampirizado, impossibilitando a criatividade do pensamento.

O tom pessimista em relação ao futuro das organizações psicanalíticas é reparado por um projeto de que a psicanálise se ligue cada vez mais à filosofia, às humanidades, sendo praticada como uma arte, em pequenos grupos, onde se possa privilegiar a observação numa «perspetiva reversível» (Bion).

No fim da entrevista, o clima entre Meltzer e JSM é particularmente dinâmico — citando em complementaridade Macbeth e permitindo uma reflexão de Meltzer sobre a figura trágica de Lady Macbeth, à luz do conflito estético.

Ainda uma nota acerca da modéstia de Meltzer no fim da entrevista: «I have no theories of my own.» Um dos mais criativos pensadores pós-kleinianos deixou-nos pelo menos duas inspiradoras teorias: a teoria do *claustrum* e a teoria do conflito estético. 🐾



ARTES, LITERATURA E HUMANIDADES

# O Feminino nas «Histórias e Segredos» de Paula Rego

Ana Belchior Melícias<sup>1</sup>Ana Luísa Ferreira<sup>2</sup>Rita Marta<sup>3</sup>

1

Psicanalista Associada da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Psicanalista da Criança e do Adolescente (COCAP-IPA). Formadora do Instituto de Psicanálise da SPP e Membro da Association Internationale Pour le Développement de l'Observation du Bébê Selon Bick. *E-mail*: ana.melicias@gmail.com

2

Psicóloga Clínica. Membro Candidato da Sociedade Portuguesa de Psicanálise. *E-mail*: analuisaferreira.mail@gmail.com

3

Psicóloga Clínica e Cofundadora da Clínica Rorschach – Avaliação, intervenção e formação em Psicologia Clínica Psicanalítica. Membro Associado da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). *E-mail*: ritamarta7@gmail.com

4

Baseado na apresentação do painel-filme, no 51.º Congresso IPA – Feminino, em Londres, em 2019.

5

Nick tinha pedido à mãe, várias vezes e em vão, para fazer um filme sobre ela. Ela, que lhe começou a contar histórias que nunca tinha ouvido. Ela, uma mulher portuguesa a fazer arte no mundo dos homens, no estrangeiro (Londres),

Imagem da página anterior: *Mother and Child*, Paula Rego, 1997–1998

RESUMO

Paula Rego foi a mulher-artista escolhida como âncora e simultaneamente gatilho para adentrar o tema do Feminino, apresentado por três psicanalistas portuguesas no 51.º Congresso IPA em Londres, em 2019. O fio condutor foi o documentário *Paula Rego, Histórias & Segredos*, realizado pelo cineasta, e seu filho, Nick Willing. Através dele, e da vida e obra de Paula Rego, as autoras aventuraram-se pela investigação do imenso continente do feminino. Algumas vias foram emergindo até surgir uma narrativa orgânica, levando do pré-objeto e do protomental e profeminino à indiferenciação da ambiguidade na constituição precoce do objeto, continuando pela bissexualidade pré e pós edipiana na construção do feminino.

PALAVRAS-CHAVE

**Paula Rego**  
**Feminino**  
**Profeminino**  
**Ambiguidade**  
**Bissexualidade**

«Pintores, compositores e escritores que têm a liberdade de destruir as figuras de nossa vida, contudo, confiam na integridade da figura mesmo que eles a destruam. Como os psicanalistas, eles reconhecem o paradoxo dessa liberdade.» (Bollas, 2010, p. 208)

Paula Rego foi a mulher-artista escolhida como âncora e simultaneamente gatilho para adentrar o tema do Feminino<sup>4</sup>. O fio condutor foi o documentário *Paula Rego, Histórias & Segredos*, realizado pelo cineasta, e seu filho, Nick Willing.

A delicadeza e frontalidade do diálogo verdadeiro instalado entre Nick e Paula não cessam de maravilhar. Juntos, tecem uma narrativa artística, entrelaçando, de forma estética e fluida, as dimensões mãe-filho e pintora-cineasta. Cria-se um terceiro espaço, potencial e intermediário, na confluência da capacidade de encontrar, recolher, lembrar e narrar a turbulência e a autenticidade da vida e da obra desta pintora *major*.

O documentário nasce de uma história pitoresca<sup>5</sup> (Alves, comunicação pessoal, 15, novembro, 2017) e espelha a sabedoria de Nick.

Soube permanecer do lado das perguntas e da indagação, não sendo em nenhum momento tentado ou capturado pela armadilha de encontrar ou construir explicações para preencher as lacunas, que justamente encorajam e promovem a profundidade do pensamento. Conta que, na montagem, o mais prazeroso foi cortar a voz da mãe para dar voz a uma história fluente e mais livre.

O título — *Histórias & Segredos* — condensa a mestria genial de Paula Rego ao desenhar/pintar histórias que revelam/escondem segredos.

E corrobora o saber dos psicanalistas de que qualquer narrativa é ficção e todas as histórias contêm segredos.

As autoras aventuraram-se pela investigação do imenso «continente» do feminino através das histórias e segredos da vida e da obra de Paula Rego. Algumas vias foram emergindo, até surgir uma narrativa orgânica, levando do pré-objeto, protomental e profeminino à indiferenciação da ambiguidade na constituição precoce do objeto, continuando pela bissexualidade pré e pós-edipiana na construção do feminino.

onde conheceu o seu pai (Vic Willing), também pintor e a pessoa mais importante na sua vida, cujo amor e segredos acabaram por lhe revelar (abortos, amantes, etc.) de quem é o único filho homem, o mais novo de uma fratria de mais duas irmãs, que deram cinco netas a Paula Rego. Um dia, encontrando-se em dificuldades financeiras, a mãe pediu-lhe para vir a Portugal buscar um serviço Companhia das Índias para vender. E foi assim que encontrou uma caixa com filmes de família (de 1920 a 1966) realizados pelo avô.

## A POLISSEMIA DO FEMININO

### AUTOR 1



Fig. 1 - Paula Rego no estúdio  
© Nick Willing

Paula Rego, que se sente a morar num «quarto escuro» desde os três anos, é, paradoxalmente, uma mulher desassombrada no enfrentamento da sua esfinge. Não está preocupada em decifrar enigmas. Pelo contrário, pinta convocando indiferenciadamente o originário, o quotidiano e o sagrado, como se dissesse: devora-me e eu decifro-te.

*«Tudo o que seja fazer bonecos é o contrário de fugir: é ir ao encontro do que a gente é. A pintura é muito complicada. [...] Somos um instrumento [...] o que interessa é o quadro, o que interessa é o trabalho. Entram coisas no trabalho que nos vêm informar de que se trata o que estamos a fazer. É só assim, fazendo, que a gente descobre o que está a fazer.»* (Ribeiro & Rego, 2016, p. 57, itálico dos autores)

Deste encontro consigo própria, nascem indizíveis e transformativas narrativas figuradas do feminino. A fonte criativa é a infância, as origens que todos nós orbitamos e tentamos organizar por toda a vida. A alma, desassossegada e misteriosa, traz à ribalta, dá corpo e ilumina a «negritude» do feminino.

Interpenetram-se nos seus quadros as dimensões protomentais, sensoriais e pré-verbais, em malabarismos e danças de roda, enfatizando a ambiguidade e ambivalência da própria vida. Paula Rego, tímida e reservada na vida, solta visceralmente na obra a sua *hybris* com impetuosidade e violência.

Marcada pelo cruzamento entre a literatura, o cinema e o teatro e pelas criaturas fantásticas num universo onírico-mitológico, a obra de Paula Rego promove em nós a estranheza trazida por Freud em 1919 e reconhecida pela artista: «há uma parte de mim que não sou eu» (Ribeiro & Rego, 2016, p. 137).

*«[...] a pessoa pode estar a fazer uma coisa pavorosa e de repente começar a gostar da pessoa que faz coisas más. Há uma atração pelo grotesco e pela maldade»* (Ribeiro & Rego, 2016, p. 101, itálico dos autores).

*«Fascina-me isso. As pessoas meigas e amáveis, e más. Isso faz-me todo o sentido»* (Ribeiro & Rego, 2016, p. 120, itálico dos autores).

Os seus quadros-histórias atualizam o permanente conflito estético tal como o *Anjo* — «da guarda ou vingador» — contrapõe sem pudor o que definiu como a «ternura do grotesco» (Rego, 2001).

Acrescenta, associando aos contos portugueses e a Portugal, que «não há em sítio nenhum, nenhum, nenhum, uma espécie de brutalidade bela [...] de beleza mórbida. Essa crueldade bela é uma tradição a que ninguém liga nenhuma. Tem que ver com o grotesco belo» (Ribeiro & Rego, 2016, p. 98).

A violência e a doçura, a crueza e o humor, contidos no «perverso-polimorfo» da pulsão, ecoam em nós o estranho familiar. O espanto. O encanto.



Fig. 2 - Anjo, Paula Rego, 1998

*«Bom, eu se tivesse de morrer levava o Anjo comigo. [...] é ao mesmo tempo um anjo da guarda e um anjo vingador. A sua missão é proteger e vingar. Traz os símbolos da Paixão: a espada e a esponja. [...] um quadro que me fez descobrir uma coisa que sempre soube mas que nunca realizei. Como uma aparição, uma revelação. [...] Cá por dentro a gente fica assim a olhar para aquilo. Cheia de interesse e admiração.»* (Ribeiro & Rego, 2016, p. 137, itálico do autor)

Como diz Stravinsky, citado por Bollas (2010, p. 6): «Essa antecipação do ato criativo acompanha a compreensão intuitiva de uma entidade desconhecida já possuída, mas não ainda inteligível.»

A temática incontornável de Paula Rego é o feminino, nas plurais e ricas expressões entrelaçadas ao longo da sua vida — menina, filha, mulher, amante, artista, mãe, imigrante. E a maior expressão desta condensação parece ser *O Jardim de Crivelli*, criado durante os dezoito meses de residência na *National Gallery* em Londres, onde ficou conhecida como «caçadora furtiva» (Canelas, 2015), por deixar o estúdio do museu e ir buscar inspiração nas imagens de pintores renascentistas.



Fig. 3 (a e b) – *O Jardim de Crivelli*, Paula Rego, 1990–1991

Em profunda *rêverie* artística e com o modelo do conflito estético (Meltzer, 1994) bem introjetado, Paula Rego atualiza a polissemia do feminino criando simultaneamente uma «pele artística» para a sua multiplicidade: origem-arcaico, infância-primário, bissexualidade, ambiguidade-ambivalência, amor-ódio, ativo-passivo, masoquismo-erotismo, submissão-libertação, privado-público, individual-social, masculino-feminino.

De que falamos quando falamos do feminino? Da fêmea (sexo como diferença anatômica)? Da feminilidade (género influenciado pela cultura)? Ou do feminino (construção da bissexualidade psíquica)? Há que diferenciar o discurso social ou político binário feminino-masculino do da metapsicologia psicanalítica, cujo paradigma é a complexidade, o múltiplo e a diferença.



Fig. 4 – Obras de Paula Rego

Sobre alguns trilhos deste infinito multi e pluriverso, o foco deste trabalho recai na direção do profeminino, do originário, do arcaico, do uterino, numa linha conceptual que evoca o estranho em Freud (1919/1976), o «unthought known» (conhecido não pensado) de Bollas (1992), o conflito estético de Meltzer (1994), assim como a sua teoria do claustro (Meltzer, 1992/2017) e da

geografia do corpo materno (*maternal head/breast, maternal genital and maternal rectum*), e finalmente a noção de abjeção de Kristeva (1980).

Dizia um poeta oriental: qual era o teu rosto antes de os teus pais se conhecerem?

«Amparado no berço profundo», Meltzer (1994 p. 38), leva-nos a «imaginar experiências protoestéticas começando *in utero*». Sabemos do objeto primário ligado ao conflito estético e, anteriormente ainda, das memórias uterinas que são expressas clinicamente, de forma evidente, em sonhos, narrativas, desenhos e no brincar, e que se manifestam nas múltiplas realizações artísticas e culturais. Para Meltzer (2017, p. 83), «as experiências emocionais e a formação de símbolos rudimentares e de pensamento começam nos últimos meses de gestação».

Mas, e antes da gestação? Se nos aventurarmos, avançando para trás, na direção do mais precoce e originário? Que poderia ser pensado? Guardaremos nas nossas memórias «celulares», ontogenéticas, a explosão do início da vida, uma espécie de *big-bang*, do encontro do espermatozóide com o óvulo? Poderíamos parafrasear a génese em termos psicanalíticos: no começo era a emoção...

Freud (1913/1974) mostrou que «a ontogénese repete a filogénese» e colocou a hipótese de um inconsciente primário com as correlatas fantasias originárias (Laplanche e Pontalis, 1988). Falava ainda do «umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no inconsciente» (Freud, 1900/2006, p. 557). Bollas desdobra essa linha, tomando o sonho como paradigma da criatividade com a sua conceptualização de um «unthought known» (1992), um inconsciente onde reside o verdadeiro *self*, que é o idioma da personalidade e já está «lá» no recém-nascido.

«Trabalhos de imaginação artística são objetos-forma, amostras do idioma pessoal tornado disponível para o outro. Cada objeto-forma demonstra a inteligência composicional de seu criador e sua estrutura estética sugere para seus subsequentes apreciadores uma peculiar integridade evocativa. Embora o leitor, o ouvinte e o espectador sempre recebam um objeto-forma de acordo com o idioma da inteligência receptiva do *self* de cada um, cada objeto-forma evoca uma resposta formal.» (Bollas, 2010, p. 203)

Segundo este autor, a arte e a psicanálise, ambas fundadas no inconsciente, configuram *objetos transsubstanciais*, através dos quais o intangível pode ser brevemente visualizado: «Não ficamos impressionados apenas por seus conteúdos, mas por serem transsubstanciações — a realidade psíquica intangível é brevemente visualizada — e somos levemente amedrontados pelo processo» (Bollas, 2010, p. 200).

Haveria um «unthought known», um protofeminino, um feminino originário e arcaico, que pudesse ser um desconhecimento/ /reconhecimento inconsciente de um espaço e de uma vivência comum? Todos, mulheres e homens, somos gerados num útero e nascemos de um corpo feminino. Será esse lugar originário, e, portanto, inquietantemente familiar, justamente aquele que nutre Paula Rego nas suas paradoxais — abjetas-poéticas — dimensões, convocando-nos a atravessar fronteiras e pontes que lança entre uma realidade muito crua e palpável e o obscuro e profundo arcaico, como traz Bollas (2010, p. 205): «Em nossos primórdios, dentro do corpo de nossas mães, depois imersos em suas texturas psíquicas e somáticas, nós somos seres encobertos.»

Será essa a dimensão de misteriosidade encerrada no feminino que nos revela Milheiro (2015)? Segundo este autor, na evolução da humanidade, «a ocultação dos genitais femininos na posição ereta proporcionou-nos, de fato, esse oblíquo “recalcamento orgânico sexual”, excelente base para os recalcações psicológicos que vieram a seguir» (Milheiro, 2020, p. 87). E sobre Paula Rego, acentua aquilo que designa como «a estética da agressividade, provinda essencialmente de Francis Bacon e de Lucian Freud, pela PR cultivada. Terá constituído uma das mais profundas revoluções na história da arte, até à segunda metade do século xx limitada às coisas lindas. Só estas teriam cabimento nas valorizações humanas da esteticidade, o que não me parece nada verdade. Penso também que a misteriosidade, completamente indispensável à criação e à fruição artísticas, encharca de igual modo a sexualidade e a agressividade nas pessoas. Doutra forma já teria sido extinta pela razão» (Milheiro, 2019).

Avançando por essa via, deparamos numa margem com a *Mona Lisa* (Da Vinci, 1503–1506), que evoca e esconde, ancorando-se na dimensão *maternal head-breast* (Meltzer, 2017), assim como no olhar constituinte e estruturante que nos humaniza (Winnicott, 1971/1975 e Lacan, 1949/1988).<sup>6</sup> No seu antípoda, na outra margem, encontramos *A origem do mundo* (Courbet, 1866), gerando perplexidade e controvérsia. Por um lado, pelo conhecido repúdio ao feminino encoberto sob o véu da castração. Por outro, pela ousada apresentação, sem *burka*, da genitália feminina (*maternal-genital*, Meltzer, 1992/2017), por onde entra e sai a vida.

6 Olhar como função do eu, podendo desde os seis meses antecipar a imagem total do seu corpo, mas também como metáfora do olhar e do vínculo da mãe como espelho da criança.



Fig. 5 – *Mona Lisa*, Leonardo da Vinci, 1503–1506



Fig. 6 – *A origem do mundo*, Gustave Courbet, 1866

O quadro tem uma longa e curiosa história até chegar às paredes de Lacan e posteriormente às do Museu de Orsay. Uma das razões possíveis para Lacan ter comprado o quadro é o facto de ter considerado «o sexo da mulher impossível de representar, dizer e nomear» (Brum, 2012). Mas é do nome do pintor — Jean Désiré Gustave Courbet — que sobressai uma curiosa e lacaniana pista para a conturbada trajetória da obra. Afinal, a inquietante questão do século XIX parece ter sido a ameaça do desejo contido no feminino, como pontua Paula Rego: «Se a mulher se mantivesse sem fazer nada, absolutamente nada, não ameaçaria.» (Rego em Willing, 2017)

A vagina/útero, *locus* originário, de penetração, de fecundação, de nascimento, aponta tanto para a dimensão geográfica materno-genital (Meltzer, 1992/ 2017), como para os misteriosos enigmas que nos constituem: a castração-separação, a cena primitiva e o nascimento. Este último, para Paula Rego, pode ser vivido «como uma relação sexual interessante por acasalar o erótico e a dor» (Rego em Willing, 2017), espelhando o profícuo e fundador acasalamento da segunda tópica e seus desenvolvimentos na psicanálise.



Sabemos que não é fácil destrinçar «o trágico do grotesco, o herético do patético, o desencantamento do reencantamento, a utopia libertária da sereia totalitária, *Eros de Thánatos*» (Sousa, 2013, p. 48, citando Gonçalves: 2009: 33). E continua Sousa (2013, p. 51), a propósito do universo grotesco, onde espaço e tempo estão na

«esfera do passageiro, do marginal e do extraordinário, [...] os protagonistas tendem a ser sujeitos coletivos hiperbólicos e exorbitantes, que se afirmam como autênticas alegorias do mundo, da vida e da morte; um espaço onde tudo e todos estão em perpétuo movimento, longe de qualquer equilíbrio, eternidade ou perfeição; tudo se transforma, tudo comunica. Os limites e as fronteiras esbatem-se. Os extremos aproximam-se, baralham-se e interpenetram-se; as oposições, mormente as mais enraizadas no discurso oficial, perdem força e sentido. [...] tudo se enlaça e se mistura num abraço aglutinante».

Nolasco (2004) utiliza a metáfora simbólica do corpo, onde «o grotesco prefere as zonas de transição entre a vida e a morte, como a representação da velhice e da meninice, os estados de gravidez, de doença, física ou mental, de loucura, em contraposição ao ideal clássico... as formas que trazem no rosto a expressão do parto ao saírem, distorcidas, da amálgama do fundo» (p. 144).

Talvez possamos pensar nessas zonas de transição, nessa misteriosidade ancorada na dimensão de anterioridade — de um «eu» em relação a um não-objeto —, trazida por Kristeva em 1980, com o conceito de abjeto. Abriu, com ele, as portas para «algo de intersticial, algo que faz bascular a relação objeto-sujeito, e que arrasta o sujeito para o vazio abismal do seu reverso para onde o sentido se afunda» (Nolasco, 2010, p. 162).



Fig. 7 – Auto-retrato, Paula Rego, 2015

Kristeva trata o abjeto como uma manifestação do mais primitivo na economia psíquica, o «objeto» do recalçamento originário, anterior ao surgimento do eu: «o abjeto não é o objeto, é uma

espécie de primeiro não-Eu, uma negação violenta que instaura o Eu; trata-se, em suma, de uma fronteira» (Kristeva, 1980, p. 77), através da qual se dá o «reconhecimento da perda fundadora de todo o ser» (*ibid.*, p. 13).

É a experiência desta perda que leva à oposição entre o sujeito e o objeto. E a manifestação dessa violenta cisão, que Kristeva denomina protocisão, leva-nos, seguindo a linha do conflito estético, ao abjeto como «um não-sentido que nos oprime, tal como o sublime é um sobre-sentido que nos escapa» (Moraes, 2008).

Diferentemente do sublime, a manifestação privilegiada do abjeto é «um corpo sem alma» (Kristeva, 1980, p. 127), que nos reenvia de volta ao campo caótico e pré-simbólico da Natureza. A autora conota o feminino à origem maternal — *chora*, recetáculo primordial — e liga-o implicitamente à impureza e ao repulsivo.

Diferentemente da perturbadora estranheza, «não há reconhecimento, mas apenas estranhamento» (Nolasco, 2010, p. 164). Com as fronteiras diluídas e frágeis, cria-se um estado de atração-recusa, rejeição-fascinação, suscitando prazer e mal-estar, revelado muitas vezes na receção da arte. A rejeição é reatualizada «sempre que a fronteira entre o Eu e o não-Eu é posta em causa pelo abjeto» (Nolasco, 2010, p. 170).

Lechte (2016, p. 25), demonstrando a própria ambiguidade do conceito de abjeto em Kristeva, propõe: «Assim como o inefável, o inexprimível e o inapresentável podem ser evocados por meios simbólicos (incluindo as palavras), o abjeto apareceria sem aparecer totalmente.» E é justamente isso que afirma Lapa (2004, p. 16): a pintura de Paula Rego, «ao aceitar o visível como anterioridade da linguagem, faz-se para adivinhar o mundo».



Fig. 8 – Estúdio de Paula Rego  
© Vogue7

«Ao exhibir o incesto implícito, o abjeto, o aborto, o desejo sexual das crianças e dos idosos, as ilusões infantis nos adultos, tornando visível o lado carnal dos anjos e a sua sombra, PR entra numa zona considerada de risco pela sociedade, mostrando aquilo que é socialmente intolerável.» (Nolasco, 2004, p. 148)

## 7

Artist Paula Rego On Her Landmark New Exhibition by Louise Long, 13 de setembro de 2018. <https://www.vogue.co.uk/article/paula-rego-interview>

8

Conflito estético definido por Meltzer (1992/2017) enquanto «nossa resposta inata à beleza-do-mundo, que é uma capacidade de resposta estética, contém a integração de todos estes três vínculos positivos L, H e K, mas que a dor da ambivalência combinada à necessidade de tolerar incerteza, torna muito difícil de manter estes vínculos juntos» (p. 82).

9

Lenda chinesa, popularizada no Japão.

Através do processo de pintura, atualiza o conflito estético<sup>8</sup>, tanto na dimensão de opacidade e enigma, como na dimensão de transparência e revelação, tornando-se ela própria no enigma a ser continuamente decifrado, por si própria e por cada espectador no diálogo e articulação intra, inter e transubjetivo invocados pela obra.

Freud, capturado pela cativante e obscura esfinge do feminino, interroga-se: «Afinal, que querem as mulheres?» E o seu questionamento ecoa ainda transversalmente.

Talvez o feminino mantenha esse mistério eternamente em aberto, em capacidade negativa e incerteza: o enigma talvez seja o próprio feminino enquanto origem, uma protoestrutura polissêmica que deverá ser dinâmica e continuamente arranjada e rearranjada, construída e desconstruída, com a turbulência da criatividade transformativa onde, como em Paula Rego, «a desordem torna-se força de re-generação, de criatividade» (Nolasco, 2004, p. 144).

Talvez o feminino seja, como diz Junqueira Filho (2010, p.179), «influenciado pelo “odioso assédio dos contrários” de Milton, ao propor que a “purificação da percepção” é fruto de se poder suportar as tensões emocionais do “casamento dos contrários” [...] de tolerar a “apavorante simetria” entre terror e beleza».

Junto com o objeto, mas para lá dele e da separação, Kristeva (2019) trouxe-nos a ternura como afeto básico da confiança e da «religância». Ora, confiança, confiar, «vem do latim *confidentiae*, *confidere*, e significa acreditar plenamente, com firmeza. Confiar é fiar com alguém, tecer internamente na companhia de alguém o seu próprio caminho, o seu verdadeiro eu. A confiança torna os pais fiadores dos filhos, pela *rêverie* e pelo *holding*» (Melícias, 2015, p. 66). E torna também os casais fiadores um do outro e do amor, como nos diz Bessa-Luís (2008, p. 68): «Durante trinta e três anos teve um homem à sua beira, na sua vida, na sua arte. É uma fidelidade que se parece com um ato de fé», ideia corroborada pelo conselho que Paula Rego daria a um jovem pintor: «encontra alguém em quem confias e se puderes casar, melhor» (Rego em Willing, 2017).

Bioniano ato de fé, confiança no sentido de religância, é o que emana da relação de Paula Rego com a sua obra e com Vic, seu marido, comoventemente expressa na carta de despedida que este lhe deixou antes de morrer, e trazida por Paula Rego sempre junto a si:

«Adieu. Paula I'm uncomfortable now, all the time. Most of me has gone already. It only remains to me to dispose what I have a little bit, while I still can. I don't want to know what the bitter end is. This will

be a lonely moment I imagine. Sell my things, slowly and wisely. I know you will paint even better. Trust yourself and you will be your own best friend. As well as sadness you may also feel relieve. Don't feel badly about that. Enjoy life, it's all that is. The kids are great. All my love. Vic.»

Paula Rego viveu um verdadeiro Akai Ito<sup>9</sup>, o fio vermelho do amor e do destino (não do fado!). Nas suas palavras: «a beleza e o grotesco, vêm do amor. O amor casa essas coisas todas» (Ribeiro & Rego, 2016, p. 99). A boa cena primitiva interna, raiz da verdadeira criatividade, foi fértilmente transformada na vida e na obra, ou seja: a possibilidade de se manter em capacidade negativa suportando a dor do conflito e em contacto onírico profundo com a misteriosa anterioridade, o abjeto, o proto, o originário, que a todos pertence e a todos desassossega.



Fig. 9 – Paula Rego no estúdio  
© Antonio Olmos/The Observer

Os artistas são uma inspiração, como bem nos lembra Junqueira Filho (2010, p. 180) a propósito da Carta aos filhos de Bion (1985): «para suportarmos solitariamente a carga do autoconhecimento [...] e funcionaríamos como “seios pensantes” para nos ajudar a digerir as mudanças catastróficas intrínsecas ao crescimento mental».

## A AMBIGUIDADE E O FEMININO

### AUTOR 2

«A ambiguidade está na raiz da perturbação que a sua pintura provoca em quem a vê», escreve Alberto de Lacerda (1978, pp. 12–14), e Ruth Rosengarten: «Quanto mais precisamente ela captura um gesto, maior é a sua ambiguidade» (1997, p. 157), ambos teóricos e críticos da obra de Paula Rego.

Estas afirmações condensam extraordinariamente o ponto de vista que optamos por investigar. Interessa-nos a multiplicidade, a multivalência, a mistura de elementos contraditórios, a-conflitual, na obra de Paula Rego. Meninas e mulheres, humano e animal, masculino e feminino, a fusão de todos os tempos, o apagamento dos contrários afetivos, neste universo criativo.



Fig. 10 – A Dama Pé-de-Cabra, VI, Paula Rego, 2012<sup>10</sup>

10

Exposição apresentada na Casa das Histórias Paula Rego em 2012.

Propomo-nos investigar o conceito de ambiguidade do ponto de vista psicanalítico. No dicionário comum, ambiguidade refere-se à simultaneidade de vários sentidos, diferentes entre si.

É nos escritos de José Bleger, psicanalista argentino, que encontramos este termo, referindo-se à ambiguidade como um estado próprio da simbiose. A ambiguidade equivale à indiferenciação. Ou, a indiferenciação produz ambiguidade. «Se uma atitude ambivalente subsiste sem promover conflito, estamos em rigor diante da ambiguidade.» (1985, p. 351)

Para este autor, a ambiguidade equivale à indiferenciação da organização «gliscro-cárica» (glischro=viscoso; karion=núcleo), indiferenciação do núcleo viscoso, organização psicológica que antecede a posição esquizo-paranoide. Esta posição corresponde ao funcionamento mental primordial, sem diferenciação eu-mundo ou discriminação entre objeto bom e objeto mau. Trata-se de uma forma de dependência, uma relação narcísica de objeto. Para Bleger (1967), a simbiose é muda, isto é, apenas se revela quando é rompida.

Na ambiguidade, o Ego é um ego «granular» ou «aglutinado» (Bleger, 1967, p. 220), porque composto por uma multiplicidade de identificações primárias «não sedimentadas, e ao mesmo tempo contemporâneas e contraditórias» (Montagnini, 2018, p. 1367). Ego-conglomerado, a funcionar em processo primário, sem lugar para o princípio da não-contradição (princípio que afirma que duas afirmações contraditórias não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo) — deste modo, tornando-se possível a coexistência, sem dúvida ou conflito, de dois ou mais sentidos, e mantendo-se indiferenciado do objeto.

Este conglomerado de identificações primárias, ou núcleo aglutinado, possibilita a migração de identificação em identificação, permitindo estar no aqui e agora e, ao mesmo tempo, nem aqui nem lá, expressão de um dom que vai além do dom da ubiquidade, como nos diz Montagnini (2018).

Este é o tempo pré-ambivalente.

Na obra de Paula Rego, a ambiguidade é algo que reveste as suas personagens, situações e universo. Na verdade, uma espécie de «visco» (gliscro) derramado sobre as fronteiras que separariam e organizariam o mundo conforme o conhecemos, apagando-as. Ou uma nuvem, que, ao deslocar-se, intrépida, vai abarcando sob a sua sombra todos os diferentes pontos do território, amalgamando-os. O contacto com este estranho é — ao mesmo tempo que profundamente inquietante, desorientador — assombroso, pelo contacto que permite com a multiplicidade, a combinação ilimitada de sentidos, sem conflito. É o mundo da onnipotência.

### ELABORAÇÕES POSSÍVEIS DO FEMININO NAS DINÂMICAS DA FASE DA DEPENDÊNCIA PRIMÁRIA (OU SIMBIÓTICA)

Na fase da dependência primária, estágio primário ou primitivo da infância, o tema principal é a fusão, a (in)diferenciação entre o eu e o não-eu — em linha de continuidade com a noção de núcleo viscoso. Envolve temas como a vinculação e a diferenciação. Para Roussillon, «estabelecer um vínculo com o objeto é tão problemático quanto diferenciar-se dele» (2011, p. 108). A questão da construção da relação com o objeto e a questão da diferenciação do objeto são duas faces da mesma moeda.

Assim, por um lado, o seio, como o grande significante desta fase, é o que permite a reunião e unificação das experiências perceptivas, sensoriais e emocionais do bebé, conferindo-lhes um valor de mensagem e potencial simbólico; e, por outro, o seio, «significante enigmático» (Roussillon, 2011, p. 145), símbolo do encontro entre o materno e o feminino, é o que permite a separação, já no espectro da cena primitiva.

### — A AMBIGUIDADE COMO ESTADO MENTAL

Também para Winnicott (1963), as vivências infantis precoces pressupõem a coexistência de dois aspetos da relação com a mãe: a relação do bebé com a mãe-ambiente e a relação do bebé com a mãe como objeto separado: a descoberta da alteridade, sendo que o primeiro se tornará «a base silenciosa da vivência da relação de objeto» ou «a matriz da mente» (Ogden, 2012, p. 41). Interessamos neste tempo do desenvolvimento, tempo no qual não existe diferença entre o interno e o externo, o eu e o não eu. A mãe proporciona a experiência de ilusão do «objeto subjetivo», proporcionando ao bebé a ilusão de ter «criado» o objeto, segundo as suas necessidades.

O processo de passagem da fase da ilusão de onnipotência mágica para a capacidade de viver os objetos como independentes de si mesmo deverá ser mediado por uma relação com o objeto transicional. Ogden defende que «os fenómenos

transicionais têm uma estrutura dialética» (2012, p. 42) e paradoxal, o que nos remete para o conceito de ambiguidade. Segundo Ogden (2012), nos fenômenos transicionais «a unidade e a diferenciação, a realidade e a fantasia, o eu e o não eu coexistem» (2012, p. 42), sem contradição, acrescentamos nós, configurando um estado mental que permite pôr em marcha, de modo saudável, a transição para novos períodos do desenvolvimento.

Na senda dos autores, sugerimos a ambiguidade como estado mental de base, «fundo» de relação sem lugar para o princípio da não contradição, terreno para o transicional, pela capacidade da dupla para manter a conexão com a mãe interna como «objeto subjetivo», fenômeno que permite e facilita a vivência dos períodos críticos que pautam o crescimento.

#### — O OBJETO AMBÍGUO, DA OMNIPOTÊNCIA

Para Roussillon (2008), «o investimento do outro e o investimento de si não são antagônicos, vão a par e narcisismo e objetividade não são diferenciáveis» (2008, p. 112).

Relação «em duplo», da qual dependerá a boa vivência da ilusão primária e o desenvolvimento do sentimento de si. Assim, um duplo, para que o seja, deverá responder ao imperativo da diferenciação e ao imperativo da semelhança. Ou seja, «deverá ser diferenciado como um outro-objeto, na medida em que é um outro objeto no qual o sujeito se reconhece, e que seja um reflexo de si. Aqui está o paradoxo! Só é um duplo se for um objeto-outro reconhecido como igual, semelhante» (2008, p. 109).



Fig. 11 – *My Mother*, Paula Rego, 1996<sup>11</sup>

Mas quando a mãe não se oferece nem como diferenciada nem como igual, nem como um outro-objeto, exterior, nem é capaz de refletir o sujeito, não permitindo ser «criada» como um outro eu-mesmo; quando a mãe não se presta aos ajustamentos necessários, corporais e afetivos, não se constituindo como espelho e criando «o estranho, o inquietante, o intrusivo» (2008, p. 112): não será

este o objeto ambíguo por excelência? Não residirá aqui a perturbação, a dupla ameaça? Nem diferente nem igual. E contra tudo isto ao mesmo tempo!

Os quadros de Paula Rego surgem-nos como o fundo onde este mundo regressivo, onnipotente e opressivo é projetado. Uma linguagem do retorno destas experiências primitivas, arcaicas. A sua pintura fala-nos de um universo subjetivo «nebuloso», viscoso, pela possibilidade ilimitada de combinações de investimentos/identificações, resultado de um processo mimético e metamórfico contínuo, excitante. Mistura «viscosa» à procura de ser refletida e sintetizada?

O lugar onde esta «combustão» se inscreve é o lugar da indiferenciação, o lugar da não-separação, lugar do idílio e, simultaneamente, dos laços incestuosos e do mortífero. A coexistência, a-conflitual, da paixão e da confusão mortífera da vida e da morte.

Propomos a ambiguidade como representação da dependência primária, representação da parte indiferenciada e dos laços simbióticos primitivos. Este feminino materno antecede e opõe-se (quando há fixação) à face do feminino que introduz a separação e a diferenciação, no seio da homossexualidade primária, pela sua ligação à cena primitiva. O feminino enquanto regulador do equilíbrio entre o semelhante e o diferente é o que permitirá a passagem da ambiguidade à ambivalência. Distinguimos assim o objeto ambíguo, da onnipotência, do objeto enigmático, do conflito estético.

#### O AVESSE DA FUSÃO IDÍLICA

O avesso da fusão idílica, lugar de chegada desta reflexão, é o submundo ou «mundo fantasma», a marca da transmissão do transgeracional, lugar do traumático pelo excesso da presença de outros no psiquismo da mãe — a presença da sua própria mãe e dos seus ascendentes. Lugar onde a problemática das filiações mortíferas transgeracionais, pela impossibilidade de serem representadas, aprisiona, na indiferenciação da relação incestuosa mãe-filha/o — aqui, de novo, o ego granular da ambiguidade.

«O leite materno poderá ser o vetor de tal fusão-efusão-transfusão mortífera» (Parat, H., 2006, p. 150). Porque, ao amamentar, a mãe não transmite só leite. Transmite também fantasmas, desejos e defesas. Assim, o leite pode ter a cor negra da depressão, a cor branca da angústia e a cor vermelha da excitação, ainda segundo a autora e como aliás vemos nos quadros da Paula Rego. O leite que alimenta a vida psíquica é assim, ao mesmo tempo o leite-veneno que não liga, nem transforma. Na mistura, difusa, de investimentos/identificações que o leite materno transporta, os diferentes sentidos possíveis coexistem, sem conflito, configurando de novo a ambiguidade.

Fig. 12 – *Grandmother Kissing Grand-child*, Paula Rego, 2001Fig. 13 – *Suckling*, Paula Rego, 2001Fig. 14 – *Mother and Child*, Paula Rego, 1997–1998

Encontramos na obra de Paula Rego referências várias a este feminino, continente da indiferenciação primitiva matricial, lugar onde «as meninas são mulheres e as mulheres meninas. Observam-se e ensinam-se umas às outras; trocam segredos e entram em conspirações» (Szirtes, 2004, p. 68). É o lugar da repetição maciça do

transgeracional feminino e da confusão mortífera mãe-bebé e mãe (bebé em si) em relação com a sua própria mãe. «A criança, sucessora do objeto primário da mãe, duplo sem o estatuto de duplo, pode ser mantida num laço de cunho carnal constante, pela impossibilidade de se/o representar como separado.» (Parat, 2006, p. 146) Quando o destino do materno não é abrir-se à separação, pela impossibilidade de ligar o materno e o feminino, estamos perante a mãe que, muito embora alimente, deambula entre a vida e a morte.

Escreve Agustina Bessa-Luís: «A verdadeira beleza é monstruosa. Sai da linha, apeia-se no descampado, salta todas as barreiras, tem uma elasticidade sobre-humana. E, de repente, a beleza aparece, ilimitada, pura e monstruosa.» (2008, p. 66) Os quadros de Paula Rego serão o lugar depositário deste «mundo fantasma», o mundo da organização viscosa e granular mais primitiva da mente, mundo simultaneamente belo e monstruoso. O fundo da experiência contínua da realidade, sem oposição ou classificação binária, o mundo da multipotencialidade.

Citando Bollas (2010): «Quando o pintor pinta, ou o músico compõe, ou o escritor escreve, eles transferem a realidade psíquica para outro campo. Eles transubstanciam aquela realidade, o objeto não mais expressa o self, mas reforma-o.» (p. 200) Pensamos nos quadros de Paula Rego como esse «campo», lugar não meramente projetivo, mas transformacional, que nos permite aceder ao intangível das experiências arcaicas e mais primitivas da mente, ao infantil anterior ao uso da linguagem, lugar de todos os possíveis.

Terminamos com um pensamento de Bauman: «é a oposição, nascida do horror à ambiguidade que dá origem à ambivalência» (2007, p. 72). Dito de outro modo, será a introdução do princípio da contradição como princípio regulador do mundo interno a fonte da ambivalência.

### **HISTÓRIAS PARA UMA INTEGRAÇÃO DA BISSEXUALIDADE NO FEMININO AUTOR 3**

«Contrary to the phallic/castrated pairing, which upholds social structures and the balance of power, the masculine/feminine relationship is a mental creation which implies acknowledging and facing up to otherness in the difference between sexes.» (Schaeffer, 2011, p. 13)



Fig. 15 – A Família, Paula Rego, 1988

As pinturas de Paula Rego, cujas personagens são fundamentalmente mulheres, provocam em nós um «impacto estético», diversas e intensas reações emocionais que vão desde o espanto, o riso, a repulsa... Um impacto estético, no sentido de Meltzer, ligado ao mistério e à ambiguidade das meninas que habitam as histórias e o mundo onírico de Paula — criadas e senhoras, meninas ingénuas e mulheres emprenhadas no sofrimento do aborto —, e que surgem ora submissas, ora poderosas; ora violentas, ora doces; ora femininas, ora masculinas... ora ambíguas...

#### QUEM SÃO AS MENINAS DAS HISTÓRIAS DE PAULA REGO E QUE NOS DIZEM ELAS ACERCA DO FEMININO?

Como diz Malpique (2017), psicanalista, «Os homens são raros, efeminados, velhos, enquanto as mulheres são muitas vezes andróginas, feias, sérias, altivas, desconfiadas, grávidas [...] pernas grossas, sem a tradicional graciosidade feminina [...] Criadas por todo o lado, subservientes à patroa» (p. 72).



Fig. 16 – Branca de Neve e a Madrasta, Paula Rego, 1995

Se as meninas das histórias dos quadros de Paula surgem ambíguas, simultaneamente femininas e masculinas, velhas e novas, frágeis e fortes, onde os

opostos se misturam, no documentário *Histórias & Segredos*, Paula Rego conta-nos uma outra história, de um mundo subjetivo dicotómico, dividido — clivado —, em que feminino e masculino parecem estar e colocar tudo em permanente oposição. No seu discurso, Paula Rego liga masculino — a ser ativo — versus feminino — a ser passivo; masculino — ao trabalho — versus feminino — a ter bebés e cuidar da casa; masculino — à liberdade (no estrangeiro, no trabalho) — versus feminino — à prisão (da pátria); o parto (que é erótico) versus ter bebés (que é materno); dor versus prazer (no parto); dor versus erotismo (no aborto); emoção e intensidade na pintura versus reserva e silêncio na vida privada. «Bebés ou pincéis», diz ela.

Paradoxos que a biografia de Paula Rego parece confirmar: foi através da mãe que pela primeira vez teve contacto com a pintura; mas foi o pai que a libertou e a mandou estudar pintura para Londres. Mãe que Paula descreve como severa e autoritária, quiçá mais próxima de uma autoridade paterna superegoica, e de quem nunca se conseguiu aproximar; pai afetuoso, que contava histórias de fadas como habitualmente fazem as mães. Um pai que a libertou, mas ele próprio prisioneiro de uma depressão; mãe pintora, mas prisioneira da condição de mulher. Uma mãe e um pai de quem Paula Rego se separou precocemente e só reencontrou aos dois anos e meio. À mãe, diz Malpique, nem a reconheceu.

«Pintar é masculino. É impulsivo, agressivo, confrontativo — diz Paula Rego em “Histórias e Segredos” — “Eu queria ser como eles [...] É diferente de ter bebés e estar com eles em casa... que é mais como crianças a brincar às bonecas e casinhas [...] Pintar é ser mais eu mesma.» (Rego em Willing, 2017)

É assim numa identificação com este «masculino» que Paula Rego vai pintar para Londres, estimulada pelo pai, para se libertar do regime salazarista em que vivia, e da situação de mulher.

Paula vai utilizar a tela para denunciar a situação submissa e prisioneira da mulher portuguesa, mas também para falar do seu feminino, porque é no enquadramento da tela que Paula se sente segura: «Tinha medo de tudo [...] É na pintura que eu tomo os meus riscos», refere (Bessa-Luís, 2008, p. 28). Paula pinta para se libertar dos seus medos, «para dar uma face ao medo» (*ibid.*, p. 60), para lá deixar os fantasmas que mantinha no silêncio da sua timidez. Mas Paula usa este lado «masculino» para pintar fundamentalmente mulheres.

#### A OBRA E O FEMININO: DOMÍNIO E SUBMISSÃO

Análises diversas sobre a obra de Paula Rego parecem confirmar a presença constante de opostos, em particular relativamente a um feminino

marcado pela oposição domínio/submissão.

Assim, nos olhares não psicanalíticos, Paula Rego surge como denunciadora de situações políticas e sociais e da situação da mulher perante o homem, reivindicando contra a violência/opressão das mulheres pelos homens.

Segundo a escritora portuguesa Agustina Bessa-Luís (2008), *As meninas com o cão* (1987) retrata a submissão ao masculino: «O cão é um homem que se pretende servir e dominar pela servidão»; «A raiva dos animais domésticos é a raiva que a mulher domesticada deve sentir» (p. 24).



Fig. 17 - *As meninas com o cão*, Paula Rego, 1987

*O cadete e a irmã* (1988) «significa o suborno da mulher, ela é uma criada, nada mais do que isso, é a eterna menina da casa em serviço do irmão fardado» (*ibid.*, p. 29/30). «A servidão é a chave da sensualidade.» (*ibid.*, p. 49)



Fig. 18 - *O cadete e a irmã*, Paula Rego, 1988

A historiadora de arte Sarah Kent (2004) chama a atenção para o facto de n' *A Filha do Polícia* (1987) um dos braços da rapariga estar completamente enfiado dentro da bota do polícia, um gesto ambivalente que combina obediência e agressividade.



Fig. 19 - *A Filha do Polícia*, Paula Rego, 1987

E a jovem em *A Filha do Soldado* (1987) é descrita por Paula Rego como a criada para todo o serviço de um quartel, da qual se espera que ofereça assistência sexual além de doméstica.



Fig. 20 - *A Filha do Soldado*, Paula Rego, 1987

O seu marido e pintor Vic (Willing, 2004) confirma esta dicotomia, enfatizando a predominância, nas primeiras obras, de temas de dominação e violência, e colocação de limites: «A dominação assume diversas formas: a criança dominada pelos pais ou professores, indivíduos pelo estado, psique pelo sonho, personalidade pela paixão, consciência pela culpa — agressões originam violência [...]. Ao fixar as partes num quadro e tentar retê-las dentro de um limite tenta-se impor coerência [...] uma grande quantidade de violência pode ser infligida às personagens, que por vezes são ainda ridicularizadas, a fim de se tornarem menos perigosas [...]. A ironia é uma defesa contra a dor.» (p. 18–21)



Fig. 21 - Os Mártires, Paula Rego, 1968

E Paula confirma esta dicotomia domínio/ /submissão: «Sempre fiz o que os outros queriam» (Rego em Willing, 2017), «Quem depende de quem (criada, patroa)? Uma luta constante a ver quem é que manda...» (Melo, 2004, p. 59).



Fig. 22 - As Criadas, Paula Rego, 1987

Os discursos psicanalíticos sobre a obra de Paula Rego realçam a presença de uma feminilidade pré-genital associada a uma imago materna onnipotente.



Fig. 23 - A Noiva, Paula Rego, 1985

Malpique (2017) fala de uma feminilidade pré-genital, repleta de narrativas projetivas, de um mundo interior, subconsciente, imaginário, da infância, dando satisfação pulsional ao que ficou de pré-genital na evolução da psicosexualidade, da sua feminilidade. Esta autora realça a

«Ambivalência, perversidade, crueza visceral, sentimentos de raiva, violência, invejas, vingança e agressividade, [...] em parte reprimidos, num espaço interno dilacerado-condoído, onde figuram objectos mortos, disformes, grotescos, criaturas aleijadas, monstruosas, diabos e animais ferozes. Trata-se de um espaço claustrofóbico, bidimensional, cheio de objectos: cocós, bebés, pénis, dedos de bonecos que ela cortava com tesouras em criança, membros decepados [...], lagostas com tenazes ameaçadoras, etc. — forma com que talvez na infância, fantasiasse o interior do corpo materno» (p.71).

Para Malpique, Paula Rego retrata esta perversidade feminina, primária, algo de oculto, de misterioso, ligado à parte psicótica da personalidade (Bion), presente em todos nós, mas que a artista mostra, e com a qual se fascina e brinca.

Outros autores (Pereira, 2008) enfatizam uma identificação à imago materna onnipotente cruzada com uma idealização do masculino, dando origem a seres andróginos e autossuficientes, e a uma bissexualidade psíquica mal integrada.



Fig. 24 - Olga, Paula Rego, 2003

### A VIDA E O MASCULINO

Mas se na obra estão as mulheres, no filme *Histórias & Segredos* estão os homens. Masculino ausente na obra e onnipresente na vida. E o filme de Nick como um olhar biográfico de um filho à procura de resolver o enigma da mãe — objeto estético ambíguo?

Na vida de Paula Rego, é o pai que a liberta



da prisão da casa-pátria-feminino para a pintura-liberdade do estrangeiro. Pai que, durante a gravidez da primeira filha de Paula, a salva também do abandono de Vic, e da ira materna, inaugurando a maternidade de Paula.

E é Vic, o seu marido, que vai marcar todo o seu trabalho: a pintura sobre o aborto, sobre o ciúme, a raiva, a doença. Marido com quem Paula vai ter uma relação de submissão: «baixei as calcinhas sem dizer nada [...] fazia tudo o que ele queria» (Rego em Willing, 2017).

Com a morte do marido, surge a série *Avestruzes*, «à espera do amor sozinhas», escreve Agustina Bessa-Luis (2008). Sem marido, as mulheres ficam como avestruzes perdidas... e de luto...



Fig. 25 - *Avestruzes bailarinas*, Paula Rego, 1995

A morte do marido traz uma mudança fundamental à sua obra através do uso do modelo vivo de Lila, a enfermeira de Vic, e que Paula refere ser ela mesma. Paula Rego, que não se sentia filha da sua mãe, que para os filhos era vivida como «opaca» e «misteriosa», contrata a enfermeira Lila para tratar do marido, e faz dela o modelo vivo — identificatório — quando ele morre.

Feminino na pintura e masculino na vida. Feminino e masculino ora confundidos (na obra), ora clivados (no discurso). A forma como se articula a relação feminino/masculino (na obra, biografia e discurso de Paula Rego) levou-me de viagem até à questão da bissexualidade psíquica em psicanálise.

#### COMO SE ARTICULA ESTE FEMININO E MASCULINO NA BISSEXUALIDADE PSÍQUICA?

Winnicott (1971/ 2005) descreveu a presença de elementos femininos e masculinos em estado puro. Os elementos femininos formar-se-iam na relação com o objeto subjetivo mãe-seio, na identificação primária (Eu=outro) e dariam origem ao sentimento de SER (*being*). Os elementos masculinos em estado puro corresponderiam já a uma diferenciação do objeto, e à existência da

pulsão, e dariam origem ao REALIZAR (*doing*). Assim, os elementos femininos seriam o continente e os masculinos os conteúdos, que em conjunto possibilitariam a utilização dos mecanismos de identificação introjetiva e projetiva, e a relação e o uso do objeto.

A propósito de alguns casos clínicos, Winnicott fala de uma clivagem dos elementos femininos e masculinos.

Vários autores (André, 2011; Fiorini, 2018; Gibeault, 1993) postulam a existência de uma bissexualidade psíquica pré-genital, precoce, inerente ao feminino primário, e que se constrói através dos ritmos da relação mãe-bebé — presença/ausência; bom/mau; dentro/fora; recetividade/penetração — numa lógica binária.

Seria assim uma bissexualidade primária, introduzida na relação homossexual primária (feminino primário) através do corpo e do discurso materno e ligada à forma como a mãe vive a sua própria bissexualidade psíquica, diz André Green em 2018?

Outros autores (Green, 2018; Magnenat, 2019; Pereira, 2002; Richard, 2019) referem a existência de uma bissexualidade psíquica primitiva ligada à função continente-conteúdo (Bion) e ao nascimento do pensamento, que assenta sobre a ideia original de Freud acerca da identificação primária a ambos os pais, e à ideia de Green de Édipo originário. André Green recusa a ideia da ausência do pai na relação mãe-bebé, sendo o lugar ocupado pelo pai o dos fantasmas edipianos da mãe. O pai inscreve-se na vida da criança como uma «figura de ausência», que faz dele o «determinante invisível da relação mãe-criança». A criança teria assim desde o início, antes da diferenciação dos sexos, uma relação com cada um dos pais: uma relação direta e corporal com a sua mãe, e uma mais indireta de identificação primária com o pai.

Para Luc Magnenat (2019), existe uma experiência edipiana originária, que contém elementos masculinos e femininos no próprio processo de nascimento do pensamento: «A transformação operada pela rêverie materna na partilha de afetos por identificação projetiva transporta inelutavelmente a marca do terceiro, transporta a marca da cena primitiva de uma bissexualidade psíquica materna regida pelas funções de continente-conteúdo (feminino/ /masculino) e de oscilação (PS-D).» (p. 119)

Durante o Complexo de Édipo, a bissexualidade psíquica seria posta à prova: o Complexo de Édipo, sempre duplo (positivo e negativo), culmina numa dupla identificação, masculina e feminina — a bissexualidade psíquica edipiana. Estas duas identificações, feminina e masculina, não são iguais: são complementares e contraditórias,

uma dominando a outra e escondendo-a, mais ou menos. Aqui, a bissexualidade psíquica teria de ser integrada na diferença de género: uma bissexualidade psíquica harmoniosa significaria o uso livre dos atributos de ambos os sexos articulados numa identidade sexual. Como diz André Green (2018), na bissexualidade edipiana está presente um conflito latente: «A bissexualidade (psíquica) está intimamente ligada com a diferença dos sexos: onde há bissexualidade há também diferença. Onde há diferença há um corte, uma ceasura, uma castração das potencialidades de jussance do sexo complementar: inverso e simétrico» (p. 254). A bissexualidade psíquica genital, pós-edipiana, seria então construída através de uma fantasia pessoal: «É através da constituição da fantasia do outro sexo — o que não temos, mas podemos ter através da imaginação no triângulo edipiano — que a bissexualidade psíquica se organiza.» (p. 246)

Portanto, uma bissexualidade (psíquica) integrada implica o reconhecimento da incompletude e da alteridade, que promove uma ligação de coconstrução criativa e complementar com o outro (Chabert, 2018; David, 1975; Gibeault, 1993; Marques, 2002; Odgen, 2012; Pinheiro, 2005), e a sua conflitualidade estaria ligada ao paradoxo entre a completude e a incompletude/castração da unissexualidade, como refere Chabert:

«O Complexo de Édipo não é simplesmente uma configuração estruturante: a diferença de sexos e gerações não é admitida sem hesitação. O infantil mantém-se e tem que lidar com as diferenças. A bissexualidade, construção formidável proposta por Freud, mantém-se incrivelmente viva e apoia-se num lado só através de o fazer “muito mais” num lado do que no outro. E não significa confusão dos sexos mas mantém a existência de ambos, masculino e feminino, com as suas articulações habituais e extraordinárias.» (2018, p. 86)

Do outro lado, estaria o género neutro, teorizado por Green, sem escolha, e numa onipotência narcísica. Ou ainda, como referem vários autores a partir da clínica, a presença de uma bissexualidade psíquica clivada (Chabert, 2018; Zilkha, 2018; Godfrind, 2018; Perelberg, 2018), que estaria ligada a dificuldades no feminino primário, ou seja, na relação homossexual primária.

Assim, para Chabert (2018), quando a bissexualidade psíquica não está integrada, a dinâmica das fantasias surge articulada em pares de opostos: atividade/passividade, feminino/masculino, sadismo/masochismo, amor/ódio — dirigidos à mãe ou ao pai. A propósito de um caso de travestismo, de um homem que na

intimidade se vestia de mulher, a autora refere a necessidade de unir a falha da diferença, sentida como uma enorme ausência

Também Zilkha (2018) refere uma bissexualidade psíquica fragmentada devido a falhas na relação de homossexualidade primária, em que a complementaridade feminino/masculino não pode funcionar de forma estável e organizada, surgindo a lógica fático/castrado, atividade/passividade e regressão. Nestes casos, predomina uma luta identificatória (masculino/feminino, paterno/materno), tal como descreveu Winnicott na clivagem dos elementos femininos e masculinos em estado puro, em vez de uma afinação silenciosa das identificações do superego.

### FEMININO E BISSEXUALIDADE EM PAULA REGO

Que dizer então deste feminino e masculino, ora separados, ora amalgamados, que nos revela Paula Rego?

Pares de opostos clivados em *Histórias & Segredos* (feminino/masculino, ativo/passivo, prazer/dor). Temas de dominação/submissão e opostos misturados e ambíguos na pintura, como nos revela a artista a propósito de uma pintura de um homem que quis ter bebés: «a história de um marido que quis o bolo que era para a mulher (oralidade) e fica com uma grande barriga, que explode, e um sai bebé».

Ou das figuras que aparecem com género misto, como na série *Crime do Padre Amaro*, acerca da qual Agustina refere: «Há 3 sexos, o homem, a mulher e o padre. A ambiguidade é o terceiro sexo. É possível que a ambiguidade seja o sexo, e não exista outro. Os anjos assim o manifestam. Não são criaturas assexuadas, mas ambíguas.» (2008, p. 94)?



Fig. 26 – *Entre mulheres*, Paula Rego, 1997

Ou da técnica utilizada na pintura, em que Paula Rego recorta e cola sobrepondo as imagens sem perspectiva, sem profundidade, como refere o seu marido Vic?




Fig. 27 – *Auto-retrato em vermelho*, Paula Rego, 1962

Termino com uma pergunta: Poderemos pensar na pintura de Paula Rego como uma tentativa de integração do feminino e masculino, de uma bissexualidade psíquica clivada? Será a criação em Paula Rego uma busca de si e de um espaço potencial (encontro materno/paterno e feminino/masculino)? Um encontro entre o feminino do ser; e o masculino do realizar, no sentido de Winnicott?

E Paula Rego confirma: «Os quadros ajudam-me a perceber o que sinto, mudam os sentimentos, permitem-me sentir coisas proibidas.» (Rego em Willing, 2017)

E de facto, em *Histórias & Segredos*, Vic — o homem da sua vida e obra — revela-nos este segredo de como Paula utiliza a tela nesta dialética continente/conteúdo, feminino/masculino, para simultaneamente se conter e libertar:

«Tais criaturas — servis, violentas, letárgicas, esquivas — andam a correr perdidas, desgarradas, mesmo em bandos. Para Paula, pintar é emboscá-las, quebrá-las, marcá-las e pendurá-las, aperaltadas e mimá-las, na parede. (Willing, 2017)

E Paula acrescenta: «Depois disto não é necessário alguém escrever mais sobre mim: é fabuloso e verdadeiro.» (Rego em Willing, 2017) 

#### ABSTRACT

Paula Rego was the woman-artist chosen, as an anchor and simultaneously trigger to enter the theme of “The Feminine”, presented by three Portuguese psychoanalysts at the 51st IPA Congress in London, 2019. The guiding thread was the documentary — “Paula Rego: Secrets & Stories” — directed by the filmmaker, and his son, Nick Willing. Through the film as well as Paula Rego’s life and work, the authors ventured into the investigation of the immense continent of the feminine. Some paths emerged forming an organic narrative, leading from the pre-objectal, the proto-mental and proto-feminine to the indifferentiation of ambiguity in the early constitution of the object, continuing through the pre and post Oedipal bisexuality in the construction of the feminine.

#### KEYWORDS

Paula Rego, feminine, proto-feminine, ambiguity, bisexuality.

## REFERÊNCIAS

- Alves, P. T. (2017). Entrevista a Nick Willing: «As mulheres em Portugal continuam a ser maltratadas». 15 de novembro de 2017. <https://www.wort.lu/pt/cultura/entrevista-a-nick-willing-as-mulheres-em-portugal-continuam-a-ser-maltratadas-5a0c1e20c1097cee25b774a5>.
- André, J. (2011). From femininity to the primitive forms of psychic life. *Bulletin*, 65, 215–222.
- Bauman, Z. (2007). *Modernidade e Ambivalência*. Relógio D'Água.
- Bessa-Luis, A. & Rego, P. (2008). *As Meninas* (2.<sup>a</sup> ed.). Guerra e Paz.
- Bion, W. R. (Ed.) (1985). *All my sins remembered: Another part of a life and the other side of genius: Family letters*. Karnac Books.
- Bleger, J. (1967). Psycho-Analysis of the Psycho-Analytic Frame. *International Journal of Psychoanalysis*, 48, 511–519.
- Bleger, J. (1985). *Simbiose e Ambiguidade*. Francisco Alves.
- Bollas, C. (1992). *A Sombra do Objeto. Psicanálise do conhecido não pensado*. Imago. (Trabalho original publicado em 1987.)
- Bollas, C. (2010). Criatividade e psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 43(78), 193–209. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v43n78/v43n78a13.pdf>
- Brum, E. (2012). Por que a imagem da vagina provoca horror? *Revista Época*, 18, junho. <http://elianebrum.com/opiniao/colunas-na-epoca/por-que-a-imagem-da-vagina-provoca-horror/>
- Canelas, L. (2015). Paula Rego já caçou na National Gallery e tinha uma toca na cave, 17, dezembro. <https://www.publico.pt/2015/12/17/culturaipsilon/noticia/paula-rego-ja-cacou-na-national-gallery-e-tinha-uma-toca-na-cave-1717664>
- Chabert, C. (2018). Tell me whom you like best. Em R. Perelberg (2018) (Ed.), *Psychic Bisexuality* (pp. 81–89). Routledge.
- David, C. (1975). The beautiful differences. Em R. Perelberg (2018) (Ed.), *Psychic Bisexuality* (pp. 58–80). Routledge.
- Fiorini, G. F. (2018). *Deconstructing the feminine. Psychoanalysis, Gender and Theories of Complexity*. Routledge.
- Freud, S. (1974). Totem e Tabu e Outros Trabalhos. Em S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., vol. 13, pp. 807–930). Imago. (Trabalho original publicado em 1913.)
- Freud, S. (1976). O Estranho in: Uma Neurose Infantil e outros Trabalhos. Em S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., vol. 17, pp. 275–314). Imago. (Trabalho original publicado em 1919.)
- Freud, S. (2006). A interpretação dos sonhos. Em S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., vols. 4–5, pp. 39–649). Imago. (Trabalho original publicado em 1900.)
- Gibeault, A. (1993). On the feminine and the masculine: afterthoughts on Jacqueline Cosnierr's book, *Destins de la féminité*. Em D. Birksted-Breen (1993) (Ed.), *The Gender Comundrum* (pp.166–181). Routledge.
- Godfrind, J. (2018). From the bisexuality to the feminine. Em R. Perelberg (2018) (Ed.), *Psychic Bisexuality* (pp. 122–132). Routledge.
- Green, A. (2018). The neuter gender. Em R. Perelberg (2018) (Ed.), *Psychic Bisexuality* (pp. 243–257). Routledge. (Trabalho original publicado em 2001.)
- Junqueira Filho, L. C. U. (2010). Resenha sobre “O desenvolvimento estético: o espírito poético da psicanálise. Ensaios sobre Bion, Meltzer e Keats” de Meg Harris Williams. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(2), 177–184.
- Kent, S. (1989). As meninas de Paula Rego. Em R. Rosengarten (2004) (Ed.), *Compreender Paula Rego – 25 Perspectivas* (pp. 52–56). Público e Fundação Serralves. (Trabalho original publicado em 1989.)
- Kristeva, J. (1980). *Pouvoirs de l'horreur. Essai sur l'abjection*. Éditions du Seuil.
- Kristeva, J. (2019). Prelúdio de uma ética do feminino. Abertura do 51.º Congresso da International Psychoanalytical Association. Londres, 2019. <http://www.fepal.org/preludio-de-uma-etica-do-feminino-por-julia-kristeva-apresentado-na-abertura-do-congresso-da-ipa/>
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu, tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. Em V. Ribeiro (Ed. & Trad.), *Escritos* (pp. 96–103). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1949.)
- Lacerda, A. (1978). Exhibitions: Portuguese Art Since 1910 at the Royal Academy, London. *Art monthly*, 1976–2005.
- Lapa, P. (2004). Fabulações das muitas figuras na pintura de Paula Rego. Rem R. In Rosengarten (Ed.), *Compreender Paula Rego – 25 perspectivas* (pp. 14–16). Público e Fundação de Serralves.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1988). *Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia*. Jorge Zahar.
- Lechte, J. (2016). Abjection, art and bare life. Em R. Arya & N. Chare (Eds.), *Abject visions: powers of horror in art and visual culture*. Manchester Press.
- Magenat, L. (2019). Note sur l'hétérosexualité primaire en triple. 79e Congrès des Psychanalistes de Langue Française. PUF.
- Malpique, C. (2017). Narratividade perversa e “humor negro” na pintura de Paula Rego. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 37(2), 69–74.

- Marques, M. E. (2002). Sobre como é que as mulheres ficaram em silêncio. Campos, Sementes e Sementeiras. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 23, 55–74.
- Melo, A., (1980). O Mundo mágico de Paula Rego. Em R. Rosengarten (2004) (Ed.), *Compreender Paula Rego – 25 perspectivas* (pp. 57–61). Público e Fundação de Serralves. (Trabalho original publicado em 1980.)
- Meltzer, D., & Williams, M. H. (1994). *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte*. Imago.
- Meltzer, D. (2017). O claustro: uma investigação dos fenômenos claustrofóbicos. Blucher. (Trabalho original publicado em 1992.)
- Melícias, A. B. (2015). *Into the Wild: o labirinto da adolescência*. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 35(2), 60–67.
- Milheiro, J. (2015). *Analista de Interiores... Misteriosidade*. Âncora.
- Milheiro, J. (2019). Correspondência pessoal.
- Milheiro, J. (2020). *Sorrisos, lágrimas, poemas*. Em J. Milheiro (Ed.), *Ensaio sobre os Humanos...* (pp. 79–94). Universidade Fernando Pessoa.
- Montagnini, M. (2018). Overview on the case of a seriously ambiguous patient: Some reflections on ambiguity and good faith. *International Journal of Psychoanalysis*, 99(6), 1366–1390.
- Moraes, M. R. (2008). Estética e horror: o mostro, o estranho e o abjeto. Literatura e Autoritarismo (Dossiê “Escritas da Violência”), São Paulo, nov. 2008.
- Nolasco, A. (2004). A ironia e o grotesco na obra de Paula Rego. Em R. Rosengarten (Ed.), *Compreender Paula Rego – 25 perspectivas* (pp. 144–148). Público e Fundação de Serralves.
- Nolasco, A. (2010). O Abjeto. Figuras da ambiguidade: o processo de rejeição na formação da identidade social. Em *Transgressões do belo: invenções do feio na arte contemporânea portuguesa*. Repositório da Universidade de Lisboa. [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3103/21/ulsd59723\\_td1.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3103/21/ulsd59723_td1.pdf)
- Ogden, T. H. (2012). La relación edípica transicional en el desarrollo femenino. *Revista de Psicoanálisis*, 66, 37–60.
- Parat, H. (2006). *Sein de femme, sein de mère*. PUF.
- Pereira, A. (2008). Paula Rego: um colorido para o “continente negro”. Tese de Mestrado do Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Pereira, F. (2002). A “insuficiência do feminino”, o feminino primário e a elaboração do ser feminino. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 23, 17–31.
- Perelberg, R. (2018). Love and melancholia in the analysis of women by women. Em R. Perelberg (2018) (Ed.), *Psychic Bisexuality* (pp. 103–121). Routledge.
- Pinheiro, C. B. (2005). *Criações sobre Leonardo Da Vinci. Arte e Psicanálise*. Climepsi.
- Rego, P. (2001). Paula Rego sobre Adília Lopes: “No grotesco há muita ternura”, Suplemento “Mil Folhas” (*Público*), 10, fevereiro.
- Ribeiro, A. M. & Rego, P. (2016). *Paula Rego por Paula Rego*. Círculo de Leitores.
- Richard, F. (2019). La bisexualité, l’Inceste et la mort. 79e Congrès des Psychanalistes de Langue Française. PUF.
- Rosenthal, T. G. (2003). *Paula Rego: obra gráfica completa*. Cavalo de Ferro.
- Roussillon, R. (2008). *Le transitionnel, le sexuel et la réflexivité*. Dunod.
- Roussillon, R. (2011). Primitive agony and symbolization. IPA, Karnac Books.
- Schaeffer, J. (2011). *The universal refusal*. Karnac Books. <https://drive.google.com/file/d/1Qk5Whh raSuo41zJTJsAK22BHsdA40qAQ/view>
- Sousa, V. (2013). A ternura do grotesco no encontro de Paula Rego com Adília Lopes, *Revista Comunicando*, 2. <http://hdl.handle.net/1822/41144>
- Szirtes, G. (2004). Paula Rego: os atores no teatro. Em R. Rosengarten (Ed.), *Compreender Paula Rego – 25 perspectivas*. Público e Fundação de Serralves.
- Willing, V. (2004). A Imagiconografia de Paula Rego. Em R. Rosengarten (Ed.), *Compreender Paula Rego – 25 perspectivas*. Público e Fundação de Serralves. (Trabalho original publicado em 1971.)
- Willing, N. (2017). *Paula Rego, Histórias & Segredos*, documentário produzido por Kismet Films para a BBC, DVD, 1h 32’. Título Original: *Paula Rego, Secrets & Stories*.
- Winnicott, D.W. (1975). *O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil*. Em D. Winnicott (Ed.), *O brincar e a realidade* (pp. 153–162). Imago. (Trabalho original publicado em 1971.)
- Winnicott, D (2005). *Playing and reality*. Routledge (obra original publicada em 1971).
- Zilkha, N. (2018). Stumbling blocks of the feminine, Stumbling blocks of psychic bisexuality. Em R. Perelberg (2018) (Ed.), *Psychic Bisexuality* (pp.151–169). Routledge.



TAS DE DECORS  
LOINTAIN

ESTUDOS EXPERIMENTAIS E EMPÍRICOS

# Les adolescents vulnérables et les soins avec médiation thérapeutique : Le Photolangage<sup>©</sup><sup>1</sup>

Didier Drieu<sup>2</sup>Martine Chaumet<sup>3</sup>Isabel Duarte<sup>4</sup>Teresa Rebelo<sup>5</sup>

1

Seguindo a exigência da preservação do anonimato dos pacientes e da confidencialidade, o material clínico é apresentado com alteração da identidade do paciente e de dados clínicos.

2

Psicoterapeuta e Professora de Psicopatologia da Criança e do Adolescente, Equipa Vulnerabilidades, CRFDP, Université de Rouen Normandie. *E-mail:* didier.drieu@univ-rouen.fr

3

Psicóloga Clínica, Fondation Bon Sauveur de la Manche. *E-mail:* chaumart14@gmail.com

4

Picóloga Clínica, Psicoterapeuta, Equipa Vulnerabilidades, CRFDP, Université de Rouen Normandie. *E-mail:* isabelmgdc@gmail.com

5

Psicóloga Clínica, MCU em Psicopatologia da Criança e do Adolescente, Equipa Vulnerabilidades, CRFDP, Université de Rouen Normandie. *E-mail:* teresa.rebelo@univ-rouen.fr

## RÉSUMÉ

Les soins psychiques aux adolescents vulnérables posent des défis multiples, tant au niveau des conditions du travail d'élaboration (situation extrême de la psyché; effets du traumatique) qu'au niveau du maniement du cadre (besoin de diffraction). Le travail psychanalytique groupal avec médiations, en mobilisant contenance, créativité et partage, permet de renouer avec de nouvelles alliances susceptibles de créer des conditions favorables d'appropriation subjective porteuses de créativité à l'adolescence. La médiation du Photolangage<sup>©</sup> est particulièrement bienvenue à l'adolescence face aux situations limites du soin psychique (adolescents/adolescentes en retrait scolaire, en rupture d'investissement objectal), là où l'associativité est devenue inviable. En effet, en s'étayant sur la figurabilité et une forme de scénarisation, les participants dans la présentation de leur photo suscitent une activité interfantasmatique, une aire de jeu mobilisant une forme de malléabilité, source de remaillage des espaces psychiques souvent désaccordés chez ces adolescents/adolescentes.

Afin de discuter des apports du groupe et de la médiation Photolangage<sup>©</sup>, les auteurs ont choisi de présenter le cas clinique d'un adolescent participant à un dispositif de soins Maison des Adolescents.

Les adolescents/adolescentes vulnérables risquent plus que d'autres de rentrer dans des troubles psychopathologiques quand ils se trouvent soumis aux processus d'appropriation subjective. C'est en 1991, dans un rapport au Congrès des Langues romanes intitulé « Du Sujet » que R. Cahn a commencé à développer la notion de subjectivation à partir de son expérience des « cures »

d'adolescents et d'adolescentes, souvent atteints de psychose, en institution. Et ceci, afin de rendre compte des difficultés de construction d'un espace psychique différencié. Par la suite, la subjectivation est devenu un concept plus généralisé, ce qui a permis de mieux appréhender l'évolution des changements psychiques à l'adolescence (Cahn, 1991). R. Kaës et J. Puget ont montré que cette

## MOTS-CLEFS

**Adolescents vulnérables**  
**Dispositif de groupe**  
**Mal-être**  
**Médiation**  
**Photolangage<sup>©</sup>**  
**Vulnérabilité**

aventure de la subjectivation, en particulier à l'adolescence, se joue dans plusieurs espaces psychiques non homogènes. Les récits amenés par des patients qui vivent des phénomènes de trauma social ne vont pas se référer forcément à leur monde intérieur mais à des expériences de liens, ou à des phénomènes transsubjectifs qui peuvent induire des effets émotionnels traumatiques et provoquer des incorporats culturels avec des répercussions sur la psyché (Puget, 2020).

La violence à l'adolescence est alors due à des souffrances subjectales mais aussi à des problématiques d'alliance tant du côté des groupes primaires que des groupes secondaires. Les troubles des conduites peuvent être alors une réaction à des problématiques pulsionnelles, quoiqu'également liés à des résonances avec un attachement insécure, un mode de filiation narcissique, des problèmes d'affiliation, voire de déracinement, des mécanismes de honte ou de relégation identitaire. Face aux craintes de dépendance, ils vont se livrer à des conduites d'auto-sabotage, ce qui rend difficile toute stratégie thérapeutique classique développée à partir du modèle analytique, que ce soit le dispositif divan /fauteuil ou le face à face. C'est la raison pour laquelle d'autres propositions ont été mises en avant comme des formes de diffraction soit du dispositif/ /cadre psychothérapeutique (bifocale ou multifocale avec plusieurs approches et plusieurs intervenants) soit des objets à investir (groupe et médiation).

L'objectif de cet article est de discuter de l'intérêt de ce type d'orientation thérapeutique, à savoir les fonctions du groupe et d'une médiation, le Photolangage© dans les stratégies thérapeutiques avec des adolescents vulnérables.

### **ADOLESCENTS VULNÉRABLES ET ENJEUX DANS LES SOINS PSYCHIQUES**

Avec les changements corporels, la sexualisation des conduites, la puberté est vécue comme effractante, l'enfant retrouvant alors des conflits antérieurs jamais complètement élaborés durant la période de latence. Certains auteurs parlent même de trauma de la puberté pour éclairer la violence effractive de cette période (Gutton, 1991; Marty, 1999). Cependant, le jeune risque encore d'être plus menacé de débordement là où préexiste une vulnérabilité traumatique ou narcissique : relations de dépendance avec les proches, attachement insécure, antécédents traumatiques dans les générations précédentes (Drieu, 2001).

Face à un contexte de dépendance, de vulnérabilité, il risque d'entrer dans l'adolescence dans des tensions redoublées amenant des formes d'engagement en « auto-sabotage », car ce qu'il attend le plus (le soutien narcissique) est aussi ce qui le menace dans son identité créant ce que P. Jemmet (1991) a nommé un écart narcissique-objectal. Aussi, les défenses primaires, la violence

narcissique sont alors excessives, ce qui le conduit à se mettre en retrait, à désinvestir la réalité et à risquer de creuser le lit de la dépression. Celle-ci s'installe de manière insidieuse, masquée souvent par des troubles des conduites (phobie scolaire, sociale, tentatives de suicide).

L'adolescence de par la radicalité des processus (opposition entre pulsions/défenses, entre richesse des processus cognitifs et fragilité psychique, entre rupture et besoin de continuité avec l'entourage...) rend antinomique les désirs de vie et de mort. D'un point de vue psychodynamique, ce que nous appelons « l'intrication pulsionnelle » qui permet de tolérer le mortifère en soi est fragilisée car le bel équilibre pulsion/défense de la latence est menacé (Green, 1983, 1999). Du point de vue des liens, si l'attachement s'est constitué de manière insécure, dans un contexte de « traumatismes relationnels précoces », la deuxième période de séparation individuation, ou le travail de subjectivation, risquent d'être gravement compromis, ce qui provoquera une sorte de redoublement des tendances à l'auto-sabotage, voire des « conduites traumatophiliques » (Bonneville-Baruchel, 2008; Drieu, 2004). Toute forme de détachement négocié avec les adultes, figures de référence, risque d'être compromise. Si, comme tout adolescent, ils ont besoin de prendre de la distance avec le monde de l'enfance (les parents mais aussi les investissements de l'enfance), ils risquent de « rejeter le bébé avec l'eau du bain » et perdre les références qui leur assurent la continuité d'existence. S'ils ont besoin d'affirmer leur identité en renouvelant leurs identifications à des figures plus adéquates, en essayant d'acquérir ce qu'ils ont reçu en héritage des générations antérieures, il leur est nécessaire, quand ils se détachent des figures aimées de l'enfance, de renouveler leurs alliances à travers l'investissement des pairs (faire génération) mais aussi des parents dans la réalité. En effet, ceux-ci les assurent quant à la continuité de leur vie psychique lorsqu'ils sont confrontés à la violence de leurs pulsions, mais aussi à éprouver la force de leurs liens de filiation. Ils sont ainsi souvent piégés dans des allers et retours entre leur famille et la rue, entre une inscription dans une filiation (le rapport à la transmission) et des velléités d'appropriation subjective avec de nouveaux liens avec les pairs, qui s'accompagnent de changements dans les investissements et d'une tentative radicale de faire génération au détriment de la relation à l'adulte (Drieu, 2006). Dans ce contexte, ils (ou elles) peuvent s'enfermer davantage dans des formes de radicalité, renforçant la bande, le gang dans une sorte de forteresse groupale (le « mur de mentalité de groupe » décrit par Bion (1961), phénomène très puissant dans les bandes d'aujourd'hui vivant en banlieue).



Ce risque est encore plus élevé dans les familles où les transactions à l'adolescence sont déficientes ou inexistantes, souvent pour des raisons traumatiques. En effet, les phénomènes de rupture, d'inclusions dans les bandes, les agir violents sont importants là où préexiste une vulnérabilité narcissique et/ou traumatique chez l'adolescent, là où les liens se sont construits en rapport avec des traumatismes relationnels précoces dans des relations de dépendance avec l'entourage. Les liens entre la violence auto et hétéro-agressive à l'adolescence et des antécédents traumatiques sont reconnus dans de nombreuses études épidémiologiques (p. ex., Choquet & Granboulan, 2004). Ces études ont montré à maintes reprises la comorbidité pouvant exister à l'adolescence entre antécédents traumatiques de troubles dans la famille et violences suicidaires (...). Au-delà, les troubles de dépendance, les enjeux suicidaires à l'adolescence surgissent là où des adolescents ne peuvent intégrer la violence des pulsions, les changements dans l'image de soi, dans leurs relations à l'environnement. Ils surviennent là enfin où les parents pour des raisons qui tiennent souvent à leur propre adolescence ne peuvent redéfinir de nouveaux liens avec leurs enfants devenus adolescents, étant trop pris eux-mêmes dans une aspiration à un mode de filiation traumatique. Toute retrouvaille avec une figure de parent susceptible de redevenir un étayage narcissique parental est alors empêchée, ce qui bloque le travail de subjectivation de fin d'adolescence et, par la même occasion, la refondation de nouvelles alliances porteuses d'évolution en fin d'adolescence.

Toutefois, même lorsque le désinvestissement est roi, la dimension de rupture inquiétante chez les adolescents, leurs conduites mobilisent des « tendances traumatophiliques » : tentation de répéter le traumatique en instance dans la famille à travers des conduites de prise de risque, des scénarios de vie et de mort : auto-engendrement/désengendrement (Drieu, 2004). Ces actes restent susceptibles de potentialiser de nouvelles transactions si nous parvenons à les penser dans une approche binoculaire du soin psychique. Il s'agit de pouvoir repérer les conflits en interne mais aussi de mettre en lien les symptômes du jeune sujet avec son histoire de filiation et d'affiliation. Souvent, nous ne pouvons travailler dans cette perspective qu'en nous appuyant sur des démarches différenciées vers l'adolescent, ses proches, la famille (prise en charge plurifocale), voire qu'en développant plusieurs approches thérapeutiques comme dans les thérapies multifocales (Drieu & Le Malefan, 2008).

Dans une démarche de consultation thérapeutique, il s'agit d'aménager le cadre thérapeutique pour surmonter la violence des tensions mais aussi parfois d'utiliser l'apport de la pensée contre-transférentielle des thérapeutes

dans des formes de co-thérapie, voire d'analyse de groupe dans les institutions.

En effet, la propension à agir l'extériorisation des conflits nous oblige à nous décentrer de la démarche thérapeutique classique d'analyse des mouvements internes. Comme dans une forme de rêverie maternelle primaire, le thérapeute doit pouvoir prêter son psychisme, ses capacités de métaphorisation pour aider l'adolescent(e) à réintégrer ses conflits tout en assumant une position référentielle face à l'escalade des agir. C'est pourquoi J. Kestemberg (1981) évoquait la nécessité pour le thérapeute d'occuper une position tierce, parfois du côté d'une dimension surmoïque (réfèrent de la réalité), à d'autres moments dans une perspective plus idéale, soit réfèrent du projet, des processus d'appropriation subjective. Ainsi, la désintringement des pulsions, les projections des conflits provoquent des mouvements de demétaphorisation fragilisant encore plus les investissements du Moi et mettant en opposition les différents aspects de la réalité. P.-C. Racamier (1993) parle d'un thérapeute devant occuper une *position d'« ambassadeur de la réalité »*.

Toutefois, pour acter cette position médiatrice, il est nécessaire de s'appuyer sur la négociation, l'aménagement du dispositif/cadre thérapeutique mais aussi sur sa propre activité phorique à partir des médiations et souvent d'une activité groupale, soit des intervenants réunis dans le partage de leurs représentations en interrogeant les constellations transférentielles, soit en direction des adolescents eux-mêmes comme par exemple dans les dispositifs de groupe avec médiation (Drieu & Persehaye, 2005; Drieu, Thomas et al., 2016).

#### **HISTOIRE DES FONDEMENTS DES DISPOSITIFS DE MÉDIATIONS ET DE GROUPE DANS LES SOINS : HISTORIQUE SUR LES FONCTIONS DES MÉDIATIONS**

L'expérience des dispositifs de groupe et de médiations a commencé au XIX<sup>ème</sup> siècle avec tous les travaux autour de la créativité dans les ateliers thérapeutiques avec la question des soins aux sujets psychotiques. Ces ateliers se sont trouvés initiés dans un environnement asilaire où il était question surtout d'une approche de l'activité à partir des idées morales hygiénistes. Les créations artistiques anonymes recueillies derrière les murs des asiles d'Heidelberg et présentées par H. Prinzhorn (1922/1984), vont modifier progressivement cette approche du soin. Ainsi, à partir d'une conception phénoménologique, il va montrer que la créativité qui se révèle derrière les productions artistiques, peut modifier profondément le sujet dans son appréhension de ses troubles. Un courant d'expression est initié, l'art brut, qui sera repris des années plus tard dans les dispositifs de soins proposés par Lafargue et

Boustrat (1988). Les ateliers de l'art cru proposés à l'hôpital psychiatrique n'ont pas la prétention de guérir les psychotiques mais de les aider à changer le regard qu'ils portent sur eux-mêmes. Si un travail de reconstruction de l'histoire de chacun s'opère, il ne se fait pas sur les œuvres mais à travers la médiation des photographies de celles-ci qui tiennent lieu d'album souvenir et, dirions-nous aujourd'hui de reconstruction narrative.

Par rapport aux enfants, Bettelheim (1976) avec la psychanalyse des contes de fée, met l'accent sur la valeur thérapeutique car métaphorique, figurative des contes. Selon René Kaës et al. (1989), c'est surtout par la force des contenus, des mécanismes de figurabilité et la subjectivité avec laquelle nous y réagissons que les contes se rapprochent beaucoup du rêve et du travail d'associativité qui se produit. Ce fonctionnement phorique permet de relancer le processus de symbolisation, les participants d'un groupe relançant la créativité et ses fonctions « médium malléable » (Milner, 1977; Roussillon, 1991). A l'image de la « pâte à modeler », R. Roussillon attribue au médium malléable 5 qualités : indestructibilité, extrême sensibilité, indéfinie transformation, inconditionnelle disponibilité et vie propre. « Le médium malléable, objet externe défini par l'ensemble des cinq propriétés, est l'objet transitionnel du processus de *représentation* » (p. 130). Comme l'objet transitionnel, les supports de médiation, les rapports des participants à ces supports vont apparaître comme des signes, indices de certains processus psychiques, les processus transitionnels, dont il représente la forme matérialisée. Comme dans les premiers temps de la vie, les processus de symbolisation vont se potentialiser ici à travers les dimensions médium malléable du dispositif, c'est-à-dire que chaque participant puisse trouver des qualités de prévisibilité et de constance, une disponibilité inconditionnelle dans la présence des intervenants, une sensibilité, une adaptabilité des supports de médiation et des enveloppes et la survie face aux attaques du cadre qui ne manqueront pas de survenir avec des adolescents vulnérables.

#### **L'APPORT DE LA PSYCHANALYSE DANS LE TRAVAIL GROUPAL ET LES MÉDIATIONS**

Si l'idée d'une psyché de groupe est initiée par Freud (1914), les premiers travaux fondateurs nous viennent des psychosociologues tels que Lewin sur la dynamique des petits groupes. Dans l'approche psychanalytique, parallèlement, Bion (1961) à partir des soins aux soldats traumatisés par la guerre, discute de la dynamique de groupe mais dans ses effets inconscients (défenses groupales), tandis que Foulkes (1964/2004), à travers la notion de « matrice groupale » nous invite à penser la manière dont nous sommes habités par l'appartenance à un

« groupe primaire » qui oriente notre fonctionnement inconscient avec les groupes secondaires.

En lien avec ces travaux, Pichon Rivière (1975) va poursuivre sur les processus inconscients qui se développent dans les groupes avec les rapports de résonance entre groupes internes et groupes externes. Ces résonances sont particulièrement exacerbées à l'adolescence, car l'adolescent(e) doit intégrer ce qu'il hérite de sa filiation tout en faisant génération, ce qui l'amène à revisiter et à renégocier ses modes d'alliances. Pichon Rivière nous permet d'approfondir l'idée héritée de Freud qu'il existe une psyché de groupe avec des processus inconscients opérant en leur sein. « *Le groupe dispose de structures, d'organisations et de processus psychiques qui lui sont propres. Il y a une création psychique propre aux groupes, des entités psychiques qui ne se produisent pas sans le groupement* » (Kaës, 2005, p. 9). Anzieu poursuit l'étude de certains processus (l'illusion groupale) amenant par la suite Kaës et al. (1999) à prolonger sur le fonctionnement des groupes thérapeutiques, puis des phénomènes de groupe dans la construction du sujet.

À certains moments de la vie, comme à l'adolescence, les processus de subjectivation se révèlent dans des expériences groupales d'où le rappel de Kaës (2005) que l'inconscient serait structuré comme un groupe. En reprenant les idées de Pichon Rivière ou Napolitani sur les groupes internes, il montre en effet que s'ils sont le reflet d'expériences relationnelles internalisées, ils témoignent des processus groupaux dans la formation de l'inconscient. « *Dans le mouvement de l'œuvre de Pichon Rivière, comme dans la logique de mes propres recherches, la nécessité du concept de groupe interne se sera imposée pour rendre compte de la questionnante articulation entre l'intrapsychique et l'interpsychique, entre le subjectif et l'intersubjectif.* » (Kaës, 1994, p. 186). Cette idée est cruciale à l'adolescence quand on se pose la question des places respectives des souffrances produites par un lien social destructeur et celles des troubles inter-psychiques propres au passage adolescent. Nous verrons que, dans le prolongement de cette idée, les dispositifs groupaux dans les soins aux adolescents peuvent être bienvenus, le groupe thérapeutique devenant une sorte d'espace phorique dans lequel s'externalisent des formations et des processus psychiques qui appartiennent aux participants, ce qui pose la question du cadre et des médiations pour leur élaboration.

Dans le domaine des groupes et des médiations, des auteurs comme Kaës (1994) et Rouchy (2007) ont essayé de comprendre, d'explorer les articulations entre différents espaces psychiques (intra-inter et transsubjectifs). Kaës (2012, 2015) a ainsi développé l'idée que pour intervenir sur le mal-être du sujet, qui peut se comprendre comme des effets du démaillage des métacadres (valeurs),

il faut développer à partir de la psychanalyse une métapsychologie des espaces psychiques coordonnés. Ainsi, dans le droit fil de ses travaux antérieurs, l'idée que l'inconscient est un groupe, il en vient à poser la question de l'agencement des rapports entre l'espace interne de chaque sujet et l'espace commun et partagé par plusieurs sujets dans le groupe. Autrement dit, dans un dispositif thérapeutique, comment l'espace groupal peut être organisé afin d'induire un travail de contenance, d'élaboration des effets de traumatismes primaires. Au-delà, se pose l'intérêt dans les processus thérapeutiques d'utiliser des médiations qui vont amener à s'intéresser à une autre approche de la psychanalyse, tout d'abord centrée sur le travail du rêve pour passer au travail du jeu.

Le groupe souvent perçu jusqu'alors dans la psychanalyse comme le lieu des conflits, des rapports de force devient aussi un espace de mise en commun et potentiellement de partage du travail des fantasmes et de l'imaginaire. Ce travail psychique peut alors aider à restaurer le Moi peu et/ou les différentes enveloppes effractées par le traumatisme primaire ou traumatismes relationnels précoces, ce à la condition, bien sûr, que puisse s'opérer une élaboration de la pratique des thérapeutes (analyse des phénomènes induits par la création d'un dispositif, du contre transfert, de l'implication d'une médiation...) (Anzieu, 1979). R. Kaës (Op. Cit, 2005) a prolongé cette hypothèse en soulignant combien les formations inconscientes individuelles (image du corps, imagos, complexes familiaux, identifications, fantasmes) se trouvent régulées par un appareil psychique groupal se constituant dans les alliances, contrats et pactes. En dépassant ainsi l'opposition entre sujet et groupe, il développe une nouvelle conception des processus thérapeutiques avec des pratiques mettant en perspective les processus psychiques propres au sujet et ceux du groupe. Le travail clinique dans le groupe se déplace alors, comme l'énonce par ailleurs R. Roussillon face aux situations limites de l'analyse, du travail du rêve et avec l'interprétation à celui du jeu, avec la construction, ou reconstruction ou co-construction, de la pensée. Il s'agit alors de penser l'articulation entre des processus qui se fondent sur le modèle analytique de la cure individuelle comme l'association libre, l'interprétation des conflits, le lien constitué sur l'abstinence de contact et la neutralité et des processus fondés sur le modèle du jeu, axés sur l'analyse transitionnelle. C'est-à-dire, utiliser une polyphonie associative de médiations prêtes à relancer le travail de symbolisation. Les dispositifs doivent en fait être pensés de manière à articuler l'activité de symbolisation et la subjectivation ou plutôt l'« intersubjectualisation » (Carel, 2006).

Cependant, aux niveaux intrapsychiques et intersubjectifs, nous devons ajouter le niveau

groupal ou institutionnel, pour penser les maillages des dispositifs thérapeutiques de groupe en institution. Il ne peut s'agir d'un simple emboîtement dans la mesure où chaque niveau produit des effets sur les autres. Ainsi, sommes-nous confrontés quand on est psychologue ou psychanalyste dans une institution (un « psychiste ») à penser dans la logique des liens, de leur historicisation, l'exigence de liaison et de transformation qui vont s'imposer à chaque sujet dans les groupes, les équipes, les institutions. On voit là les difficultés qui vont s'opérer face aux sujets accueillis pris dans des problématiques de subjectivation ou de symbolisation (les adolescents du foyer par exemple), mais aussi face au déni d'historicisation qui s'opère dans beaucoup d'institutions d'où la nécessité de réfléchir à la mise en place de dispositifs adéquats. Nous devons distinguer nettement les processus de la cure analytique individuelle de ceux de l'analyse groupale, l'analyse de groupe, ceux des problématiques institutionnelles et des psychothérapies de groupe. A l'idée d'articuler l'intrapsychique et l'intersubjectivité, J. C. Rouchy (2007, 2008) ajoute dans son intérêt pour le travail de la groupalité en institution, un troisième registre, celui du transsubjectif, le monde des incorporats, des violences qui traversent les différentes enveloppes. Le travail analytique de groupe doit être l'occasion et le moyen d'élaborer les incorporats personnels et culturels difficilement mobilisables et élaborables, encore plus dans notre situation de mal-être généralisé qui va toucher profondément les pratiques cliniques dans les institutions. Face à des situations de plus en plus anormales dans les institutions (logiques de prestations difficilement élaborables par les collectifs, recouvrements des problématiques provoquant des effets de répétition, effondrement des métacadres), il est en effet de plus en plus nécessaire de penser à notre rapport interne aux dispositifs de groupe (notre propre investissement du dispositif/cadre), mais aussi les rapports entre la situation de groupe proposée, le cadre institutionnel et l'environnement (Diet, 2013).

#### **LES DISPOSITIFS DE GROUPES AVEC MÉDIATION DU PHOTOLANGAGE® FACE AUX ADOLESCENTS?**

*« La particularité de cette méthode ne réside pas essentiellement dans le fait qu'elle propose une « médiation » dans l'accès à des formations et à des processus psychiques qu'il s'agit de connaître, de transformer ou de soigner : toutes les méthodes visent plus ou moins cet accès. Son originalité tient aux caractéristiques du médium, la photographie, utilisée dans le but de produire un effet de langage, et plus précisément de parole, là où elle fait défaut, là où elle est en souffrance. Elle tient aussi à la mise en œuvre, pour atteindre ce but, du travail psychique spécifique*

*que mobilise et produit l'intersubjectivité dans un dispositif de groupe* » (Kaës, 2000, p.5).

R. Kaës dans ses propos met l'accent sur une qualité de la médiation Photolangage©, sa propension comme « objet trouvé/créé » à développer une forme de malléabilité à l'adolescence propice à mobiliser, par une forme de figurabilité, l'imaginaire, les fantasmes. Il en est de même pour les contes enfantins pour le travail thérapeutique avec les enfants (Chouvier, 2011). D'autres formes de médiations peuvent susciter une forme de malléabilité plus expressive là où les objets sont à créer, comme les médiations artistiques et le jeu dramatique. Dans ce dernier contexte, il s'agira de mobiliser surtout l'expression dans son rapport aux sensations et aux émotions plutôt que l'esthétique.

Le Photolangage© est une méthode se rapportant davantage à la dynamique du « trouvé/créé » proposant la médiation de photographies initiée en 1965 par un groupe de psychologues et psychosociologues lyonnais. C. Bélisle, A. Baptiste et al. (1968), psychosociologues, chercheurs et intervenants dans le champ de la formation permanente qui ont voulu mettre à disposition une méthode pour communiquer en groupe par la photo. Utilisés au départ comme support d'expression dans les contextes de groupes de formation, de prévention, des groupes Photolangage© sont progressivement apparus dans le domaine de l'éducation à la santé par rapport aux adolescents. Muller (2009) précise, par rapport à la constitution des jeux de photos, que : *« Les photographies, choisies pour leur forte puissance suggestive, leur capacité projective, leur qualité esthétique et leur valeur symbolique, viennent stimuler, réveiller les images que chacun porte en soi [...] Le fait de prendre conscience de ses propres images et de pouvoir en discuter dans un groupe peut amener [...] un développement de la sensibilité imaginative. »* (Op. Cit. p. 93). *« Une telle approche confronte, dès lors, les individus aux fonctions de projection de l'image et permet le déclenchement d'une expression personnelle créative »* (Ibid., p. 103).

Chaque dossier de 48 photographies a été construit au départ par C. Bélisle et A. Baptiste dans une dynamique de recherche/exploration des représentations sociales autour d'un thème (groupe de recherche, choix de photos, expérimentation avec questionnaires dans des groupes types). Si, par exemple, le dossier « corps, communication et violence à l'adolescence » était destiné à l'origine à des jeunes pour animer des groupes de parole dans le cadre de l'éducation à la sexualité, progressivement le Photolangage© a été utilisé pour faciliter un travail d'activité thérapeutique de groupe. Celui-ci est déterminant pour favoriser les processus de mentalisation ou de symbolisation

là où des adolescents affrontent des difficultés de subjectivation. Ces difficultés d'appropriation subjective causent de l'inhibition ou des troubles des conduites, les empêchant par exemple des prises de parole ou le développement du jeu face à leur pairs. Le rapport aux photographies dans un contexte de groupe peut mobiliser des représentations, des émotions qui, si elles se trouvent partagées, peuvent participer à un travail de transformation de la pensée. Aussi, cette médiation a très vite révélé des potentialités avec d'autres publics (adultes, personnes âgées) dans des contextes différents (choix professionnels, prévention, formation, voire aussi analyse institutionnelle) pour intégrer progressivement des projets de soin psychique vers les sujets les plus vulnérables.

La photographie s'est donc trouvée utilisée comme un « embrayeur des processus associatifs » favorisant le partage interfantasmatique, et non pour son pouvoir esthétique (Kaës, 2000). Ainsi, il ne s'agit pas de demander un avis sur une photographie, mais plutôt de faire un choix d'une ou plusieurs photographies (selon les cas) pour exprimer visuellement et verbalement, en les commentant, un vécu, un point de vue personnel qui ouvre l'espace à un échange et à des scénarios partagés. Si l'expérience fût totalement intuitive au départ comme les recherches sur les petits groupes avec Lewin, elle fut l'objet de réflexion, tant du côté de son dispositif/cadre d'intervention que des jeux de photographies. A partir de son travail de thèse, puis de celui d'un groupe de cliniciens, C. Vacheret (2000) a développé la méthode Photolangage© susceptible de favoriser les processus associatifs ou « sécuriser le travail d'associativité », ce que R. Roussillon appelle « *la polymorphie de l'associativité psychique* » (Roussillon, 2013, p. 373).

Dans le domaine du soin psychique, C. Vacheret et ses collègues (Op. Cit.) ont souhaité développer des repères permettant de mettre l'accent sur le travail intersubjectif, voire transsubjectif, là où nous travaillons sur la groupalité et le rapport groupe et institution. Ainsi, quel que soit l'objectif du travail groupal, nous pouvons retrouver certaines constances tel que le croisement de jeux de photographies (48 chacun), une séance qui se joue en deux temps (un temps de choix visuel de la ou des photos dans le silence, dans le respect de la temporalité de chacun, un deuxième temps de parole sur les choix et de partage qui incite aux échanges associatifs) avec la participation des animateurs ou soignants.

L'approche des photographies en plusieurs temps amène au passage du sensoriel (émotion dans l'accueil du groupe à la figurabilité (choix et présentation de la photo) et à la symbolisation ou le symbolique (représentations individuelles et partagées). Elle favorise, par ailleurs, une forme de malléabilité de l'expérience, car cette polyphonie

des registres psychiques impliqués dans les échanges provoque un retour à l'associativité en passant par l'acte du jeu (acte suspendu, contenu). Autrement dit, la médiation Photolangage© va servir de vecteur de symbolisation.

Pensée, au départ, comme approche thérapeutique la méthode Photolangage© a évolué progressivement vers une modélisation du cadre groupal. Aussi, a-t-on souhaité réduire l'importance du groupe passant de 5 à 8 sujets au lieu de 12-15 pour les formations, la durée d'une séance à 1h15 ou 1h30 hebdomadaire au lieu de 2h. La question de la régularité et de la constance du dispositif/cadre s'est trouvée aussi posée, comme pour tout groupe thérapeutique. A partir de là, les indications peuvent être multiples, les participants peuvent présenter des troubles diversifiés. Le choix de la question ou de la consigne se fait en amont et en résonance avec les déroulements des séances précédentes, les animateurs (ou co-thérapeutes) cherchent à développer une progressivité de l'expérience groupale, ayant comme consigne les photos d'ailleurs et sollicitant les participants dans leurs représentations et résonances. Comme tout groupe thérapeutique, il y a la nécessité pour les « co-thérapeutes » d'être plusieurs (psychologues, soignants, ...), ce qui donnera une forme de garant de la continuité du travail de groupe, une expérience retrouvée avec la bisexualité psychique, celle des origines mais également de l'adolescence. Ces « co-thérapeutes » se déterminent par exemple pour chaque séance quant au choix de la consigne (ou de la question), une réflexion se tissant dans une forme de groupalité ramenant au premier plan l'identification à des parents intériorisés combinés et suffisamment bons, à une « fonction parentale contenante et organisatrice » (Brun, 2014, p. 81). Ainsi, discute-t-on le thème, le poids des mots mais aussi la manière dont les co-thérapeutes conçoivent le groupe dans une forme de « rêverie interfantasmatique ». Ils sont à la fois « pilotes » du groupe mais aussi « participants » qui choisissent et présentent eux-mêmes des photos. La sélection des photos se fait de manière intuitive, même si elle est toutefois dépendante des représentations des soignants du groupe, de la consigne et de chaque patient.

Dans les groupes initiés en institution, les co-thérapeutes en lien avec leur place peuvent se donner des fonctions spécifiques renvoyant soit au modèle du couple, soit au référent porteur des associations, la première renvoyant à l'élaboration groupale et l'autre centrée davantage sur le cadre thérapeutique. Avec les adolescents vulnérables en particulier, la « bidimensionnalité » ou la « bisexualité psychique » dans le couple des thérapeutes va beaucoup compter afin de sécuriser le fonctionnement associatif du groupe (Houzel, 1996). Au-delà, il y a nécessité de penser la place

du groupe dans l'institution car sa mise en place, son fonctionnement dépend beaucoup de la potentialité des co-thérapeutes à produire un lien et un écart avec les autres activités, une sorte de « sas » où peut se déployer une forme d'activité transitionnelle.

#### **FONCTIONNEMENT AVEC LES ADOLESCENTS : EXEMPLE D'UN GROUPE AVEC PHOTOLANGAGE©**

La médiation de la Photolangage© est proposée au sein d'une structure d'accueil et d'hébergement pour adolescents appelée l'Hébergement Thérapeutique, service intégré à une Maison des Adolescents. La pluridisciplinarité (professionnels du soin et de l'éducatif) présente dans cette structure permet une large observation des jeunes dans leurs modalités relationnelles en dualité ou en groupe. La prise en charge du jeune est définie avec lui et son environnement familial, lors d'une rencontre qui précise les objectifs et la durée du séjour (de 3 à 6 mois). Plusieurs types de médiations sont envisagés pour évaluer et accompagner le jeune lors de son accueil.

Le groupe avec Photolangage© est proposé sous forme de séances hebdomadaires (le mercredi de 14h à 15h30) organisées dans la salle d'activité de la structure et établies selon un calendrier s'appuyant sur le calendrier scolaire.

Le cas de Luc est extrait d'une période où les séances seront au nombre de 13 au total, soit une première session de 6 séances (de septembre aux vacances de la Toussaint), puis, après une interruption de 2 semaines, une deuxième session de 7 séances. Le groupe est composé de 5 jeunes et 2 co-animateurs.

#### **LE CAS DE LUC**

Il s'agit d'un jeune de 17 ans, grand, mince avec une démarche un peu rigide liée à 2 interventions chirurgicales sur le tendon d'Achille (réalisées il y a 9 mois environ).

Il est le 3ème d'une fratrie de 4, (son grand frère ayant été également suivi), il vit au domicile parental où il « se laisse porter », se positionnant plus proche des adultes que des adolescents.

Pris en charge par l'Espace de Soins et de Médiation précédemment, son accueil à l'Hébergement Thérapeutique est un projet de longue date, face à une déscolarisation, un isolement et des conflits au domicile parental amenant à un retrait scolaire et social. Après un séjour en début d'année, son admission dans la structure se fait au printemps (2018) avec le projet de reprendre une formation. Luc sera présent à toutes les séances.

Il nous a longtemps opposé une résistance passive très importante par des manifestations comportementales qu'on pouvait interpréter comme un désir de s'extraire du groupe : buste tourné sur

le côté, regard vers l'extérieur et vers la baie vitrée, réponses les plus brèves possibles... Il semble ne pas vouloir/pouvoir s'intégrer dans le groupe, au point que nous remettons en question nos formulations de consignes, utilisées pour la dynamique du groupe. Nous sommes souvent amenés à en reparler avec la problématique de Luc dans la tête. Il provoque chez nous une certaine agressivité par son absence de verbalisation, de lien entre la photo qu'il choisit et la consigne, et aussi du fait qu'il n'accroche pas à ce qui est dit. Ainsi, nous décidons d'aborder le thème de la colère à la 3ème séance.

A la 4ème séance il semble plus réactif quand on l'interpelle, et participe un peu plus à la discussion autour de la question suivante : « Avec une photo racontons au groupe une situation dans laquelle nous avons eu peur ».

*Il commencera la séance en échangeant des regards «vides» avec le co-animateur. Il prend la parole après moi, comme pour s'étayer, ayant choisi la même photo C26 (N/B). Alors que je parle de la crainte de tomber dans les escaliers, il évoque une peur d'une répétition à l'infini (comme des couloirs sans fin, pièces identiques), avec une perte des repères spatiaux, un décrochage avec la réalité, vécu dans les rêves ou au quotidien. Lors de sa prise de parole, il semble rester dans ses pensées, accessible néanmoins lorsqu'on l'interpelle.*



Si l'érousement affectif est toujours là, il semble néanmoins plus dynamique dans les échanges verbaux du groupe, même s'il nous apparaît davantage dans une attitude de défiance. Puis il parvient à partager sur ce qu'il dit aimer en pointant parallèlement un certain apragmatisme contre lequel il ne semble pas pouvoir lutter.

La 2ème session, et particulièrement la 7ème séance, font place à plus de participation de sa part, comme s'il s'animait un peu de l'intérieur. Il recherche maintenant notre regard, dans des instants presque de « complicité », sourit, prend la parole en début de séance, se dévoile, il semble être plus présent. Son discours se modifie, faisant penser à une « appropriation du je » avec la question : « À l'aide d'une ou deux photos parlons de notre famille ».

Il prend la parole en 1er, plus souriant, plus présent dans le groupe en présentant la photo A9 (N/B) « repas de famille » qu'il décrit restreinte à 7 (fratrie et copines des frères). Il explique qu'il ne voit plus son père depuis 5 à 6 ans et que « ça ne lui manque pas ».



Il reste néanmoins dans une certaine méfiance de l'autre qu'il tient à distance par le regard (thème de la 9ème séance, « le regard de l'autre, je m'en fous »; il baissera les yeux avant moi). On perçoit que la distance relationnelle avec autrui est difficile à relativiser, comme s'il avait besoin de se protéger d'un risque de confusion en mettant à la fois de la distance par rapport à l'autre et à sa propre vie émotionnelle. La facilité réside pour lui dans une absence de lien. Il se préfère « seul », « libre », « tranquille ».

Petit à petit, il a accepté de se laisser approcher par l'autre, notamment autour de la notion du jeu l'amenant progressivement à se prêter au jeu des intentionnalités (réflexivité ou mentalisation).

Ainsi, la 10ème séance est l'occasion pour lui de partager la même photo [15] avec deux autres jeunes et d'aborder l'intérêt de la virtualité (jeux vidéo en réseau) comme support facilitant la relation à l'autre qui ne serait pas possible autrement.



La 11ème séance, orientée sans co-animateur (puisque absent) avec la question : « Nous possédons un génie dans une lampe à qui nous pouvons tout demander, choisissons deux photos pour illustrer nos vœux », amènera le groupe à confronter des points de vue différents autour d'une même photo (la [21]) puisqu'elle évoque pour Luc la liberté, l'envie de voler pour une autre jeune ou encore le goût de jouer avec les mots/ /situations, comme associer « je voudrai voler » à « tu veux te suicider ? ».



Il semble que, grâce à la capacité de déployer du jeu pendant la séance, les émotions ont pu être abordées beaucoup plus facilement qu'avec des questions directement orientées.

La 12ème séance nous donne un exemple de l'associativité qui est rendue possible par le Photolangage : « Pour vivre heureux, vivons caché. De quoi ou de qui faudrait-il se cacher ? Donnons notre avis avec une photo. »



Il prend la parole après un des co-animateurs et montre C40 (N/B) en disant « Je ne sais pas pourquoi je l'ai choisie » Un collègue co-thérapeute associe avec la réplique « c'est l'arbre qui cache la forêt » Ce qui permet à Luc de poursuivre la description de la photo: « Y'a une maison derrière ». Nous faisons remarquer l'état de l'arbre abîmé (hypothèse que ce soit la foudre ou la tempête qui en soit responsable) mais toujours debout, une maison où on peut s'abriter.

Il revient au moment de la dernière séance, en « faisant la boucle » (dixit Léon un autre jeune), par le choix de la même photo qu'à la 1ère séance, mais à propos de laquelle il peut (enfin) dire au lieu de montrer, et aussi comme il fut difficile de s'exprimer. Il se sent autorisé à nous dire en début d'une séance que « ça ne va pas » sans que cela affecte pour autant ses échanges, nous laissant découvrir un peu de son intimité.

#### **PROPOS CONCLUSIF**

Pour conclure, nous pensons que Luc a, semble-t-il, bénéficié à la fois de l'expérience groupale et de la médiation Photolangage© pour constituer un espace de jeu et de (re)médiation narcissique lui permettant de s'éprouver dans des liens avec l'autre et les autres. La remise en jeu de l'expérience, de l'utilisation (et de la survie) de l'objet lui a permis que s'installent de nouvelles formes de réflexivité ou de mentalisation l'amenant à considérer davantage sa réalité psychique personnelle et à mobiliser une expérience de contrôle des objets propre à relativiser son insécurité narcissique (Winnicott, 1971). Pour y arriver l'évolution du groupe et de Luc dans le groupe est passée par plusieurs registres, de l'angoisse à un fonctionnement d'illusion groupale jusqu'aux modes identificatoires croisés entre participants qui ont permis l'advenue du Je dans les échanges. Toutefois, si ces processus se sont progressivement organisés dans une

dimension psychothérapeutique, ce fut par le biais de la médiation Photolangage© et des fonctions tierces et contenantantes des co-thérapeutes dans leurs interventions et modes de régulation. Il s'agit alors pour nous de pouvoir rester mobiles et disponibles psychiquement pour élaborer les processus à l'œuvre dans le groupe, dans le partage autour de la médiation. Nous pouvons alors nous aider aussi de la figurabilité à l'œuvre dans les choix, présentations et partage (ou interfantasmatisation) autour de la médiation des photos pour mettre en perspective dans le groupe ce qui peut faire trauma dans le travail de subjectivation ou de mentalisation. Chacun peut alors se jouer de la répétition traumatique et réinvestir une activité préconsciente, susceptible d'étayer à l'adolescence une forme de « retransitionnalisation de la réalité », un processus qui permet la décondensation entre représentations et émotions ou affects (Janin, 1996).

L'utilisation du Photolangage© comme médiation thérapeutique ne peut être proposée par une Maison des Adolescents qu'au prix d'une prise de conscience de certaines conditions : la nécessité de former le personnel à cette pratique, l'accordage et le maillage institutionnel qui assure la contenance permettant que se déploie la dynamique groupale. Ainsi, comme nous l'avons démontré (Rebelo et Thomas, 2016), l'utilisation d'objets médiateurs comme le Photolangage© permet à ce que des adolescents avec des problématiques graves intègrent des processus thérapeutiques qui d'autre manière auraient été difficiles d'entamer, à cause de la gravité des symptômes, des inhibitions et des entraves subjectifs. Ce qui, d'après Cahn (1991), sont des entraves à la subjectivation que Cahn (1991) considère comme des défauts de pare excitation. Or, les objets médiateurs permettent la construction de cette pare excitation (Rebelo et Duarte 2019/2020) rendant ainsi possible la suite du travail thérapeutique. ❧

## ABSTRACT

Psychological care for vulnerable adolescents poses multiple challenges, both in terms of the working conditions of elaboration (extreme situation of the psyche; effects of the traumatic) and in terms of the handling of the framework (need for diffraction). Psychoanalytic group work with mediations by mobilizing countenance, creativity and sharing allows to reconnect with new alliances likely to create favorable conditions of subjective appropriation carrying creativity in adolescence. The mediation of Photolangage© is particularly welcomed to the adolescence facing with borderline situations (cas-limites) in terms of psychic care (adolescents in school withdrawal, in objectal investment breakdown), where the capacity to associate is impossible.

Indeed, each participant relies on figurability and a form of scenography as its photo is presented in a group setting, generating an interphantasmatic activity, an area of play that mobilizes a form of malleability, which is a source of reconnection of the mental spaces often disconnected in these teenagers. To discuss the role of group dynamics and Photolangage© mediation, the authors have chosen to present the clinical case of a teenager participating in an Adolescents House (*Maison des Adolescents*) care device.

**KEYWORDS:** vulnerable adolescents, group method, malaise, Photolangage©, mediation, vulnerability.

## RESUMO

Os cuidados psíquicos aos adolescentes vulneráveis apresentam múltiplos desafios tanto no que diz respeito às condições de trabalho (situações psíquicas extremas; efeitos do trauma), como ao nível do manejo do quadro terapêutico (necessidade de difração). O trabalho psicanalítico de grupo com mediações que mobilizam a continência, a criatividade e a partilhe, possibilita o reencontro com novas alianças capazes de criar condições favoráveis à apropriação subjetiva, que estimula a criatividade na adolescência. A mediação da Fotolinguagem© é particularmente bem-vinda na adolescência em face de situações limítrofes de atendimento psicológico (desistência/abandono escolar, quebra do investimento objetal), em que a capacidade associativa se tornou inviável. Na verdade, por se basear na figurabilidade e em numa certa forma de cenarização da realidade, os participantes-adolescentes ao apresentarem as fotos escolhidas suscitam uma atividade interfantasmática, uma área de jogo que mobiliza uma forma de maleabilidade que é fonte de reconexão de espaços psíquicos frequentemente desconectados-desligados nesses/nessas adolescentes.

A fim de discutir o papel da dinâmica de grupo e da mediação da Fotolinguagem© neste processo terapêutico, os autores optaram por apresentar o caso clínico de um adolescente participante no dispositivo terapêutico Casa do Adolescente (*Maison des Adolescents*).

**PALAVRAS-CHAVE:** adolescentes vulneráveis, dispositivo grupal, mal-estar, mediação, Fotolinguagem©, vulnerabilidade

## BIBLIOGRAPHIE

- Anzieu, D. (1979). La démarche de l'analyse transitionnelle en psychanalyse individuelle. In R. Kaës (Ed.), *Crise, rupture et dépassement* (pp. 184–219). Dunod.
- Babin, P., Baptiste, A., Bélisle, C., & Dubé S. (1965/1968). *Vivre son projet*, 48 photographies n&b.
- Bettelheim, B. (1976). *La psychanalyse des contes de fée*. Laffont.
- Bion, W. (1961). *Recherche sur les petits groupes*. PUF.
- Bonneville-Baruchel, E. (2008). *Pathologie des traumatismes relationnels précoces-comprendre et accueillir les liens en souffrance*. Université Lyon 2.
- Brun, A. (2014). *Médiations thérapeutiques et psychose infantile*. Dunod.
- Cahn, R. (1991). *Adolescence et folie. Les liaisons dangereuses*. PUF.



- Carel A. (2006). *L'intersubjectualisation*. In F. Richard, S. Wainrib, Dunod (Eds.). *La Subjectivation*. (pp. 163–178). Dunod.
- Choquet, M., & Granboulan, V. (2004). *Les jeunes suicidants à l'hôpital*. EDK.
- Chouvier B. (2011). *La médiation dans le champ psychopathologique*. In A. Brun A. (Ed.), *Les médiations thérapeutiques*, (pp. 37–47). Erès.
- Diet, E. (2013). Commentaire de Jean-Claude Rouchy, « Le champ du contre-transfert: dispositif et cadre institutionnel ». In D. Drieu (Ed.), *46 commentaires de textes sur la clinique institutionnelle*. (pp. 233–241). Dunod.
- Drieu, D. (2001). *Traumatophilie à l'adolescence et enjeux thérapeutiques*. Thèse de doctorat: Université Paris VII.
- Drieu, D. (2004). Automutilations, traumatophilie et enjeux transgénérationnels à l'adolescence. *Adolescence*, 48(22), 311–323.
- Drieu, D. & Persehay, C. (2005). Passage de la destructivité à la pensée dans les groupes de psychodrame à l'adolescence. *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe*, 44(1), 173–184.
- Drieu, D. (2006). Dispositif psychothérapeutique face à la paradoxalité en famille, *Dialogue*, 172(2), 37–52.
- Drieu, D. & Le Malefan P. (2008). Diffraction du transfert et fonction phorique dans la rencontre avec l'adolescent en violence. *Psychologie*, 14, 37–57.
- Drieu, D., Thomas M. et al. (2016). L'intérêt du travail groupal et des médiations dans les soins avec les adolescents vulnérables. *Adolescence*, (34)1, 129–138.
- Foulkes, S. H. (1964/2004). *La groupe-analyse. Psychothérapie et analyse de groupe*. Petite Bibliothèque Payot.
- Freud, S. (1914). Pour introduire le narcissisme. In *La vie sexuelle*. (pp. 81–105). PUF.
- Green, A. (1983). *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Ed. de Minuit.
- Green, A. (1999). Réponse à M. Perret-Capitovic, concept de limites, colloque A. Green, Dire. *Adolescence*, (17)1, 97–100.
- Gutton, P. (1991). *Le pubertaire*. PUF.
- Houzel, D. (1996). *La folie des ancêtres et le contenant familial, Folie et secret en famille*. Groupal.
- Janin, (1996). *Figures et destins de traumatisme*. PUF.
- Jeammet, P. (1991). Dysrégulations narcissiques et objectales dans la boulimie. In B. Brusset, & Couvreur, C. (Eds.). *La Boulimie*. (pp. 81–104). Monographie de la *Revue Française de Psychanalyse*. PUF.
- Kaës, R., Perrot, J., Guerin, C., Mery, J. & Reumaux, F. (1989). *Contes et Divans*. Dunod.
- Kaës, R. (1994). *La parole et le lien. Les processus associatifs dans les groupes*. Dunod.
- Kaës R. et al. (1999). *Le psychodrame psychanalytique de groupe*. Dunod.
- Kaës. R. (2000). Préface. In C. Vacheret (Ed.) *Photo, groupe et soin psychique*. Presses Universitaires de Lyon.
- Kaës. R. (2005). Groupes internes et groupalité psychique. *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe*, 45(2), 9–30.
- Kaës. R. (2012). *Le Malêtre*. Dunod.
- Kaës. R. (2015). *L'extension de la psychanalyse—Pour une métapsychologie du troisième type*. Dunod.
- Kestemberg, J. (1981). Le personnage tiers, sa nature, sa fonction (Essai de compréhension métapsychologique). *Les cahiers du centre de psychanalyse et de psychothérapie*, 3, 1–155.
- Marty, F. (1999). La latence dans l'adolescence avec A. Green. *Adolescence*, 17(1), 101–110.
- Milner, M. (1977). Le rôle de l'illusion dans la formation du symbole. *Revue de Psychanalyse*, 5–6, 844–874.
- Prinzhorn, H. (1922/1984). *Expressions de la folie. Dessins, peintures, sculptures d'asile*. Gallimard.
- Puget J. (2020). *Subjectivation discontinuée et psychanalyse. Eveiller l'envie de vivre*, Chronique sociale, Comprendre les personnes.
- Racamier, C. (1993). *Le psychanalyste sans divan*. Payot.
- Muller, C. (2009). La créativité dans les commentaires de photographies en classe de français langue étrangère, *Synergies Europe*, 4, 89–104.
- Rebelo, T. & Thomas, M. (2016). Trabalho de narratividade com adolescentes em uma residência terapêutica. In K. Tarouquella & D. Drieu (Eds.) *Mediação, simbolização e espaço grupal* (pp. 153–171). Unesco.
- Rebelo, T. & Duarte, I. (2019/2020). Violência y Sexualidade. Nuevo enfoque Del Rorschach para su comprensión. *Revista de la Sociedad Española del Rorschach y Métodos Proyectivos*, 32-33, 207–218.
- Rivière, P. (1975). «Prologo», El Proceso Grupal : del psicoanálisis a psicología social, Buenos Aires, Nueva Visión. In: « Psychanalyse et psychologie sociales - Hommage à Enrique Pichon Rivière », *Revue de psychothérapie psychanalytique de groupe*, 1994, 7–23.
- Rouchy, J. (2007). Devenir analyste de groupe. *Connexions*, 88(2), 193–204.
- Rouchy, J. (2008). *Le groupe, espace analytique. Clinique et théorie*. Erès.
- Roussillon, R. (1991). *Paradoxes et situations limites de la psychanalyse*. PUF.
- Roussillon, R. (2013). Manuel des médiations thérapeutiques. In A. Brun, B. Chouvier, R. Roussillon, & Dunod, *Col. Psychothérapies*.
- Vacheret, C. (2000). *Photo, groupe et soin psychique*. Presses Universitaires de Lyon.
- Winnicott, D. (1975). *Je et réalité: L'espace potentiel*. Gallimard.

PSICANÁLISE COMUNITÁRIA  
E DAS ORGANIZAÇÕES

# Rosa de Jericó e o Envelope Institucional<sup>1</sup>

Filipe Cardoso da Silva<sup>2</sup>  
Ana Belchior Melícias<sup>3</sup>

1

Seguindo a exigência da preservação do anonimato dos pacientes e da confidencialidade, o material clínico é apresentado com alteração da identidade do paciente e dos dados clínicos.

2

Psicólogo Clínico, Membro Candidato da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP). Psicoterapeuta em Unidade de Saúde Mental, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e em Clínica Privada. *E-mail:* filipecardososilva@gmail.com

3

Psicanalista Associada da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Psicanalista da Criança e do Adolescente (COCAP-IPA). Formadora do Instituto de Psicanálise da SPP e Membro da Association Internationale Pour le Développement de l'Observation du Bébé Selon Bick. *E-mail:* ana.melicias@gmail.com

4

<https://www.youtube.com/watch?v=MyuRPRUYSeE>  
*Anastatica hierochuntica L.* é um género botânico pertencente à família Brassicaceae, que inclui uma única espécie, a rosa-de-jericó, e não deve ser confundida com a *Selaginella lepidophylla* (por vezes referida como «rosa de Jericó» ou «falsa rosa de Jericó»). É uma planta que vive em anidrobiose, ou seja, vive (quase) sem água e aguarda condições favoráveis de humidade (abre os ramos, volta a ser verde, e rapidamente brota). Com a sua grande resistência à dessecação, tem a propriedade de se contrair e ser arrastada pelo vento, permanecendo seca por muitos anos, protegendo as sementes, evitando assim que se dispersem prematuramente, pois podem permanecer

## RESUMO

Utilizaremos a metáfora da Rosa de Jericó<sup>4</sup> para entrelaçar duas questões que a menina a quem chamaremos Rosa nos apresentou, com invulgar capacidade expressiva e transformativa. De um lado, a capacidade de sobrevivência psíquica (resiliência? competências inatas?) perante um ambiente traumático de violência, abandono, negligência, ruturas e descontinuidades. De outro, a hipótese de que as inúmeras instituições que acolheram este fio de descontinuidade funcionaram como uma pele psíquica (Bick, 1968/1991), um envelope institucional (Houzel, 2010), e como «anjos no quarto do bebé» (Lieberman *et al.*, 2005), que permitiram que Rosa se nutrisse o suficiente para chegar, sem se fraturar psiquicamente, ao acompanhamento psicoterapêutico, também em instituição. Finalmente, foi este que lhe permitiu reintegrar-se progressivamente: voltar ao deserto, atravessá-lo acompanhada, preparar-se para a busca de um terreno-família, onde pudesse finalmente desenvolver-se. Tentaremos ilustrar essa concatenação entre a construção da subjetividade, o papel das instituições de suporte e o trabalho psicoterapêutico em instituição.

## O HABITAT DE ROSA

Rosa é referenciada pelos serviços sociais a uma unidade pública de saúde mental infantil. No primeiro contacto com a mãe, Rosa, com oito anos, é descrita como «uma criança triste, sempre a fazer birras, que não quer ir à escola [...] rouba, outras vezes pede dinheiro e quando lhe digo que não tenho, diz-me que tenho de ir trabalhar mais [...]». Conta ainda, num aparente estado depressivo, que nunca teve noção do que é ter uma casa própria, que «o pai não conhece a filha, pois foi preso antes de Rosa nascer e só saiu quando ela tinha cinco anos [...] esteve com ela recentemente [...] acha que resolve tudo com violência». Acrescenta que a filha apresenta baixa autoestima e acha que estão sempre a desvalorizá-la.

Rosa, como a de Jericó, deambulou de forma errática, ao sabor de vários ventos, com um

percurso de vida descontínuo, fruto de uma gravidez adolescente, não tendo sido desejada pelos pais. Ao procurar encontrar o fio cronológico dos fragmentos do relato da mãe, damos-nos conta das contínuas descontinuidades vividas por Rosa em múltiplas instituições: a gravidez adolescente, não planeada, foi vivida em contexto de instituição (1a); após o nascimento, mãe e filha são acolhidas em nova instituição (2a); a imaturidade emocional que toma expressão na vida passional, caótica e disruptiva desta jovem mãe torna inviável o trabalho na instituição, e aos 12 meses de Rosa são reencaminhadas para novo acolhimento, agora para mães vítimas de violência doméstica (3a); aos 18 meses, Rosa vai viver com a mãe para uma casa arrendada e passa a ter uma ama, que a negligencia e maltrata (4a); aos três anos de Rosa, a mãe sofre depressão profunda e entrega a filha

## PALAVRAS-CHAVE

**Abandono**  
**Institucionalização**  
**de crianças**  
**Resiliência**  
**Psicanálise**  
**«Envelope» institucional**

latentes por anos. Numa estação chuvosa, a planta desenrola-se e acorda do seu estado de dormência, o que faz com que os frutos capsulares se abram para dispersar as sementes, que, se a água for suficiente, germinam em poucas horas.

## 5

Organização Cultural e Económica para o Desenvolvimento, que congrega 24 países da ONU, com sede em Paris.

a uma nova instituição (5a); contudo, Rosa fazia birras porque queria estar com a mãe, e, com avaliação técnica posterior, acabou por voltar a viver com a progenitora (6a); aos quatro anos, Rosa é novamente institucionalizada (7a), por negligência física e emocional, encontrando-se a mãe exausta e com acentuados traços depressivos. Inicia-se novo trabalho de reintegração familiar e aos seis anos Rosa regressa à mãe (8a), mas dificuldades emocionais levam-na a negligenciar de novo a filha e a entregá-la, aos sete anos, ao pai, com o qual Rosa não tem qualquer relação (9a); o pai acaba por entregar a filha na Polícia. Informa que nem ele nem a mãe têm quaisquer condições para cuidar de Rosa. A mãe, em desespero, pede que adotem a filha; e Rosa aguarda, aos cuidados desta, nova institucionalização (10a); quando inicia o acompanhamento psicoterapêutico é então integrada numa nova instituição (11a).

Donald Meltzer, em 1976, escreveu com Martha Harris, e a pedido da OCDE<sup>5</sup>, um trabalho considerado por ele como o mais útil de sempre: um modelo psicanalítico multidimensional da criança-na-família-e-na-comunidade (Meltzer & Harris, 1976), onde o fenómeno central é o da dor mental: persecutória, confusional ou depressiva. Discute os vários tipos de família — a conjugal, a «casa de bonecas»; a matriarcal; a patriarcal; a da pandilha adolescente; a revertida e a de suposto básico — num modelo dinâmico e complexo de interações, que surgem seja como um estado momentâneo, seja como uma tendência geral. Aborda os modos de aprendizagem de cada uma e estabelece o papel e as quatro funções primordiais da família, contrapondo o desejável e positivo ao disfuncional e negativo, nestes termos: gerar amor ou promulgar o ódio; promover a esperança ou semear o desespero; conter a dor depressiva ou emanar ansiedade persecutória; criar confusão ou estimular o pensamento. Sabemos que nas famílias disfuncionais e abandonadas os próprios pais foram vítimas de negligência e maus-tratos, e, conseqüentemente, enredados na inevitável inter e transgeracionalidade (Fraiberg et al., 1991). Ambos amputados para cumprir as desejáveis funções da família propiciadoras de um desenvolvimento biopsicossocial integrado e suficientemente bom.

Sabemos que a família, a tríade mãe-pai-filho, é um sistema bastante complexo em termos sociais, mas ainda mais intrincado se a pensarmos em termos psicológicos. Neste último campo, mais do que pais e filhos, terminologia que parece servir ao biológico e ao social, deveríamos falar de parentalidade como um processo permanente e dinâmico de inter e intrarrelações, cuja rede é uma filigrana inconsciente altamente entrelaçada. Aqui, o nascimento biológico do bebé numa tríade pode não coincidir (bebés há que, por terem sido fantasiados e desejados, nascem psiquicamente

a par com o biológico) com o seu nascimento psíquico, que ocorrerá, se tudo correr bem, através de um processo de triangulação. A vida psíquica pré-existe ao recém-nascido, na dinâmica interna de cada um dos pais (com os seus próprios pais), na dinâmica do casal, na dinâmica da família que se constituiu e na dinâmica do grupo social e cultural. Todos estes vértices formam o cenário de fundo, a matriz onde o bebé se vai nutrir, mas de onde ele tem de se separar, construindo gradualmente o seu aparelho psíquico diferenciado e a sua subjetividade.

Acontece que esse processo de separação, de individuação, de integração, de desenvolvimento e construção de um self próprio, não é natural, mas, como disse (1988), passa simultaneamente por construir o aparelho para pensar os pensamentos e aprender a pensar. As vicissitudes desse processo são o cenário da clínica, e, portanto, esta ocupa-se sempre, direta ou indiretamente, da família, ou seja, da forma como cada um de nós organizou internamente esse cenário familiar.

Que determinará afinal se o passado conflitual e traumático dos pais de Rosa se repetirá? Que impedirá que os fantasmas se apoderem do seu quarto (Fraiberg, 1991)? Que leva algumas crianças a fazer uma perigosa e patológica identificação ao agressor (Freud, A., 1936), ou seja, uma identificação com os inimigos do ego em formação? Que permite que uma criança abusada, tiranizada e negligenciada consiga sobreviver e não repetir? O mistério por resolver, segundo Fraiberg (1991, p. 419), é porque «sob condições extremas na infância, algumas crianças [...] não fazem uma aliança fatídica com o agressor, que defende o ego da criança contra o perigo intolerável e oblitera a experiência consciente da ansiedade, mantendo-se em contacto com a dor e a experiência da angústia». O afeto mantém-se associado à experiência, mas não total e sintonicamente integrado.

E é essa experiência de integração da emocionalidade, da transformação de beta em alfa (Bion, 1962/ 1991) e da pensabilidade que será revivida com o terapeuta, através de uma nova relação. Os terríveis afetos de ter sido negligenciada, acima de tudo pela depressão materna e sua incapacidade de cuidar, não deixam de ser sentidos internamente como abuso e mau trato, desamparo, vergonha, terror, angústia e ódio. A psicoterapia permitirá a digestão destes afetos desintegrados, a transformação da identificação ao agressor e dos fantasmas transgeracionais não elaborados pelos pais, que se viriam a perpetuar por ela no futuro, numa transmissão intergeracional (Faimberg, 2005).

### CHOVE NO DESERTO

Rosa, com oito anos e dois meses, chega à consulta acompanhada por uma cuidadora da instituição onde se encontra há menos de um mês. O terapeuta

recebe-a: franzina, num vestido cor de rosa e casaco de malha branco, óculos de massa violeta, olhar perscrutador, traz uma bandolete da Minnie, com a qual procura domar dois totós simétricos. Traz consigo um desenho feito propositadamente de véspera para entregar neste primeiro encontro.

Estes sinais exteriores espelham com detalhe o mundo interno de Rosa. A sua expressividade foi uma constante ao longo da psicoterapia. Apresenta-se com um olhar investigador, indagador (instinto epistemofílico — Klein, 1923), como menina-Minnie, identidade de género clarificada (confirmada posteriormente pelas escolhas de identificação — Ariel, Lilybud, menina colégio) e cheia de cores-afetos (a cor chocolate da pele, contrastando com o violeta, o rosa e o branco). O mais importante é que, apesar das seis instituições, 11 descontinuidades e da manifesta incapacidade parental, Rosa revela, desde logo, a sua imensa avidez e o desejo de investir e de ser investida por alguém que a «acolha»: a tal «adoção» ainda por se cumprir. Diferentemente do conceito de hospitalismo de Spitz (1945), Rosa mantém a sua sede de encontro com o objecto (preconceção) e já deu início ao processo transferencial, trazendo um desenho para o terapeuta (realização).



Fig. 1

No gabinete, olha à volta, senta-se na cadeira à mesa e entrega o desenho. Convidada a falar, diz:  
«É um cemitério. Esta é a campa de alguém que morreu no dia 13 [de um mês que não sabe precisar].»

Neste ambiente «suficientemente mau» e fantasmagórico (transgeracionalidade), numa sombria sexta-feira 13, nasceu uma pequena flor verde numa campa cinzenta e mortífera. Conceção da origem? Do não-amor dos pais? Como diz Melícias (2019a): «a lua ligada ancestralmente ao feminino espelha o vazio da maternidade, tangenciando a cruz como símbolo de uma paternidade sentida como “morta”». Não há penetração (continente-conteúdo), há apenas o toca-e-foge de uma relação sem profundidade. Em torno da campa, é visível uma erva rala; e, lateralmente, como balizas-continentes-parentais, duas árvores invernais, desoladas, despidas, desvitalizadas. As árvores que lhe calharam em sorte não se bastaram, nem sequer a si próprias.

Falará Rosa da sua parte desvitalizada? Ou também do seu potencial inato, mantendo-se viva num pequeno e inóspito torrão de terra? De um lado, reenvia para o túmulo-ambiente-depressão-materna, incapaz de a ela se ligar e de a «adotar» plenamente, tornando-a sua filha. De outro, realça a esperança, verde de cor, a germinar do pedacinho de terra que sobrou nesta campa. E parece resistir, como se dissesse: «Quero conhecer e escrever uma outra história, pode ser?» Como se, em vez do sombrio dia 13, manifestamente narrado, uma parte dela/nossa, no contrajogo inconsciente, visse, do outro lado do «número 3 espelhado», *Eu 1 ESTOU... viva*.

*Depois de informar ao que vem, passa a explorar a sala. Os olhos procuram incessantemente, detêm-se, parecem querer absorver, memorizar o espaço e as coisas, não param por detrás dos seus óculos violeta, que, a propósito, informa ser a sua cor preferida. Pousam sobre uma casa de madeira. Encontra na caixa de bonecos personagens para início de trama: o Lobo Mau, a Capuchinho Vermelho e a Avozinha. Rapidamente, começa por narrar a história da Capuchinho Vermelho. Faz de narradora e de intérprete de algumas personagens, instiga o terapeuta a interpretar com ela. Vestindo a pele de encenadora e diretora de atores, solicita falas, diferentes entoações, com indicações precisas. A seu cargo, fica o papel da Capuchinho Vermelho, cabendo ao terapeuta o desdobramento de personagens entre a Avozinha e o Lobo Mau, cuja voz forte, encenada, é por si aceite e aclamada.*

Início de diferenciações e discriminações... Rosa coloca em cena a avidez do objeto e rapidamente se instala numa relação a dois, há tanto desejada, através de uma narrativa a três personagens. Dá-se finalmente o tão aguardado encontro com o objeto-terapeuta e a esperança de com ele vir a partilhar, encenar, sonhar e narrar, através de uma história infantil, a sua própria história.

*Fica agradada com o resultado final da encenação. Confidencia então que «a Capuchinho, à noite, enquanto dorme, é visitada por fantasmas que lhe querem fazer mal». Acrescenta que tudo não passa de «sonhos maus» e que a Capuchinho fica melhor depois de contar o sonho mau à mãe.*

Esperança do encontro com o seio-bom-terapeuta, um continente-mente-recetiva que processe esses elementos beta, alfabetizando-os (Bion, 1991).

*De volta à casa de madeira, Rosa começa já a inventar a sua própria história: «Espera, afinal o fantasma é a mãe da Capuchinho Vermelho!!!» Rosa escolhe uma boneca de madeira para fazer de mãe, coloca-a na cozinha a preparar o pequeno almoço numa panela, onde cozinha milho azul. Essa mistela não é do agrado da Capuchinho. A comida não é então partilhada nem com a Capuchinho, nem sequer*

*com as marionetas, que afinal também não são nada amigas. «A mãe quer levar a Capuchinho para uma casa de marionetas assustadoras.»*

Da história da Capuchinho para a história da Rosa: afinal, a mãe é o fantasma que lhe quer fazer mal e a assusta. Terrível descoberta... a emergência do mundo fantasmático de Rosa indicia a inexistência de um bom objeto materno internalizado. Inicialmente, a mãe aparenta ser um bom recetáculo, acolhedor de ansiedades e angústias inscritas nos sonhos da Capuchinho Vermelho, porém, rapidamente se torna ameaçadora e indigna de confiança (insuficiente interiorização do bom objeto). Qual será então a qualidade do alimento do terapeuta? Poderá confiar e sentir-se nutrida? Será alguém que a levará para a sua casa mental, cheia de personagens-marionetas-assustadoras? Ou será mais uma personagem-marioneta, dos muitos técnicos que lhe foram apresentados ao longo das muitas instituições onde viveu?

*No final da sessão, aparece novamente a esperança, equivalente à flor verde do desenho inaugural.*

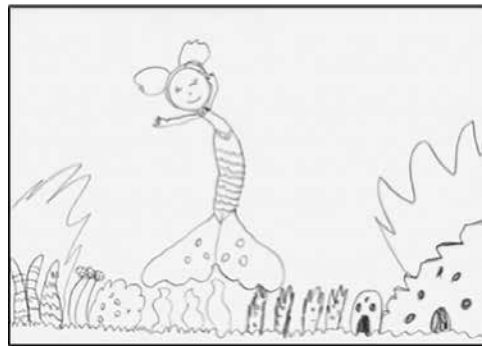


Fig. 2

*Rosa desenha, agora na presença do terapeuta, a sereia Ariel: «Quando crescer, quero ser uma sereia, como a Ariel... a Úrsula (bruxa) vai ter de se ver comigo.»*

Aberastury (1982) mostra-nos que, na primeira sessão, a criança expressa tanto a sua dor, a dor do que a adoeceu, como a fantasia da cura. Nesta primeira sessão, parece-nos que Rosa expressa inequivocamente que o seu sofrimento advém da relação originária e precoce, que a desprotegeu no cemitério antirrelacional, assustador e frio, impossibilitando a constituição de um continente-ninho para o seu desenvolvimento. Entrou em modo de sobrevivência — Rosa de Jericó —, na esperança de solo mais fértil, onde pudesse enraizar-se numa relação terapêutica-hidratante que pudesse conter e alfa-betizar (Bion, 1991) todas estas difíceis emoções. Poderia então dar azo à rememoração, à encenação das angústias mais primitivas (orais), mas também reconhecer e apossar-se das suas boas qualidades (voz-Ariel). E imagina ser essa uma luta com a bruxa-Úrsula-seio-mau-internalizado. Só então poderá brotar

em terra firme, na construção da ambivalência do objecto total — bom e mau, fada e bruxa, real e fantasiado.

## ROSA EM HIDRATAÇÃO

Nos primeiros três meses, com uma espécie de preocupação psicoterapêutica-materna/paterna primária, procurou-se recriar uma área de ilusão (Winnicott, 1965/1990), acolhendo os principais movimentos e estabelecendo os ritmos da dupla. Na elaboração conjunta deste texto, ecoou, em *rêverie*, uma melodia: o «Samba da Rosa»<sup>6</sup>.

Rosa estabelece boa relação com o terapeuta e ambos sentem prazer no encontro da sessão. Apresenta um potencial criativo de acesso ao seu mundo interno através da produção massiva de desenhos livres e criação de histórias. Faz questão que fiquem escritas pelo terapeuta. Estas narrativas-figuradas (Melícias, 2019b) parecem deixá-la num misto de surpresa e regozijo perante o processo alquímico de transformação das palavras orais-ditadas ao texto-frases-símbolo. Rosa ainda não domina as artes da escrita e leitura, mas está em vias de se apropriar deste poderoso instrumento de narratividade. O ritmo vai emergindo, as histórias contadas passam a cantadas, com diferentes interjeições, modulações; a música de diferentes origens chega às sessões (músicas infantis, lengalengas, rimas, essencialmente o ritmo impresso pelas palavras cantadas).

Na continuidade do desenho-diagnóstico-inaugural, os primeiros tempos de psicoterapia dão conta de uma avidez ilimitada em investir e incorporar um qualquer bom objeto, que, esperançosa, imagina obter nesta nova relação, qual Rosa de Jericó em busca de um resquício de humidade. A dessincronia entre o tempo real da sessão e o tempo necessário à re-hidratação emocional e consequente fixação são de difícil manejo e de uma *décalage* abissal. A necessidade de Rosa de se fixar leva-a a *alapar-se* à ombreira da porta de saída do gabinete. Procura negociar uma saída limpa, num claro propósito de incorporar um bom objeto: «eu vou-me embora se me deixares levar aquela bola [...] aquela varinha mágica [...] aquelas asas de borboleta». Enfim, saio da sessão se levar um pouco de terra boa e da qual preciso nutrir-me, não estando ainda certa deste habitat, duvidando ainda da *constância do objeto* (Mahler, 1979/1982).

Diz Bick (1968/1991) que até que as funções-continentes (do self e do objeto) tenham sido introjetadas, não pode surgir o conceito de um espaço dentro e outro fora do self. Na ausência de introjeção, mantém-se a identificação projetiva e todas as confusões de identidade consequentes. E continua dando conta do seminal conceito da função da pele como unificadora psíquica: «a necessidade no estado não integrado infantil de um objeto continente parece gerar uma busca

## 6

Samba da Rosa», de Maria Bethania, Vinicius e Toquinho. <https://www.youtube.com/watch?v=w2-z5G39mY8> Rosa pra se ver/Pra se admirar/Rosa pra crescer/Rosa pra brotar/Rosa pra viver/Rosa pra se amar/Rosa pra colher/E despentalar/Rosa pra dormir/Rosa pra acordar/Rosa pra sorrir/Rosa pra chorar/Rosa pra partir/Rosa pra ficar/E se ter mais uma rosa mulher/É primavera/É a rosa em botão/Ai, quem me dera/Uma rosa no coração.

frenética por um objeto, uma luz, uma voz, um cheiro ou outro objecto sensorial [...] que mantém unidas as partes da personalidade. O objeto continente é sentido concretamente como uma pele unificadora» (Bick, 1968/1991, p. 195).

A ocupação do gabinete habitual na hora da sessão de Rosa revelou a sua ainda extrema dependência da estabilidade do espaço exterior, com função de pele, de forma que se mantivesse minimamente estável e coeso o seu periclitante mundo interno. O setting e a firmeza da técnica, mesmo em contexto institucional, são garante e fornecem a contenção ainda não suficientemente introjetada. Especial atenção a esta continuidade deverá ser preservada com Rosa, que vagueou por tantos espaços diferentes...

À medida que *atterra* nas sessões, começa a internalizar o setting, apercebendo-se da sua previsibilidade rítmica: cadência regular das sessões, o mesmo espaço físico de consulta, os brinquedos reconhecidos e eleitos para traduzir as suas emoções. Vai confiando e revelando os sentimentos de autoexclusão em relação aos meninos da escola, com os quais não sabe brincar, aos meninos da instituição onde vive, com os quais tem de conviver, e aos meninos atendidos ali, com quem «partilha» o gabinete e o terapeuta.

### ROSA RETORNA AO DESERTO... ACOMPANHADA

A partir do terceiro mês, as sessões passam a bissemanais. Vai surgindo, em desenho, um «muro em construção», dando conta da criação/introjeção de alguma contenção, diferenciação. Mas, paralelamente ao decurso da terapia, a casa onde está institucionalizada informa que foram iniciadas visitas da mãe. A inconstância e imprevisibilidade das visitas maternas reativa angústias precoces e persecutórias. A emergência dos fantasmas internos de abandono, geradores de desconfiança no objeto, tomam conta do campo na sessão.

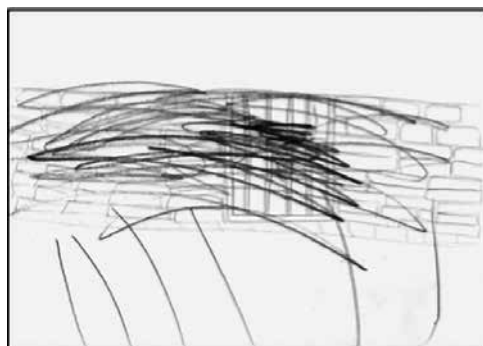


Fig. 3

*Rosa ressentida-se, e o muro em construção, delimitando os espaços interno e externo, eu e outro, grandes e pequenos, tantas vezes indiscriminados, é atacado com rabiscos frenéticos de raiva e decepção, não sendo sequer contidos pelos limites da folha, para poder então confidenciar: «a mãe faltou».*

Sim, a mãe faltou sempre e continua a faltar; e Rosa volta novamente a sentir-se exposta a este traumático incessante, que não lhe permite construir a confiança nos adultos.

*Testando a capacidade contentora do terapeuta, o comportamento de Rosa em sessão altera-se (assim como na escola) com episódios de violência extrema: atira objetos à cabeça do terapeuta, cospe, procura agredir ao murro e pontapé. Contudo, as saídas de sessão ocorrem com gritos estridentes: quer manter-se dentro a todo o custo. Nestes momentos, vivenciados de forma extrema e primária nos movimentos contratransferenciais, procuramos nomear emoções e eventualmente destinatários: «deve ser muito difícil o que está a acontecer, parece estar muito zangada, muito irritada; quando não percebemos bem o que se passa, atiras as coisas ao ar, porque estás muito magoada [...]». Após sessão particularmente agitada, violenta, com pontapés e murros em barda, reafirmo a intenção de aguardar na semana seguinte, à nossa hora. Sugiro-lhe a possibilidade de nos vermos mais, ao que acede prontamente.*

Compreender a dor psíquica, e contê-la, permite progressivamente desintoxicar o psiquismo da violência taliônica do olho por olho, dente por dente, sendo possível criar um espaço de esperança na transformação e na reparação. Na casa e na escola, os diferentes técnicos manifestam-se atentos e preocupados com a instabilidade de Rosa, mas sem saberem bem como apaziguar, conter, transformar. Por vezes, também o terapeuta duvida da sua capacidade de tomar tal disrupção, em identificação projetiva, como comunicação, e de conseguir devolver-lha digerida, pela *rêverie*, tão aguardada por Rosa, que permaneceu tanto tempo no deserto relacional, aos trambolhões, ao sabor do vento.

*Nesta fase da terapia, a forma preferencial de relação é pelo confronto, emocional e físico. Rosa procura mostrar como se encontra o seu mundo interno, deixando o gabinete em estado de sítio: tudo voa, tudo é atirado ao ar, para o chão; quer bater, morder, partir, destruir objetos, e a toada discursiva enche-se de imprecações e vitupérios. Eclodem igualmente elementos de comunicação mais regressivos: choro convulso, gritos estridentes, urros grotescos, simulação de vômito, episódios de flatulência.*

Em *working through*, o terapeuta vai «escutando»: «Vamos ver de que matéria és feito. Eu estou afrita, não estou a conseguir gerir tanta emoção disfórica. E tu? Aguentas o meu mau cheiro? Ou vais-te embora também? Aguentas a sensorialidade pré-verbal para que eu a reorganize contigo, junto de ti?»

Ao tomar contacto com o lado mais primário, cru e corpóreo de Rosa ou justamente para tomar contacto com a intensidade emocional e a concretude do mundo pré-verbal, essa possibilidade de elaboração vai sendo salpicada por alterações fisiológicas (coração bate descompassadamente)

através da contratransferência somática. É ainda aqui que Rosa nos procura situar: «o ego é antes de tudo um ego corporal» (Freud, 1923/1996a, p. 270).

Vislumbramos oscilações de movimentos persecutórios para uma economia depressiva, a bem da preservação e reparação do objeto materno danificado em fantasia, como nos trouxe Klein. Idealizado, ainda assim, interroga-se sobre o seu próprio estado emocional: «a minha cabeça está estragada». Sabemos que em jeito de balancete, em termos de economia depressiva, dói menos: custa menos a Rosa imaginar-se estragada ao invés de saber-se abandonada pelos objetos que falham, não suprimindo medos/angústias, pobres em afeto e que não fazem crescer (Ferreira, 2002). Por outro lado, Rosa procura atestar a qualidade do vínculo estabelecido com o terapeuta. Na relação transferencial, o aparecimento massivo de fantasias e angústias massificadas dão-nos a oportunidade de as vivenciar no campo e dar significado.

*No final de uma das primeiras sessões, após aumentarmos a cadência semanal, Rosa, num momento de descontrolo emocional, acerca-se da varanda do andar alto do gabinete. Ao debater-se com a necessidade de se manter dentro do gabinete, após término da sessão, vocifera que vai sair, mas não pela porta. Todas as trancas das portadas para as varandas do piso não funcionam. O tema contenção parece aflorar e é atuado concretamente. Urros grotescos, de dor e desespero extremo, tomam conta de Rosa, que já não os consegue conter/controlar — e nos dez minutos seguintes, de grande tensão emocional, o terapeuta é obrigado a impor a sua dimensão física por forma a contê-la literalmente. Rosa queria sair pela janela, evacuando a sua dor insuportável? Talvez só agida, pudéssemos «ver» o tamanho da sua dor e o desejo de terminar com o sofrimento que a corroía por dentro. Apaziguada e contida, finalmente, invoca o fim de semana passado como muito difícil, no qual se debateu com a elaboração de um presente para o dia da mãe: «Não sei o que ela quer. Que gosta ela?», como se dissesse: não conheço a minha mãe, não nos pertencemos. Nem ela soube do que precisei, nem eu consigo imaginar como ela é por dentro.*

Após a interrupção para férias de verão, a instituição informa que Rosa «caiu» do primeiro andar: foi hospitalizada, com fraturas múltiplas no seu braço e mão direitos. Sabemos também que o pai saiu da prisão e a par com a avó paterna pretendem visitá-la. As visitas da mãe permanecem intermitentes.

#### «ROSA PRA SORRIR/ROSA PRA CHORAR/ROSA PRA PARTIR/ROSA PRA FICAR»

De volta das férias, Rosa aparece com o braço engessado e totalmente imobilizado, mas com a possibilidade de usar a mão e, conseqüentemente, o lápis.

Traduzindo as múltiplas fraturas do seu abandono traumático reativado nas férias, o próprio

gesso dá conta da dureza da «pele» necessária para dar coesão ao que foi quebrado. Apesar da sua tentativa de «autocontenção», a sua destrutividade permanece. Impedida de agir fisicamente sobre o terapeuta, pelas limitações atuais, insurge-se pelo verbo contra o abandono nas férias, num registo que podemos designar taliônico: «és feio, és mau, és um macaco, não gosto de ti, és um porco, toma um pum». Magoada, magoa. Ri a propósito de questões escatológicas e o terapeuta sustenta que Rosa «tem um psicólogo à prova de puns». Sem deixar o seu pensamento ficar rigidamente engessado, o terapeuta volta a reverberar no corpo, a contratransferência somática acima descrita. A analidade transborda de Rosa para dentro do terapeuta, e nos três meses seguintes, permanece a toada agressiva-destrutiva, em busca de transformação.

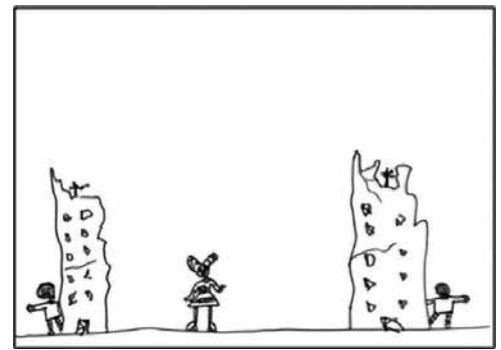


Fig. 4

*Na primeira sessão de retorno de férias, Rosa desenha dois prédios em ruína, de onde surgem dois «zombies». Rosa, ao centro, grita por socorro.*

Mais uma vez de um modo notável, com coordenadas GPS precisas, Rosa explica-nos o registo parental fundador: dois prédios em ruína, com elementos mortos-vivos, mas ela a gritar por socorro. Passou de plantinha verde no cemitério entre árvores-mortas para menina vitalizada que pede ajuda entre dois zombies-ruínas. O trauma das figuras parentais, mãe abandonada e pai ausente, é reativado na interrupção para férias de verão, num claro movimento transferencial.

*Um dia, vem especialmente zangada com a cuidadora que a traz à sessão e diz que lhe mentiram. A gritar e chorar, sustenta: «disseram que no inverno neva e não vai nevar em Lisboa. São umas mentirosas». Esclarecemos, à posteriori, que lhe disseram que ia ser adotada: «Como posso ser adotada?! A minha cabeça é burra, não funciona bem, não funciona bem.»*

Rosa está aflita, dizem-lhe que poderá chegar a primavera (possibilidade de ser adotada), mas a sua cabeça, cheia de fantasmas, diz-lhe que não funciona, estará congelada, sem capacidade de germinar, ainda que em solo mais húmido e com temperaturas mais amenas. Em termos de economia

depressiva, Rosa só poderá alvitrar, num último reduto de esperança, estar estragada, e apenas por esse motivo ter sido abandonada (Ferreira, 2002). Ao invés, frente aos pais abandonados internalizados, imaginar-se vitalizada e competente — nem onipotente, nem impotente — poder-se-ia tornar num equivalente de morte psíquica.

### TODA A ROSA TEM ESPINHOS

Contidos os momentos disruptivos de grande intensidade emocional, sem retaliações, começam a verificar-se, e a contrastar, momentos de reconexão/ressignificação. Pensamos que passou a ser possível a Rosa mentalizar, pensar nas partes destrutivas, após momentos mais agidos e catárticos, num acesso a uma maior ambivalência (introjeção de partes más e boas, suas e do objeto), promovendo a reparação dos ataques fantasiados.

*[...] após a retirada do gesso e com maior liberdade de movimentos, Rosa começa a revelar em sessão interesse por um bebê de alfofa. O modo como negligencia o bebê e o pega pelos pés, com a cabeça a arrastar no chão, remetem-nos para momentos com potencial autobiográfico. Atira-o ao terapeuta, como a uma bola, num jeito displicente. O bebê é acolhido cuidadosamente no regaço. «Como é que fazes agora? Vá, faz lá. Ele tem fome?» O terapeuta dá o biberão, depois coloca pano sobre o ombro para o ajudar a digerir o alimento. Rosa observa de soslaio. Depois da muda de fraldas:*

*Terapeuta (T): o bebê está muito mais confortado.*

*Rosa (R): Ele é estúpido, está sempre a chorar — diz, agastada.*

*T: Ainda assim temos de cuidar muito bem dele, não achas?*

*R: Mas tu não vês que ele é atrasado?*

*T: Não, não vejo, é um menino como os outros, só precisa de ser bem cuidado. Ajudas-me?*

*Em sessões seguintes, Rosa começa a cuidar, por imitação, do bebê, em que pega com cuidado: «tem uma ferida e precisa de Betadine, põe-lhe». Alterna com momentos em que ri, quando vê espelhado no rosto do terapeuta a aflição, motivada pela forma negligente como por vezes trata o bebê — vira-o de pernas para o ar e arrasta a sua cabeça no chão.*

*R: É só um boneco, estás parvo?*

*T: Pois é, já imaginaste se fosse a sério?*

*R: Alguém havia de vir e tirava-o dela, ó totó!!! — conclui.*

*T: Dela [mãe]... pois é, alguém viria cuidar dele...*

*A pedido de Rosa, a equipa de cuidadores da casa onde reside providencia um boneco-bebé, onde desenha a caneta uma ferida que necessita de ser por ela tratada.*

Neste jogo de reparação, Rosa vai podendo caminhar da imitação para uma introjeção/identificação crescente com um terapeuta-continente-cuidador. Uma vez contidas as partes más-destrutivas, vão surgindo as identificações

progressivas com as partes boas-amorosas.

A possibilidade de Rosa se sintonizar afetivamente (Stern, 1998) com as necessidades do bebê boneco permite-lhe aceder a aspetos depressivos, não olhados e não cuidados da bebé Rosa.

O dentro e o fora da sessão (o cuidado dos bebês Rosa) adquire aqui uma tônica de continuidade, fundamental à reconexão intra Rosa. Permite-lhe manter-se conectada, não cindida. A necessidade de transformar os aspetos (beta)dine num ambiente com potencialidade-continuidade terapêutica na casa que habita auxilia Rosa na sua reconstrução, reconectando-se ao seu percurso sinuoso, que, na sua essência, é predominantemente institucional. A ferida(beta) tratada com (alfa)dine pôde começar a ser elaborada, pensada e transformada (Bion, 1991). O bebê Rosa hidratado, melhor nutrido, cuidado e em processo regenerativo, vai podendo aceder a uma simbolização e tridimensionalidade retratada nos desenhos e nas histórias por si recriadas e ressonhadas nas sessões.

### TODA A ROSA TEM COR

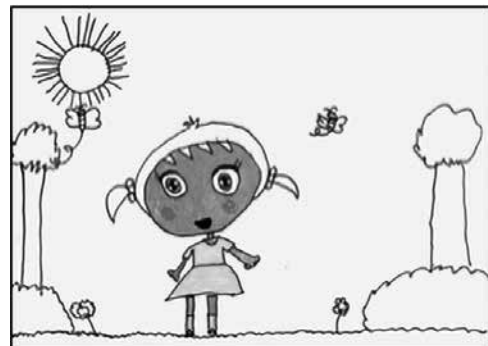


Fig. 5

*É uma Lilybud [...] só ela tem cor, logo se vê como fica.*

A flor verde cresceu e tornou-se numa menina Lilybud.

Retomamos aqui o desenho inaugural (cemitério), espelho do seu mundo interno (Fialho, 2019) à data, e o desenho Lilybud, refletindo, com bastante evidência, o movimento em torno de uma nova ordem dinâmica cocriada.

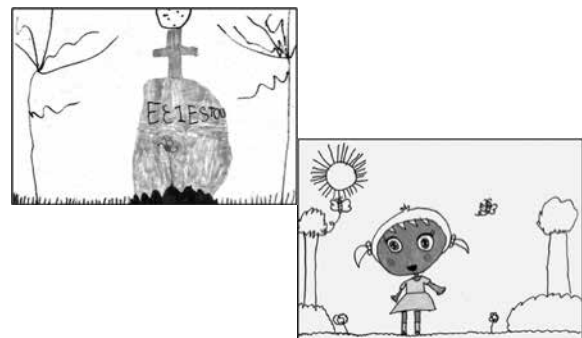


Fig. 1 e Fig. 5

Passado um ano de psicoterapia, a transformação ocorrida é evidenciada através da análise contrastada dos dois desenhos (Melícias, 2019a):



«Nos dois, observamos lateralmente, como balizas-continentes, duas árvores. No primeiro, as árvores despidas e inverniais, com a primavera relacional enchem-se de folhas na copa e nos arbustos na base. Nesta cena primitiva sombria, a lua-feminina, espelhando o vazio da maternidade, roça a cruz-paternidade ausente e sentida como “morta” [...] No segundo desenho, essa representação mortífera de um casal parental, torna-se um radiante e vitalizado sol. A relva de picos torna-se ondulante e fofo, chão possível para uma criança caminhar e brincar. O túmulo cinzento e mortífero, remetendo para os arrepiantes filmes de fantasmas em cemitérios, dá origem a uma colorida “Lilybud”, boneca-menina com quem se identifica e pediu para receber neste Natal. A flor verde, a sua constituição inata, mantém-se viva, mesmo num pequeno torrão de terra no túmulo do ambiente-depressão-materna incapaz de a ela se ligar e de a “adotar” plenamente, tornando-a sua filha.»

«Através da relação psicoterapêutica, passam finalmente a existir dois. Duas flores. Duas borboletas esvoaçando em espirais de vida. Rosa encontrou finalmente um psicoterapeuta — sonhado e aguardado mesmo antes de o conhecer, tal como o bebê tem a expectativa de encontrar a mãe ao nascer — disposto a conter a sua violência e agressividade, advinda do seu profundo desamparo precoce. Rosa passou pela metamorfose relacional, foi sofrendo as transformações através da *rêverie* analítica para romper o casulo e passar de “eu 1 estou”, inscrito como “epitáfio” de morte no túmulo da sua solidão existencial para um “eu sou uma Lilybud”. Uma menina Lily colorida e desejante, com um “buddy-terapeuta” que lhe permite as boas trocas afetivas impossibilitadas desde a sua pré-história, de uma gravidez não desejada. Sem que a estrutura se modifique na sua essência — como claramente vemos nestes dois desenhos — o rearranjo dos diversos elementos cria um novo funcionamento, que será menos bloqueado e mais criativo, menos masoquista e mais prazeroso, menos mortífero e mais vitalizado.» (*ibidem*)

Do sombrio 13 à colorida Lilybud, da abandonada plantinha verde a uma menina vitalizada... A harmonia interna vai sendo arduamente conquistada.

*Passado algum tempo, Rosa chega à sessão a trautear o refrão da música «Avião de papel»: «Fiz-te um avião de papel/Daqueles das cartas de amor/Pra voarmos nele quando o mundo é cruel/E não há espaço que chegue para a dor.»* *Pede uma folha para fazer um avião de papel, que batiza de Lilybud. A seu pedido, faz também o baptismo de voo: da varanda do andar alto do gabinete, Rosa dá asas a Lilybud, elevando-o numa viagem «eu-já-posso-imaginar-que-faço»* (Dias & Monteiro, 1989). *Observa, esfuziante, o avião planar, vindo de dentro da sessão-elaboração para o for-ação numa clara necessidade de expansão e plasticidade.*

*A viagem do avião, algo turbulenta, permite-nos o acesso simbólico aos momentos angustiantes da sua viagem-vida e da possibilidade de os poder reviver, desta feita, acompanhada. No final da sessão, Rosa sussurra, em jeito de confidência, o desejo de ter uma nova família.*

#### «ROSA PRA CRESCER/ROSA PRA BROSTAR/ROSA PRA VIVER/ROSA PRA SE AMAR»

Alguns meses depois, Rosa aproxima-se de um registo mais depressivo, no sentido kleiniano, acedendo a sentimentos de tristeza por não ter amigos na escola. Quer ir «Embora pra Pasárgada»<sup>8</sup>, mudar para uma escola onde use farda, e onde «seja amiga do rei», idealizando espaço e relações.



Fig. 6

*Desenha uma menina numa farda na escola. Recorta-a e cola-a noutra folha.*

Cria assim um espaço potencial, alarga a sua capacidade para imaginar-sonhar um outro cenário. Rosa pode desejar e inscrever-se numa nova folha-escola, onde se possa sentir mais confortável e contida. Como ela se vai sentindo ali, já capaz de ir sonhando-a-dois (Cassorla, 2016) nos tempos e contratempos, nos encontros e desencontros dos movimentos transferencial-contratransferenciais. E como se vai permitindo imaginar um cenário de filiação exterior — árvores-pais com uma menina-filha — e interior, o conhecimento (K) como saída da luta pulsional L x H, como nos diz Bion: «O conhecimento não tem significado a menos que signifique que alguém sabe algo, e isso é uma afirmação de relacionamento, ou de alguma parte de um relacionamento. Proponho-me empregar provisoriamente o termo “conhecimento” para descrever um estado de espírito indissolivelmente associado a uma relação entre a consciência comunicável, de um lado, e o objeto do qual a pessoa se sente então consciente, de outro.» (1992, p. 271)

Um par de meses mais tarde, volta atrás e afinal já não quer mudar de escola. Os progressos na leitura e escrita tomam forma. Encanta-se com as rimas-ritmos, lengalengas, trava-línguas e palavras novas. Fascina-se pelas histórias e contos infantis, sobretudo

7  
Música de Carolina Deslandes:  
<https://youtu.be/T4gRW7ffl1M>

8  
Manuel Bandeira (2013/1930),  
Libertinagem. Global.

as que remetem para personagens ostracizadas. Identificações evolutivas permitem-lhe lidar com a realidade escola e o duro preconceito racial:

*«Sabes, os meninos chamam-me preta. Mas eu não sou preta, disse-lhes, sou castanha, não vêem?! olhem aqui [mostra o braço] e quero ser vossa amiga.» Rosa-Lilybud está a ser escutada e a aprender a escutar-se. Os amigos podem querer coisas diferentes. Os desenhos e pinturas acompanham as narrativas e Rosa acaba por escrever e ilustrar um livro sobre os seus direitos [...].*

No fim do ano, mercê do seu percurso evolutivo, Rosa é agraciada, a par com outras crianças de diferentes instituições, com um prémio-viagem de verão a um país estrangeiro.

### «É PRIMAVERA/É A ROSA EM BOTÃO/AI, QUEM ME DERA/UMA ROSA NO CORAÇÃO»

O retorno às sessões, findas as férias de verão, foi tranquilo. Rosa expressa regozijo pelo reencontro com o terapeuta, apontando a internalização progressiva de um bom objeto.

Já com nove anos, foi ouvida em audiência no Tribunal de Menores, e manteve-se firme perante uma juíza cuidadosa. Afirmou o desejo de ter uma família nova, mantendo-se em contacto com a dor e a impossibilidade da sua mãe: «a minha mãe não podia cuidar de mim, não porque não queria, mas porque estava sempre cansada do trabalho». Pede à juíza se pode deixar uma carta para a mãe, onde procura comunicar e justificar a sua posição.

Depois da audiência, adoecce e fica uma semana de cama, febril. A sobrecarga emocional perante a expectativa de vir a ter uma nova família, aliada à culpabilidade por, ao assumir o seu desejo, se ver obrigada a rejeitar a mãe biológica, parece deixá-la num conflito interno, entre o êxtase e a devastação. É decretada a adoção de Rosa.



Fig. 7

«Como será a minha nova família?» Rosa parece imaginar o novo cenário. As árvores dos desenhos anteriores, despidas ou sem cor, dão lugar a arbustos floridos, robustos, viçosos, numa escala mais humana. A família idealizada, de quatro filhos loiros de pais igualmente loiros, não ocupa todo o espaço. Rosa não consegue ainda imaginar — figurar-narrar — o seu lugar, mas deixa ali o

espaço-lugar-potencial, claramente diferenciado: «Não me vêes no desenho porque eu estou atrás, a tirar uma foto!»

Os meses passam e Rosa continua na sua caminhada firme no desejo de fixar raízes e estabilizar. Tem agora internalizada a triangulação, numa boa cena primitiva. Além do terapeuta/ /instituição, com função mais claramente contentora-materna, chama a si um outro interlocutor, versado na lei-paterna: «Quero dizer à juíza que estou farta daquela casa. Quero ter uma família nova.» Na sessão, escreveu uma carta endereçada à juíza onde expressa o seu inconformismo por não ter sido ainda dado provimento ao tão aguardado encontro com uma nova família.

Inicia-se o período de confinamento pela pandemia SARS-2 Covid-19 e as sessões são mantidas bissemanais via Whatsapp. A casa que partilha com onze crianças nem sempre tem disponível o mesmo espaço físico. As sessões online de Rosa vão ocorrendo em diferentes lugares: sala de visitas, o seu quarto ou o sótão. A relação terapêutica consistentemente enraizada permitiu, apesar das dificuldades do enquadramento, a manutenção do processo e espaço terapêutico: os *headphones* recriam a conexão do espaço físico do gabinete, permitindo o encontro a dois, num enquadramento que agora se tornou interno.



Fig. 8

Rosa produz em sessão online um desenho que fotografa e envia: desenha-se junto do terapeuta.

T: *Pintaste-te de castanho?!*

R: *Claro! querias que me pintasse de que cor? Branca? Foi uma pergunta parva essa que fizeste, não achas?*

T: *Agora que dizes isso, acho, mesmo muito parva.*

Junto ao terapeuta, ela consegue ser «castanha», em verdadeiro self. Pensamos que o impacto estético do desenho fala por si. O terapeuta é contentor/protetor de um caminho que terá de ser Rosa, agora com dez anos, a desbravar, levando-o internalizado para se enraizar na nova família.

O processo terapêutico instaura não somente o conhecer-se a si mesmo, mas, acima de tudo, o tornar-se quem se é.

### ENVELOPE PSÍQUICO-FAMILIAR-INSTITUCIONAL

Ao travarmos contacto com uma criança de oito anos cujo percurso de vida foi marcado por descontinuidades e experiências emocionais precoces com a figura de amor primário, carregadas de (des)sintonização afetiva (Stern, 2006), somos levados a três ordens de conclusões hipotéticas:

1. Rosa é detentora de boas qualidades inatas e de uma capacidade de resiliência-Rosa-de-Jericó a toda a prova. Apesar da ausência de qualidade de um vínculo — funcionando em anidrobiose, com grau de humidade próximo de zero, amplitudes térmicas elevadas e convites claros à morte psíquica, dissociação, desrealização —, manteve-se minimamente coesa e ligada, à espera de um solo para vingar.
2. A função de envelope-psíquico-familiar-institucional (Houzel, 2010), das inúmeras instituições, as variadas mãos/colos de cuidadores (centenas de educadores com distintas sensibilidades, que a acompanharam 24 horas diárias em todas as instituições), assim como a terapia psicodinâmica numa Unidade de Saúde foram determinantes para que Rosa não caísse no abismo da psicose sem retorno e mantivesse as suas competências inatas intactas.
3. A identidade do psicanalista na instituição parece aproximar-se do que Doron (2013) define como fenómenos de interface e Houzel (2010) propõe como a tecelagem do envelope institucional, ou seja, a articulação das dimensões externas e internas, condição para que ocorram os processos terapêuticos: «Para ter função terapêutica, a instituição deve tecer sobre a sua história um envelope, comparável ao envelope familiar e dotado das seguintes propriedades: estanqueidade, permeabilidade, consistência, elasticidade. [...] A capacidade de se deformar sem quebrar sob o efeito de pressões internas ou externas. É dessa elasticidade que depende a capacidade da instituição de acolher e conter o sofrimento psíquico dos pacientes e de seus familiares [...]» (Houzel, 2010, p. 149)

A propósito dos elementos que sustentam a primeira conclusão, Rosa (de Jericó) pôde aceder de um modo gradativo às suas notáveis capacidades criativas, sementes protegidas, logo que foi inserida em contexto/solo psicoterapêutico: uma relação de exclusividade (tempo e espaço) e privilegiada (*rêverie*) para poder ser finalmente hidratada e, assim, brotar emocionalmente. Sonhar-a-dois, figurar- narrar, alfa-betizar os núcleos destrutivos e depressivos desconectados e agidos. Nomeá-los e associá-los às vivências de exclusão e abandono emocional precoce, num espaço potencial-intermediário, cocriando uma nova relação transformativa.

No que toca à segunda conclusão, colocamos a hipótese de que os efeitos da manifesta incapacidade materna foram amplamente mitigados pelo facto de mãe e filha se encontrarem sob protetorado institucional: a gravidez e os primeiros tempos de vida de Rosa até aos 18 meses foram acompanhados, permitindo que a diáde se mantivesse contida. A instituição/função paterna como protetora da diáde/função materna, e a permanente articulação entre ambas, foi vital para tornar possível a necessária função de triangulação.

Creemos assim que as instituições se constituíram como aquilo que Pérez-Sánchez (1996) designou por estruturas terapêuticas assistenciais continentais, com delimitações claras entre o sujeito e entre este e o exterior. Ao proporcionarem um espaço continente (Bion, 1962/1991), contribuíram para que Rosa pudesse vivenciar elementos essencialmente difusos (beta), que com tempo e lugar maternalizante suficientemente bom (Winnicott, 1953) se puderam ir transformando e ressignificando em elementos um pouco mais integrados, em jeito de alfa-progressivos.

Não terá sido de somenos importância o impacto que uma Rosa de Jericó, ávida de terreno fértil, terá tido nessas equipas, ao depositar esperanças de sobreviver à seca. A sua argúcia e sensibilidade terão interagido com a argúcia e sensibilidade das equipas, último reduto de esperança. Foi a junção de diferentes intercâmbios não-verbais, sobre dúvidas e falhas (Hinshelwood, 2003), sobre um determinado momento de completude, aqui e ali (Stern, 2006), que no fundo lhe permitiu ir «rolando» como uma verdadeira *Anastatica hierochuntica*.

Relativamente à terceira conclusão, o reassegurar do sentimento de si, a interiorização e constância de um bom objeto e a transformação da destrutividade foram, grosso modo, o trabalho terapêutico da dupla: Rosa-terapeuta. Encontraram-se para uma urdidura, reconstrução (Freud, 1937/19b), a partir das claras coordenadas-árvores-molduras que Rosa forneceu desde o desenho inaugural, trazido para a primeira sessão. Sob essa batuta, no solo nutriente que ali encontrou, Rosa pode rememorar o que viveu, e construir a sua verdade, uma narrativa subjetiva que, para o efeito, adquire idêntico valor terapêutico (Freud, 1937/19b).

No seguimento, esta diferenciação funcional, para a qual concorreu a interação dentro e fora, permitiu igualmente a expansão da mente da criança e, simultaneamente, o fortalecimento dos seus limites (dentro/fora, introjeção/projeção), fundamentais para se manter à tona, na margem maioritariamente da saúde mental. Rosa, ao deslocar e expandir o campo terapêutico da sessão de análise para a estrutura assistencial terapêutica da instituição, «procura» uma consubstanciação, reconfirmação exterior, fora e ao mesmo tempo,

*simbolicamente*, dentro do campo analítico (voo do avião de papel, cuidados prestados na casa ao bebê de Rosa, carta escrita à juíza).

Numa verdadeira tecelagem, vários foram os fios que se entrecruzaram:

- O acolhimento precoce da gravidez e dos primeiros 18 meses da diáde mãe-bebê funcionaram como envelope psíquico na articulação entre a experiência sensorial do corpo e a construção do aparelho psíquico: uma face virada para dentro e outra para fora — estrutura de fronteira e de dupla face, constituindo um limite não fechado, suporte e passagem entre diferentes dimensões;
- Rosa, nos seus primeiros nove anos de vida, esteve acolhida em seis diferentes instituições. Conheceu inúmeras equipas de cuidadores, que pensamos terem-se constituído como verdadeiros «anjos no quarto do bebê» (Lieberman et al., 2005), ou seja, presenças objetivas benignas, contrastando com os poderosos e intrusivos «fantasmas no quarto do bebê» de Fraiberg et al. (1991), gerados pela complexa transgeracionalidade implicada nestes casos;
- A psicoterapia, propiciando o acasalamento continente-conteúdo e pré-conceção/realização, e através dela a emergência do funcionamento figurativo-narrativo dos desenhos-histórias como representação da criação do próprio envelope psíquico. O gesto gráfico situa um limite propondo, ao mesmo tempo, um vínculo entre os espaços (Doron, 2013);
- Os fenómenos de interface (Doron, 2013) manifestam a dupla face de limite e passagem entre diferentes domínios e traduzem-se no papel de tecelagem institucional, da interconexão envelope psíquico-familiar-institucional, gerando amor, promovendo a esperança, contendo a dor depressiva e estimulando o pensamento, como nos apresentam Meltzer & Harris (1976).
- *Last but not least*, o espantoso potencial inato de Rosa metaforizado na Rosa de Jericó remete-nos para o conceito de resiliência. Como nos diz Cyrulnik (2003), não se trata de um catálogo de qualidades que um indivíduo possuiria *a priori*, mas de um processo que, do nascimento até à morte, nos liga sem cessar com o meio que nos rodeia.

Todos estes fios revelam por fim e de forma inequívoca o sentido de transicionalidade, fronteira, envelope, interface, campo da intra e intersubjetividade, experienciadas em capacidade negativa (Bion, 1977/2019), incerteza e dúvida. 🐼

## ABSTRACT

We will use the metaphor of the Rose of Jericho to intertwine two questions that the child whom we will call Rosa presented us with an unusual expressive and transformative capability.

On the one hand, the capacity for psychic survival (resilience? - innate skills?) in the face of a traumatic environment of violence, abandonment, negligence, ruptures and discontinuities. On the other hand, the hypothesis that the countless institutions that welcomed this thread of discontinuity, functioned as a psychic skin (Bick, 1991), an institutional envelope (Houzel, 2010) and as “angels in the nursery” (Lieberman, 2005), allowing Rosa to nourish herself enough to arrive without fracturing herself psychically until arrive to psychotherapy, also in an institution. It was finally this that allowed her to progressively reintegrate: to return to the desert, to cross it accompanied, to prepare for the search for a family land, where she can finally develop. We will try to illustrate the link between the construction of subjectivity, the role of assistance and care institutions and psychotherapeutic work in an institution.

**KEYWORDS:** abandonment, child institutionalization, resilience, psychoanalysis, institutional envelope.

## BIBLIOGRAFIA

- Aberastury, A. (1982). *Psicanálise da Criança: teoria e prática*. Artes Médicas.
- Bick, E. (1991). A experiência da pele em relações de objeto arcaicas. Em E. B. Spillius, (Ed.), *Melanie Klein hoje: desenvolvimentos da teoria e da técnica*, vol 1: artigos predominantemente teóricos (pp.194–198). Imago. (Trabalho original publicado em 1968.)
- Bion, W. R. (2019). Seminário sobre Negative Capability. Sociedade Britânica de Psicanálise. Tradução do áudio: Alle Sturmer (2017). Em A. Chuster e A. Stürmer (Eds.), *Capacidade Negativa: um caminho em busca de luz*. Zagodoni. (Trabalho original de 1977.)
- Bion, W. (1988). Uma teoria sobre o processo de pensar. Em *Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts)* (pp. 101–110). Imago. (Trabalho original publicado em 1967)
- Bion, W. R. (1991). *Aprender com a experiência*. Imago (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion W. R. (1992). *Cogitations*. Karnac Books.
- Cassorla, R. M. S. (2016). *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment*. Blucher, Karnac Books.
- Cyrułnik, B. (2003). *Resiliência: essa inaudita capacidade de construção humana*. Instituto Piaget.
- Dias, C. A. & Monteiro, J. S. (1989): *Eu já posso imaginar que faço*. Assírio & Alvim.
- Doron, J. (2013). *Du Moi-peau à l'enveloppe psychique*. Em D. Anzieu et al. (Eds.), *Les enveloppes psychiques* (3.<sup>a</sup> ed, pp.1–17). Dunod.
- Faimberg, H. (2005). *The telescoping of generations: listening to the narcissistic links between generations*. Routledge.
- Ferreira, T. (2002). *Em defesa da criança: teoria e prática psicanalítica da infância*. Assírio & Alvim.
- Fialho, O. (2019). *Desenho infantil espelho do mundo interno da criança*. Colibri.
- Fraiberg, S., Adelson, E., Shapiro, V. (1991). *Ghosts in the nursery: a Psychoanalytic approach to the problems of impaired infant-mother relationships*. *Journal of American academy of child psychiatry*, 14(3): 387–421.
- Freud, A. (1936). *The ego and the mechanisms of defense*. International Universities Press.
- Freud, S. (1969a). *O Ego e o Id*. Em Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. vol. XIX (pp. 15–80). Imago. (Trabalho original publicado em 1923.)
- Freud, S. (1969b). *Construções em Análise*. Em Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. vol. XXIII (pp.165–174). Imago. (Trabalho original publicado em 1937.)
- Hinshelwood, R. D. (2003): *O que acontece nos grupos: Psicanálise, o indivíduo e a comunidade*. Via Lettera.
- Houzel, D. (2010). *Le concept d'enveloppe psychique*. In Press.
- Klein, Melanie. (1923). *The development of a child*. *International Journal of Psychoanalysis*, 4, 419–474.
- Lieberman, A., Padrón, E., Van Horn, P., Harris, W. (2005). *Angels in the nursery: the intergenerational transmission of benevolent parental influences*. *Infant Mental Health Journal*, 26(6), 504–520.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individualização*. Artes Médicas. (Obra original em Inglês publicada em 1979.)
- Melícias, A. B. (2019a). *Comporta-da-mente: do observável ao sentido*. Conferência apresentada nas II Jornadas da Unidade de Psicologia Clínica do Centro Universitário de Coimbra, no dia 22.03.2019. Não publicada.
- Melícias, A. B. (2019b). *Narrativas figuradas: el dibujo en el psicoanálisis con niños*. *Revista de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica de Madrid*, 34(87), 927–960.
- Meltzer D. & Harris, M. (1976). *A psychoanalytic model of the child-in-the-family-in-the-community*. Em A. Hahn (Ed.), *Sincerity: collected papers* (pp. 387–454). Karnac Books.
- Pérez-Sánchez, A. (1996). *Práticas psicoterapêuticas, psicoanálisis aplicado a la asistencia pública*. Fundación Vidal i BarraqueRosa
- Spitz, R.A. (1945). *Hospitalism An Inquiry into the Genesis of Psychiatric Conditions in Early Childhood*. *Psychoanalytic Study of the Child*, 1, 53–74.
- Stern, D. N. (1998). *The interpersonal world of the infant*. Karnac Books.
- Stern, D. N. (2006). *O momento presente na psicoterapia e na vida de todos os dias*. Climepsi.
- Winnicott, D.W. (1953): *Transitional objects and transitional phenomena*. *International Journal of Psycho-Analysis*, 34(2), 89–97.
- Winnicott, D.W. (1990). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965.)

## ÉTICA E EDUCAÇÃO PSICANALÍTICA

# “Lo que no queremos escuchar”: Ambivalencias y malentendidos en el psicoanálisis con niños

Hugo Goldiuk<sup>1</sup>

1

Psicólogo Clínico. Psicanalista. Membro Titular com funções didáticas da Sociedade Israelita de Psicanálise. E-mail: hgoldiuk@gmail.com

## RESUMEN

En el campo del psicoanálisis, advertimos que a pesar de la centralidad que se le otorga a la niñez, sólo una escasa minoría de los psicoanalistas solicita formación en psicoanálisis con niños y analiza a niños en forma habitual. Este trabajo reflexiona sobre algunas de las dificultades y ambivalencias que afectan a la actitud y disposición del analista a relacionarse con los niños como sujetos idóneos del psicoanálisis y examina algunos malentendidos conceptuales en torno a la niñez, relacionados con estas ambivalencias. El autor examina tres desafíos, particularmente significativos en la ambivalencia del analista: 1. el deseo de curar al niño, 2. los turbulentos movimientos identificatorios de ida y vuelta que caracterizan al proceso analítico, y 3. el profundo involucramiento del psiquismo del analista y las ansiedades contra-transferenciales a las que se expone. Finalmente, el autor identifica algunos malentendidos y confusiones en relación con los conceptos de niñez, de infantil, de neurosis infantil y también con respecto a la comunicación de los niños con el analista.

## PALABRAS-CHAVE

**Niñez**  
**Infantil**  
**Ambivalencia**  
**Identidad psicoanalítica**  
**Neurosis infantil**

## INTRODUCCIÓN

Cuando reflexionamos sobre la teoría de nuestra práctica clínica, encontramos a menudo, que nociones centrales como niñez e infancia, aparecen más inciertas y polisémicas de lo que esperaríamos de categorías tan básicas y fundamentales. Esta ambigüedad conceptual, ocasiona malentendidos que dificultan nuestro dialogo profesional ya que no pocas veces usamos un mismo concepto para referimos a distintos fenómenos y en otras ocasiones usamos diferentes conceptos para referirnos al mismo fenómeno. Creo que esta ambigüedad es inevitable. Freud (1917), ya nos advertía que la compleja interdependencia de los procesos mentales nos fuerza a dejar inconclusa cada investigación emprendida.

El mundo psíquico elude todo intento de demarcación definitiva y nuestro lenguaje evidencia sus limitaciones cuando intentamos captar y comunicar nuestro entrelazado mundo emocional. Pero cuando del análisis de niños se trata, creo que esta ambigüedad y falta de precisión, no sólo evidencia el carácter escurridizo de la mente humana, sino que también encubre difusas ambivalencias hacia la niñez, que perturban la capacidad de mantener una adecuada actitud analítica.

Creo que todos hemos escuchado más de una vez algunas de estas afirmaciones: los niños no poseen insight sobre su situación, los niños no piden ayuda analítica, el lenguaje de los niños es concreto y no sofisticado, los niños actúan y no

asocian, los niños no desarrollan transferencias como lo hacen los adultos, los niños se encuentran más expuestos a ansiedades, el ego del niño es inexistente o precario. Si bien estas afirmaciones son admisibles y relevantes, considero que son reduccionistas y confieren a la niñez un estatus lineal, estático y homogéneo. Justamente los niños, nos enseñan que en sus mentes, conviven heterogéneos modos de representación de sus experiencias intrapsíquicas e interpersonales (corporal, concreto, lúdico-simbólico, verbal, etc.). Creo que estas afirmaciones que simplifican a la niñez, descuidan su complejidad emocional y sus movimientos de resignificación (Freud, 1919), encubren una latente concepción de los niños como sujetos inmaduros, indefensos, faltos de conciencia y entendimiento, que autoriza ciertos desvíos con respecto al objeto analítico de escuchar a sus subjetividades e investigar sus mentes y sus dolores. Tendemos así, a aligerar la escucha al inconsciente y a sus conflictos en favor de actitudes educativas, pedagógicas o moralizantes, que ofrecen consuelo, absolución o justificaciones. A mi ver, los niños saben de su sufrir, transmiten diferentes angustias, solicitan ayuda, forman transferencias, comunican contenidos inconscientes y desarrollan insight sobre su mundo psíquico (si bien debemos acercarnos a las particulares formas de expresión del niño, a través del juego, el dibujo, sus cuerpos o nuestros cuerpos). Considero que al ubicar a los niños como sujetos fundamentalmente inmaduros y necesitados, paradójicamente, los dejamos a solas con sus conflictos y angustias.

En este trabajo reflexiono sobre tres entrelazados desafíos emocionales que afectan en forma más o menos velada, a la capacidad de mantener una adecuada actitud analítica en el psicoanálisis con niños. Por razones de claridad examinaré estas dificultades emocionales en forma separada. Posteriormente, exploraré algunos malentendidos conceptuales en torno a la niñez que encuentro asociados a estas dificultades emocionales.

## **DIFICULTADES EMOCIONALES EN EL ANALISTA DE NIÑOS**

### **EL DESEO DE CURAR AL NIÑO**

Creo que todos experimentamos angustias al acercarnos al fundamento enigmático, desorganizador e indomable del inconsciente, tanto los pacientes como los analistas. Sin embargo, creo que estas angustias se acentúan cuando del análisis con niños se trata, como tal vez lo evidencia el hecho de que solo una minoría de analistas sean analistas de niños o que muchos analistas que comienzan analizando niños dejan de hacerlo con el correr del tiempo. El mismo Freud (1909a), si bien consciente del sufrimiento de los niños, concluye el historial del pequeño Hans afirmando que únicamente la unión de la autoridad paterna y la autoridad médica en una sola persona, hicieron

posible el empleo del método analítico, el cual habría sido inadecuado en otras condiciones. Freud nos transmite cautela, preocupación y una palpable cuota de angustia en otorgarle al niño un estatuto legítimo como paciente analítico. Melanie Klein, por su parte, llega al análisis de niños previo intento educativo y pedagógico con su hijo Erich. Sus preocupaciones maternas la llevan a querer educar, desarrollar, inculcar...y solo el fracaso de estos métodos la conduce a otorgarle al niño un espacio analítico. Al igual que Freud y Klein, todos queremos ayudar, educar y desarrollar, pero analizar refiere a un particular tipo de ayuda que alude a una actitud y posicionamiento emocional que refleja una especial pasión y concentración en la mente inconsciente del niño. Nuestra identidad como psicoanalistas nos delimita y limita. Como analistas ya no educaremos, ni tampoco explicaremos, no ofreceremos consuelo y hasta evitaremos el contacto físico, incluso, cuando un niño sufre enormemente a nuestro lado. Pero por sobre todas las cosas, asumimos que ya no podremos “curar” y remediar el dolor del niño. Y esto, a mi entender, es especialmente atormentador para el analista de niños.

Sugiero que como analistas, una de nuestros más difíciles desafíos emocionales refiere al contacto con el sufrimiento de los niños y de los niños que fuimos. Creo que todo analista de niños desea “salvar” al niño que sufre en su interior. En algún lugar de nuestra mente, seguimos idealizando a la niñez y confiando en que *con nosotros*, los niños y el niño que fuimos, ya no sufrirán más. Freud (1914) alertaba sobre “una compulsión a atribuir al niño toda clase de perfecciones. (p. 87). Creo que el análisis con niños exacerba nuestra competencia con nuestros padres internos y agudiza la ambición de mostrarles cómo deben comportarse unos “buenos padres”. Y si bien el análisis puede ayudar enormemente al niño a acercarlo a su personal modo de manejar sus experiencias y problemas, el analista no puede “curarlo”. El analista no puede resolver los problemas del niño, ni puede evitar que el niño sufra sus conflictos y tampoco puede hacer desaparecer su dolor y sus causas (Klein, 1937). El analista no ayuda al niño a sentirse mejor, sino que intenta ayudarlo a “sentir” mejor. Es más, el analista respeta el papel del niño como coautor de sus dificultades y tolera las inherentes y penosas sensaciones de separación y soledad que esta responsabilidad acarrea (Bion, 1963). Soportar y trabajar la carga emocional de esta dialéctica interrelación intimidad-separación-soledad que se despliega en el seno del encuentro analítico (Goldiuk, 2018) conforma un aspecto fundamental en el esfuerzo del analista en mantener su actitud analítica. En el proceso analítico, las vivencias del niño pueden ser investigadas, contenidas y susceptibles de acceder a enlaces, significados

y reorganizaciones, a través de los procesos de pensamiento de la pareja analítica. Y aun así, como analistas, no podemos evitar que el pensar acarree dolor y que el no pensar, oprima con terror. Bion, Klein y otros psicoanalistas, apuntan al *inehidable sufrimiento, responsabilidad y soledad* inherentes a la subjetividad de un “vivir”, que apunta a un más allá del mero hecho de estar vivos. En las palabras de Bion (1970): “Existen personas...que sienten el dolor, pero no desean sufrirlo...El paciente que no quiere sufrir dolor deja de sufrir placer”. (p. 15–16)

A mi ver, el psicoanálisis refiere más a una actitud, que a un definitivo cuerpo de conocimientos o de reglas técnicas. Representa una actitud de compromiso y hasta una pasión por comprender el inconsciente, que incluye una recurrente curiosidad que tolera la incertidumbre de un proceso en continuo devenir, un continuo cuestionamiento a lo sabido y a sus fuentes (Bion, 1992) y una confianza básica en la relación analítica como generadora de significados. Nuestro psiquismo funciona en forma analítica cuando nuestra teoría es vivida y metabolizada como “nuestra”, es decir, cuando nuestra identidad psicoanalítica nos acompaña como un objeto interno (Wille, 2008) que nos ayuda a sostener el peso emocional que conlleva el mantenimiento de una actitud analítica de observación, peculiar escucha y reflexión. Nuestra identidad como psicoanalistas de niños, incluye un constante e inacabado proceso de elaboración, duelo y tolerancia hacia nuestras limitaciones (personales y del psicoanálisis) y en especial, hacia nuestras ansias de curar y nuestra imposibilidad de lograrlo.

Las dificultades del analista en sobrellevar estos encontrados sentimientos, pueden conducirlo a la desesperanza y a la interrupción del tratamiento analítico, ya sea en forma manifiesta (interrupción concreta del mismo) o en forma velada (interrupción latente de la esencia analítica del tratamiento). El encuentro analítico se interrumpe en forma velada, cuando adquiere un matiz indulgente, compasivo, punitivo o de arbitraje, cuando soslaya un jugar básicamente evacuativo, cuando obvia la búsqueda de un inmediato placer o cuando decae en un refugio psíquico libre de discordias (Steiner, 1997). Por ejemplo, el encuentro analítico puede degenerar en la recreación de un espacio redentor que apunta más al “renacer” de un niño “reparado” que a la laboriosa experiencia de elaboración de un proceso psíquico. Podríamos especular que en este último caso, en lugar de elaborar la ardua envidia al creativo útero y a la fecunda pareja parental, el analista evita estos sentimientos convirtiéndose en la madre útero y esquivando así, la posibilidad de afrontar estas difíciles emociones tanto en su persona como en el niño. Quisiera recalcar que no estoy sosteniendo que esto no nos pasa como

analistas. Creo que constantemente lidiamos con nuestras limitaciones y frustraciones en hacer efectiva la esperanza de curar las heridas del niño que fuimos. En ocasiones, el peso emocional de nuestras imposibilidades nos lleva, aun en forma velada, a desviarnos de nuestra actitud analítica y a influenciar, aliviar o intentar salvar al niño, más que a analizarlo. Por consiguiente, creo que es importante incluir en nuestra actitud analítica una regular práctica de reflexión personal o grupal, que nos ayude a identificar estas desviaciones y nos permita recomponer nuestra actitud como analistas, a saber, investigar los sentidos de nuestras desviaciones e integrarlos en el proceso analítico de conocer al niño y a su subjetivo modo inconsciente de manejar sus conflictos.

### **LOS TURBULENTOS MOVIMIENTOS IDENTIFICATORIOS DE IDA Y VUELTA QUE CARACTERIZAN AL PROCESO ANALÍTICO CON NIÑOS**

El psicoanálisis con niños, demanda un especial vaivén identificatorio, dada la distintiva inclusión de los padres y de otras figuras educativas o pedagógicas en el espacio analítico. En el marco del espacio analítico con niños, asumimos múltiples transferencias y personificamos adultos, niños, padres, adversarios, invasores, objetos desechables, protectores o redentores. El analista circulará entre sus propios objetos internos, los del niño, los de los padres y en ocasiones también los de un maestro o un médico. Por poner un breve ejemplo, el analista hará contacto con la “sensación de abandono” de su paciente-niño a través de sus propias sensaciones de abandono y de abandonador y a la vez, conectará con las “sensaciones de incompetencia” de los padres, conectándose con sus incompetencias, su propia rebeldía y sus tendencias a desvalorizar. Por medio del flujo de estos movimientos interno-externo-interno, el analista podrá escuchar a los diferentes personajes y contemplar una trama de significados, que posibilite el entretejido de una narrativa tanto personal como familiar. Sin duda, exige una considerable flexibilidad transitar y asimilar estas diferentes y encontradas identidades, sin experimentar la angustia de “perdernos” en ellas. Por ejemplo, el analista puede “quedarse” identificado con la posición de niño abandonado, reprochándoles a los padres, en formas más o menos perceptibles, que no se ocupan suficientemente de su hijo o puede “quedarse” identificado con los padres impotentes, intentando educar o frenar las conductas desafiantes del niño. Pero también, y por temor a perder el soporte de su identidad, el analista puede distanciarse del impacto emocional de las identificaciones en juego y “cerrándose” a ellas, puede desacreditar, tanto las subjetivas posiciones de los padres



como las del niño, aduciendo que ambas, no se corresponden con lo que “realmente” significa ser abandonado o ser impotente. Este pequeño ejemplo muestra la compleja carga emocional que el analista de niños sobrelleva como resultado de las múltiples y entrelazadas transferencias a las que se ofrece como continente en el análisis con niños. Si bien es justamente esta oscilación entre distintas identidades la que le permite al analista acercarse vivencialmente a las diferentes voces en juego, es justamente esta oscilación, la que lo expone al riesgo de desdibujar su propia identidad analítica. Podríamos proponer que para evitar estos desvíos, el analista de niños debe superar sus “puntos ciegos” y alcanzar un grado de madurez emocional que refleje un mundo interno de objetos separados y un funcionamiento en identificación con una pareja parental en coito creativo. Podemos pensar que de esta manera el analista lograría una estable plasticidad tanto para identificarse con los distintos protagonistas del espacio analítico como para alejándose de ellos, distinguir y articular en qué lugar lo ubican. Personalmente, creo que esta madurez emocional es una figura ideal y ficticia. Sabemos que el analista es racional e irracional y que en nuestro seno habitan verdades, fabulas, deseos, fantasías y malos entendidos. De hecho, nuestros diferentes y no siempre compatibles aspectos, enriquecen nuestra escucha a los diferentes y no siempre compatibles protagonistas del análisis con niños. Considero que para poder asimilar a los diferentes personajes en juego, nuestra identidad analítica nos acompaña como un objeto interno que acepta las dificultades que esta tarea evoca, admite nuestros extravíos e inflexibilidades, ampara nuestras transitorias “crisis de identidad” y nos alienta a ayudarnos cuando es necesario. A la vez, creo que otra fuente de apoyo, podría darse en el marco de una cultura grupal en nuestras asociaciones psicoanalíticas, que legitima el reconocimiento de estas dificultades, favorece el dialogo y el asesoramiento y actúa como un superego que asiste y colabora con nuestro objeto analítico interno.

### **EL PROFUNDO INVOLUCRAMIENTO DEL PSQUIZISMO DEL ANALISTA EN EL ANÁLISIS DE NIÑOS**

Freud caracteriza con sensibilidad, que nuestra actitud analítica “no son como gafas que uno se pone y luego se quita” (Freud, 1933, p. 141) sino que más bien implica la participación y dedicación de todo nuestro ser. Cuando el analista mantiene una actitud analítica, atiende y recibe a “todo el niño” con “todo su psiquismo” para que los múltiples aspectos del niño, encuentren la forma y el lenguaje de llegar a él. Esta exigente actitud, incluye la disposición a contactar y sufrir las inherentes amenazas del encuentro, tanto con lo

amorfo y lo desorganizado como con lo diferente e incontrolable. Pero justamente, dada la profunda involucración de todo nuestro psiquismo en el psicoanálisis con niños, estamos hondamente expuestos a nuestras ansiedades y a la posibilidad defensiva de considerarnos más maduros que el niño. Y si bien, la falta de madurez, la irracionalidad y la propensión a la ansiedad no solo son prerrogativas de los niños sino que constituyen atributos humanos, observo que en ocasiones, esta actitud de apertura a “todo el niño” con “todo nuestro psiquismo” se estrecha y adquiere un matiz paternalista que encasilla al niño como sujeto vulnerable y ansioso, necesitado de las capacidades maduras y yoicas del analista. Creo que ante la carga de descontrol y desamparo que las angustias primitivas evocan, vemos que en ocasiones, el analista deposita sus propias angustias en el niño, al cual pasa a proteger y amparar a través de sus aspectos organizados y maduros. Sin embargo, una verdadera actitud analítica de contención y elaboración acontece cuando *el analista, a través del sufrimiento que le ocasiona su propio contacto con sus aspectos primitivos, “entiende emocionalmente” el sufrimiento del niño*. Ofrecernos como figuras maduras a un inmaduro niño es alejarnos de él y de nuestra actitud analítica, fomentando un “pseudo análisis”, que más que ofrecer un proceso de elaboración transformativa de las angustias en juego, promueve un omnipotente dominio y control de las mismas. En otras palabras, la presencia de una difusa ambivalencia al contacto con nuestras angustias primitivas, canaliza en una posición dicotómica que hace oídos sordos a los aspectos maduros del niño y a sus funciones mitigantes y de contención. En mi experiencia, el niño es también integrativo y maduro y su yo organiza y moldea a sus experiencias, en formas más o menos satisfactorias. De aquí que en la sesión analítica, más que esperar la transformación de lo “primitivo” hacia lo “maduro”, encontraremos que lo primitivo y lo maduro, coexisten e intentan cada uno a su manera encontrar el camino hacia el analista. Para contactar al niño en su multiplicidad, ofrecemos una “escucha emocional” con todo nuestro psiquismo con el fin de atender al amplio espectro de las heterogéneas modalidades de representación del niño (Bronstein, 2019).

Parafraseando a Segal (1977) podríamos decir que nuestro psiquismo es “el mejor de los sirvientes, pero el peor patrón”. Dada la profunda entrega y participación emocional del psiquismo del analista en el proceso analítico, nadie está mejor posicionado para entender al paciente...y al mismo tiempo, nadie está peor posicionado para entender al paciente. Nuevamente, creo que para poder contactar con las angustias del niño, el analista se apoya en su identidad analítica, como un objeto interno que lo ayuda a sostener y a sufrir estas

angustias y lo alienta a asesorarse, tanto cuando no logra hacer contacto con sus angustias como cuando se siente desbordado por las mismas.

### **MALENTENDIDOS: NIÑEZ E INFANTIL, NEUROSIS INFANTIL, POLIMORFO PERVERSO Y LA COMUNICACIÓN EN LOS NIÑOS**

Tras identificar algunas ambivalencias emocionales en el analista de niños, quisiera explorar algunos malentendidos y confusiones que las mismas acarrearán. Quisiera centrar mis reflexiones en la pregunta si ¿es el niño infantil?, en la imprecisa conceptualización de la neurosis infantil, en la aceptada noción del niño como “polimorfo perverso” y en las características de la comunicación de los niños.

#### **¿ES EL NIÑO INFANTIL?**

Cuando Freud habla de infantil, ¿A qué fenómenos se refiere? Veamos lo que Freud le explica al “hombre de las ratas”: “lo inconsciente es lo infantil, y es aquella pieza de la persona que... se separó de ella... y no ha acompañado el ulterior desarrollo” (Freud, 1909b, p. 141). Freud se apoya en la analogía de los objetos sepultados en la ciudad de Pompeya, que sólo se modifican una vez desenterrados. Freud destaca que lo infantil se refiere a lo que se escinde del hombre y no se desarrolla. En otros términos, Freud enfatiza que lo infantil es infantil por razones dinámicas. Se trata de un aspecto del ser humano que *debería haberse desarrollado adquiriendo renovados significados* pero debido a su aislamiento y sepultamiento, no ha logrado desarrollarse. Podemos contemplar una primera diferencia entre niño e infantil y siguiendo a Freud, proponer que *el niño no es indefectiblemente infantil*. Desde esta perspectiva, en la cual lo infantil refiere a aspectos de la persona que han quedado marginados y no desarrollados y lo maduro refiere a aspectos que han gozado de movimientos reelaborativos, podemos inferir que todo niño posee un abanico de facetas y perspectivas, tanto infantiles como maduras.

#### **LA CONCEPTUALIZACIÓN DE LA NEUROSIS INFANTIL**

Quisiera proponer que esta visión de la niñez como no necesariamente infantil, estimula la revisión que Freud realiza sobre el nexo que había propuesto entre la neurosis del paciente adulto y una neurosis infantil sufrida en su infancia (Freud, 1909a, 1918). En 1926 Freud señala que las neurosis en la infancia son fenómenos “normales” en el desarrollo, es decir que todos los niños sufren de conflictos y neurosis, introduciendo así, un matiz menos patológico al sufrimiento de los niños. Pocas líneas después Freud subraya que *no todos los niños que expresaron neurosis en su infancia se convierten más tarde en neuróticos*, matizando

su anterior propuesta sobre la relación existente entre neurosis adulta y neurosis infantil. Freud explica, que si bien todos los niños experimentan fobias a la soledad, o a la oscuridad o a extraños, se trata de fenómenos... que se disuelven con el crecimiento...y que desaparecen... como muchos otros trastornos en la infancia. Vemos que Freud ya no sostiene una relación lineal y directa entre las neurosis de los adultos y la neurosis infantiles, ya que advierte que si bien todos los niños sufren de conflictos neuróticos, parte de las neurosis de la infancia “pasan” o “desaparecen” y parte de las neurosis canalizan en patologías. Entiendo que la novedad freudiana reside en que las neurosis en la infancia que canalizan en patologías, refieren a retos en la infancia que no han sido suficientemente elaborados y resignificados y en consecuencia mantienen gran parte de su estado original, mientras que las neurosis que “pasan” o “desaparecen”, serían aquellas que el niño ha logrado transformar y desarrollar. Para ser más precisos, *el adulto neurótico es un niño neurótico* que no ha logrado confrontar sus conflictos y que aún como adulto, permanece aprisionado y “atascado” en ellos. Por consiguiente, me parece importante distinguir entre “*neurosis en la infancia*”, que refiere a aquellas aficciones que hemos procesado, transformado y “pasado” y “*neurosis infantiles*”, que refiere a aquellas aficciones en las que nos encontramos atascados, es decir, que no logramos elaborar y procesar de manera dinámica y transformativa. Como analistas de niños, nos interesa promover, un proceso elaborativo y de resignificación que facilite la modificación de las “*neurosis infantiles*” en “*neurosis en la infancia*”.

#### **LA NOCIÓN DEL NIÑO COMO “POLIMORFO PERVERSO”**

Una de las consecuencias de la falta de atención a las diferencias entre las pasajeras “*neurosis en la infancia*” y las persistentes “*neurosis infantiles*”, plasma en la difundida noción del niño como “polimorfo perverso”. En este caso se confunde primitivo o temprano con patológico, ya que se homologa *la disposición* perversa polimórfica en la niñez con una *concepción de la niñez perversa y polimorfa, sin advertir las diferencias y consecuencias*. La principal diferencia, es que uno espera que el polimorfismo infantil se transforme y desarrolle de forma tal que el niño pueda, enlazando a sus polimorfías pulsiones a través de sus distintos escenarios edípicos, elaborar las diferencias entre los sexos, entre las generaciones y entre sus objetos de deseo y de identificación. Si el polimorfismo permanece inalterado y no evoluciona, ya no estamos ante el potencial transformativo del polimorfismo perverso infantil, sino ante una verdadera perversión en la niñez. He aquí, una repercusión teórica y técnica que supongo

relacionada con nuestra ambivalencia en contactar con los dolores de los niños. Homologar niñez con polimorfismo perverso, es hacer caso omiso a las angustias y trabas de los niños en la elaboración y transformación de su polimorfismo perverso, ubicándolos como cándidos e inmaduros sujetos que necesitan apoyo, aliento y un ambiente apropiado para desarrollarse. Pero los niños polimorfos perversos, son aquellos que *no han logrado* elaborar sus conflictos y que necesitan ayuda para investigar y contactar las razones que dificultan y obstruyen su desarrollo. Al equiparar al niño con polimorfismo perverso, estamos soslayando el sufrimiento de los niños (y evitando el nuestro), apoyándonos en un modelo de la niñez que justamente nos aleja de los niños y sus necesidades, incluyendo sus necesidades de ser ayudados en sus dificultades de desarrollar sus potencialidades.

Propongo que nuestra escucha analítica enriquece, si nos referimos a lo “infantil” y a lo “maduro”, como categorías dinámicas en las cuales la dimensión del tiempo y la posibilidad de entretener una narrativa, se encuentran ceñidas a la lógica del inconsciente. De hecho, cuando Freud nos habla de neurosis que “*pasan*” porque son procesadas y transformadas, Freud esta implícitamente hablando de la posibilidad dinámica de instaurar “*el pasado*” y la dimensión del tiempo y alertándonos sobre la imposibilidad de hacerlo, cuando las neurosis no logran ser elaboradas y nos atrapan en un eterno presente. La capacidad de elaboración, resignificación y ampliación de nuestros mundos, se encuentra asociada a nuestra capacidad de respetar, jugar e interactuar con el carácter independiente y enigmático de nuestro inconsciente.

### LA COMUNICACIÓN DE LOS NIÑOS

Quisiera plantear una última reflexión sobre la capacidad de los niños de articular y comunicar sus experiencias. Etimológicamente, la palabra niño se encuentra relacionada con la palabra latina “*infans*” que refiere “a quien no habla” o a “quien tiene dificultad para hablar”. Si bien el niño “tiene dificultad para hablar” y generalmente recurre a la “comunicación no verbal”, esto no necesariamente implica que su comunicación carezca de complejidad y elaboración. Tal vez, debido a que tendemos a asociar a los procesos corporales y a la acción motriz con lo primario, existe una tendencia a igualar lo “no verbal” con lo primitivo y no procesado, confundiendo lo temprano con lo no desarrollado. Pero lo primitivo no es necesariamente crudo, faltarle elaboración e incluso, carencia de triangularidad (Britton, 1989; Petot, 1993). A mi ver, tanto lo verbal como lo no verbal, se encuentran al servicio de múltiples mociones inconscientes, tanto conservativas

como innovadoras y expresan tanto experiencias inmaduras estáticas y concretas, como experiencias maduras interactivas y complejas. De aquí, que sugiero que el analista con niños no asocia en forma inmediata palabras con comunicación compleja y simbólica y acción con comunicación pobre, sensorial y concreta, sino que atiende a los coexistentes modos de expresión del niño, a sus variadas modalidades representacionales y a sus diferentes niveles epistémicos.

Creo profundamente que el hecho de que los niños “no hablen”, no los coloca fuera del campo elaborativo de un subjetivo mundo representacional que califica y otorga sentidos a sus experiencias emocionales y a sus vidas. Un niño crece, madura psicosexualmente y afronta el irreversible paso del tiempo en su cuerpo y en su mente y aun así esto no nos dice mucho sobre el subjetivo modo del niño de experimentar y vivenciar su desarrollo y sus desafíos existenciales. El analista va intentando sentir y comprender cómo se arregla el niño con su cuerpo, con sus emociones y con su entorno. El analista va pensando al niño en voz alta... va entreteniendo una narrativa que admite y alienta nuevas visiones, reescrituras, correcciones y hojas sueltas. El analista va desarrollando una función en la que el niño participa, por sí mismo o con la ayuda del analista. Elaborando las diferentes angustias y ambivalencias del niño, se va consolidando el deseo de entender, un deseo que expande la mente, la vitalidad interna y la creatividad del niño. Así, el niño podrá relacionarse en forma significativa con su mente, como fuente de un vivir personal y subjetivo, adueñándose de su cuerpo, sus deseos y sus conflictos y observándose a sí mismo como coartífice de su propia existencia.

### CONSIDERACIONES FINALES

Es muy factible que para quien ejerza el psicoanálisis con niños haya muy poco de nuevo en las dificultades emocionales que presento en este trabajo. Es también más que probable que podamos aducir que las imprecisiones y malos entendidos conceptuales que presento, atañen a diferentes orientaciones o modelos sobre la niñez y el desarrollo. Esto es evidentemente cierto y representa una perspectiva digna de análisis y evaluación. Sin embargo, yo no he elegido el camino de un estudio comparativo de las múltiples aproximaciones existentes a la niñez y a la infancia. Sospecho, que nos es más accesible y tolerable investigar el abanico teórico que recubre a la niñez, que investigar las vagas e imprecisas ambivalencias emocionales y personales que afectan a nuestros modelos y a nuestra actitud analítica. A pesar de que es imposible delinear con certeza donde comienza y donde termina una motivación emocional, *creo que observar, nombrar y articular algunos de nuestros conflictos y dificultades conforma*

*un aspecto fundamental de nuestra identidad como analistas en general y como analistas de niños en particular. Y si bien, una vez expuestas, parecería que no hay mucho de nuevo en nuestros conflictos y amenazas, creo que es igualmente importante recordarlas, porque nuestras dificultades y sus voces se nos escapan, olvidan o desdibujan. Es justamente esta combinación entre algo familiar y sabido y a la vez oculto y olvidado, lo que me motiva a escribir este trabajo. Creo que aquí podemos vislumbrar “la inquietante extrañeza...de lo conocido hace mucho tiempo” (Freud, 1919, p. 220), tal vez un aspecto infantil, que obviado o segregado se consideraba superado o inexistente y que retorna como una familiar amenaza. Por eso, en nuestra profesión, creo que es importante recordar lo que inevitablemente olvidamos. A las teorías y a sus complejidades, las recordamos con más precisión... a nuestros conflictos emocionales con mucha menos fidelidad. En vista de que olvidamos nuestros conflictos y verdades y que su encubierta presencia continúa afectando a nuestra actitud analítica, me gusta recordar y que me ayuden a escuchar a mis escurridizas emociones y a sus posibles influencias en mi trabajo analítico. Me parece importante entonces, la presencia interna y externa de un tercero, que nos ayude a afianzar, mantener o recuperar a nuestras capacidades de observación y auto reflexión. De aquí la necesidad de escribir, que me ayuda a observar y reflexionar sobre lo que escucho y no quiero escuchar.*

La actitud analítica incluye una entrega especial de nuestro psiquismo que posibilita una escucha fuera de lo común, en nuestro caso, una escucha multidimensional que no obstante, incluye un deseo de no escuchar. *Nuestra actitud analítica incluye una penosa ausencia* que nos duele recordar y que sin embargo, una vez reconocida, nos permite contemplar y evaluar renovadas perspectivas y narraciones sobre nuestros pacientes, sobre nosotros y sobre los niños que fuimos, que aún somos y que ya no seremos. Como analistas no aspiramos a escuchar una absoluta, concluyente y divina voz, sino las vagas e imprecisas voces humanas. Quisiera finalizar con las sugestivas palabras de Borges (1997): “Un dios, reflexioné, sólo debe decir una palabra y en esa palabra la plenitud. Sombras o simulacros de esa voz que equivale a un lenguaje y a cuanto puede comprender un lenguaje, son las ambiciosas voces humanas”. (p. 137–138) 📖

## RESUMO

No campo da psicanálise, notamos que, apesar da centralidade dada à infância, apenas uma pequena minoria de psicanalistas solicita formação em psicanálise com crianças e analisa crianças regularmente. Este trabalho reflete sobre algumas das dificuldades e ambivalências que afetam a atitude e disposição do analista em se relacionar com as crianças como sujeitos adequados para a psicanálise e examina alguns mal-entendidos conceituais sobre a infância, relacionados com essas ambivalências. O autor examina três desafios, particularmente significativos na ambivalência do analista: 1. o desejo de curar a criança, 2. as idas e vindas turbulentas, identificando os movimentos que caracterizam o processo analítico e 3. o envolvimento profundo da psique do analista e as ansiedades contratransferenciais a que está exposto. Por fim, o autor identifica alguns mal-entendidos e confusões em relação aos conceitos de infância, de infantil e de neurose infantil e no que diz respeito à comunicação das crianças com o psicanalista.

**PALAVRAS-CHAVE:** infância, infantil, ambivalência, identidade psicanalítica, neurose infantil.

## ABSTRACT

In the psychoanalytical field, we realize that despite the centrality awarded to childhood, only a small minority of psychoanalysts seek child psychoanalytic training or analyze children on a regular basis. This paper reflects on some of the difficulties and ambivalences that impair the analyst's analytic attitude and disposition to relate to children as suitable subjects for psychoanalysis and examine some conceptual misunderstandings about childhood related to these ambivalences. The author examines three challenges, particularly significant in the analyst's ambivalence: 1. the wish to cure the child, 2. the turbulent to-and-fro identification movements that characterize the analytical process and 3. the deep involvement of the analyst's psyche and the contratransferential anxieties he is exposed to. Finally, the author identifies some misunderstandings and confusions in what regards the concepts of childhood, infantile, infantile neurosis and in relation to the way children communicate with the analyst.

**KEYWORDS:** childhood, infantile, ambivalence, psychoanalytic identity, infantile neurosis.

## BIBLIOGRAFIA

- Bion, W. R. (1963). *Elements of psycho-analysis*. William Heinemann.
- Bion, W. R. (1970). *Atención e Interpretación*. Paidós.
- Bion, W. R. (1992). *Cogitations*. Karnac Books.
- Borges, J. L. (1997). *El Aleph*. Alianza Editorial.
- Britton, R. (1989). The Missing Link: Parental Sexuality in the Oedipus Complex. En R. Britton,
- Bronstein, C. (2019). A flor de piel. En *temasdepsicoanálisis.org*, 17.
- Freud, S. (1909a). Análisis de la fobia de un niño de cinco años. En *Obras Completas* (vol. x). Amorrortu.
- Freud, S. (1909b). A propósito de un caso de neurosis obsesiva. En *Obras completas* (vol. x). Amorrortu.
- Freud, S. (1914). Introducción del narcisismo. En *Obras Completas* (vol. xiv). Amorrortu.
- Freud, S. (1918). De la historia de una neurosis infantil. En *Obras Completas* (vol. xvii) Amorrortu.
- Freud, S. (1919). Lo ominoso. En *Obras Completas* (vol. XVII, pp.). Amorrortu.
- Freud, S. (1919). Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica. En *Obras Completas* (vol. xvii). Amorrortu.
- Freud, S. (1926). Inhibición, síntoma y angustia. En *Obras Completas* (vol. xx). Amorrortu.
- Freud, S. (1933). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. En *Obras Completas* (vol. xxiii). Amorrortu.
- Goldiuk, H. (2018). Intimidad y la capacidad de "sufrir" la soledad. En *temasdepsicoanálisis.org*, 15.
- Klein, M. (1937). Amor, culpa y reparación. En *Obras Completas* (Tomo I). Paidós-Horme.
- Petot, J. (1993). *Melanie Klein, Vol. 2: The Ego and the Good Object*. International Universities Press.
- Segal, H. (1977). Countertransference. *International Journal of Psychoanalytic Psychotherapy*, 6, 31–37.
- Steiner, J. (1997). *Refugios psíquicos*. Biblioteca Nueva.
- Wille, R. S. (2008). Psychoanalytic Identity: Psychoanalysis as an Internal Object. *The Psychoanalytic Quarterly*, 77(4), 1193–1229.



TEMA EM DEBATE

# O movimento psicanalítico em Portugal: história e atualidade

João Seabra Diniz<sup>1</sup>

1

Psicólogo clínico e Psicanalista. Membro Titular com funções didáticas da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Presidiu à SPP em dois mandatos, entre 2010 e 2013.

## UM LONGO CAMINHO

É já longo o percurso da Psicanálise em Portugal. Tive o privilégio de o acompanhar desde os primeiros tempos. Lembro a figura dos fundadores, e daqueles que deram a esta causa a sua inteligência, o seu trabalho, as suas convicções e o seu entusiasmo. É para mim gratificante reconhecer a riqueza e a atualidade de todo este trabalho, em defesa do humano e da sua originalidade, no conjunto do incessante progresso da ciência e das suas capacidades.

A Revista é fruto do trabalho e do entusiasmo dos que têm percorrido este trajeto e do seu desejo de aprofundar, difundir e partilhar a experiência psicanalítica. Considero importante ter presente que se trata de uma compreensão do homem na linha dos mais antigos documentos da cultura ocidental, sempre interrogada pelo presente da nossa experiência. É a partir dessa compreensão que se organiza o tratamento e é importante que as inovações e novas teorizações possam ser reconhecidas em continuidade com o longo percurso da humanidade.

«Não há qualquer movimento maquinal cuja causa não possamos encontrar no nosso coração se a soubermos procurar bem.» (J. J. Rousseau, *Les Rêveries du Promeneur Solitaire*, século XVIII) Esta afirmação mostra bem a força do passado no presente e como é importante que as inovações possam ser sentidas na continuidade da experiência passada. É a integração da própria história, o reconhecimento da força das coisas simples.

Mas Freud, como diz Antoon Vergote (1964), tenta compreender a humanidade também através do estudo de dimensões que parecem ter sido esquecidas pelos filósofos: as pulsões, os sonhos, e as doenças mentais. E aqui há um facto que me parece de grande importância. Freud era um homem de ciência europeu, brilhante. Mas a sua cultura tinha uma ascendência judaica.

Tinha uma formação de base exigente, trabalhava na investigação científica num laboratório de neurologia. Mas pensando nas ideias que lhe iam ocorrendo a propósito da dinâmica psicológica, sentiu necessidade de escrever uma obra que chamou de *Projeto para uma Psicologia Científica* (*Entwurf Einer Psychologie*). É um trabalho que, mais tarde, foi integrado na *Standard Edition* (*Project For A Scientific Psychology*), mas que ele nunca se decidiu a publicar. Parece provável que tenha pensado que os seus colegas médicos não aceitariam as suas ideias. Porquê? De qualquer modo, é um facto muito significativo.

A propósito da ascendência judaica, parece-me muito interessante relacionar alguns capítulos da Bíblia, ou seja, uma sabedoria antiga, com uma teoria moderna — a teoria psicanalítica. Coisas que a humanidade parece sempre ter sabido. Só uma referência: na narrativa dos primórdios da humanidade, é muito claro o drama da descoberta do sexo. A entrada no estado adulto é apresentada como um castigo, porque o homem quer ser igual ao pai, a saber o bem e o mal. Terá de trabalhar a terra com o suor do seu rosto.

A infância e o crescimento, a entrada no estado adulto continuam a ter a melhor atenção do trabalho do psicanalista.

Tem havido enormes progressos no saber psicanalítico, mas mantem toda a sua força a teoria e o método de tratamento, a partir da interpretação da dinâmica da relação, que se desenvolve no quadro analítico. ☞

## DISCUTIDORES

### Maria Fernanda Alexandre<sup>1</sup>

1

Psicóloga Clínica e da Saúde, Psicoterapeuta e Psicanalista de Crianças, Adolescentes e Adultos. Membro Titular com funções didáticas da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). E-mail: mfgalexandre1908@gmail.com

O movimento psicanalítico em Portugal dificilmente poderá ser compreendido se não tivermos em consideração a sua génese histórica, emergente dos movimentos internacionais psicanalíticos que, de algum modo, contribuíram para a construção e a organização da Associação Internacional de Psicanálise (IPA), bem como da Federação Europeia de Psicanálise (FEP). Assim, os membros da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP), integrando estas duas instituições desde há sessenta anos (1961), foram construindo e partilhando com a comunidade científica — através de publicações, de conferências, de seminários, de congressos — as suas experiências e investigações teóricas e clínicas.

Para entendermos a origem desta ligação com a comunidade científica internacional, teremos de voltar ao princípio da década de 1950, onde dois médicos portugueses — Francisco Manuel Barreto Alvim e Pedro Luzes — foram trabalhar como neuropsiquiatras para Genebra. No princípio dessa década, o ambiente europeu onde se integraram era promissor e marcado pela expansão da psicanálise, para a qual muito contribuiu a presença em Genebra de Raymond de Saussure (1894–1971), assim como de outros dois analistas, Michel Gressot e Marcelle Spira, que investiram com entusiasmo no desenvolvimento da psicanálise na Suíça e na Europa. Os dois analistas portugueses viveram e participaram, com grande proximidade, neste movimento analítico e tornaram-se atores desta epopeia, uma vez que completaram toda a sua formação — análise pessoal, seminários teóricos-clínicos, prática clínica de psicanálise com supervisões — e, na sequência dessa formação, foram integrados e aceites como membros associados, e depois como membros titulares da Sociedade Psicanalítica Suíça. Mais tarde, juntou-se a eles o analista João dos Santos, que tinha feito toda a sua formação e preparação em Paris.

Como tivemos oportunidade de salientar num trabalho anterior, o centro do dinamismo intelectual em Genebra, e não só, era Raymond de Saussure, que foi presidente da Sociedade Suíça (1960–1967), foi um dos vice-presidentes da Associação Internacional de Psicanálise (1955–1961), participou na fundação da Federação Europeia de Psicanálise (FEP), foi um dos fundadores da Sociedade Psicanalítica de Paris (1926), participou na criação da *Revista Francesa de Psicanálise* e do Congresso de Psicanálise de Línguas Românicas (1962). É neste ambiente de construção e de procura de formas de expansão da psicanálise que, com entusiasmo

e paixão, no XXI Congresso Internacional da Associação Psicanalítica, em Paris (1959), é constituído o «Grupo de Estudos» luso-espanhol. Dois anos depois, em 1961, o grupo é admitido no Congresso Internacional de Copenhaga e é aceite como uma Sociedade componente da Associação Internacional de Psicanálise. Há 60 anos, os membros componentes desta sociedade tinham ambições e sonhos, e queriam trazer e expandir a psicanálise para dentro dos seus países e construir novos grupos. Porém, era um sonho difícil de realizar, pois eram países que estavam submetidos a regimes fascistas que impediam o sonho, a construção e a expansão do pensamento. Contudo, como disse Fernando Pessoa, «o homem sonha, a obra nasce», e foi assim que, em 1967, no XXVII Congresso da Associação Psicanalítica, foi reconhecida a autonomia do Grupo Português, que foi aceite com o estatuto de independente, e que seria o germe da futura SPP. Podemos imaginar o ambiente de entusiasmo, mas simultaneamente de certa apreensão, desses momentos através das palavras do psicanalista Francisco Alvim (1977), que descreve «o nosso grupo, trabalhando num meio cultural onde a imagem da psicanálise era exclusivamente um dado de erudição livresca ou de abstrata imitação, teve que trabalhar coletivamente e individualmente em condições hostis de adversa e óbvia oposição» (p. 5).

É desta forma que, em 1967, no Congresso Internacional de Copenhaga — o XXVII Congresso da IPA —, este grupo se transforma numa sociedade provisória. Mas, em 1981, no Congresso de Helsínquia, passa a sociedade componente com plenos direitos. Assim, os membros da SPP, devido ao seu estatuto de sociedade componente da IPA, passam a ser sócios desta associação. Este sentimento de pertença vai abrir um espaço de convívio, de criatividade, de discussão, de trocas de experiências clínicas e de elaborações psíquicas, como se constata através da produção científica que as diferentes revistas de psicanálise, incluindo a portuguesa, têm vindo a mostrar. Os psicanalistas portugueses integram e estão presentes, além da IPA e da FEP, nos congressos de psicanalistas de língua francesa, e implementaram e organizaram o primeiro Congresso Ibérico de Psicanálise em novembro de 1989. Desse evento científico, nasceu o Anuário Ibérico de Psicanálise, revista bianual que mostrava o pensamento psicanalítico dos analistas das três sociedades psicanalíticas da Península Ibérica.

Na realidade, a SPP é uma instituição científica que, através dos institutos de psicanálise, forma



e prepara novos analistas, dentro dos modelos de trabalho protagonizados e discutidos na IPA. É uma Sociedade com uma história fecunda, sob o ponto de vista internacional, mas também nacional. Na verdade, ao longo dos anos, a SPP contribuiu, através dos diferentes congressos abertos ao público, para a criação de um espaço onde o pensamento psicanalítico emerge e fertiliza. Desta forma, a experiência mostra-nos que, mesmo que já tenhamos feito uma longa caminhada, haverá sempre mais caminho a percorrer (Santo Agostinho). 🐾

## Maria José Gonçalves<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Psiquiatra da Infância e da Adolescência. Psicanalista. Membro Titular com funções didáticas da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

A psicanálise nasceu em Viena, no dealbar do século xx, graças ao génio de Freud. *A Interpretação dos Sonhos*, em 1900, e os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, em 1905, podem ser considerados os seus textos fundadores. Tiveram uma repercussão enorme nos meios científicos, agregando críticas ferozes, mas também um interesse e uma curiosidade que levou a psicanálise aos quatro cantos da Europa e da América, nas décadas seguintes. Em Portugal, país periférico, isolado culturalmente e sob forte regime de vigilância e censura, só algumas elites médicas tinham acesso às novas ideias, levando alguns à procura dos centros psicanalíticos europeus. Foi nos meados dos anos 60 do século passado que o movimento psicanalítico se popularizou nos meios académicos e médicos portugueses, com o regresso ao país dos psiquiatras que se tinham formado em França e na Suíça.

Entretanto, em Portugal, muito por influência de João dos Santos, as ideias psicanalíticas fervilhavam subterraneamente. Jovens psiquiatras almejavam poder trabalhar, de acordo com as orientações da psicanálise, mas esse desejo aparecia ainda como transgressor. Recordo as tertúlias na Casa do Médico do Hospital Júlio de Matos, nas noites de urgência, em que, capitaneados por Coimbra de Matos, se geravam discussões intermináveis com os psiquiatras mais conservadores.

Seguindo o exemplo dos mais velhos, uma segunda e terceira gerações rumaram ao estrangeiro, fazendo aí a sua formação, enquanto os fundadores se dedicavam à prática exclusiva da psicanálise, os chamados «psicanalistas de setting», e batalhavam, no país, pelo reconhecimento oficial de uma Sociedade de Psicanálise.

A segunda geração, no seu regresso, integrou os quadros e as chefias das instituições de saúde mental e foi possível abrir os tratamentos dos pacientes e os diagnósticos das suas doenças a uma nova linha de compreensão, que tinha por base a origem psicogenética das doenças mentais, e os aspetos dinâmicos do funcionamento mental.

Com a chegada do 25 de Abril e a democratização do país, o clima mudou. Assistiu-se

## BIBLIOGRAFIA

- Alvim, F. (1977). Reflectindo sobre a Ética da Psicanálise. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 1, 4–17.
- Luzes, P. (1997). *Cem anos de Psicanálise*. ISPA Edições.

à implementação da psicanálise nos serviços de saúde mental e nas faculdades de psicologia, gerando um enorme fluxo de psicólogos interessados em se tornar psicanalistas.

Inicialmente formada exclusivamente por médicos, a Sociedade de Psicanálise passou a ter uma larga maioria de psicólogos. Pedro Luzes referiu, num trabalho publicado em 2006, o livro *150 Anos de Psicanálise* (editado pela Fenda), que 66,66% dos psicanalistas eram psicólogos, sendo os restantes distribuídos por outras profissões, de entre os quais psiquiatras e pedopsiquiatras.

Em Lisboa, Porto e Coimbra, o movimento psicanalítico impunha-se como uma referência no âmbito académico e da saúde mental, não sem enfrentar resistências e críticas violentas.

A Sociedade Portuguesa de Psicanálise, entretanto criada, instalou-se num edifício construído em 1906, um dos primeiros exemplares arquitetónicos de Arte Nova em Lisboa, um passo decisivo para o fortalecimento da psicanálise portuguesa. Agora, havia um lugar onde os encontros, as trocas científicas e pessoais deixavam uma marca, um registo, o lugar que guardava memórias. Era (em breve noutra local) a «casa» dos psicanalistas.

A psicanálise, a partir da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, afirmou-se cientificamente e culturalmente na sociedade portuguesa e adquiriu autonomia própria na comunidade psicanalítica internacional. Tornou-se numa sociedade associada da IPA e criou, à semelhança das sociedades congéneres, os seus próprios Institutos de Psicanálise.

O ano de 1982 marcou uma viragem: apareceu a *Revista Portuguesa de Psicanálise* e deu-se início aos Encontros de Cultura do Porto, que têm sido uma fonte extremamente valiosa de encontro e diálogo com a comunidade cultural.

A criação do Instituto de Formação e Terapêutica Psicanalítica do Porto, em 1999, foi outra consequência importante deste florescimento da psicanálise portuguesa. Constituiu-se como um novo foco de divulgação da cultura psicanalítica,

facilitador da formação de psicanalistas.

No entanto, este crescimento trouxe crises internas que levaram à criação de outros grupos de psicanalistas, em dissidência com a sociedade-mãe.

Mas o mundo foi mudando. As crises económicas sucederam-se, levando a uma visão economicista dos cuidados de saúde, nomeadamente na saúde mental, e esvaziando as instituições dos psicanalistas que lá trabalhavam. O mesmo foi acontecendo nas universidades. Por outro lado, o desenvolvimento das neurociências e o aparecimento de novas terapêuticas, com soluções compactadas e aparentemente mais baratas, foram fazendo com que elas próprias se tornassem mais apelativas.

Assim, a psicanálise a nível global foi sofrendo alguma erosão, com repercussões também em Portugal.

Mas rapidamente, os psicanalistas portugueses reagiram, abrindo-se à sociedade civil, com cursos, debates, parcerias com outras associações culturais, convites para colaboração com artistas, escritores, filósofos, ao mesmo tempo que se foi enriquecendo no contacto com outros saberes.

Já o desenvolvimento acelerado da tecnologia digital imprimiu profundas mudanças nos hábitos de vida, nas mentalidades, no acesso ao

conhecimento, na rapidez com que se estabelece a comunicação interpessoal, mas também na qualidade das relações.

O tempo e o espaço da psicanálise, um tempo que se quer indispensável para a elaboração, para o pensar e o sentir, um espaço necessário à experiência emocional, está em desuso. Caminha-se em direção a um tempo encurtado, um tempo «sem tempo», um espaço não partilhado, virtual, sem cheiro, não habitado. O silêncio não tem lugar, a imagem vale todos os pensamentos.

Neste contexto, e na atualidade, a psicanálise vive tempos difíceis, mas desafiantes na sua defesa e na sua essência definidora. Qual o impacto, a longo prazo, das novas tecnologias no funcionamento mental? Que perspectivas para novos desenvolvimentos de áreas psíquicas ainda desconhecidas? Como olhar a análise à distância, prática que se tem vindo a instalar em Portugal como noutros países? Várias questões, dúvidas e inquietações vão aparecendo em relação às consequências para o processo analítico desta prática, nomeadamente as implicações na especificidade psicanalítica e no alcance do método.

Esta é a tarefa que nos espera agora e no futuro. 🐾

## Vasco Santos<sup>1</sup>

### PSICANÁLISE: CRÍTICA E ESCÂNDALO

Viena! Foi aí, chegado à mais cosmopolita cidade europeia no final do século XIX, que Sigmund aportou, filho de um pequeno (e mulhengo) negociante de lãs chamado Jacob Freud.

A passagem do século XIX para o século XX marca uma *cesura* que pode ser considerada expressão da crise intelectual europeia.

Freud, um neurologista que se queria escritor, atravessado pela angústia da influência de Sófocles, Shakespeare, Goethe e Dostoiévski, dá corpo a uma obra que se tornará num adquirido universal.

No seu paradigma, o Homem apresenta-se como um *ser de desejo*, por conseguinte, alguém cujos estímulos mais íntimos não estão sujeitos ao controlo da razão, sendo antes irracionais e inconscientes.

O Homem é um sujeito trágico, contraditório, sonhador, não eficiente.

Mas a criação psicanalítica não surge desirmanada no seu tempo. Ela é correlata e contemporânea do célebre discurso de Max Planck, proferido na Academia Prussiana de Ciências, que derrubou a conceção física do mundo que vigorava até à data, inaugurando, assim, a física quântica.

Em 1900, morre Nietzsche, e Freud, seu herdeiro, publica a sua obra maior, *A Interpretação dos Sonhos*.

Com Nietzsche, assistimos ao surgimento planetário do niilismo e à reavaliação dos valores, algo que já se tinha tornado num evento europeu.

No mesmo ano, publicou Georg Simmel a sua *Filosofia do Dinheiro* (que esteve para se chamar *Psicologia do Dinheiro*), um livro que, de uma forma não menos radical do que Freud, parte da atualíssima constatação de que são a dominância monetária e a estrutura própria do mundo moderno que socializam o indivíduo, e não a razão social planeada.

No contexto histórico da passagem do século, não foi por acaso que se assistiu a uma acumulação de modelos e à radicalização de um espírito que pressentiu que os tempos de um otimismo autoconsciente da razão pertenciam ao passado.

Confluem, portanto, nessa grande época a crítica moral de Nietzsche, a revolução física de Planck, a filosofia social de Simmel (na sequência de Marx) e a subversão da consciência por Freud.

Na literatura, Kafka e Karl Kraus, também eles mestres da suspeita, anunciavam um século perturbador, de crise e catástrofe.

A Psicanálise começa como uma psicopatologia — com a procura do sentido dos sonhos e a compreensão dos sintomas históricos —, mas não fica por aí. A partir de 1905, Freud interessa-se pelo desenvolvimento do indivíduo normal.

1

Psicólogo clínico e Psicanalista em prática privada. Membro Associado da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Editor destacado no panorama literário português e divulgador de obras psicanalíticas.

A Psicanálise de Freud é a primeira psicologia do desenvolvimento, antecessora de Piaget e Wallon. Mas é, sobretudo, uma metapsicologia.

Os ensaios de Freud sobre a cultura atestam que a Psicanálise não diz respeito à cultura (no sentido alemão da palavra) a título acessório ou indireto.

Longe de ser apenas uma explicação dos resíduos do humano — dos avessos do homem —, ela mostra a sua verdadeira intenção quando, ao fazer estoirar o quadro limitado da relação terapêutica do analista com o paciente, se eleva a uma *hermenêutica* da cultura, e é, a este título, que se inscreve na modernidade como força angular.

Como afirma Paul Ricoeur<sup>2</sup>, a Psicanálise é um movimento da cultura, porque a interpretação que dá do homem incide de forma direta sobre a cultura no seu conjunto.

É ao interpretar o mundo que ela o muda.

Ela impõe o desaparecimento do sujeito tal como ele aparece, em primeiro lugar, a si próprio, a título de consciência.

A leitura de Freud é ao mesmo tempo a crise da filosofia do sujeito.

O *cogito* verdadeiro deve ser conquistado sobre os falsos *cogitos* que o mascaram.

Esta leitura constitui-se como aventura da reflexão emancipatória e libertadora.

Ao contrário do que afirma João Seabra Diniz, penso que a Psicanálise pouco tem que ver com a narrativa bíblica.

Freud foi um antirreligioso radical. Dedicou ao pai, é certo, o seu último romance histórico, *Moisés e o Monoteísmo*. Mas do judaísmo, herdou, quando muito, a leitura talmúdica. Ou ainda menos.

Portugal foi cedo psicanalítico.

Começámos com um precursor de Freud, José Custódio de Faria, e tivemos em Egas Moniz e Sobral Cid dois brilhantes divulgadores da criação freudiana no primeiro quartel do século xx. O mesmo se poderá dizer do neurologista Diogo Furtado na década de 1950.

Escritores como Fernando Pessoa, João Gaspar Simões e, posteriormente, David Mourão-Ferreira interessaram-se pelas ideias de Freud.

A institucionalização da Psicanálise em Portugal começou em 1957 com a criação da Sociedade Luso-Espanhola de Psicanálise, onde pontificaram

Francisco Alvim e Pedro Luzes, e, mais tarde, João dos Santos.<sup>3</sup> Sobre a história da nossa Sociedade, outros escreverão melhor do que eu.

As décadas de 1980 e 1990 foram entusiasmantes. Havia programas de rádio com psicanalistas, feitos por João Sousa Monteiro ou Fernando Alves.

E o jornal *Expresso* iniciava a sua revista com uma crónica de Carlos Amaral Dias.

Havia vozes.

E neste século? Como manter a atualidade e a permanência da «revolução psicanalítica»?

É certo que a paisagem teórica declinou depois da morte de Bion e de Lacan.

Por outro lado, o paciente atual não é já o paciente freudiano. A criança hoje não é já o pequeno Hans ou o pequeno Richard.

Será que o declínio da pregnância da Psicanálise virá da sua extrema profissionalização? Ou de um mundo pós-moderno onde o prazer e a gratificação dominam, não havendo lugar para a sublimação? Édipo ou Narciso?

Vivemos um paradoxo: quanto mais cheios estão os consultórios, mais vazia está a praça da palavra psicanalítica.

Se pensarmos na Psicanálise apenas como uma psicoterapia (de narrativas pobres como a ansiedade e o pânico), então ela escreveria já o seu ocaso, empobrecida nas cidades virtuais.

Ser psicanalista é um estilo de vida, um modo de pensar a vida.

Destarte, ele não pode ser um técnico (ou tecnocrata) *do desejo*, não é um funcionário da verdade ao serviço da grande indústria da interpretação.

Que fazer?

A Psicanálise deve ousar abrir com esses outros exercícios de invenção crítica, que são a filosofia, a literatura, as ciências sociais e, em última análise, a reflexão de ordem cultural e política.

Para preservar a sua essência mais própria, a Psicanálise deve repetir a sua origem.

É isso que faz, por exemplo, o *The Psychoanalytic Institute of Northern California* (PINC), em São Francisco.

A Psicanálise é crítica e escândalo.

Ou não será. 🐉

---

## 2

Ricoeur, Paul, *Le Conflit des Interprétations*. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

---

## 3

Luzes, Pedro, *Cem anos de Psicanálise*. Lisboa: Ispa, 1997.

## RECENSÃO

# A VIDA POLICIAL DAS PALAVRAS

APRESENTAÇÃO BREVE D'OS BASTIDORES DA VERDADE, DE TOBIAS G. ALTE

Vasco Santos<sup>1</sup>

---

## FICHA TÉCNICA

Título

**Os Bastidores  
da Verdade**

Autor

**Tobias G. Alte**

Edição

**Gato Bravo, 2021**



A primeira inquirição será esta: *Porque se escreve?*  
Vou seguir Roland Barthes, um autor dileto:

- Escreve-se por uma necessidade de prazer, que, como é sabido, guarda um encanto com o charme erótico;
- Porque a escrita descentra a fala, o indivíduo, a persona: ela realiza um trabalho cuja origem é indiscernível;
- Para pôr em prática um «dom», satisfazer uma atividade distintiva, produzir uma diferença;
- Para se ser reconhecido, gratificado, amado, discutido, confirmado;
- Para exercer comprometimentos ideológicos ou contraideológicos;
- Para obedecer às ordens rigorosas de uma tipologia secreta;
- Para satisfazer os amigos e irritar os inimigos;
- Para contribuir e agitar o sistema simbólico da nossa sociedade;
- Para produzir novos sentidos, novas forças, apoderar-se das coisas de maneira nova, minar e mudar a subjugação do sentido;
- E, finalmente, e como resultado da multiplicidade e da contradição destas razões, para acreditar no valor superior de uma atividade, sem causalidade, sem finalidade nem generalidade, tal como é o texto em si mesmo.

Eis, pois, algumas razões para se escrever.  
E Tobias Alte terá ainda outras.

A segunda inquirição será esta: *Que é um livro?*  
A reputação do livro é recente. Os antigos (referimo-nos à Antiguidade Clássica) não davam importância aos livros.

Pitágoras não escreveu voluntariamente. Ele queria que o seu pensamento sobrevivesse à sua morte física, na mente dos discípulos. Daí a expressão: *O mestre disse-o*.

Platão foi também um autor oral e inventou os diálogos.

---

1

Psicólogo clínico e Psicanalista em prática privada. Membro Associado da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Editor destacado no panorama literário português e divulgador de obras psicanalíticas.

Portanto, dir-se-ia hoje que livros são aqueles que vão mais além do que as intenções do seu autor.

E é isso que n' *Os Bastidores da Verdade* acontece. Este livro vai além da intenção do seu autor. E são os bons leitores que fazem os bons livros.

*Que faz a escrita de um psicanalista?*

Ela situa-se, afirma Pontalis, entre os que alimentam o seu pensamento — pacientes e autores — e o que emana do seu fundo próprio, entre a teoria e o fantasma, entre o saber e a ignorância.

E J.-B. Pontalis foi neste campo um mestre, tal como Donald Winnicott ou Bion.

Freud oscilou, como bem sabemos, entre ser cientista ou ser escritor. Harold Bloom diz mesmo que se a Psicanálise acabasse, Freud sobreviveria como escritor. E Freud foi profundamente influenciado por Sófocles, Shakespeare, Goethe, Schiller, Hofman, Heine, Doistoiévski, Romain Rolland, Thoman Man, Stefan Zweig.

Não deixa de ser interessante que depois de Freud alguns dos melhores psicanalistas sejam também escritores: Bion (psicanalista de Beckett), J.-B. Pontalis, Thomas Ogden, Christopher Bolas, Adam Philips, Michel Schneider.

E num plano de escrita mais perto de Tobias Alte, encontra-se o psicanalista brasileiro Alfredo Garcia-Rosa, que aos 60 anos se estreou na literatura policial com *O Silêncio da Chuva* e logo depois com *Achados e Perdidos*, vindo a ter muito sucesso com o romance *Jabuti*.

Encontramos também ao pé de Tobias Alte — nas suas afinidades eletivas — Salley Vickers, professora de literatura e psicanalista, de quem existe traduzido por cá o seu livro *Onde 3 Estradas se Encontram – Tirésias, Freud e Édipo*.

Mas este é um relato diferente do que sucedeu quando Édipo deparou com o pai no lugar onde as três estradas se encontram: a famosa encruzilhada tebaica.

Se lermos hoje *Édipo Rei*, ele assemelha-se ao romance policial *A Ratoeira*, de A. Christie.

Freud via o psicanalista como um Sherlock Holmes da mente. A sua conceção da mente assentava num modelo arqueológico, um modelo egípcio. E não num modelo fractal da mente (Bion), um modelo rizomático, *índio*.

Ora, este livro de Tobias Alte quer andar por este campo magnético.

Como sabemos, em psicanálise, o sintoma desempenha o papel psicopatológico do enigma do saber de si: a teoria psicanalítica é, em cada tratamento, colocação em andamento do sintoma como teoria de si desconhecida pelo sujeito.

Do ponto de vista literário, é precisamente o fracasso das nossas tentativas de abarcar o mundo dentro das nossas mentes — ou dentro das nossas

ficções — que torna a nossa existência tolerável.

*Por fim:*

Queria pensar no título deste livro *Os Bastidores da Verdade*.

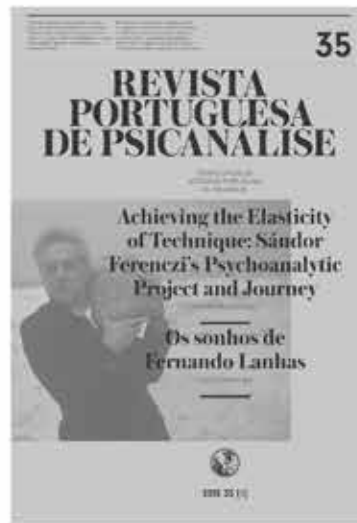
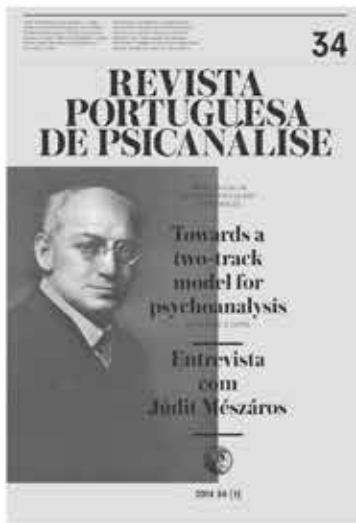
No prefácio, escreve-se: «descobrir a verdade através do que se esconde na construção dela mesma. *Os Bastidores da Verdade* é, acima de tudo, uma história sobre a verdade: a verdade do que aconteceu, mas também, a verdade do que somos, a verdade do que pensamos, sentimos, sonhamos».

E é aqui que regressamos de novo à encruzilhada tebaica. Porque como nos ensinou P. Ricoeur, há dois modos de interpretar a tragédia *Édipo Rei*: ou como tragédia da sexualidade infantil (Freud); ou como tragédia da verdade, não dizendo já respeito ao drama do incesto e do parricídio. Não à relação de Édipo com a esfinge, mas à relação de Édipo com o vidente, com Tirésias.

Aliás, Édipo morre porque quer saber a sua verdade — se foi adotado ou não. Por isso se dirige ao oráculo. E penso que é aqui que o presente livro se encontra com o drama do conhecimento de si. Somos seres trágicos porque não podemos saber a verdade sobre nós mesmos.

Ou, como diria de forma irónica o poeta Mário Quintana, «a verdade é uma mentira que ainda não aconteceu».

Que a saga continue. 🐉



---

A *Revista Portuguesa de Psicanálise* (RPP) é uma publicação *online*, bianual e de acesso aberto ([rpppsicanalise.org](https://rpppsicanalise.org)). Ao assinar a revista no formato papel, receberá um número publicado por ano, que será enviado pelo correio. Os números publicados anteriormente estão disponíveis na secção «Arquivo» do site da RPP. A renovação da assinatura é feita automaticamente para todos os sócios da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP), e deverá ser solicitada em dezembro de cada ano para os não sócios da SPP. No site da SPP ([spppsicanalise.com](https://spppsicanalise.com)), é possível subscrever a assinatura ou adquirir os números na loja *online*.

**LISBOA**

Avenida da República, n.º 97, 5.º  
1050-190 Lisboa  
T (+351) 217 972 108  
F (+351) 217 936 224  
E [spppsicanalise2013@gmail.com](mailto:spppsicanalise2013@gmail.com)  
[institutopsicanalise@gmail.com](mailto:institutopsicanalise@gmail.com)

**FICHA TÉCNICA**

**TÍTULO**  
REVISTA PORTUGUESA  
DE PSICANÁLISE

**NÚMERO**  
41(2) – julho a dezembro  
de 2021

**PROPRIEDADE/SEDE DE  
REDAÇÃO**  
Sociedade Portuguesa de  
Psicanálise  
Av. da República, n.º 97, 5.º,  
1050-190 Lisboa  
NIPC 501169431

**ESTATUTO EDITORIAL**  
Disponível em  
<https://rpppsicanalise.org>

**DIRETOR**  
Carlos Farate

**DIRETORA ADJUNTA**  
Sandra Pires

**EDITOR**  
VS-Vasco Santos Editor, Lda.  
Trav. do Carmo, 1, 1A  
1200-095 Lisboa

**REVISÃO DE TEXTO**  
Carina Correia

**EDIÇÃO ONLINE**  
Paulo Pratas

**REGISTO ERC**  
108631

**ISSN**  
0873-9129

**eISSN**  
2184-0016

**DEPÓSITO LEGAL**  
41288/90

**DESIGN**  
Joana Monteiro

**IMPRESSÃO**  
Papelmunde  
R. das Paradas 139, 4760-764  
Vilarinho das Cambas  
(Vila Nova de Famalicão)

**TIRAGEM**  
350 exemplares

**PVP**  
10 euros  
Assinatura anual — 19 euros  
+ portes

© 2021 SOCIEDADE  
PORTUGUESA  
DE PSICANÁLISE  
DIREITOS RESERVADOS



## INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Inserido na SOCIEDADE PORTUGUESA DE PSICANÁLISE (SPP), o INSTITUTO DE PSICANÁLISE (IP), fundado em 1975, é uma IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social) sem fins lucrativos que desenvolve duas áreas de atividade no campo da Psicanálise — uma clínica e outra formativa.

Na sua atividade clínica, o INSTITUTO DE PSICANÁLISE (IP) proporciona, através da CLÍNICA PSICANALÍTICA — IP, o acesso a preços reduzidos, a tratamentos psicanalíticos para todas as pessoas que desejem uma melhoria no campo da sua vida pessoal e afetiva. Estes tratamentos são realizados por sócios da SOCIEDADE PORTUGUESA DE PSICANÁLISE (SPP).

### COMO CONTACTAR-NOS PARA MARCAR UMA CONSULTA?

Para marcar uma consulta inicial e (para) ser orientado para o tratamento psicoterapêutico mais adequado para si, contacte Vanda de Deus através do telefone (351) 217 972 108, de segunda a sexta-feira, das 9h00 às 12h00 e das 13h00 às 17h30.

### MORADA

Av. da República, n.º 97, 5.º, 1050-190 Lisboa, Portugal

### CONTACTO *ONLINE*

spppsicanalise.pt

*e-mail*: institutopsicanalise@gmail.com



## INSTITUTO DE FORMAÇÃO E TERAPÊUTICA PSICANALÍTICA DO PORTO (IFTP)

O INSTITUTO DE FORMAÇÃO E TERAPÊUTICA PSICANALÍTICA DO PORTO (IFTP), órgão da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, é uma IPSS sem fins lucrativos criada em 1999 e que, como a sua designação deixa supor, desenvolve atividades no âmbito da formação psicanalítica e da prestação de cuidados terapêuticos especializados em psicanálise.

Em relação a este último ponto, a Clínica de Psicanálise do IFTP proporciona tratamento psicanalítico a preços reduzidos a adultos, adolescentes e crianças com alterações de comportamento e adaptação social, perturbações psicoafetivas e queixas somato-funcionais persistentes. As consultas de diagnóstico e orientação e as intervenções psicoterapêuticas são asseguradas pelos sócios do IFTP/SPP, de acordo com elevados padrões de qualidade técnica, precisão clínica e rigor ético.

Se pretender marcar uma consulta na Clínica de Psicanálise do IFTP, deverá entrar em contacto telefónico com a secretária do IFTP, Dulce Teixeira, através do telefone (351) 226 067 511, entre as 12h00 e as 14h00, de segunda a sexta-feira, ou deixar gravado o seu pedido de consulta em *voicemail*, que será respondido com a maior brevidade possível.

### MORADA

Rua Júlio Dinis, 825, 4.º esq., 4050-327 Porto

### CONTACTO *ONLINE*

spppsicanalise.pt

*e-mail*: iftp.porto@gmail.com







A Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) é uma associação científica, sem fins lucrativos, que tem por missão a investigação, a divulgação e a promoção da prática da Psicanálise, bem como a relação com outros ramos do conhecimento. Está filiada na Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e na Federação Europeia de Psicanálise (FEP).

#### **LISBOA**

Avenida da República, n.º 97, 5.º  
1050-190 Lisboa  
T (+351) 217 972 108  
F (+351) 217 936 224  
E [sppsicanalise2013@gmail.com](mailto:sppsicanalise2013@gmail.com)  
[institutopsicanalise@gmail.com](mailto:institutopsicanalise@gmail.com)

#### **PORTO**

Av. de França, 256, 2.º, Sala 2.5,  
Edifício Capitólio, 4050-276 Porto  
T (+351) 226 067 511  
E [iftp.porto@gmail.com](mailto:iftp.porto@gmail.com)

**[sppsicanalise.pt](http://sppsicanalise.pt)**  
**[rppsicanalise.org](http://rppsicanalise.org)**